

**CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CAROLINA FERNANDES CALIXTO

Jorge Amado e a identidade nacional:

diálogos político-culturais

Niterói – Abril de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CAROLINA FERNANDES CALIXTO

Jorge Amado e a identidade nacional:

diálogos político-culturais

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cecília da Silva Azevedo

Niterói – Abril de 2011

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C129 Calixto, Carolina Fernandes.
Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais /
Carolina Fernandes Calixto. – 2011.
170 f.
Orientador: Cecília da Silva Azevedo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto
de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.
Bibliografia: f. 159-170.

1. Amado, Jorge, 1912-2001; crítica e interpretação. 2. Identidade
nacional. 3. Memória. I. Azevedo, Cecília da Silva. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III.
Título.

CDD B809.3009

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Jorge Amado e a identidade nacional:

diálogos político-culturais

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Cecília da Silva Azevedo

Universidade Federal Fluminense – UFF (orientadora)

Prof^a. Dr^a. Denise Rollemberg

Universidade Federal Fluminense – UFF (arguidora)

Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ (arguidora)

Prof^a. Dr^a. Magali Engel

Universidade Federal Fluminense – UFF (suplente)

Prof^a. Dr^a. Mônica Pimenta Velloso

Casa Rui Barbosa (suplente)

Niterói – Abril de 2011

Resumo

A presente análise se debruça sobre a memória coletiva que identifica o romancista Jorge Amado como ícone ou intérprete de uma brasilidade popular e mestiça. O estudo põe em relevo os processos de sacralização desta memória no imaginário social e a participação do intelectual em diálogos político-culturais em torno da identidade nacional. Objetiva-se mostrar que apesar da consagração de certos discursos narrativos, a trajetória e a produção literária de Amado foram objeto de múltiplas apropriações. Neste sentido, o trabalho chama atenção para a necessidade de se evitar atribuir um sentido definitivo ou monolítico ao conjunto da obra, a um romance em particular ou à trajetória do autor. Assim, lança um convite ou desafio para que o ser humano complexo que está por trás do herói e do mito Jorge Amado, seja percebido e compreendido em seus contextos específicos de produção e atuação como artista e intelectual de seu tempo.

Palavras-chave: Jorge Amado, identidade nacional, memória.

Abstract

The present analysis focuses on the collective memory that identifies the novelist Jorge Amado as icon or interpreter of a mestizo and popular Brazilian national identity. The study highlights the processes of enshrining this memory in imaginary social and intellectual participation in the political-cultural dialogues around the national identity. Aims to show that despite the consecration of certain narrative discourses, the trajectory and the Amado's literary production were object of multiple appropriations. In this sense, the work calls attention to the need to avoid assigning a definitive direction, or monolithic, to the whole work, a novel in particular or the trajectory of the author. Thus, launches an invitation or challenge to the human complex that lies behind the hero and the myth Jorge Amado, is perceived and understood in their specific contexts of production and acting as artist and intellectual of his time.

Keywords: Jorge Amado, national identity, memory.

Agradecimentos

Neste momento em que uma longa jornada chega a seu fim, não há como não lembrar o seu começo ainda na graduação. A fascinação pela literatura de Amado e o interesse sobre a temática da identidade nacional, despertado ao longo dos cursos, me levaram então por um caminho de pesquisa irresistível. Após a conclusão da monografia, a continuação do estudo na mesma direção se revelou um processo natural no nível de mestrado, que me trouxe, sobretudo, muitas alegrias.

Como parte da investigação desenvolvida na elaboração da dissertação, viajei a Salvador – um sonho que se realizava – e desenvolvi boa parte de minha pesquisa no Acervo Jorge Amado localizado na Fundação Casa de Jorge Amado, no centro histórico do Pelourinho. Esta experiência significou mais do que o contato com documentos como também com cheiros, cores, sons e sabores, singularmente envolventes, que muito diziam sobre a cultura local e a forte relação entre Amado e Bahia.

Além disto, pude contar com o apoio de pessoas que foram muito importantes nesta empreitada. Aos arquivistas e estagiários da Fundação Casa de Jorge Amado, agradeço a presteza e solicitude com as quais sempre me receberam. Á César, Genita e Jennifer, família que tão carinhosamente me acolheu em seu lar durante um mês de estadia, devo meus mais profundos agradecimentos e minha eterna amizade.

Agradeço também o apoio do meu companheiro Marlon, sempre muito paciente quando por diversas vezes tive que me privar de sua companhia, de meus familiares, e especialmente de meus pais: amigos e heróis de hoje e sempre. A estes devo não só o afeto recebido mas também a sabedoria de buscar a calma e a serenidade mesmo nos momentos mais difíceis. “Não se preocupe, o rio corre para o mar”, costuma dizer meu pai sempre que acredita ser necessário.

Não poderia deixar de lembrar também das professoras Reça Gontijo, Denise Rollemberg e Cecília Azevedo que tanto contribuíram intelectualmente no avanço deste estudo a partir de suas valiosas sugestões. À professora e orientadora Cecília Azevedo agradeço a confiança depositada em mim ao longo destes anos de parceria estabelecidos desde a pesquisa monográfica. A sua leitura atenta, as críticas sempre pertinentes e as palavras de incentivo e conforto foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

*A Jorge Amado,
Grande mestre baiano*

Sumário

Introdução	p. 8
Capítulo 1 – A celebração de um mito	p. 14
1. Amado e o Brasil: uma narrativa de si	p. 14
2. A Fundação Casa de Jorge Amado, um lugar de memória.....	p. 22
3. Uma memória consagrada: o <i>post mortem</i> de Jorge Amado.....	p. 33
4. Os <i>Cadernos de Leitura</i> e a valorização do “artista da mestiçagem”.....	p. 43
Capítulo 2 – Trajetórias e sociabilidades	p. 52
1. Produzindo literatura em tempos de (re) descobertas e indefinições.....	p. 52
2. Comunismo, regionalismo e negritude: um posicionamento político-literário....	p. 67
3. Os intelectuais e o Estado: da ditadura varguista à redemocratização.....	p. 77
Capítulo 3 – Gabriela, Tenda e a Mestiçagem como projeto	p. 97
1. Gabriela cravo e canela e o surgimento de dois mitos.....	p. 97
2. Tenda dos Milagres: uma definição da mestiçagem.....	p. 124
Conclusão	p. 153
Referências Bibliográficas	p. 159

Introdução

A ideia deste estudo surgiu a partir da observação de uma memória recorrente no senso comum sobre o escritor Jorge Amado que tende a identificá-lo a aspectos de uma identidade brasileira indubitavelmente popular e mestiça. Neste sentido, o autor e sua obra são muitas vezes percebidos enquanto símbolos de um Brasil otimista, marcado pela miscigenação, alegria, cordialidade, sensualidade, musicalidade, religiosidade, e coragem do povo brasileiro representado na produção *amadiana* pelos baianos.

A Bahia, onde nasceu o escritor e cenário de muitos de seus romances, é então percebida como uma legítima representação da nação, onde a mistura das raças, entendida como principal fator de originalidade da cultura brasileira, tem seu melhor exemplar. É interessante observar, entretanto, que a questão do caráter nacional não é algo de todo explícito nas obras de Jorge Amado, embora seja uma chave interpretativa muito corrente, nem é a única ou a soberana forma de compreender o significado da vida e obra do escritor.

Apesar de existir esta diversidade, a maioria das interpretações acadêmicas tem em comum o fato de compreenderem o texto literário de Amado como um documento. Isto é, uma expressão da sociedade, do contexto histórico em que o autor viveu e produziu. Assim, tendem a analisar o aspecto ficcional pela chave do realismo. Neste sentido, são inúmeros os trabalhos que analisam a contribuição simbólica das obras do autor na construção de diferentes tipos de identidade a partir do que estaria inscrito nos personagens e tramas.

Sem pretender dar conta de todos os diferentes tipos de memória acadêmica e coletiva relacionadas ao escritor baiano, buscarei nos limites desta dissertação compreender e explicar os mecanismos que levaram à produção de uma forma específica e muito corrente de compreender o sentido da vida e da obra de Jorge Amado que passa pela ideia do Brasil mestiço e positivo.

De fato são muitos os trabalhos que abordam esta questão como objeto central de estudo, como é o caso da dissertação de mestrado em Antropologia Social, que virou o livro intitulado *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*¹, de Ilana Seltzer Goldstein, de *Bahia, cidade - síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge*

¹ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

*Amado...*², tese de doutorado em História de Celeste Maria Pacheco de Andrade e do, artigo situado na área de Letras, “O Brasil mestiço de Jorge Amado”,³ cujo autor é Cid Seixas.

Outros muitos utilizam esta temática como parte ou suporte de seus estudos, como é o caso de *Brasil e África em textos de Jorge Amado*⁴, de Komoe Gaston Yao, e “Entre o realismo e o ficcional: representações sobre ‘raça’, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado”⁵, de Laura Moutinho.

Destaca-se também a série Caderno de Leituras dedicada a Jorge Amado, lançada pela Companhia das Letras e composta por *A literatura de Jorge Amado*⁶ e *O universo de Jorge Amado*⁷. Sob a coordenação de Norma Seltzer Goldstein, Lilia Moritz Schwarcz e Ilana Seltzer Goldstein, com a participação de intelectuais de renome e de especialistas em Jorge Amado, os Cadernos pretendem oferecer apoio didático a professores de ensino fundamental e médio que queiram utilizar a obra do romancista nas escolas.

Neste sentido, é interessante observar tanto na diretriz destas produções como nos ensaios que as compõem – especialmente em “Jorge Amado e o Brasil”⁸, “O artista da mestiçagem”⁹ e “A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado”¹⁰ – o modo como a questão nacional é vinculada ao escritor.

Levando-se em consideração que a maior parte destes estudos encontra-se no campo da Antropologia Social, Letras, Literatura e até mesmo do Turismo, busquei empreender uma análise propriamente histórica do assunto, diferenciando-me, entretanto do trabalho de Celeste Maria Pacheco de Andrade, único trabalho encontrado da área de História que trata diretamente desta temática.

O que pude perceber é que estes trabalhos têm em comum o fato de reforçarem a associação entre Jorge Amado e uma determinada ideia de identidade nacional, ou a tomarem como pressuposto em suas análises. Deste modo, tendem a evidenciar este aspecto nas

² ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. *Bahia, cidade - síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado...* Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

³ SEIXAS, Cid. “Jorge Amado e o jeito de ser mestiço”. *Seara*, v. 1, n. 2, 2004. ISSN: 1806-7638.

⁴ YAO, Komoe Gaston. *Brasil e África em textos de Jorge Amado*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

⁵ MOUTINHO, Laura. “Entre o realismo e o ficcional: representações sobre ‘raça’, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado”. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n. 2, vol. 14, 2004, p. 307-327.

⁶ GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). *A literatura de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

⁷ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 2009. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

⁸ CASTELLO, José. “Jorge Amado e o Brasil”. *Ibid.*

⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “O artista da mestiçagem”. *Ibid.*

¹⁰ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. “A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado”. *Ibid.*

representações, nos discursos literários e extraliterários do autor, na sua trajetória de vida, na sua participação nos movimentos intelectuais em torno da identidade nacional brasileira – especialmente no que diz respeito ao Movimento Modernista e o Regionalismo de 1930 –, nos discursos de críticos e intelectuais, etc.

Assim, objetivei desenvolver uma análise que busca compreender o processo que levou à sacralização de uma memória sobre Amado e sua obra que o identifica como símbolos de um determinado tipo de identidade nacional. Neste sentido, a concepção do autor enquanto intérprete de Brasil deixa de ser tomada como um dado ou um pressuposto e se torna o principal objeto de investigação desta pesquisa.

A partir deste enfoque, pretendo apresentar não só uma abordagem original sobre a relação entre Jorge Amado e a nação. Pretendo também contribuir para os estudos sobre o papel dos intelectuais nas dinâmicas em torno da identidade nacional e nos processos de seleção da memória que esta envolve, considerando-se os diferentes discursos político-culturais que esses indivíduos ajudam a produzir e disseminar na sociedade. Por este motivo, busquei tratar da trajetória intelectual e política do escritor Jorge Amado enfocando os diálogos político-culturais nos quais o autor se inseriu no que diz respeito aos diferentes discursos sobre identidade nacional brasileira.

Partindo-se do princípio de que “analisar obras e autores consagrados implica pensar seus próprios processos de consagração como processos históricos, que envolvem conflitos, disputas, e que não são baseados em valores universais”¹¹, o processo de consagração do escritor e de sua obra como ícones nacionais tornou-se objeto de grande relevância para a pesquisa em questão.

Assim, procurei compreender como que esta identidade foi sendo construída, ou seja, em que sentido Amado e sua obra foram se tornando representativos da nacionalidade brasileira. Isto é, que obras, que personagens, que características da trajetória de vida de Amado, que especificidade da sua criação literária foram sendo acionados de modo a identificá-los desta maneira, e em que contexto histórico esta formulação se tornou mais evidente e por quê.

Para tanto, foi de extrema importância analisar de que modo Jorge Amado tecia as suas redes de sociabilidade e como se posicionava no campo intelectual. Isto ajudou a esclarecer também a influência do autor e de suas ideias na sociedade, considerando-se a

¹¹ FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 32.

existência de instâncias específicas de seleção e de consagração propriamente intelectuais no interior deste campo que ajudam a formar o senso comum.

Busquei também compreender a relação que o autor estabelece com os setores da burocracia estatal em relação à política cultural do governo. Por ter sido indiscutivelmente um intelectual de esquerda, tendo exercido militância pelo PCB e traçado carreira política durante um determinado momento de sua trajetória, Jorge Amado sofreu duras críticas por parte da esquerda brasileira quando não exerceu explicitamente o papel de “escritor engajado”. Assim, é interessante observar que, tal como outros intelectuais que não seguiram o receituário prescrito por segmentos da esquerda¹², o escritor foi condenado pela sua ambiguidade.

Esta acusação ainda se agravava pela maneira como tecia suas redes de sociabilidade, uma vez que tinha amigos que engrossavam o coro conservador. Além disso, e, talvez principalmente, a representação de Brasil associada ao autor, cuja ideia central perpassa a noção de democracia racial pela mestiçagem étnico-racial, entrava em choque com o pressuposto da luta de classes como engrenagem propulsora do processo histórico, próprio do ideal de esquerda, e também, em certa medida, com os paradigmas dominantes no movimento negro a partir de determinado momento.

Segundo este viés, o fato de o autor ter alcançado tamanha popularidade em solo nacional e internacional, não só pela grande veiculação de seus livros como também pelas diversas adaptações de seus romances para a TV e para o cinema – além de se tornar fonte de inspiração para artistas de diferentes meios culturais –, parecia simbolizar um não comprometimento com os ideais político-partidários da esquerda.

O sucesso entre os populares, neste contexto, era comumente compreendido pelo estigma da alienação e do colaboracionismo frente ao discurso do governo. Desta forma, o grande objetivo da conscientização política das massas como primeiro passo da luta de classes, ficaria preterido pela lógica da comercialização, que teria capturado o intelectual.

Com o objetivo de se distanciar de modelos simplificadores e maniqueístas, a abordagem utilizada, segundo os propósitos desta pesquisa, é aquela que busca compreender a riqueza das relações entre intelectuais, meios de comunicação e de expressão cultural, e o grande público, bem como o possível envolvimento do autor com a política cultural do governo, sob um ponto de vista mais complexo. Assim, evitam-se modelos prontos, prévios,

¹² Cf. o caso de Dias Gomes em ROLLEMBERG, Denise. “Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-amado de Dias Gomes”. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha (Org). *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009, p. 377-397.

tal como o da incorporação do intelectual no sistema como forma de resistência por dentro ou como efetivo colaboracionismo com o governo.

No que diz respeito às fontes, foi utilizado neste estudo um material diversificado, que engloba tanto obras literárias, como recortes de jornais. Dadas as pretensões do trabalho, o conjunto da produção literária de Jorge Amado foi levado em consideração como um todo. Assim, suas obras foram utilizadas sempre que necessário no decurso da escrita. Entretanto duas obras receberam uma atenção especial: *Gabriela cravo e canela* (1958) e *Tenda dos Milagres* (1969).

No caso de *Gabriela*, a opção se justifica pelas mudanças que representa dentro da trajetória intelectual de Jorge Amado, bem como pelo seu incomparável sucesso dentre as obras do autor. Em relação à *Tenda dos Milagres*, a eleição se explica pela importância do romance para o próprio autor, sendo considerado por este como seu trabalho preferido. Além disto, é também compreendido como “romance de tese” ou “romance síntese” por boa parte da crítica literária.

Outras fontes importantes foram as matérias de jornais encontradas na Fundação Casa de Jorge Amado em Salvador, Bahia, que se enquadram como documentos de natureza ativa e passiva, de classificações variadas, que contribuem de diferentes maneiras para a reflexão acerca da memória sobre Amado e sua produção literária bem como sobre o papel do próprio autor neste processo.

De acordo com estes pressupostos, optei por discutir no primeiro capítulo como o escritor desenvolveu uma narrativa de si que contribuiu para o processo de sacralização da memória sobre ele que o identifica como ícone e intérprete de uma brasilidade popular e mestiça. Neste sentido, desenvolvo uma reflexão sobre o papel da Fundação Casa de Jorge Amado como lugar de memória no processo de sacralização do imaginário sobre o autor.

Além disto, trato da forma como a memória sobre Amado foi concebida no fim de sua vida e após a sua morte, ou seja, as formas e significados da sua consagração em sua faceta mais acabada: as análises do imediato *post mortem* do autor. Analiso também a forma pela qual a memória sobre o intelectual tem sido difundida e perpetuada ainda hoje tomando como ponto de partida, particularmente a série *Cadernos de Leitura: Jorge Amado*.

No segundo capítulo passo então a avaliar o papel de Amado nos embates em torno da identidade nacional brasileira a partir de suas trajetórias e sociabilidades intelectuais e políticas. Ao mesmo tempo procuro mostrar que o romancista nem sempre se pensou ou foi concebido como intérprete ou ícone de brasilidade, e sua percepção da sociedade tampouco esteve sempre atrelada a características como otimismo, alegria, mestiçagem e cordialidade.

O terceiro capítulo é composto pela análise de dois romances que apresentam uma significativa importância na compreensão dos processos que levaram à identificação da imagem de Amado e sua obra com tais elementos relacionados à identidade nacional. São eles: *Gabriela cravo e canela* e *Tenda dos Milagres*.

No caso de *Gabriela*, pretende-se ressaltar as mudanças que representa na trajetória intelectual de Jorge Amado, bem como o seu incomparável sucesso na mídia, nas diferentes adaptações que foram feitas do romance. Deste modo, *Gabriela* parece simbolizar um importante momento de reflexão do autor em relação a sua condição de intelectual. Assim, tende a provocar algumas transformações na forma como a imagem e a memória sobre Amado e sua obra eram concebidas tanto pelo próprio autor, quanto pelos críticos, pelos intelectuais, e pelos seus “leitores comuns”.

Essa imagem e memória, valorizadas pelo alcance social da obra, parecem direcionar fortemente, a partir deste momento, para a associação com um entendimento de nação que perpassa a noção de democracia racial. É importante, todavia, perceber os diferentes significados da obra para o autor e para os críticos e assim, a existência de memórias concorrentes sobre a mesma.

Em relação à *Tenda*, pretende-se tratar da questão da preferência de Amado por esta obra, além da compreensão deste trabalho enquanto “romance de tese” ou “romance síntese” por boa parte da crítica literária por expressar de maneira mais acabada as ideias de Jorge Amado acerca da mestiçagem étnico-racial, aspecto este que seria determinante na originalidade da cultura brasileira. Deste modo, *Tenda* sintetizaria também a visão de Brasil particular do autor em sua forma mais plena e poética.

Somado a este suposto discurso nacionalista, há também o fato de ter sido produzida e publicada durante o regime militar brasileiro, o que leva a uma série de inevitáveis questionamentos acerca das possíveis aproximações, distanciamentos e críticas encontradas no romance ou atribuídas a ele no que diz respeito a sua relação com discursos político-culturais do governo militar brasileiro.

Na conclusão procuro enfatizar a existência de diferentes memórias relativas a Jorge Amado num mesmo momento histórico e em momentos distintos, apontando para o fato de que as memórias não estão imunes aos contextos e que, pelo contrário, estão a serviço do presente. Deste modo é possível flagrar memórias conflitantes, antagônicas, processos de sacralização e dessacralização, nos quais o autor interferiu conscientemente. Por fim, chamo atenção para a necessidade de se evitar atribuir um sentido definitivo ou monolítico ao conjunto da obra, a um romance particular ou à trajetória do autor.

Capítulo 1

A celebração de um mito

No processo que levou à sacralização da imagem de Jorge Amado como intérprete e ícone de uma brasilidade popular e mestiça, muitos foram os meios, agentes e discursos envolvidos e acionados na celebração e conformação do imaginário sobre o intelectual. Além da atuação do próprio Amado na construção de uma narrativa de si que, ao contrário do que afirma, se presta à idealização, é possível destacar outras instâncias de consagração desta memória.

A Fundação Casa de Jorge Amado participa deste processo através de suas várias atividades e a série dos *Caderno de Leituras*¹³ sobre o autor, material desenvolvido para servir como apoio didático em sala de aula, pelo seu poder de irradiação no grande público, especialmente no ambiente escolar. Os embates de memória e os discursos valorizados no *post mortem* do intelectual também ajudam a compreender de que maneira o mito Jorge Amado foi e continua a ser celebrado em nossa sociedade. Por sua importância, elegemos esses eixos para estruturar o presente capítulo.

1. Amado e o Brasil: uma narrativa de si

A vinculação entre a imagem de Jorge Amado e um determinado discurso sobre a identidade nacional brasileira, ocorreu, por parte do autor, especialmente através do sentido que concedeu à sua trajetória a partir de certo momento. As mudanças ocorridas em sua literatura bem como no entendimento de seu papel como intelectual, na segunda metade dos anos 1950, e notadamente a partir de *Gabriela cravo e canela* foram decisivas neste processo e encontram-se cuidadosamente analisadas no capítulo 3.

Estes fatores, por sua vez, deram origem a um repertório de palavras, personagens, fatos, que se tornaram recorrentes nas declarações e entrevistas de Amado, sempre quando solicitado a falar de si, e que passou a compor uma narrativa idealizada do autor que se aproxima da ideia do “romancista da nação mulata”.

¹³ GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). *A literatura de Jorge Amado*, cit. e GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *O universo de Jorge Amado*, cit.

Deve-se considerar que ao mesmo tempo em que ele buscou formular um sentido para a sua vida e obra mais adequado com o novo entendimento que produzia sobre o seu papel de intelectual, diversos agentes de memória empreenderam também uma reavaliação de sua trajetória selecionando fatos, personagens, datas, etc.

Ainda que não seja possível dizer que houve plena concordância do constructo narrativo produzido pelo autor com aqueles que buscaram sacralizá-lo como ícone de Brasil, deve-se considerar que o discurso biográfico elaborado por Amado foi intensamente formulado no diálogo com estas narrativas que o valorizavam como “artista da mestiçagem”.

O intelectual também ajudou a definir a sua imagem ao convergir com este viés interpretativo e se opor a outros que o caracterizavam de maneira diversa ou que depreciavam este tipo de entendimento de sua vida e obra, tal como se observa na seguinte declaração:

Disseram certos críticos que não passo de um limitado romancista de putas e vagabundos. Creio que é verdade e orgulho-me de ser porta-voz dos mais despossuídos de todos os despossuídos. Disseram também que tenho a paixão da mestiçagem, e dizem-no com raiva racista. Honro-me infinitamente de ser um romancista da nação mulata do Brasil. Creio que, querendo ofender-me, esses críticos me exaltaram e definiram.¹⁴

Assim, Amado abraçou ou interiorizou um sentido de sua vida e obra em concordância com o ideal de brasilidade que ele próprio ajudou a criar e divulgar, uma brasilidade notadamente popular e mestiça. Tomando-se o cuidado de perceber que isto se fez ao longo de um processo datado e contextualizado, é possível concordar com a ideia de que Amado “parece ter-se proposto a uma missão, ao misturar sua vida, sua obra e suas relações pessoais: construir uma representação do Brasil otimista e sem arestas que acabasse por moldar a realidade como ele acreditava e gostaria que fosse”.¹⁵

Neste sentido, é possível verificar que o romancista buscou fazer da sua própria vida um exemplo dos aspectos positivos da miscigenação racial e cultural brasileira e também dos bens da cultura popular. Isto tanto através de uma leitura retrospectiva de sua trajetória, como pela forma como o autor procurou construí-la e exibi-la no seu dia a dia, no seu comportamento, nas suas obras, nas suas relações sociais, na sua imagem, nas suas declarações.

No que diz respeito, a sua trajetória pessoal, observa-se uma valorização feita pelo autor de sua origem mestiça, dizendo ser “um velho brasileiro de sangue indígena [...],

¹⁴ AMADO, Jorge. “Um romancista da nação mulata”. *Jornal de Letras*. Portugal. 12.06.1990.

¹⁵ ALVES, Marcus Vinicius Barili. “Nota do editor”. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer, *O Brasil Best seller de Jorge Amado*, cit., p. 7.

africano e português, quem sabe de sangue judeu, de sangue árabe”,¹⁶ como também a miscigenação em sua família:

[...] meu filho João e minha filha Paloma trazem em suas veias o sangue italiano do avô florentino, da avó veneta, o sangue italiano da paulista Zélia, minha mulher [...]. Os sangues se misturam e cada vez mais se misturam no Brasil, e essa é a nossa honra, esse é o nosso orgulho.¹⁷

A identificação de sua trajetória e imagem com os aspectos que caracterizavam a sua interpretação de Brasil, não se limitaram, entretanto, a questão étnico-racial. O autor evidenciou igualmente em suas declarações uma vida ao lado do povo, dos mais pobres e miseráveis, bem como o conhecimento adquirido nesta sua vivência, apesar de ter nascido em uma família abastada de fazendeiros de cacau e ter frequentado colégios de elite.

Desta forma, destacava-se uma imagem do intelectual não só como representante ou porta-voz do povo, mas também identificado com ele. Neste sentido, Jorge Amado foi aos poucos se fazendo criatura, misturando-se aos personagens criados por ele, gentes do povo, como mestres de saveiros, meninos de rua, quituteiras, capoeiristas, malandros, prostitutas, nos gostos e atitudes, o que acabou lhe configurando uma aura de entidade folclórica, inseparável da Bahia.¹⁸

Soma-se a isto, o espírito cordial, a alegria e sensualidade que também se tornaram características marcantes de Amado e do seu ideal de povo brasileiro. A cordialidade em suas relações pessoais, por exemplo, era constantemente reiterada em suas declarações tal como se observa na seguinte passagem:

[...] nunca fui inimigo de ninguém simplesmente por ser seu adversário político. Também nunca fui amigo de ninguém simplesmente por ser seu correligionário político. Tenho amigos que pensam ou pensavam como eu e tenho amigos... pessoas queridíssimas... que pensam de maneira inteiramente diversa. E acho que isso é bom.¹⁹

Entretanto, estas auto atribuições se distanciam em certos aspectos da forma como Amado e sua literatura se apresentavam durante boa parte de sua carreira. O tom de denúncia, o uso de uma linguagem inflamada, de revolta, a exploração do elemento trágico eram algumas características que se encontravam correntemente presentes em seus discursos

¹⁶ AMADO, Jorge. “Um romancista da nação mulata”, cit.

¹⁷ AMADO, loc. cit.

¹⁸ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 257-269.

¹⁹ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*. 1. ed., São Paulo: Abril Educação, 1981, p. 15.

literários e extraliterários, principalmente quando o autor estava engajado em fazer literatura proletária e exercer militância pelo Partido Comunista.

Neste sentido, é interessante observar que nem sempre Amado esbanjou docilidade, receptividade, amabilidade em se tratando de pessoas que pensavam diferente dele. Em texto publicado pelo *O Momento*, de Salvador, no ano de 1949, quando o autor ainda estava intensamente envolvido com a militância partidária, é possível vislumbrar, por exemplo, uma dura crítica ao posicionamento de certos intelectuais, inclusive a Jean Paul Sartre, que posteriormente viria a ser incluído no rol de amigos próximos e admirados de Amado.

[...] esses incensadores do imperialismo – os Gides, os Sartres, os Malraux – não merecem o título de escritores porque ser escritor obriga a uma responsabilidade perante o povo e o futuro, e eles são apenas negociantes de palavras que vendem seus verbos e adjetivos por uns tantos dólares do plano Marshall.²⁰

Em outro momento, por sua vez, Sartre é definido pelo autor como um dos “maiores e mais importantes escritores de nosso século”, um “filósofo, romancista, dramaturgo e excelente homem de ação” que estaria “em permanente solidariedade para com os povos em luta por sua completa libertação”.²¹

Apesar de soar como posições opostas e irreconciliáveis, pode-se dizer que dentro da lógica que Amado passou a atribuir à sua trajetória, elas se tornam compreensíveis. Isto porque a rebeldia, intolerância, que caracterizaram os seus primeiros anos como escritor foram compreendidas como etapas necessárias de um processo de maturação pessoal e intelectual.

Uma argumentação neste sentido pode ser encontrada no discurso de posse de Amado na Academia Brasileira de Letras, instituição que tanto criticou quando jovem, participando inclusive de um grupo chamado *Academia dos Rebeldes*, em franca oposição aos valores representados pela ABL. Neste discurso o romancista assim explicou esta contradição:

Chego a vossa ilustre companhia com a tranquila satisfação de ter sido intransigente adversário desta instituição, naquela fase da vida, em que devemos ser, necessária e obrigatoriamente contra o assentado e o definitivo [...] Ai daquele jovem, daquele moço aprendiz de escritor, que no início de seu caminho não venha quixotesco e sincero arremeter contra as paredes e a glória desta Casa. Não seria ele digno de sua maravilhosa condição [...].²²

²⁰ AMADO, Jorge. “Por uma literatura a serviço do povo e da paz”. *O momento*. Salvador, Bahia. Março de 1949.

²¹ Id., “Sartre e Simone de Beavouir no Brasil”. *Diário carioca*. Rio de Janeiro, 28.08.1960.

²² Id., “Discurso de Jorge Amado na Academia”. *Diário de Notícias*. Caderno 3. Salvador, 06.08.1961 e 07.08.1961. p. 1.

Assim, não só seria desculpável a sua rebeldia e crítica contra aquela instituição na adolescência, como também seria uma atitude “louvável”, em uma fase necessária, daqueles que realmente merecem ser acolhidos pela casa. De acordo com esta compreensão, o autor justificava também tantos outros aspectos de sua trajetória que pareciam destoar da imagem que ele então almejava cultivar.

Em relação a sua primeira obra, *O País do carnaval*, por exemplo, que traz uma visão preconceituosa da miscigenação étnico-racial brasileira, ele dizia ser não só um “caderno de aprendiz”²³ como também obra imbuída de um “pessimismo artificial” de jovem de 18 anos,²⁴ diminuindo portanto o valor desta publicação dentro do conjunto de suas obras.

O País gozava assim de um duplo pecado no que se refere à visão otimista e positiva da mestiçagem que Amado buscou evidenciar em suas futuras obras. Mas estes males seriam “perdoados”, assim como a sua rebeldia, justamente por fazerem parte de um processo de maturação, de aprendizagem que levaria ao encontro do autor com aquele que seria o seu “destino” ou “missão”.

Assim, muitos elementos que marcaram a vida e obra do romancista e que pareciam se opor à forma idealizada pela qual o intelectual passou a conceber a sua trajetória, foram reinterpretados à luz dos novos tempos. Deste modo, foram apontados, de um modo geral, como facetas diferenciadas de um mesmo projeto de vida, correspondentes a diferentes momentos vividos por ele. Um projeto cujo substrato perpassaria toda a sua vida e obra, independentemente de seu posicionamento político-ideológico, como deixa evidente na seguinte passagem:

Sou, como todo romancista deve ser, apenas romancista e se há quaisquer ideias de bolchevismo em minha obra é que todas as ideias revolucionárias do homem trazem sempre em si – boas ou más que sejam – a marca do social e do humano que procuro dar aos meus livros sobre o povo e os costumes da Bahia.²⁵

O autor ressalta, portanto, uma preocupação que sempre teria tido com a questão humana, social e cultural, sobre a socioeconômica e ideológica, em suas obras. Assim, Amado ameniza o caráter “proletário” de muitas de suas obras, fixando o que nelas mais se enquadraria com o seu mais recente entendimento do seu papel como intelectual e da função

²³ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*. 1. ed., São Paulo: Abril Educação, 1981, p. 16.

²⁴ Cf. AMADO, Jorge apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 45.

²⁵ AMADO, Jorge apud *Jornal do Comércio*. Recife, Pernambuco. Coluna Artes e Artistas. 14.09.1958.

de sua literatura. De acordo com esta compreensão, Amado assim definia a sua trajetória intelectual e sua produção literária:

A minha literatura é toda ela, do primeiro livro até ao último publicado, [...], uma visão do povo brasileiro, colocando-se o autor de acordo com o ponto de vista do povo, contra os seus inimigos. [...] No decorrer do meu amadurecimento como escritor, essa unidade adquiriu esta ou aquela característica mais sensível. Nos meus primeiros livros busquei reforçar a ação através do panfleto político e do discurso doutrinário acentuando a existência dos problemas sociais expondo soluções. Nos últimos livros, a existência dos problemas sociais, os conflitos políticos, a conotação doutrinária resulta tão somente da ação descrita e não do panfleto e discurso, o que significa um avanço, seja na qualidade literária, seja, inclusive na condição de engajamento de minha literatura. Ademais, um novo elemento da luta, o riso, somou-se aos anteriores, arma poderosa.²⁶

Diferentemente de outras narrativas sobre si, Amado não enxerga, portanto, uma ruptura na sua produção literária e sim um processo de maturação em que cada obra sua corresponde ao momento vivido por ele e que possuem em comum uma visão do autor em relação ao povo brasileiro, e o posicionamento do primeiro ao lado do segundo.

Ele indica um aprimoramento na forma de representar o Brasil em suas obras e de refletir sobre os problemas sociais, ao distanciar o panfleto e o discurso de suas narrativas, concentrando o engajamento de sua literatura na ação descrita e na utilização do riso como arma política.

Deve-se considerar, entretanto, que se antes a intenção de representar a sociedade brasileira através do povo baiano passava pela lógica universalista da luta de classes, passou progressivamente a ser utilizada para fixar a originalidade do povo e da cultura brasileira e, assim, contribuir na afirmação de uma identidade nacional.

Assim, uma associação entre o autor e uma determinada imagem de Brasil só poderia ser reconhecida a partir desta mudança, além do que a representação de nação pela qual Amado ficaria nacionalmente e internacionalmente conhecido, só ganharia seus contornos decisivos a partir de então.

Dentre as muitas formas pelas quais o autor misturou a sua vida pessoal com o seu projeto de Brasil, enunciando uma narrativa de si para além de suas declarações, está a Casa do Rio Vermelho onde o autor morou durante boa parte de sua vida. A forma como foi projetada, o lugar em que foi construída e os objetos que a compõem parecem querer enunciar uma estreita relação entre Jorge Amado, a Bahia e o Brasil que se encontraria representada naquela casa, um efetivo lugar de memória.

²⁶ AMADO, Jorge apud “Jorge Amado por ele próprio”. *Eva*. Lisboa. Setembro de 1973. N. 1202, p. 25.

Enuncia também uma forma específica de compreensão de Amado do seu papel de intelectual em um dado momento, isto é, daquela que seria a sua “missão”. Em diversos depoimentos o romancista afirmou que os bens materiais mais valiosos que possuía, incluindo-se aquela casa, ele devia ao “imperialismo norte-americano” que tanto denunciara ao longo de sua trajetória.

Em uma negociação que envolveu a venda dos direitos cinematográficos de *Gabriela cravo e canela* à Metro-Goldwyn-Mayer, indústria cinematográfica norte-americana, Amado obteve o dinheiro com o qual comprou a Casa do Rio Vermelho.²⁷

Certamente que o interesse financeiro não estava ausente desta aproximação de Amado da indústria cultural e, conseqüentemente, da possibilidade de compra de um imóvel na Bahia, mas a argumentação apresentada pelo autor traz em seu bojo uma justificativa socialmente mais relevante e nobre. Ela estaria em sintonia com a sua “missão” de divulgar o Brasil e a cultura nacional e contribuir para a afirmação da identidade nacional brasileira.²⁸

Além da Casa do Rio Vermelho, Amado também possuía uma mansão sobre o Sena, no Marais, em Paris. Entretanto, a primeira tinha para ele um enorme valor afetivo a ponto de ser produzido um documentário intitulado *A Casa do Rio Vermelho*, de Fernando Sabino e David Neves.²⁹

A aquisição desta propriedade localizada na rua Alagoinhas, no bairro do Rio Vermelho em Salvador, significou para Amado a realização do sonho de ter uma casa na Bahia, seu lugar de origem e ambiente da maioria de seus enredos. A preferência por Salvador era então uma escolha natural tendo em vista o elo do autor com aquela cidade em que viveu sua adolescência e que concebia como uma espécie de coração da Bahia e do Brasil.

A opção pelo bairro do Rio Vermelho, mais afastado do centro histórico do Pelourinho se justificava, por sua vez, pela necessidade imperiosa para o escritor e sua família de viver em local mais tranquilo, já que o sucesso de Amado fazia com que a sua intimidade fosse constantemente invadida. No seu livro de memórias, o romancista dedicou algumas palavras à descrição desta casa:

Planejada e construída com amor por Gilberbert Chaves, na época jovem arquiteto, colocado hoje entre os maiores, para torná-la singular, além do talento e perícia de Gilberbert, contribuíram artistas da Bahia e dos arredores: Carybé, Mário Cravo, Lew Smarchewski, Genaro de Carvalho, Jenner Augusto, Hansen Bahia, Calasans

²⁷ Cf. AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem*: anotações para um livro de memória que jamais escreverei. Ilustrações de Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 67.

²⁸ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p.32

²⁹ Cf. AMADO, Jorge, *Navegação de cabotagem*: anotações para um livro de memória que jamais escreverei, cit., p. 67.

Neto, Tati Moreno, Udo Knoff, Chico Brenand, Aldemir Martins, o ceramista José Franco, de Portugal. Portas, grades, placas de cerâmica, azulejos, esculturas, sem falar nos óleos, desenhos, gravuras, peças de artesanato – precisaria vender à empresa ianque os direitos de cinema de outro livro se devesse pagar as doações recebidas.³⁰

Como se percebe neste depoimento, a residência foi idealizada para ser um espaço original, certamente em sintonia com o gosto e particularidade de seu proprietário. Mais do que um simples imóvel, a casa deveria ser o lar por excelência de Amado e sua família.

Através de sua ampla sociabilidade, Amado recebeu de diversos dos mais conhecidos artistas, sobretudo da Bahia e do Nordeste, diferentes objetos para compor, decorar e mobiliar a sua casa. Muitos destes artistas tinham como marca a inspiração na cultura popular da Bahia, inclusive aqueles que não eram nativos de lá.

Assim a ambientação do lar de Amado foi informada por esta forte característica que se sintonizava com a sua literatura e narrativa de si. Destaca-se neste sentido, a colaboração de artistas como Carybé, Calazans Neto e Jenner Augusto que ilustraram diversas edições dos livros de Amado e eram amigos íntimos do escritor. Deste modo, os traços artísticos que povoavam os livros de Amado, muitas vezes contribuindo na sua popularização, encontravam-se também materializados na casa do autor, fazendo uma espécie de ponte entre a sua realidade e ficção.

Os elementos que traduzem os cultos afro-brasileiros, tão enunciados na vida e obra de Amado e que faziam parte fundamental da cultura popular brasileira tal como concebida por ele, também se encontram representados na residência do autor. Segundo o próprio:

[...] o artesão Manu do candomblé do Gantois, forjou as armas de Oxossi que dominam a construção, e o Exu, que guarda e protege a casa. A mando de mãe Senhora, mestre Didi implantou o fundamento, cavou a terra e nela ocultou o axé aos pés do Compadre, o Exu da potente estrovenga.³¹

Por todos esses motivos, a Casa do Rio Vermelho encerra em si um significado muito forte da relação entre Amado, a Bahia e o Brasil, que ultrapassa o aspecto material, se fazendo sentir na aplicação do termo lar em sua forma mais plena. Assim, a casa reflete uma identificação do autor com a imagem que criara para si.

Traduz também um sentimento de pertencimento do mesmo à sua terra, ao seu lugar, ao seu país, de acordo com uma concepção própria de identidade regional e nacional. Este envolvimento afetivo ficaria por fim evidenciado por ter sido o jardim desta casa o lugar

³⁰Ibid., p. 68.

³¹ AMADO, Jorge, loc. cit.

escolhido por Amado para serem depositados os seus restos mortais quando chegasse a hora, desejo explicitado no seu *Navegação de Cabotagem*³².

2. A Fundação Casa de Jorge Amado, um lugar de memória

Uma vez que esta pesquisa tem como um de seus principais objetivos analisar os mecanismos de consagração de um intelectual, não poderia deixar de considerar o papel desempenhado pela instituição que leva o seu nome neste empreendimento pois é possível perceber elementos importantes do processo de “fabricação do imortal”³³ Jorge Amado a partir deste centro de memória.

Criada em dois de julho de 1987, a Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), entidade privada, de caráter cultural, sem fins lucrativos,³⁴ apresenta-se como um importante “lugar de memória”, tal como expressão concebida por Pierre Nora³⁵, enquanto espaço institucionalizado e privilegiado de recuperação, preservação e circulação de saberes socialmente relevantes sobre o escritor Jorge Amado.

É interessante observar que o direito consagrado a esta instituição, sobretudo no que diz respeito à memória de Amado, parte inicialmente de seu caráter privado intrinsecamente relacionado à intervenção do próprio escritor. Além de este ter sido o grande idealizador da FCJA³⁶ e de ter doado seu acervo pessoal para os cuidados da mesma, a Casa sempre esteve sob a sua supervisão e de pessoas intimamente ligadas a ele, como a sua mulher Zélia Gattai, a sua filha Paloma e seus irmãos João e James Amado.³⁷ A principal responsável pela fundação atualmente, a poetisa Miriam Fraga, era amiga de Jorge Amado.

O próprio fato de a instituição estar localizada no Largo do Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador, tem a ver, entre outras coisas, com uma afinidade entre o espaço e os romances urbanos de Jorge Amado.³⁸ É neste sentido que Eneida Leal Cunha considera a

³² Loc. cit.

³³ Expressão utilizada por Regina Abreu em *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

³⁴ Cf. FRAGA, Myriam (Org.). *Fundação Casa de Jorge Amado: catálogo do acervo de documentos*. vol. 1. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2009, p. 16.

³⁵ Cf. NORA, Pierre. “Entre Memoria e Historia: La problemática de los lugares”. Disponível em: <<http://comisionporlamemoria.chaco.gov.ar/jovenesymemoria/documentos/pdf/21.pdf>>. Acesso em: 26.07.2010.

³⁶ Cf. AMARAL, Erenilda Custodio dos Santos; FERREIRA, Suzana Ramos. “A preservação da memória de Jorge Amado: a experiência da Fundação Casa de Jorge Amado”. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/erenilda.html>. Acesso em: 10/10/2008, p. 3.

³⁷ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 61.

³⁸ FRAGA, Myriam (Org.), *Fundação Casa de Jorge Amado*, cit., p. 16.

Casa como uma peculiar construção autobiográfica pela firme assinatura de Amado³⁹, tendo este tomado para si o papel de guardião máximo de seu arquivo.

Esta intervenção na memória sobre si pode ser percebida em muitos aspectos na forma como a Fundação foi pensada, no que concerne a sua política, a sua localização, o material que expõe – e como expõe – o que disponibiliza para acesso, e o que não disponibiliza⁴⁰, os eventos e celebrações que organiza etc.

Este fato induz a uma reflexão sobre o valor que o próprio autor poderia atribuir a si mesmo, ao menos no sentido de se perceber enquanto sujeito histórico cuja experiência de vida e produção artística e intelectual devesse ser compartilhada, lembrada e utilizada como fonte produtora de conhecimento.

Isto indicaria, portanto uma intenção subjacente de “imortalização” da sua pessoa pela via da memória coletiva. Talvez a idealização da instituição esteja vinculada a certa preocupação de Amado expressa em entrevista: “Em um país sem memória, quem morre é imediatamente esquecido. Quando eu morrer, vou passar uns vinte anos esquecido”.⁴¹

Mais do que isso, se pensarmos como Eneida Leal Cunha, a concepção da Casa sob a firme supervisão do romancista estaria mais ligada a uma ação contra a morte e não exatamente contra o esquecimento possivelmente trazido com esta. Isto porque a morte faz cessar o poder de enunciação sobre si próprio, e isto era provavelmente o que Amado temia.⁴²

Como se através da Casa o intelectual pudesse dar continuidade a este poder de enunciação, mantendo viva a sua memória e o seu pensamento através da existência física da Casa e das atividades que esta promove de acordo com a forma como ele a idealizou e garantiu que ela o fosse mesmo após a sua morte.

Neste sentido, o pensamento do escritor parece ir ao encontro das reflexões de Pierre Nora acerca do aparecimento de lugares de memória:

³⁹ CUNHA, Eneida Leal. “A Casa de Jorge Amado”. Texto apresentado no seminário *A invenção do Arquivo*. Promovido pelo Centro de Estudos Literários (CEL/UFMG) e Coleção Archives (UNESCO). Belo Horizonte, set/ 2000. apud DA SILVA, Márcia Rios. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos: EDUFBA, 2006, p. 167.

⁴⁰ Destaca-se aqui o veto dado pelo escritor ao acesso às suas correspondências pessoais que não estão disponíveis para consulta. Entretanto, Ilana Goldstein parece ter conseguido autorização especial para ter acesso a este material por ocasião da pesquisa relacionada a sua dissertação que virou o livro *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*, que é uma das referências bibliográficas da presente dissertação.

⁴¹ Entrevista concedida por Jorge Amado à *Folha de São Paulo* em julho de 1991 citada em AMARAL, Erenilda Custodio dos Santos, FERREIRA, Suzana Ramos. “A preservação da memória de Jorge Amado: a experiência da Fundação Casa de Jorge Amado”, cit., p. 10.

⁴² Cf. CUNHA, Eneida Leal, “A Casa de Jorge Amado”, apud DA SILVA, Márcia Rios, *O rumor das cartas*, cit., p.173.

Lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que há de se criar arquivos, que há de se manter os aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, levantar atas, porque estas operações não são naturais.⁴³

Este sentimento, por seu turno, estaria ligado, segundo Nora, à sensação de “aceleração da história”, produzida pela progressiva globalização na pós-modernidade. Deste modo, a “memória verdadeira”, passada oralmente, transformada por sua passagem à História – enquanto disciplina formada por disputas de memórias – daria lugar a uma “memória arquivística”, relacionada a uma constituição vertiginosa e gigantesca do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar.

Isto pode ser detectado no caso de Amado, inclusive pela preocupação que o autor tinha em condicionar, tratar adequadamente e disponibilizar os registros que compunham seu acervo pessoal, que crescia constantemente e que atualmente abrange cerca de 40.000 documentos.⁴⁴ Este fato, por sua vez, teria sido decisivo para a criação da FCJA.

Acumulados e tratados inicialmente na casa do escritor, no Rio Vermelho, estes documentos se multiplicaram principalmente a partir da década de 1970, quando as obras de Amado passaram a ser apropriadas pela indústria midiática⁴⁵, que começou a se consolidar nesta época, marcada pelo advento da pós-modernidade e da multiplicação dos meios de comunicação.⁴⁶

Os registros multiplicaram-se porque o acesso à literatura *amadiana* passou a se realizar por diferentes canais de comunicação que não somente o livro. Assim, a recepção do autor se alargou, tornando-o reconhecido e requisitado para inúmeros e diversos eventos como palestras, conferências, cerimônias em sua homenagem, coparticipações em livros, que levaram à produção de registros materiais.

Além disto, ao se tornar decisivamente reconhecido e querido pelo grande público, passou a receber um volume extraordinário de cartas, as quais tinha a preocupação de responder e preservar.⁴⁷ Neste sentido há uma proliferação de diferentes tipos de registros que precisariam estar condicionados em local adequado. O lugar de guarda deste material deveria

⁴³ Tradução minha da versão: “Lugares de memoria nacen y viven del sentimiento de que no hay memoria espontánea, que hay que crear archivos, que hay que mantener los aniversarios, organizar celebraciones, pronunciar elogios fúnebres, levantar actas, porque estas operaciones no son naturales.” In: NORA, Pierre. “Entre Memoria e Historia: La problemática de los lugares”, cit., p. 7.

⁴⁴ Cf. *A tarde*, Salvador, Bahia, 7.08.2001.

⁴⁵ Cf. DA SILVA, Márcia Rios, *O rumor das cartas*, cit., p. 11.

⁴⁶ Cf. VATTIMO, Gianni. *La sociedad transparente*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996, p. 80.

⁴⁷ A questão da recepção da obra de Jorge Amado a partir das cartas dos chamados “leitores comuns” é tratada de forma brilhante em DA SILVA, Márcia Rios, *O rumor das cartas*, cit.

ter, por sua vez, como principal atribuição, a garantia da preservação e do acesso público ao mesmo.

Esta preocupação se relaciona à progressiva escassez de “meios de memória”, no sentido de modos sociais de transmissão de memória que precisam de espaço-tempo e inter-relação entre as pessoas. Sem isso, precisamos cada vez mais de um estoque material a ser preservado pelos então chamados lugares de memória, como o são os museus, os arquivos, os cemitérios, os monumentos, os santuários, as associações, etc.⁴⁸

Entretanto, deve-se destacar que se é verdade que a razão de ser fundamental de um lugar de memória é parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial, reunir o máximo de sentidos em um mínimo de coisas, isto ocorre através de sua constante metamorfose, pela incessante revisão de suas significações. Assim, constituem-se em lugares mistos, híbridos e mutantes, perpassados por vida e morte, tempo e eternidade, reunindo e relacionando o que é coletivo e individual, prosaico e sagrado, móvel e imóvel⁴⁹.

Amado compartilhava desta ideia e o expressou na seguinte declaração:

O que desejo é que nesta casa o sentido da vida da Bahia esteja presente e que isto seja o sentimento de sua existência. Que ao lado da pesquisa e do estudo, seja um local de encontro, de intercâmbio cultural entre a Bahia e outros lugares. Que não seja apenas um depósito de documentos, mas que seja igualmente uma casa do povo da Bahia.⁵⁰

Pretendia assim que a Casa não fosse um museu – “museu é coisa de morto”⁵¹ – e sim algo mais próximo a um centro cultural. É este entendimento dinâmico de lugar de memória que Amado buscava, portanto, aplicar à sua FCJA. Assim, ela atuaria enquanto um organismo “vivo” de preservação e produção de cultura e de memória, tanto no que diz respeito à figura de Amado quanto ao que está relacionado à tradição popular baiana e brasileira.

Se pensarmos ainda que Jorge Amado era um grande defensor da memória popular, de tradição oral, esta preocupação de preservar e manter “viva” a cultura popular baiana através da fundação torna-se ainda mais paradoxal. Isto porque o receio do “esquecimento” social em relação a sua pessoa estaria agregado ainda a um “esquecimento” de tradições e vivências populares que seriam representadas pela personagem de Amado e pela sua produção literária.

⁴⁸ Cf. NORA, Pierre, “Entre Memoria e Historia: La problemática de los lugares”. cit. p. 7.

⁴⁹ Ibid, p. 16.

⁵⁰ Estas palavras se encontram presentes na entrada principal da Fundação Casa de Jorge Amado. AMADO, Jorge apud FRAGA, Myriam (Org.), *Fundação Casa de Jorge Amado*, cit., p. 16.

⁵¹ AMADO, Jorge apud FRAGA, Myriam. *Uma Casa de Palavras*. Salvador: FCJA, 1997, p. 36.

Estas tradições e vivências populares por estarem atreladas a grupos sociais historicamente marginais, destituídos de poder, teriam dificuldade de se manterem “lembradas”, vivenciadas e revitalizadas, sendo provavelmente esquecidas ao longo do tempo se não houvesse ações e movimentos de resgate e de preservação das mesmas, enquanto patrimônios culturais, segundo o pensamento de Nora. Isto significa, entre outras coisas, a preservação de objetos materiais, a produção de registros escritos, e seleção de datas, personagens e eventos celebráveis em “rituais de memória” pela ação de lugares de memória.

Com as palavras anteriormente citadas – “O que desejo é que nesta casa o sentido da vida da Bahia esteja presente e que isto seja o sentimento de sua existência.”⁵² –, o romancista parece buscar e incentivar não só a cultura baiana, mas principalmente a cultura popular baiana, que estaria relacionada ao sentido de sua vida e sua obra. Logo, nada mais apropriado que aquela instituição destinada a preservar e disseminar a memória sobre Amado, também tivesse como um dos objetivos principais a revitalização e disseminação da memória popular do povo da Bahia.

Quanto a isto, a Casa é apresentada em seu folheto em um sentido híbrido: tanto oficial e institucional como também afetivo e sentimental.⁵³ Ela estaria aberta ao debate intelectual e ao mesmo tempo ligada organicamente ao povo da Bahia, às suas tradições e vivências populares, tendo-se escolhido uma “estrutura organizacional leve e eficaz, distante dos preconceitos letrados e das segmentações burocráticas”⁵⁴.

Esta caracterização se coaduna à forma como o escritor gostaria de ser lembrado e como a fundação que leva o seu nome se esforça em fazer valer: um ícone sim, mas, sobretudo um ícone do povo. Não como alguém que está acima do povo, mas como alguém que vem do povo, identificado com este, cuja imagem teria a capacidade de sintetizá-lo, especialmente em tudo o que lhe coubesse de valor positivo.

Em uma das muitas declarações sobre este assunto, o autor disse:

Minha vida e minha literatura estão ligadas ao povo. Dele aprendi tudo que sei e a ele dei minha literatura. Desde 31 toda minha obra foi concebida e feita em função do povo Brasileiro, particularmente o povo baiano. O Brasil começou naquela terra mágica. Tive uma adolescência muito livre na Bahia, quase tudo que escrevi tirei daquela região.⁵⁵

⁵² AMADO, Jorge apud FRAGA, Myriam (Org.), *Fundação Casa de Jorge Amado*, cit., p. 16.

⁵³ Esta última característica se fazia presente inclusive na escolha do nome da Fundação, já que a palavra “casa” agrega um forte valor pessoal, afetivo e sentimental.

⁵⁴ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 56.

⁵⁵ Entrevista concedida por Jorge Amado ao jornal *Pasquim*, cujo trecho citado refere-se à pergunta título da matéria: “Pasquim - Quarenta e cinco anos escrevendo, vinte novelas publicadas. Para quê? Para quem, Jorge Amado?”. Donde se deduz que o documento seja do ano de 1976, aproximadamente. Cf. BERMEJO, Ernesto

A questão nacional presente na produção e no pensamento de Amado derivaria neste sentido do fato do mesmo pensar a Bahia como pólo originário da nação brasileira, cuja cultura e povo guardariam o que há de mais original da nação Brasileira, e que lhe conferiria uma identidade peculiar.

É interessante observar que o autor buscou traçar esta autoimagem por oposição a uma possível identificação com os elementos que poderiam conferir a ele uma “memória de elite”, erudita, acadêmica, tal como se pode constatar em diversas de suas declarações como esta anteriormente apresentada.

Neste sentido, o autor tende a minimizar, e por vezes silenciar, aspectos de sua trajetória e de sua formação intelectual como forma de produzir uma maior proximidade com o grande público. O que não deixa de ser uma estratégia de *marketing* pessoal, utilizada por muitos escritores, artistas e produtores culturais como forma de conquistar e se manter dentro do campo intelectual, literário, artístico, etc.

Assim, o autor parece fazer uso de certos mecanismos intelectuais, acadêmicos e “eruditos” como forma de abrir espaço, tornar visível, e de certa forma consagrar vivências, tradições e conhecimentos populares. Trabalha desta forma, no campo da mediação entre o “popular” e o “erudito”, entre o “sagrado” e o “profano”, de forma similar à divindade iorubá denominada Exu que se tornou uma espécie de “logotipo” pessoal.⁵⁶

É de acordo com esta lógica que a FCJA vai ao encontro de demandas do próprio autor especialmente quanto à autobiografia idealizada pelo mesmo, “institucionalizando” desta forma a imagem do autor que seria preservada para a posteridade. A FCJA pode ser assim considerada enquanto “ápice de uma trajetória menos espontânea e natural do que o leitor poderia imaginar”, mesmo que seja ainda apontada como “templo” ou “etapa da coroação” por biógrafos santificadores.⁵⁷

Quanto a isto, Márcia Rios desenvolve uma análise que concebe a consagração do romancista sob a forma de um culto dessacralizado, destituído de caráter sublimador. Isto porque a condição de figura midiática de Amado, relacionada ao entretenimento, teria como desdobramento uma celebração pautada em rituais que endossariam mais um culto profano, revelador da ambivalente admiração devotada ao escritor. Dentre estes rituais, a autora

Gonzalez. “Pasquim - Quarenta e cinco anos escrevendo, vinte novelas publicadas. Para quê? Para quem, Jorge Amado?”. *Pasquim*, Rio de Janeiro, [1976?], p. 5.

⁵⁶ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit, p. 54, 55 e 56.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 70.

destaca hábitos como “sentar-se frente ao televisor para assistir uma novela ‘de Jorge Amado’ bem como ir ao cinema para assistir a uma película adaptada de sua obra”.⁵⁸

Entretanto, acredito que esta análise não leva em consideração outras estratégias de consagração relevantes para o presente estudo que dificilmente seriam bem compreendidas em uma análise cujo enfoque são os modos de recepção depreendidos das cartas dos chamados “leitores comuns”, que fazem parte da comunidade anônima de leitores e admiradores de Jorge Amado.

Acredito que a consagração de Jorge Amado também passa pela relação que o escritor estabelece com o campo intelectual e artístico, que não é contemplada na análise de Márcia Rios. Isto se expressa inclusive nos relatos expressos na imprensa escrita que envolveu o “evento” do falecimento do escritor, tal como analisados mais adiante, neste capítulo.

Estes relatos, ao passo em que dão pistas da recepção do amplo público de Amado, pela comoção gerada em virtude de seu falecimento, tendo sido manifesta em algumas ações públicas, revelam, sobretudo uma recepção dos campos artístico, intelectual e também político. Campos estes, que não podem ser compreendidos enquanto uma instância à parte da sociedade, uma vez que os indivíduos que os definem possuem a possibilidade de exercerem peculiares poderes sobre a sociedade, como é o caso do próprio intelectual investigado nesta dissertação.

Por este motivo também penso que a FCJA não pode ser compreendida como parte de um “culto dessacralizado”, pois enquanto lugar de memória – e não templo de adoração – investido de “poderes” designados pelo próprio escritor, ela apresenta sim uma aura simbólica que não pode ser desconsiderada.

Uma vez negados ou amenizados estes poderes, corre-se o risco de se reproduzir o discurso consagrador, naturalizando-o. Assim, expondo as “engrenagens”, os mecanismos de consagração do escritor Jorge Amado, entre os quais a FCJA pode ser considerada peça chave, é que se busca compreender de forma mais complexa o indivíduo Jorge Amado e sua participação enquanto sujeito histórico. Trata-se de um esforço de manter viva, revitalizada a memória sobre o autor, reconstruindo-a no presente tal como ele mesmo gostaria que fosse.

É bastante simbólico o fato da sede da instituição que representa Jorge Amado estar alocada em um imponente casarão colonial localizado no Largo do Pelourinho. Além de apresentar um valor afetivo e de identidade entre o autor e aquela região, a localização da

⁵⁸ DA SILVA, Márcia Rios. *O rumor das cartas*, cit., p. 166.

FCJA guarda em si outros significados de caráter patrimonial atrelados às condições e contextos nos quais ela foi forjada.

A concretização da fundação no ano de 1987 está intrinsecamente relacionada ao esforço de revitalização do Centro Histórico de Salvador planejada pelo Ipac (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural), que consegue, junto à UNESCO, elevar a região à Patrimônio Histórico e da Humanidade, em 1985⁵⁹. O projeto só começou a ser levado a cabo, entretanto, com o governo de Antônio Carlos Magalhães, no início dos anos 1990. A restauração da região foi então festejada pelas elites ao ser qualificada como “um projeto bem sucedido de recuperação do patrimônio cultural do país, motivo de orgulho da capital baiana e dos governos estadual e federal”⁶⁰.

A região, e em especial o Largo do Pelourinho, era então considerada “patrimônio cultural do país” por reunir “um dos mais significativos conjuntos coloniais da América Portuguesa”⁶¹ e também pela sua estreita relação com a vida e obra de Jorge Amado. É importante destacar, neste sentido, que por ter contribuído na visibilidade nacional e internacional da paisagem e da cultura desta região através de suas obras, o escritor baiano ajudou intensamente na valorização do potencial turístico da região⁶².

A trajetória do romancista e o imaginário que este produziu parecem se confundir com a história e a cultura da região. É notório o fato de que, ao mesmo tempo em que se inspirou na paisagem e cultura daquela localidade, o autor também contribuiu para a sua produção ou reprodução. Sendo assim, na revitalização do centro histórico de Salvador, e especialmente do Pelourinho, pode-se perceber uma forte intenção em preservar ou tornar real a Bahia representada por Amado, aquela que o Brasil e o mundo conheceu através das páginas do internacionalmente conhecido escritor.

A preocupação com a preservação da memória de Jorge Amado aparece, portanto como princípio não só da FCJA, como também dos projetos de revitalização do Centro Histórico de Salvador. Neste sentido, cabe aqui destacar que a revitalização tanto do Pelourinho, quanto da orla marítima de Salvador, das cidades do litoral e da Chapada Diamantina, foram realizadas segundo um projeto político de governo que tinha como

⁵⁹ Cf. ZANIRATO, Silvia Helena. “A restauração do Largo do Pelourinho”. *Dimensões*, vol. 16, Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de História, 2004, p. 328.

⁶⁰ Cf. *A Tarde*, Salvador, 9.04.1993, p.6. apud ZANIRATO, Silvia Helena. “A restauração do Largo do Pelourinho”, cit., p. 328.

⁶¹ ZANIRATO, Silvia Helena. “A restauração do Largo do Pelourinho”, cit., p. 325.

⁶² Atualmente o Pelourinho aparece como um dos principais pontos turísticos do Brasil ao lado do Cristo Redentor, das praias cariocas e das igrejas de Ouro Preto, por exemplo.

principal enfoque o incremento da indústria do turismo como fator de expansão e crescimento da capital e do estado da Bahia.

O então governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que era inclusive amigo próximo de Jorge Amado, buscou desenvolver a sua política cultural com ênfase no turismo como forma de captar recursos e, também, aumentar seu poder político. Este tipo de intervenção contaria com expressiva visibilidade na mídia que, por sua vez, traria um importante retorno em termos de mercado eleitoral⁶³.

Assim, parece claro que o governo da Bahia buscou explorar a forte ligação entre a cultura local e a figura de Jorge Amado, como forma de maximizar o potencial turístico da região. De acordo com esta lógica, torna-se compreensível, portanto que a FCJA seja um dos principais pontos turísticos da região, que no seu entorno haja inúmeras referências à obra de Amado,⁶⁴ e que tudo o que evoca o autor e sua obra, em seu caráter mais positivo, seja utilizado pela indústria cultural local e do estado da Bahia.

Destaca-se aqui a comercialização de bottons, chaveiros, cartões-postais, camisas, bolsas, e uma grande diversidade de artigos – ou “lembranças” – que têm como tema Jorge Amado e sua obra. Além disto, há também uma instituição de ensino superior com o nome do escritor, assim como um shopping Center, um aeroporto – o aeroporto Jorge Amado, em Ilhéus –, um condomínio de luxo, dentre outros.

A aldeia imaginária do escritor, bem como sua própria imagem, serviram, e ainda servem, de tema para empreendimentos político-culturais que extrapolam o âmbito regional e que por isto contribuem na valorização de Amado e sua obra enquanto ícones nacionais. Dentre as empresas de expressão nacional que utilizaram Jorge Amado no marketing de seus serviços e produtos, estão a Nestlé, a Livraria Siciliano, e a Varig⁶⁵. Além disto, Amado também foi tema de escolas de samba por todo o Brasil.

A memória do autor de *Gabriela* torna-se então institucionalizada por intermédio da fundação que leva o seu nome como também através de políticas culturais. Desta forma, se institucionalizaram também a figura de Amado, e a sua produção literária, enquanto ícones regionais e nacionais sob o signo de patrimônio histórico e cultural.

No caso específico da Casa de Jorge Amado, o seu valor como patrimônio concentra-se na guarda do acervo pessoal do escritor baiano e do seu “legado”. Compartilho aqui da

⁶³ZANIRATO, Silvia Helena. “A restauração do Largo do Pelourinho”, cit., p. 329.

⁶⁴ Destaca-se a denominação dos largos próximos a FCJA com nomes de personagens famosos criados por Amado como Quincas Berro D’Água, Teresa Batista e Pedro Archanjo.

⁶⁵ Em 1988 a Varig lançou em Lisboa o slogan “Varig voa de e para o país de Jorge Amado”. Cf. GOLDSTEIN, Ilana. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 258.

ideia de legado utilizada por Luciana Quillet no seu artigo “De ‘arquivo pessoal’ a ‘patrimônio nacional’: reflexões acerca da produção de legados”:

Refiro-me ao investimento social por meio do qual uma determinada memória individual é tornada exemplar ou fundadora de um projeto político, social, ideológico etc., sendo, a partir de então, abstraída de sua conjuntura e assimilada à *história nacional*. Nesse movimento, configura-se um outro tipo de legado, de natureza memorial, materializado em arquivos, peças e toda sorte de registros que remetam à figura e atuação do personagem, que passa a ser objeto de ações de preservação e divulgação, por meio das quais, por sua vez, o legado substantivo atribuído ao personagem é constantemente atualizado e ressignificado.⁶⁶

Neste sentido é importante fazer uma leitura destes registros materiais que compõem o acervo pessoal de Jorge Amado de forma a mostrar em que sentido o legado deste indivíduo, que compõe o patrimônio nacional é tratado pela FCJA. Deve-se lembrar, tal como foi dito anteriormente, que por ter sido concebida e supervisionada pelo próprio romancista, a Casa tende a seguir a narrativa autobiográfica que o autor buscou criar.

Por este motivo, a forma como estão disponibilizadas as peças do acervo devem ser interpretadas de forma se considerar os “riscos da ilusão biográfica”, tal como alude Bourdieu. Assim, pela propensão de tornar-se ideólogo de sua própria vida, a trajetória do intelectual apresentada é aquela que busca dar sentido, tornar razoável e extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva de forma a alinhar os elementos em etapas de um desenvolvimento necessário⁶⁷.

Para Luciana Quillet, este esforço de produção de uma narrativa de si apareceria na construção dos legados não só na tentativa de conferir sentido e continuidade, mas também no esforço em estabelecer marcos, periodizar e principalmente, qualificar a experiência de modo a produzir uma trajetória exemplar.⁶⁸ Isto pode ser identificado em uma análise do material componente do acervo pessoal de Jorge Amado que é disponibilizado e exposto pela fundação. Segundo a coordenadora executiva da instituição:

[...] a FCJA abriga em sua sede, além de uma exposição permanente sobre o autor, um acervo constituído de manuscritos bibliográficos e manuscritos diversos, correspondências e outras peças documentais, de uma extensa coleção de fotografias, vídeos e cartazes, assim como de prêmios, troféus, comendas, e

⁶⁶ HEYMANN, Luciana. “De ‘arquivo pessoal’ a ‘patrimônio nacional’ : reflexões acerca da produção de legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Trabalho apresentado no I Seminário PRONEX Direitos e Cidadania apresentado no CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, 2-4 de ago de 2005, p. 2.

⁶⁷ Cf. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 184.

⁶⁸ HEYMANN, Luciana. “De ‘arquivo pessoal’ a ‘patrimônio nacional’ : reflexões acerca da produção de legados”, cit., p. 5.

dignidades recebidos e objetos outros que se relacionam com o romancista e sua obra, além de inúmeras edições de seus livros, publicados em 60 países dos cinco continentes.⁶⁹

Estes variados objetos que compõem o acervo são por sua vez perpassados por significados simbólicos que destacam a singularidade e o caráter exemplar da trajetória do romancista, de forma a contribuir não só no processo de “fabricação do imortal” como também do ícone nacional Jorge Amado. Isto porque carregam um projeto implícito de “civilização brasileira” pelos valores que acionam na sua relação com aspectos exemplares da trajetória de Amado que o elevam ao status de patrimônio histórico nacional.

No caso de Jorge Amado, o que se pode dizer é que o caráter exemplar de sua trajetória, que é reificada pela fundação, está relacionada a aspectos de sua vida que exaltam a representatividade do mesmo frente ao povo, a sua sociabilidade, como também a bandeira que levanta pela paz e tolerância entre os homens no que diz respeito à raça, credo e posicionamento político-partidário.

Tais características têm a sua positividade construída ao longo do processo histórico e quando evocam uma identidade nacional, segundo estes termos, a partir da figura do romancista, podem ser melhor compreendidas através do estudo de culturas políticas e culturas históricas. Ao mesmo tempo, ajudam a esclarecer culturas políticas e históricas já que derivam de um processo de influência mútua.

Neste caso, estes valores que contribuem na edificação e valorização da pátria, têm os seus significados articulados a partir das diferentes formas pelas quais o homem concebe o seu passado em diferentes momentos da história. Assim, por exemplo, o caráter “pacífico” e a larga rede de sociabilidade de Jorge Amado, foram interpretadas de forma negativa por alguns setores da esquerda, no fim dos anos 1950, por contrariarem, aos olhos dos mesmos, os ideais revolucionários que levariam à transformação social e o progresso da nação.

Por este motivo a formulação e consolidação da memória nacional sobre Jorge Amado que o concebe enquanto ícone de certa brasilidade relaciona-se intrinsecamente ao desenvolvimento de uma cultura histórica, legitimada por culturas políticas a partir de políticas culturais, das quais Amado participou direta ou indiretamente, de acordo com o seu posicionamento no campo intelectual e político.

⁶⁹ FRAGA, Myriam (Org.). *Fundação Casa de Jorge Amado*, cit., p. 17.

3. Uma memória consagrada: o post mortem de Jorge Amado

O quadro que se forma após a morte de Jorge Amado pode ser considerado como um momento singular de rememoração ou reavaliação coletiva da vida e obra deste autor quando a sua trajetória pessoal e intelectual se fez pronta e acabada pelo imperativo de seu falecimento.

Neste curto período que concerne principalmente aos dias imediatamente seguintes à morte do escritor – ocorrida em agosto de 2001 – houve uma proliferação de relatos de naturezas diversas, muitos dos quais apareceram na mídia. Este material está reunido na série “memórias” do acervo pessoal de Jorge Amado e compõem uma fonte de pesquisa riquíssima para se observar como diversos grupos e agentes sociais percebiam Jorge Amado e como gostariam que ele fosse lembrado na posteridade. Além de selecionarem fatos e de produzirem certa interpretação do sentido da vida e obra do autor, estes agentes contribuíram para evidenciar aquele que seria – ou que deveria ser – o legado intelectual do intelectual.

É bastante significativo o fato destes recortes de jornais e revistas e cópias de notícias que circularam na internet naquele momento, estarem agrupados segundo a classificação “memórias”. A aplicação do termo neste caso parece estar estreitamente relacionada ao corrente uso da expressão latina “in memoriam” – ou de sua referente no português, “em memória” – que significa “em lembrança de”, “em recordação de”, empregada quando se pretende fazer uma homenagem póstuma, em que muitas vezes fatos da trajetória do morto são acionados como meio de celebrar a sua vida.

Em capítulo intitulado “No adeus a Jorge Amado”, que integra a tese de doutorado em Letras e Linguística de nome *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*, Márcia Rios analisa este material da seguinte forma:

As notícias produzidas, que vieram testemunhar uma larga recepção de público, configuram-se como narrativas biográficas, com estrutura aberta, semelhante à do romance, uma vez que vários fatos e informações ligados ao escritor, somados aos depoimentos de pessoas de diferentes campos de atuação, iam sendo agregados ao “fato em si”, a morte.⁷⁰

Relacionados a estas narrativas biográficas, há também os documentos localizados na pasta “homenagens póstumas”, que em sua maioria reúnem acontecimentos indicados nestas “narrativas”. Trata-se de relatos sobre ações mais pontuais *in memoriam* de Jorge Amado,

⁷⁰ DA SILVA, Márcia Rios. *O rumor das cartas*, cit., p. 154.

como a criação do “Prêmio Jorge Amado de Cultura e Arte”, a nomeação de uma instituição privada de ensino superior com o nome do romancista, e a mudança do nome do aeroporto de Ilhéus para Aeroporto Jorge Amado.

Pela sua natureza plural e pela origem diversa, estas fontes traduzem claramente as diferentes memórias concorrentes sobre Amado que foram produzidas ao longo de sua vida, e que, pelo advento de sua morte, entraram em uma intensa disputa.

De um modo geral, destacaria aqui uma “batalha” de memória em que os agentes concorrentes selecionam e valorizam os aspectos que acreditam ser mais relevantes e que enaltecem positivamente a memória do falecido de acordo com a interpretação dos mesmos. Assim, pode-se encontrar em títulos de matérias de jornais e no corpo das mesmas, expressões iguais ou similares a “Jorge, o generoso”, “o solidário Jorge Amado”, “meu amigo Jorge Amado” e também, “Jorge Amado, o vermelho”.

Estes discursos tendem, a reforçar a figura do “herói” Jorge Amado ao enaltecerem suas virtudes e seus feitos, em detrimento de seus defeitos e “pecados”, que, em muitos casos, são absolvidos, esquecidos, silenciados ou amenizados com a morte do indivíduo. Por este motivo, o falecimento tem um peso importante na construção do herói por estimular a evocação de suas glórias e também por torná-lo sagrado, ao posicioná-lo no âmbito do etéreo ou do divino, como muitos creem.

Na epígrafe que introduz seu artigo “Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional”, a autora Olgária Chain retoma uma importante análise feita por V. Jankélévitch a respeito desta relação da construção do herói com a morte:

Os homens crêem que o instante terminal de sua vida libera, por si só, uma mensagem: a morte seria o momento de revelações, momento solene por recapitular o passado e pela novidade desconhecida de que é portadora. É o fim que, retrospectivamente, ilumina com uma súbita claridade uma vida inteira, de agora em diante, terminada, consagrando-lhe valor [...]. Só a morte transforma uma vida em destino.⁷¹

Com a morte, a trajetória do indivíduo parece, portanto, tomar a forma de destino, já que as narrativas biográficas produzidas neste momento passam a buscar uma compreensão total do sentido da vida do falecido, como se a trajetória deste tivesse transcorrido ao longo de um percurso necessário e compreensível de acordo com seu “destino”.

⁷¹ JANKÉLÉVITCH, V. *La reconnaissance*. Paris: Éditions du Seuil, 1980, p. 138. apud MATOS, Olgária Chain Féres. “Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional”. *Tempo Social - Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 6 (1-2), 1994, p. 83.

A disputa se faz, deste modo, em torno do sentido ideal da vida do autor que deve ser preservado para a posteridade, já que certos aspectos enaltecem sua figura para uns, enquanto para outros, os mesmos aspectos parecem maculá-la. Trata-se, por isso, de uma questão de interpretação, ou melhor, de sentidos dados por diferentes indivíduos, ou segmentos, a um mesmo elemento, ou aspecto da trajetória do autor.

Apesar desses relatos, em sua maioria, buscarem positivar a imagem do romancista e sua obra, encontra-se também aqueles que, à revelia do “clima” fúnebre, se posicionaram neste embate de memória de forma a destacar os “erros” e “pecados” do autor. Um interessante caso é verificado por Márcia Rios que alude a uma matéria do *Jornal do Brasil* intitulada “O Brasil Amado por Jorge”⁷², em que o articulista acusa Jorge Amado de ter sido “um dócil propagandista da máquina do Kremlin”, pela militância política que exerceu junto ao PCB, e de ter sucumbido à “máquina mercante da indústria cultural”, cujas produções teriam moído a sua rebeldia.⁷³

A autora revela ainda que a matéria foi objeto de críticas na sessão de cartas, publicada no dia seguinte no mesmo jornal. Uma destas revela uma feroz crítica feita por Zola Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes, que questiona o posicionamento do jornal e oferece uma nova interpretação dos fatos, argumentando em favor da militância política de Jorge Amado e de sua posterior aproximação com a indústria cultural.

Ao que parece, pelo menos neste momento, as vozes consideradas depreciadoras da memória sobre Jorge Amado são veementemente combatidas em detrimento daquelas que o glorificam e o enaltecem como gênio criador e herói. Apesar disto, é importante ressaltar também que este tipo de herói em que é enquadrado Jorge Amado não é aquele tipo romanesco, puro, santificado. Há de se lembrar, por exemplo, que o autor ficou conhecido popularmente como poeta “das putas e dos vagabundos”.

O romancista estaria mais identificado como um herói popular: próximo ao povo, parecido com o povo e defensor do povo. Entretanto, como todo herói, o escritor é visto como alguém de personalidade invulgar, cujos atributos singulares da alma estariam expressos em um caráter exemplar, e por isso, digno de ser celebrado. É de acordo com esta lógica, que os relatos produzidos no *post mortem* do autor ajudam na análise da forma como se consagrou a memória sobre Jorge Amado, e em especial aquela que o identifica como ícone nacional.

⁷² Cf. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 ago. 2001. p.1. A matéria em questão foi publicada na mesma data do enterro do romancista.

⁷³ DA SILVA, Márcia Rios. *O rumor das cartas*, cit., p. 154.

Esta associação de Jorge Amado a símbolo da nacionalidade talvez se torne mais evidente quando tomamos como ponto de partida a sua morte e a sua elevação como herói, já que heróis são fontes de identificação imaginária ou de identidade coletiva e esta identificação se torna ainda mais rápida e intensa quando a mídia transforma a morte em espetáculo ou entretenimento.⁷⁴

No caso de Jorge Amado isto é perceptível pela ampla cobertura oferecida pela mídia ao episódio de seu falecimento, pela série de programas que trataram do assunto e pelos especiais de TV que recordaram a trajetória de Amado e veicularam parcialmente, ou integralmente, algumas das produções cinematográficas baseadas nas obras do autor.

Assim, fica evidente a comoção pública gerada em torno do falecimento do célebre autor, principalmente no lugar onde nasceu, viveu e produziu durante a maior parte de sua vida: o seu país, o Brasil. Por ter sido um autor internacionalmente conhecido, a nacionalidade do mesmo é constantemente acionada não só por brasileiros como por estrangeiros que comentaram a sua morte na mídia.

Não se pode negar que a identidade regional baiana de Amado tenha sido também bastante evocada neste momento, mas não excluiu o peso e o valor da nacionalidade brasileira do escritor, igualmente lembrada neste episódio. Muitas vezes, inclusive, estabeleceu-se um sentido gradativo de identificação e pertencimento do mesmo: da Bahia para o Brasil e do Brasil para o mundo.

A identidade baiana do romancista é, entretanto, comumente entendida pelo mote Bahia-síntese-do-Brasil, não escapando, portanto do viés nacionalista. E mesmo a “universalidade” do autor parece ser compreendida em referência ao seu pertencimento nacional. Isto fica evidente no relato de Márcio Moreira Alves, ao retomar Ariano Suassuna para falar de Jorge Amado por ocasião de sua morte:

Só é universal quem for profundamente nacional, diz Ariano Suassuna, exemplificando com Cervantes, Camões e Shakespeare. Poderia acrescentar à lista ele mesmo que é um português nordestino, pronto a pegar no bacamarte para caçar o batavo pelos sertões, e, sobretudo, Jorge Amado, síntese desse misturado povo baiano, o mais brasileiro de todos, exceto, talvez os mineiros.⁷⁵

Isto pode ser explicado pelo fato de que apesar de vivermos em uma sociedade globalizante, em que as fronteiras socioculturais estão cada vez mais plásticas e flexíveis, a

⁷⁴ MATOS, Olgária Chaín Féres. “Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional”, cit., p. 87.

⁷⁵ ALVES, Márcio Moreira. “Dois mortos”. *A Tarde*, Salvador, Bahia, 11 ago. 2001. Coluna: Márcio Moreira Alves, p. 10.

nacionalidade ainda tem um importante significado social na orientação da vida de indivíduos e sociedades, não podendo ser desconsiderada.

Assim, mesmo descartando-se a existência de uma “personalidade coletiva”, as culturas nacionais apresentam repertórios simbólicos próprios que se pautam em vivências empíricas e estabelecem modelos sociais de conduta, frutos de uma negociação simbólica.⁷⁶

Por tudo isto é que o material encontrado no acervo pessoal de Jorge Amado, cujo estímulo de produção está ligado ao falecimento do autor, encontra-se permeado por discursos de fundo nacionalista que identificam a figura do escritor e o imaginário criado por ele enquanto ícones de certa representação da nacionalidade brasileira.

Neste sentido, este material nos permite compreender melhor de que forma Amado era entendido como símbolo nacional e de que modo se configura esta memória consagrada sobre o autor. Vale lembrar que os aspectos que definem este tipo de memória não estão formulados em discursos fechados, podendo ser encontrados em vozes de natureza e finalidade diversas.

O relato do capelão Josival Gomes Barbosa, um dos celebrantes da missa de sétimo dia em memória de Jorge Amado, é bastante elucidador neste sentido:

Às vezes é preciso ser ateu na vida original para se aproximar do Deus superior. Jorge teve algumas dificuldades neste sentido, o que não quer dizer que não tenha sido profundamente religioso”, afirmou Josival Barbosa. “Deus se revela de maneira especial na obra de Jorge. O que a gente percebe nela é um desejo imenso de construir uma **pátria**, cujos pilares sejam o amor, a compreensão e o respeito ao próximo.⁷⁷

Aqui se vê um importante aspecto da construção do herói nacional Jorge Amado que conjuga elevação do espírito e nacionalismo. A questão nacional, percebida na obra de Amado pelo capelão, parece estar atrelada a determinados valores cristãos – como “o amor, a compreensão e o respeito ao próximo” – que ajudam a corroborar a imagem do indivíduo de ideais nobres e altruístas cujo sentido maior da vida estaria ligado à luta pelo desenvolvimento e evolução moral de sua pátria: o herói nacional.

Além disto, o romancista é visto como alguém cujos atributos da alma lhes foram dados divinamente, mesmo tendo sido ateu confesso. Assim, independente do seu ateísmo, o caráter exemplar de sua alma, expresso em suas obras, traduziria o valor singular e elevado de

⁷⁶ Cf. AZEVEDO, Cecília. “Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão”. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 44.

⁷⁷ Cf. VITA, Marcos. “Celebração Ecumênica”. *Correio da Bahia*, Salvador, Bahia, 14 ago. 2001. Caderno Aqui Salvador, p. 1. Grifo nosso.

seu espírito, tornando-o sagrado ou digno de aclamação na medida em que se aproxima do sentido mais louvável de humanidade.

Isto aparece de forma bastante evidente no artigo “Amado inventor de almas”, em que o autor, Florisvaldo Mattos, ao narrar o episódio de sua entrevista com o romancista, faz a seguinte ponderação:

No gabinete de sua casa do Rio Vermelho, cercada de varandas e árvores, a brisa fresca penetrando por uma janela lateral, o escritor acomodava-se com a naturalidade de um iluminado e com a humanidade de um animador de vidas, um autêntico senhor da paz. [...] Cruel agosto que segue duro algoz da cultura baiana. [...] agora cerrou pesadamente o laboratório de um inventor de almas, Jorge Amado, grapiúna como eu, porém uma lâmpada espiritual a iluminar a humanidade e o mundo.⁷⁸

Neste sentido, a imagem de “inventor de almas” reforça ainda mais o caráter sagrado, ou divino do autor, visto que o aproxima da figura de um deus, ou de um semideus, capaz de criar almas ou vidas, de acordo com esta representação simbólica.

Ao que parece, esta visão era compartilhada coletivamente tal como sugere a seguinte declaração: “Jorge Amado pediu para não ser enterrado e teve seu desejo atendido. Evitou assim que o folclore do sincretismo cultural baiano que ajudou a construir, o sepultasse à moda de santo padroeiro.”⁷⁹ Deste modo, o relato indica que a figura popular de Amado, com a sua morte, estaria bem próxima a de “santo padroeiro”, imagem esta que se confirmaria nas celebrações de um possível enterro que não aconteceu, já que o corpo do autor foi cremado e as cinzas depositadas junto à mangueira plantada no jardim de sua casa.

A simplicidade e a humildade de Jorge Amado, atributos constantemente evocados nestes relatos *postmortem*, contribuem igualmente para valorização do espírito do romancista e de sua exemplaridade na sociedade se levarmos em consideração que estes também são valores cristãos e que a doutrina cristã é composta de parâmetros que guiam a vida de boa parte dos brasileiros.

Tal como expressa um dos jornais da época, a cerimônia realizada pelo sétimo dia de falecimento do autor teria sido singela e simples como forma de preservar o desejo de Jorge Amado de ser lembrado como um ser humano comum, tal como expresso nas páginas finais de seu livro *Navegação de Cabotagem* – obra esta, inclusive, que fez parte do ofertório da missa de sétimo dia para o autor – cujas palavras foram lembradas em um dos jornais:

⁷⁸ MATTOS, Florisvaldo. “Amado, inventor de almas”. *A Tarde*, Salvador, Bahia, 11 ago. 2001. Caderno Cultural, p. 3.

⁷⁹ GIRON, Luís Antônio. “Jorge Amado, o vermelho”. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 10. 08. 2001. Fim de Semana, p. 3.

Digo não ao discurso, à medalha, à fanfarra e aos tambores, à sessão solene, ao incenso [...] fujo aos festejos, ao fogo de artifício, ao banquete, fujo ao necrológio [...] Obstinado vou prosseguir com orgulho e humildade a tarefa de empenhar nos esconsos da cidade, conceber e parir homens e mulheres, capitães de areia, mestres de saveiro, jagunços, vagabundos, putas, são a inocência e a fantasia, nascem de minhas entranhas fecundadas pelo povo, do coração, dos miolos e das tripas, dos culhões.⁸⁰

Apesar de a missa ter sido considerada singela e simples, tendo se contabilizado a presença de 150 pessoas ao ato, não se pode dizer, o mesmo do velório. Segundo o jornal *O correio da Bahia*, esta celebração reuniu uma multidão de moradores do Pelourinho, de integrantes da Irmandade do Rosário dos Pretos, além de inúmeras personalidades de diferentes campos de atuação no Palácio da Aclamação, onde foi realizada a cerimônia fúnebre, aberta ao público.

Em ambos os casos, os jornais dão destaque ao sincretismo que marcou estas cerimônias. Por ocasião da missa, realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o jornal *A Tarde* publicou que “Durante a celebração, um coral com atabaques e agogôs, fundiu com talento o afro ao católico, num templo erguido por escravos proibidos de frequentarem as igrejas dos senhores no Brasil colonial”.⁸¹

A mesma configuração sincrética é atribuída ao velório, que também contou com ritos afro-brasileiros ao longo da cerimônia. O jornal *O Estado de São Paulo* apresenta inclusive um interessante relato destes ritos que revelam a maneira como Amado era percebido enquanto um líder, um ícone, um indivíduo *consagrado* tal como um rei.

[...] as irmãs da Boa Morte realizaram durante o velório no Palácio da Aclamação, um ritual de passagem, carregando e embalando o caixão funerário acreditando que dessa forma o espírito do escritor passaria para outra dimensão de uma forma tranqüila.[...] Elas foram precedidas pelo cantor Marcos Santana do terreiro de candomblé Axé Opo Afonjá, fundado pela família de Miguel Santana, inspirador do personagem Pedro Archanjo do livro *Tenda dos milagres*, do escritor baiano. Jorge Amado era obá alolu – representante civil da corte de Xangô – desse terreiro. Santana cantou a música *Funeral de um Rei Nagô*.⁸²

É interessante observar que o cortejo fúnebre de Amado se assemelha muito ao do personagem Pedro Archanjo em *Tenda dos Milagres*, que igualmente desfrutava de posição

⁸⁰ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*: anotações para um livro de memória que jamais escreverei. Ilustrações de Floriano Teixeira. apud VITA, Marcos. “Celebração Ecumênica”, cit., p. 1.

⁸¹ MENEZES, Bernardo de. “Atabaques na missa de 7º dia de Jorge Amado”. *A Tarde*, Salvador, Bahia, 14 ago. 2001. Caderno Local, p. 2.

⁸² TALENTO, Biaggio. “Jorge Amado é velado em clima de sincretismo”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 ago. 2001. Coluna Memória, p. 10.

elevada na hierarquia do candomblé e teve seu cortejo embalado por um ritual nagô. A despeito das inúmeras semelhanças que possam ser identificadas entre o autor e seu personagem, enfatizo aqui que, tal como o seu criador, Archanjo também foi considerado herói nacional e a sua memória, igualmente objeto de disputas de diversos gêneros.

Na continuação do artigo anteriormente citado a respeito da preferência do romancista por ser cremado, evitando ser enterrado como “santo padroeiro”, o autor da reportagem ainda faz a importante ressalva sobre a importância de se pensar com mais cuidado o legado do romancista. Segundo ele, “a qualidade de sua obra literária é posta em dúvida com frequência nos meios literários, sempre ao sabor de relações de amizade e disputas político-ideológicas”.⁸³

Percebe-se aqui a intenção de se alertar para a necessidade de uma leitura mais equilibrada das obras de Amado no sentido de se avaliar a sua qualidade literária, segundo um olhar mais neutro. Entretanto este discurso parece estar ele mesmo carregado de certo idealismo, no sentido de que pretende exaltar o valor da produção literária de Amado, a despeito de qualquer possível crítica. Afinal, para o articulista, este esforço parece ser necessário por se tratar do escritor brasileiro que teve mais leitores e tradutores, tal como afirma no início da reportagem, logo, que deve ter a sua qualidade literária devida e previamente reconhecida no conjunto da literatura brasileira.

Como se vê, a consagração do romancista como um expoente nacional passa necessariamente pelo seu sucesso de vendas em solo nacional e internacional, e este sucesso está ligado intrinsecamente ao caráter popular regional e nacional de suas obras, à sua receptividade e reconhecimento. Isto talvez porque, ao ser profundamente regional, Amado conseguia ser profundamente nacional de forma a atingir a universalidade, segundo a lógica de Ariano Suassuna lembrada no artigo anteriormente citado.

Essa capacidade de Amado de representar o povo brasileiro pode ser bem percebida na forma como a imprensa internacional noticiou o falecimento do escritor. O *Diário de Notícias* de Portugal fez um interessante balanço da cobertura internacional dada ao acontecimento, valendo a pena destacar aqui o modo como o romancista foi evocado: “O Brasil chora a morte de Jorge Amado, o escritor da magia e da sensualidade” (*El País*), “Brasil despede-se do autor que melhor soube interpretar a sua alma” (*El mundo*), “o libertador do povo brasileiro” (*Le Monde*), “o chantre da mitologia brasileira” (*Le Figaro*), “Brasil perde a sua pena” (versão online do *Libération*), “Eu e Jorge, Alma do Brasil” (texto de Paulo Coelho publicado no

⁸³ “Um legado polêmico”. *Gazeta Mercantil*, Salvador, 10 ago. 2001. Sessão Memória, p. A-1.

Corriere della Sera), “numa nação onde o futebol é rei, Mr. Amado era o Pelé da palavra escrita” (*The New York Times*).⁸⁴ O jornal francês *Le Monde* ainda o lembraria como “o autor que melhor descreveu o espírito ao mesmo tempo lírico, trágico, sensual e místico do brasileiro”, segundo fontes do *Jornal da Tarde* de São Paulo.⁸⁵

Termos muito semelhantes foram empregados pela imprensa nacional na mesma ocasião, o que reforça a evidência de que, apesar das declarações do autor contrárias a celebrações em sua homenagem e do esforço que fazia para ser compreendido como um brasileiro “comum”, Amado foi concebido como um expoente nacional elevado à figura de ícone, de um herói da sua nação, principalmente após a sua morte.

O que interessa investigar é de que tipo de nacionalidade brasileira o autor seria representante, sobretudo no momento em questão. Isto é, que aspectos, que elementos da sua trajetória e da sua produção literária foram acionados para marcar o seu caráter de símbolo nacional.

A declaração de Clotilde de Lourdes no artigo “Jorge Amado e a Academia de Lyon” nos ajuda a pensar sobre o que especificamente da literatura *amadiana* era comumente selecionado, ou enfatizado como marca de certa nacionalidade brasileira. Ao narrar fatos de sua vida e de sua relação com a produção literária do escritor, a autora diz como chegou a ter uma compreensão do valor da obra de Jorge Amado como representativa da brasilidade no final da década de 1960, na França. Segundo Clotilde:

Naquela época o mundo não era tão globalizado e o Brasil ainda era visto pelos franceses como um país distante, assim a oportunidade de conversar com uma brasileira e saber como funcionava este “continente tropical” era uma grande novidade. A primeira dificuldade sempre foi fazer todos entenderem que eu não vivia em uma cidade tropical e que minha cidade tinha invernos úmidos e frios. [...] Imediatamente percebi que Jorge Amado, com seus enredos centrados na Bahia era muito mais atraente para os franceses do que Érico Veríssimo. Ficou evidente que a idéia de temperos e sabores exóticos, a mistura de raças, o misticismo de um povo que entrelaçava o catolicismo e as crenças de origem africana, as músicas com ritmos primitivos, a antevisão de praias deslumbrantes e a imagem de mulheres sensuais formavam um conjunto capaz de “balançar os franceses”.⁸⁶

⁸⁴ Cf. MOTTA, Sérgio Barreto. “Despedida baiana ao escritor”. *Diário de Notícias*, Portugal, 9 ago. 2001. Literatura: Morte de Jorge Amado.

⁸⁵ Cf. “O adeus a Jorge Amado”. *Jornal da tarde*, São Paulo, 12 ago. 2001. A semana.

⁸⁶ GERMINIANI, Clotilde de Lourdes Branco. “Jorge Amado e a Academia de Lyon”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, Paraná, 10 ago. 2001. p. 12.

Este relato, que se assemelha inclusive com o de Ilana Seltzer Goldstein na “Introdução” de *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*⁸⁷, é bastante esclarecedor de como o imaginário criado por Amado opera ao se inserir nas dinâmicas em torno da nacionalidade.

Isto porque esse “conjunto capaz de ‘balançar os franceses’” seduziria pela força do exotismo, que marcaria a diferença e originalidade da cultura brasileira em relação à europeia. Assim ao identificarem a cultura brasileira principalmente através de textos de Amado, e não de Veríssimo, por exemplo, o europeu selecionaria particularidades do povo baiano, idealizado por Amado, como representativos da nacionalidade brasileira.

Este fato se torna ainda mais compreensível se lembrarmos que a identidade de um povo se faz fortemente por oposição em relação a outro de acordo com o princípio da alteridade. E é essa imagem de Brasil como paraíso tropical em que reside um povo exótico, místico e sensual, que vai predominar nas interpretações estrangeiras a respeito do caráter nacional da obra de Jorge Amado, e que será reafirmada pelo evento de sua morte.

Não se pode, entretanto deixar de lado os contextos internacionais e nacionais que viabilizaram esta forma de pensar a obra do romancista baiano, e que ajudam a compreender o sucesso de Amado tanto em solo nacional como internacional.

Adiarei, todavia o aprofundamento de algumas destas reflexões, desenvolvendo-as de maneira mais adequada nos capítulos seguintes. Ainda assim, cabe destacar que a reflexão que se busca fazer sobre o porquê e como se consagrou uma memória sobre Jorge Amado que o concebe como ícone, como herói nacional não diminui o valor e a importância do escritor. O movimento de dessacralização ou de desnaturalização tem como objetivo aqui fazer com que se perceba o intelectual e sua contribuição para o Brasil e o mundo para além da caricatura fácil e do estereótipo que é sempre reducionista.

Trata-se então de um convite ou de um desafio de perceber o ser humano complexo que está por trás do herói e do mito Jorge Amado, compreendendo-o em seus contextos específicos de produção e atuação enquanto artista e intelectual de seu tempo.

⁸⁷ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit.

4. Os *Cadernos de Leitura* e a valorização do “artista da mestiçagem”

Elaborados pela Companhia das Letras em um esforço conjunto com a reedição da obra de Jorge Amado por esta editora, os *Cadernos de Leitura* dedicados ao escritor têm como pretensão “dar apoio didático aos professores do ensino fundamental e médio que queiram utilizar a obra do romancista nas escolas”.⁸⁸

Além de artigos produzidos por intelectuais que se debruçaram sobre o estudo de Jorge Amado, estes cadernos trazem ainda sugestões de leitura e de atividades, imagens e depoimentos como forma de ajudar os professores na tarefa de divulgar e ampliar o contingente de leitores no Brasil.

Objetivam, portanto, a divulgação da obra de Jorge Amado bem como de sua trajetória e contribuição intelectual através do ensino institucionalizado. Porém, ao mesmo tempo em que pretendem realizar um primeiro contato de um público leigo com o romancista e sua produção literária, o fazem segundo recortes, abordagens, e discursos que revelam certo posicionamento dos colaboradores destas publicações no embate de memórias sobre o autor, um posicionamento que parte da própria forma como é orientado ou concebido o projeto.

Neste sentido, é possível notar que os cadernos trazem em si uma determinada forma de conceber o sentido da vida e obra de Amado que passa por uma compreensão do mesmo enquanto intérprete de uma brasilidade popular e mestiça. Uma compreensão que já se encontra sedimentada no imaginário social.

Desta forma, podem funcionar como perpetuadores de um mito sobre o autor para as novas gerações, uma vez que o ensino institucionalizado apresenta-se como um importante meio de sacralização de memórias e discursos em nossa sociedade. Deve-se considerar também, que estão envolvidos neste projeto intelectuais consagrados como Lilia Schwarcz e Alberto da Costa e Silva que, pela sua notoriedade, conferem chancela acadêmica aos discursos veiculados.

No que se refere ao último, isto ocorre, particularmente, pelo fato de ser ele embaixador e especialista em África, configurando-se então como uma autoridade que afere credibilidade aos aspectos que dizem respeito neste trabalho à questão racial no Brasil em sua associação com a África.

Como ocorre com a maioria dos materiais didáticos, que têm como objetivo dar suporte ao professor no processo de ensino e aprendizagem, os cadernos acabam passando

⁸⁸ SILVA, Alberto da Costa e, SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Nota do editor”. In: GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). *A Literatura de Jorge Amado*, cit.

uma visão naturalizada sobre o autor e sua obra no que diz respeito ao vínculo entre a imagem de Amado e a de Brasil, ainda que se observe um esforço contrário.

De um modo geral, os embates em torno da memória sobre o escritor, cuja observância poderia ajudar na tarefa de desvendar e dessacralizar o mito já referido, não são considerados nos *Cadernos*. Inclusive não seria de se esperar grandes preocupações dessa ordem em um projeto que pretende a monumentalização de um autor. Deste modo, reifica-se um discurso pronto que perpassa em graus variados, diferentes textos.

É interessante observar que a proposta explicitada no primeiro caderno é a de “indicar caminhos e pistas para a interpretação de sua produção escrita, no que se refere aos temas e aos recursos linguísticos que ele explorou com grande habilidade, às vezes disfarçadas por uma naturalidade aparentemente ingênua”.⁸⁹

Ainda que se observe nesta declaração uma tentativa em desnaturalizar certos aspectos nas obras de Amado e trazer “pistas” e “caminhos” que poderiam levar a interpretações múltiplas de sua produção escrita, estes processos ocorrem, invariavelmente, a partir de indicações, orientações que guiam o leitor nesta tarefa. Assim, deve-se atentar em que direção levam determinadas escolhas e suas possíveis consequências na sacralização de um imaginário sobre Amado.

Os *Cadernos* foram concebidos em duas publicações que se complementam tematicamente. *A Literatura de Jorge Amado*, o primeiro livro produzido, trata especificamente das questões de língua e literatura, enquanto que *O universo de Jorge Amado* é dedicado às questões socioculturais da produção *amadiana*.

Os artigos veiculados em cada um destes, por sua vez, se ocupam de temáticas específicas, que associadas, passam ao leitor a sensação de ter acessado todo o universo possível de questões que cada um dos volumes se propôs a tratar. *A Literatura de Jorge Amado*, por exemplo, apresenta artigos que se debruçam sobre os diálogos estabelecidos pelo autor entre ficção e realidade, a representação do feminino e a representação da sociedade, a prosa desenvolvida por Amado em seus romances, etc. Já *O universo de Jorge Amado* é composto por textos sobre a militância política do autor e sobre a presença de temas como mestiçagem, religião e sincretismo e identidade nacional em sua obra.

Deste modo, não se observa conflito de ideias entre os artigos escritos por diferentes autores, o que poderia ocorrer, quando textos sobre a mesma temática são confrontados. Além

⁸⁹ GOLDSTEIN, Norma Seltzer. “Apresentação”. Ibid., p.9.

disto, cada um destes parece ser orientado segundo uma lógica comum que é explicitada tanto nas notas dos editores como nas apresentações que introduzem os livros.

Na apresentação que inicia *A Literatura de Jorge Amado*, assim é justificado o interesse na elaboração e divulgação do material em sala de aula:

A equipe que elaborou este caderno espera que ele seja um apoio útil para os professores conduzirem seus alunos na análise e interpretação da obra de Jorge Amado, por três razões: por sua escrita ser capaz de despertar o gosto pelo gênero narrativo, por ser ele um autor significativo na história da nossa literatura e **pelo fato de sua obra apresentar uma concepção da identidade nacional**.⁹⁰

Parte-se, portanto, do pressuposto de que Amado é um intérprete de Brasil, e este é um dos motivos, pode-se supor, que levaram à reedição das obras do romancista e à elaboração do *Caderno*. Esta forma de conceber o escritor e sua literatura parece guiar, por sua vez, a abordagem das diversas temáticas tratadas. Assim aspectos que compõem uma visão do nacional formulada por Amado a partir de certo momento de sua trajetória são tomados, como elementos comuns a todo o conjunto de sua produção literária, tal como deixa entrever a seguinte passagem: “Em suas obras, Jorge Amado retrata os costumes da sociedade baiana em diferentes épocas, mesclando o tom humorístico à visão otimista de mundo”.⁹¹

Ao generalizar características da produção *amadiana* que marcam um contexto específico de sua trajetória intelectual – tais como a utilização do humor, a visão otimista, e uma maior preocupação em fazer romance de costumes – para todo o seu conjunto literário, as autoras acabam conduzindo a uma leitura que reitera e celebra o mito *amadiano*, contribuindo para sua disseminação.

Outro destaque conferido a Amado não só como intérprete mas também como produtor de uma identidade nacional brasileira a partir da Bahia aparece em nota dos editores Alberto Costa e Silva e Lilia Moritz Schwarcz na qual afirmam que um dos enfoques do trabalho é a “prosa saborosa desse literato que inventou, a partir de seus livros, um Brasil baiano”.⁹²

Entretanto, é na segunda publicação dos *Cadernos de Leitura* sobre Jorge Amado, *O Universo de Jorge Amado*, que esta associação entre Amado e o Brasil encontra-se ainda de forma mais clara: “tomamos Jorge Amado como um intérprete privilegiado do Brasil, e que

⁹⁰ GOLDSTEIN, loc.cit.

⁹¹ GEBARA, Ana Elvira Luciano e NOGUEIRA, Sílvia Helena. “A prosa de Jorge Amado: expressão de linguagens e costumes”. Ibid., p. 57.

⁹² SILVA, Alberto da Costa e, SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Nota do editor”. Ibid., p. 5.

permite, por meio de outras portas e janelas, revisitar este mesmo país.”⁹³ De outro modo, a editora afirma ainda:

A literatura sempre foi um reflexo, mas também um elemento produtor da nossa identidade, e Jorge Amado é figura de ponta para, bem acompanhados, entendermos com quantas obras e romances se constrói uma visão privilegiada desse Brasil tão difícil de explicar e definir.⁹⁴

Aqui, pode-se perceber claramente que além de conceber certo modelo de Brasil associado ao autor como uma legítima representação da nação, as autoras destacam esta visão de brasilidade como sendo privilegiada. Isto porque ela apresentaria “elementos pinçados de um país tão real como imaginário”, que de um e outro modo, nos ajudaria a compreender, através dos livros do romancista, “aspectos sociais e culturais fundamentais da própria sociedade brasileira”.⁹⁵

A representação de Brasil associada a Amado que é celebrada neste livro, por sua vez, é aquela que exalta o caráter “mestiço, alegre, festeiro e sensual”⁹⁶ do povo brasileiro e seria esta forma de representar e projetar o país para o mundo que faria de Amado “o inventor do Brasil moderno”⁹⁷.

Segundo José Castello, que assina o artigo “Jorge Amado e o Brasil”, essa afirmação não seria exagero porque:

Não há escritor brasileiro que tenha a imagem pessoal tão ligada a de nosso país quanto ele. Quem não se lembra de sua presença farta e calorosa e de seu jeito informal e vivaz de existir? Bonachão e sorridente, Jorge guardava em sua figura um tanto da inocência do Brasil profundo em que nasceu [...]. Com um sorriso amplo de quem levava a vida com leveza e displicência.⁹⁸

Nesta declaração fica explícito que a vinculação que é feita entre Amado e o Brasil vai além da ideia de intérprete ou de “inventor” de Brasil. O autor é compreendido aqui como símbolo de uma brasilidade que estaria associada a seu próprio jeito de ser, materializado por exemplo, nos seus “quilinhos a mais” e na utilização de “camisas coloridas um tanto fora de moda mas em sincronia com seu temperamento tropical”.⁹⁹

⁹³ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Apresentação”. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *O universo de Jorge Amado*, cit. p. 8.

⁹⁴ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Apresentação”. *Ibid.*, p. 9.

⁹⁵ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Apresentação”. *Ibid.*, p. 8.

⁹⁶ GOLDSTEIN, loc. cit.

⁹⁷ CASTELLO, José. “Jorge Amado e o Brasil”. *Ibid.*, p. 11.

⁹⁸ CASTELLO, José. “Jorge Amado e o Brasil”. *Ibid.*, p. 11 e 12.

⁹⁹ CASTELLO, José. “Jorge Amado e o Brasil”. *Ibid.*, p. 13.

A análise que o autor realiza da trajetória intelectual do romancista atribui especialmente grande valor à sua “fase” pós *Gabriela e Dona flor*, quando Amado se consagraria então como grande “retratista” do Brasil.

A partir daí Jorge Amado passa a pintar a imagem de um Brasil afirmativo e cheio de otimismo, em que, nem mesmo as contradições mais fortes e os sofrimentos mais graves atrapalham os projetos de felicidade. [...] Ele se torna o Brasil. Ricos e miseráveis, pudicos e devassos, brancos e negros, místicos e descrentes, todos convivemos em uma mesma terra. E é essa mistura que nos define como nação.¹⁰⁰

O posicionamento do articulista se mistura nesta declaração com aquela visão de Brasil atribuída a Amado. Inicialmente José Castello utiliza a expressão “a imagem de um Brasil”, o que apontaria a aceitação de outras imagens de Brasil. Entretanto, logo em seguida, ele afirma que Jorge Amado “se torna o Brasil” e que “é essa mistura que nos define como nação”, o que sugere um entendimento de que o país é de fato da forma associada a Amado.

Ao tratar da trajetória pessoal e intelectual do romancista, José Castello parece querer demonstrar como que a “cara” do Brasil vai tomando forma nos livros de Amado com o passar dos anos, num processo de progressivo amadurecimento do autor. De outro modo, a própria imagem do país seria esboçada e burilada a cada romance.

Assim, a nação representada por Amado em seu primeiro livro é apresentada como “uma imagem trêmula, indefinida, de um país que ainda está para construir”¹⁰¹ e caberia a Amado executar esta tarefa. O autor diz que “o Brasil começa a aparecer com mais nitidez”,¹⁰² por sua vez, no segundo romance do escritor e que se revelaria, em sua forma plena na obra *Gabriela cravo e canela*. Segundo o articulista, este romance lança Amado, de vez, “em uma nova visão do Brasil e do mundo, agora não mais esquemática ou programática, mas viva, cheia de contradições e de incongruências – como a realidade de fato é.”¹⁰³

De acordo com esta interpretação, os aspectos relacionados à literatura de Amado inaugurados com *Gabriela* e que se relacionam diretamente com o modo como o romancista pensava a brasilidade parecem ter mais valor do que aqueles que caracterizaram as obras anteriores. A partir deste romance Amado teria conseguido por fim “pintar” a realidade como “de fato é”.

Se não conseguiu antes, poder-se-ia dizer, segundo esta lógica, que um dos motivos era não haver uma identidade de Brasil definida, imagem esta que parece ter sido elaborada

¹⁰⁰ CASTELLO. José. “Jorge Amado e o Brasil”. Ibid., p. 17.

¹⁰¹ CASTELLO. José. “Jorge Amado e o Brasil”. Ibid., p. 13.

¹⁰² CASTELLO, loc. cit.

¹⁰³ CASTELLO. José. “Jorge Amado e o Brasil”. Ibid, p. 16.

paulatinamente por Amado em seus romances. Depois de findada esta construção pelo romancista, nenhuma outra parece ter ilustrado tão perfeitamente a nação para José Castello.

Ao se inventar como escritor, Jorge Amado reinventou o Brasil. A partir dele não podemos mais pensar em nosso país sem as cores e o sensualismo, a mestiçagem e o sincretismo, a fibra e a alegria que norteiam suas narrativas. Nós, que nascemos a partir da metade do século XX, somos filhos e herdeiros dessa literatura. Somos, de alguma forma, seus personagens também. Se o Brasil tem um autor, ele se chama Jorge Amado.¹⁰⁴

Neste trecho, o autor tende, portanto, a “engessar” uma imagem de Brasil mestiço, sensual, sincrético sem a qual não poderíamos pensar o nosso país. É como se a “alma” nacional fosse descoberta ou inventada por Amado e por isto, não seria possível conceber qualquer outra.

O autor deixa de lado, desta forma, as disputas em torno da identidade nacional que ocorrem em toda e qualquer sociedade, reificando uma visão monolítica de brasilidade. Assim, contribui para a sacralização de um imaginário tanto de Brasil como de Jorge Amado, e de um através do outro.

Dentre as atividades sugeridas pelo autor, chama atenção aquela que propõe ao professor assistir com seus alunos o filme *Tieta do Agreste* e incentivá-los a buscar identificar no filme “características do Brasil construído por Jorge Amado em seus romances”, atentando para “as cores, o sensualismo, a mestiçagem e o sincretismo, a fibra e a alegria dos personagens”.¹⁰⁵ Esta atividade, pode levar, pelo que já foi dito, a uma percepção estereotipada do autor e de sua percepção da realidade nacional, já que a análise é fixada em uma obra específica do romancista.

Em “O artista da mestiçagem”, Lilia Moritz Schwarcz é mais cuidadosa ao avaliar a trajetória intelectual de Amado e o modelo de brasilidade associado a ele. Entretanto, é como “artista da mestiçagem” que a autora pensa a memória de Amado, destacando, portanto, fatos, obras, sociabilidades que ajudariam a compreender esta caracterização e assim, valorizando este entendimento do autor e sua obra que é reiterado em outros artigos da coletânea.

Ela é categórica ao afirmar, em relação à positividade de um Brasil mestiço que, se “Freyre foi um dos “pais da ideia” – ou ao menos aquele que a batizou –, Jorge Amado foi seu grande artista e divulgador”.¹⁰⁶ Ao conferir tamanha importância à atuação específica de um romancista na disseminação de um imaginário social, a autora acaba exacerbando o papel do

¹⁰⁴ CASTELLO. José. “Jorge Amado e o Brasil”. Ibid., p. 19.

¹⁰⁵ CASTELLO. José. “Jorge Amado e o Brasil”. Ibid, p. 20.

¹⁰⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “O artista da mestiçagem”. Ibid., p. 20.

intelectual e diminuindo o de outros agentes neste processo. Além disto, acaba contribuindo na reificação desta imagem específica de Amado como ícone de um Brasil mestiço.

Em outro trecho, Lilia Schwarcz diz que “sem negar os problemas sociais brasileiros, Jorge Amado sempre foi um grande otimista da mistura”, afirmação esta que desconsidera certo preconceito racial existente em *O País do Carnaval*, bem como o fato de que a valorização da miscigenação é uma característica que aparece no discurso de Jorge Amado sobre a nação de maneira mais evidente a partir de certo momento.

Deste modo, destaca-se obras da posteridade como *Gabriela cravo e canela*, *Tieta do Agreste*, *O compadre de Ogum*, *Os pastores da noite*, *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* e especialmente, *Tenda dos milagres*, “que representa no campo da ficção, o exemplo mais acabado desse tipo de postura amadiana”.¹⁰⁷

A obra de Jorge Amado é tomada, por sua vez, de maneira próxima a “um panfleto contra o preconceito”, na qual o autor “vai expondo – a sua moda – as suas armas contra o racismo: a mistura de grupos e culturas, a mistura de credos”.¹⁰⁸ Aqui se valoriza a ideia de que Amado sempre teve como preocupação central em sua produção literária a denúncia do racismo e o elogio à mestiçagem. Desconsidera-se, portanto, que durante muitos anos o romancista esteve intensamente engajado em fazer, sobretudo, literatura proletária, o que fez com que suas obras fossem consideradas como verdadeiros panfletos políticos e não panfletos contra o preconceito, ainda que um aspecto não anule o outro.

Ao fim do artigo a autora faz certo elogio da literatura e do modelo de nacionalidade veiculado nas obras do romancista, mesmo que reconheça que esta visão da brasilidade não corresponda necessariamente a nossa realidade social.

Nesses “tempos nervosos” em que vivemos, a leitura de Amado é quase um elixir a declarar a necessária utopia da igualdade — que, mesmo difícil de ser alcançada, é ao menos objeto do desejo. Assim como é certo que a mistura — cultural, religiosa ou biológica — ainda não se realizou de forma equilibrada entre nós, também é evidente que Jorge Amado — agora xamã — nos confunde com o mistério da sua literatura. Quem embarcar nessa viagem terá dificuldade em dizer quando começa o mito e se apaga a realidade, ou quando a vida real é que vira metáfora. Na verdade, pouco importa.¹⁰⁹

Assim, ainda que a identidade nacional apresentada por Amado seja uma utopia não realizada, ela não deveria ser diminuída, e sim perseguida, tal como fez o autor ao representá-la em seus romances. Além disto, não poderia ser desacreditada porque apresenta aspectos

¹⁰⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “O artista da mestiçagem”. Ibid., p. 30.

¹⁰⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “O artista da mestiçagem”. Ibid., p. 39 e 40.

¹⁰⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “O artista da mestiçagem”. Ibid., p. 41, 42 e 43.

calcados tanto na ficção quanto na realidade, que não devem ser tomadas como instâncias independentes, dissociadas. Por este motivo observa-se então a preferência pela celebração do mito relacionado a Amado como “artista da mestiçagem”.

Em “Religião e sincretismo em Jorge Amado”, mais um elemento da mistura na imagem de Brasil associada ao romancista é analisada: a mistura de credos. O articulista, Reginaldo Prandi, destaca neste texto como Amado divulgou o sincretismo religioso como um elemento original da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que valorizou a importância da assimilação dos cultos africanos como o candomblé.

Assim, o autor do texto seleciona obras como *Jubiabá*, *O compadre de Ogum e Tenda dos Milagres* e também analisa certos dados da trajetória do autor – o seu envolvimento pessoal com o candomblé, a sua contribuição na instituição de uma lei em favor da liberdade religiosa – como forma de sustentar este argumento.

No artigo “A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado”, Ilana Goldstein analisa a representação do Brasil que estaria presente na produção do autor e em suas próprias declarações a partir de recortes específicos como a mestiçagem, o sincretismo religioso, a festa e a malandragem, elementos estes caracterizadores de um determinado tipo de discurso sobre a identidade nacional calcado no mito da baianidade.

De modo a fazer diferentes tipos de materiais dialogarem, Ilana Goldstein busca evidenciar essa representação no discurso literário e extraliterário de Jorge Amado. A autora pretende mostrar que a sua ficção partia da sua vivência e da observação de pessoas, de brasileiros reais. Por este motivo, se esforça em relacionar aspectos da literatura *amadiana* com acontecimentos, costumes e práticas de pessoas reais, nas quais o autor teria se inspirado.

Entretanto, deve-se destacar que a autora enfatiza em certo momento, que “não existe uma identidade nacional única, nem definitiva, pois se trata de um processo dinâmico de construção de fronteiras entre as sociedades”.¹¹⁰ Assim,

[...] a representação da identidade nacional mestiça, festeira, popular, cordial e com o “jeitinho brasileiro” como modo de sociabilidade dileto, da qual um dos criadores é Jorge Amado nada mais é do que um recorte parcial da sociedade e da história brasileiras.¹¹¹

Nota-se aqui um esforço explícito em desmistificar a ideia de que há uma identidade nacional que seja imutável, pairando para além das mudanças próprias do tempo, ou mesmo

¹¹⁰ GOLDSTEIN, Ilana. “A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado”. *Ibid.*, p. 70.

¹¹¹ GOLDSTEIN, loc. cit.

como “alma” de um povo. Neste sentido, a brasilidade associada a Amado é apontada como uma construção parcial de uma realidade fixada em um tempo-espaço específicos, mas que convence “tanto por sua recorrência como por permitir – por meio do exagero e por vezes do estereótipo – opor o Brasil a outras nações”.¹¹²

Esta análise crítica e consciente acerca da identidade nacional como mito e também sobre a figura de Jorge Amado revela-se como um ponto importante no processo de sacralização da memória sobre Jorge Amado, aparecendo em outros artigos em maior ou menor grau. De outro modo, o artigo “A militância política de Jorge Amado”,¹¹³ de Luiz Gustavo Rossi, também ajuda a compreender o autor e sua obra de uma maneira diferenciada.

Entretanto, deve-se considerar que muitas vezes o discurso do “artista da mestiçagem” ou de ícone de um Brasil alegre, sensual, cordial e otimista associado a Amado aparece de maneira reificada nos artigos que compõe este material, o que pode ser considerado como reflexo de uma memória sobre o autor que se encontra amplamente disseminada na sociedade.

Assim, se faz necessário que o professor atente para o fato de que os *Cadernos de Leitura* sobre Jorge Amado também podem contribuir para a sacralização de um mito sobre o romancista se as análises não forem elas mesmas cuidadosamente avaliadas.

¹¹² GOLDSTEIN, loc. cit.

¹¹³ ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. “A militância política na obra de Jorge Amado”. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *O universo de Jorge Amado*, cit., p. 22-33.

Capítulo 2

Trajetórias e sociabilidades intelectuais e políticas

De fato não se pode negar que desde o início de sua carreira Amado assumiu um papel de intelectual preocupado em fazer da sua arte objeto de reflexão social, especialmente no que se refere a sua própria sociedade. Deste modo o autor imprimiu em seus discursos literários e extraliterários uma visão retrospectiva e prospectiva sobre a sua nação e acabou por produzir um sentido de nacionalidade do qual ele próprio se tornaria representativo.

Este modelo de identidade nacional compartilhado por Amado foi produzido em franca associação a correntes ou escolas literárias, políticas e intelectuais em relação às quais o autor se aproximou. Entretanto, o sentido de Brasil presente em seus discursos não foi unívoco do início ao fim de sua vida. Ele variou particularmente de acordo com os contextos de sociabilidade e experiências vivenciados pelo romancista ao longo dos anos.

Assim, a vivência histórica e os círculos intelectuais em que Amado havia se inserido nos primeiros anos da sua carreira, por exemplo, influenciaram substancialmente o modo como ele produziu o seu primeiro livro de sucesso. A visão pessimista de Brasil com a qual o autor impregnou *O País do Carnaval*, se distanciava, daquela otimista pela qual ficaria identificado, principalmente a partir de *Gabriela cravo e canela*.

Através da análise das trajetórias e sociabilidades de Amado, pode-se perceber, portanto como esta aparente inversão foi sendo construída pela atuação do próprio autor, dentro do campo político-intelectual.

1. Produzindo literatura em tempos de (re) descobertas e indefinições

Quando Jorge Amado iniciava a sua atividade literária, ainda em Salvador, vivia-se um clima sócio-político de efervescência de ideias no Brasil e no mundo em torno da temática da modernização, que se intensificou entre os anos 1920 e 1930. A crise de valores que assolou o cenário europeu como decorrência da Primeira Guerra Mundial, modificou o quadro internacional e conseqüentemente impulsionou alterações na forma de se pensar o Brasil.

Os intelectuais brasileiros sofreram influências destes movimentos que chegaram primeiro em São Paulo, culminando com a Semana de Arte Moderna de 1922. No Nordeste, o

movimento modernista assumiria então a feição particular de regionalismo nordestino, originando-se primeiramente em Pernambuco sob a liderança de Gilberto Freyre.

As ideias modernistas só teriam sido “transportadas” para a Bahia cerca de cinco anos mais tarde, em 1927, com os poemas *Moema*, de Eugênio Gomes e *A Balada de Ouro Preto*, de Godofredo filho, influenciando o aparecimento de diversos grupos literários.¹¹⁴ É neste momento que Amado e uma turma de garotos entre 15 e 16 anos criam a *Academia dos Rebeldes*. Reunidos em torno de Pinheiro Viegas¹¹⁵, os *rebeldes* tinham, sobretudo o propósito de fazer literatura.

O grupo do autor surge então em meio ao incandescer de movimentos que tinham como objetivo uma renovação cultural que fosse ao encontro de demandas e expectativas da sociedade brasileira resumidas na busca por uma reconstrução ou invenção de um projeto identitário que permitisse a coesão social a partir de uma identificação positiva com a nação.

Dentre os desafios a serem superados pelos intelectuais que se engajaram nesta tarefa estava a conciliação das diferenças regionais com a unidade nacional, para que se reforçasse a imagem do país frente o contexto internacional. Além disto, conciliar a permanência do “antigo” face à exigência e eminência do “novo” era uma forte demanda originada das novas alianças de poder que se processavam.¹¹⁶ O Modernismo liderado por Mário e Oswald de Andrade e o Regionalismo Nordestino, encabeçado por Gilberto Freyre, apresentavam então respostas diferenciadas a essas demandas.

Iniciado com a Semana de Arte Moderna em 1922, o movimento modernista tinha como objetivo a elaboração de um ideário “genuinamente nacional”, que transcendesse as especificidades regionais e garantisse a unidade “espiritual” e territorial da nação. O que os intelectuais e letrados ligados ao movimento buscaram empreender, portanto, era a “desgeografização” do país.

Mário de Andrade, por exemplo, realizou pesquisas folclóricas com o intuito de produzir uma literatura pautada na fusão de sotaques, modismos sintáticos e expressões populares de todas as regiões do país.¹¹⁷ Entretanto, este mesmo autor, assim como muitos

¹¹⁴ AMADO, Jorge apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 34.

¹¹⁵ Jorge Amado assim define a figura de Pinheiro Viegas: “[...] poeta que tivera a sua hora de glória – seus *Poemas da Carne* foram muito famosos em seu tempo [...]. Esse homem, um panfletário conhecido no Rio, tivera uma posição muito democrática na hora da “campanha civilista” Rui Barbosa contra os militares. [...] Quando o conheci, ele trabalhava no *Imparcial*; escrevia artigos de fundo e panfletos ferozes, particularmente virulentos para estigmatizar a retórica oca e inflamada que dominava certos meios; era respeitado e nos fascinava” apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 34.

¹¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre”. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004, p. 179.

¹¹⁷ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 101.

outros, enxergava certa supremacia da região Sudeste, tratando de forma bastante preconceituosa o povo nordestino, situando-os a meio caminho entre o primitivo e o civilizado.¹¹⁸

Outro discurso, que partia do referencial inverso ao dos modernistas de São Paulo, foi, por sua vez, sendo articulado e amplamente divulgado no Regionalismo Nordestino encabeçado por Gilberto Freyre. Segundo esta corrente, que deu origem ao “romance de 30”, para se conseguir a unidade devia-se pensar antes a diversidade, e neste sentido, pensar as regiões, e não uma coleção arbitrária de estados, como os verdadeiros elementos constitutivos da nação. Assim, para ser nacional era preciso, antes de tudo, ser regional e pensar o país desta forma, pois deste modo respeitar-se-ia a grande heterogeneidade de um Estado-nação de dimensões continentais tal como o Brasil.¹¹⁹

Assentando a identidade nacional no tripé “negritude, mestiçagem e lusitanismo”, sob uma ótica extremamente positiva, Freyre ia ao encontro de demandas urgentes no Brasil dos anos 1930. Por enxergar a integração racial, étnica e cultural enquanto um fator de originalidade, ele indicava novas perspectivas de futuro. Além disso, ao atualizar a identidade brasileira frente aos novos tempos, Freyre valorizava a cultura e as tradições populares frente ao materialismo e o cientificismo.

Neste sentido, pode-se dizer que a *Academia dos rebeldes* sofreu a influência de ambas as correntes, e especialmente do Regionalismo Nordestino. Isto porque, mesmo sendo contrários aos postulados dos modernistas de São Paulo, os “rebeldes” aceitavam o espírito de renovação da Semana de Arte Moderna sem que isto significasse ruptura com as raízes populares locais da literatura. Era preciso, ter respeito às tradições e ao espírito político do povo baiano.¹²⁰ Ao falar sobre os objetivos de seu grupo, Amado assim os descreve:

Não nos pretendíamos modernistas, mas sim modernos: lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento histórico em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la.¹²¹

Deste modo, buscavam uma literatura brasileira calcada no realismo literário como forma de expor as mazelas da sociedade objetivando-se a transformação, a modernização.

¹¹⁸ Ibid., p. 102.

¹¹⁹ OLIVEN, Ruben George. “Gilberto Freyre e a questão regional”. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*, cit., p. 194, 195 e 196.

¹²⁰ TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961, p. 22 e ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Revolta e conciliação*. Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1978, p. 13.

¹²¹ AMADO, Jorge *Apud* RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 36.

Para tanto, seria necessário atentar para as especificidades regionais, que produziriam condições sociais, econômicas e culturais diversas. Além disto, quanto mais próximo a contextos imediatos de vivência e experiência concreta, mais próximo se estaria do caráter genuinamente nacional, e então, do caráter universal.

Neste ponto, compartilhavam de maneira clara das premissas do Regionalismo Nordestino que talvez tenha chegado ao grupo de maneira mais intensa, sobretudo a partir da publicação de *A Bagaceira*, obra que ficou conhecida como primeiro romance surgido dessa corrente. Amado analisou da seguinte forma o impacto deste livro sobre os “rebeldes” e a sua geração:

[...] ficamos alucinados quando em 1928 apareceu *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida; reconhecíamos no livro de José Américo tudo aquilo a que aspirávamos; ele nos falava da realidade brasileira, da realidade rural, como ninguém o fizera antes. *A Bagaceira* teve grande influência sobre nós. Todos nascemos ali, nós os romancistas chamados “do Nordeste”, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e eu – Graciliano Ramos também, mas talvez de uma maneira um pouco diferente ...¹²²

Conforme relata Amado, além desta obra central, os membros da *Academia* “se alimentaram” de leituras muito diversas, como é o caso dos contemporâneos modernistas Oswald e Mário de Andrade; de autores brasileiros clássicos do século XIX como Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida e Lima Barreto; e de autores estrangeiros como Balzac, Zola, Flaubert, Dickens e Mark Twain.¹²³

A *Academia* não tinha, portanto uma proposta muito clara e objetiva, nem uma orientação específica. Era um grupo muito livre e ativo que tinha como característica principal o inconformismo contra o academicismo, contra tudo aquilo que para eles representava uma “literatura esclerosada, um parnasianismo caquético”.¹²⁴

Esta característica associava-se com o grupo etário do qual fazia parte, que se percebia como uma geração sem rumo, perdida, boêmia, vacilante, confusa e angustiada. Angustiada com o seu próprio futuro, uma vez que a atividade literária ainda era um campo profissional incerto e, por isso, jornalistas, escritores e artistas tinham que viver de “bicos”. Angustiada também com o futuro da nação, inspirando-se ora na religião, ora no comunismo, ora no fascismo como orientação dos caminhos a seguir.¹²⁵

¹²² Ibid., p. 41.

¹²³ Ibid., p. 41 e 42.

¹²⁴ Ibid., p. 36.

¹²⁵ Cf. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Revolta e conciliação*. Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1978.

Esta atmosfera de inquietude e dúvida frente ao futuro, que marcou a intelectualidade no “tempo da dúvida honesta”¹²⁶ aparecerá no romance de estreia de Amado: *O País do Carnaval*. Apesar de não ter sido a primeira produção literária do escritor, nem o seu primeiro romance, esta obra é conhecida como “romance de estreia”, por marcar decisivamente, a entrada de Amado no campo literário e intelectual no início dos anos 1930.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a dúvida e a inquietude assolavam boa parte da intelectualidade brasileira, nos primeiros anos da década de 1930, como resquício de uma mentalidade que persistia no imaginário social desde o século XIX, o campo literário e intelectual brasileiro começava a dar seus primeiros passos em direção a uma profunda reestruturação. A partir de então, observa-se o surgimento de uma nova geração de escritores e uma crescente e decisiva divisão do trabalho intelectual, que se tornou mais diversificada e especializada.

Esta reestruturação, por sua vez, esteve ligada intrinsecamente a transformações significativas da sociedade brasileira entre os anos 20 e 30. Particularmente a partir da Revolução de 1930, que levou Vargas ao poder, diversos setores intelectuais viram-se representados no novo governo que tomou a frente do processo de renovação cultural iniciado na década anterior, fortemente calcada por um sentido nacionalista e modernizante.¹²⁷ Mais do que isso, o Estado, pela primeira vez no Brasil, tomava para si o papel de grande incentivador e organizador da atividade cultural no país.

A “missão cultural” assumida pelo novo regime ia então ao encontro de demandas de artistas e intelectuais, que foram incorporados pela burocracia estatal do governo. O primeiro governo Vargas (1930-1945) marca assim o início das chamadas políticas culturais do governo com a estruturação formal da área cultural no Brasil a partir da constituição de instituições voltadas para setores onde o Estado ainda não atuava.

Dentre as principais instituições culturais criadas neste período, destaca-se o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), relacionado ao campo da preservação do patrimônio material; o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), com o objetivo de utilizar o cinema como forma de direcionar a educação das classes populares; e o Instituto Nacional do Livro (INL), voltado para a ampliação do mercado editorial.¹²⁸

¹²⁶ Essa expressão foi utilizada por Luís Bueno ao analisar o ambiente ideológico em que se movia a intelectualidade brasileira no início dos anos 1930. Cf. BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. *Uma história do romance de 30*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 103.

¹²⁷ Cf. JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”. *Revista USP*, São Paulo (26): 164-181, junho/agosto, 1995.

¹²⁸ Cf. CALABRE, Lia. “Política Cultural no Brasil: um histórico”. In: CALABRE, Lia (Org.). *Políticas Culturais: diálogo indispensável*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005, p. 09-20.

Amado “estreia” no meio literário e intelectual, portanto, ao mesmo tempo em que o próprio campo¹²⁹ se consolida e se autonomiza no Brasil, impulsionado pela expansão da indústria editorial, a institucionalização da crítica literária, os investimentos na área educacional, etc.

Neste momento surgem muitas editoras como Ariel, Schmidt, Companhia Editora Nacional, Globo e José Olympio, sendo esta última a mais importante para a profissionalização da atividade literária. Isto porque José Olympio estimulou o aparecimento de uma nova geração de romancistas e de escritores semiprofissionais como José Lins do Rego, Érico Veríssimo e Jorge Amado. Estes intelectuais, que configuravam então uma elite intelectual nascente, puderam ser relativamente independentes das limitações e das exigências externas que afligiam os que não podiam viver apenas do que escreviam.¹³⁰

Jorge Amado, que havia começado a escrever *O País* em Salvador no ano de 1930, é enviado pelo seu pai ao Rio de Janeiro neste mesmo ano para terminar o curso secundário. No Rio, se vê imerso no centro de todas estas transformações que iriam despontar com a Revolução. Entre 1928 e 1929, trabalhando no *Imparcial*, ainda em Salvador, Amado participava ativamente deste processo fazendo campanha para Getúlio Vargas, inclusive tendo trabalhado em outro jornal – *O Jornal* – criado para sustentar a Aliança Liberal em prol da vitória de Vargas.

No Rio de Janeiro, Amado esteve ligado aos intelectuais de sua época, primeiramente a partir de seu primo Gilson Amado, que também era seu colega na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, na qual o primeiro ingressara no ano de 1931. O primo então o apresenta aos membros do grupo de estudos jurídicos e sociais do qual fazia parte. Dentre os membros figuram Hélio Viana, Vinicius de Moraes, Plínio Doyle e Otávio de Faria. Este último teria sido o responsável por enviar os originais de *O País do carnaval* ao editor Augusto Frederico Schmidt, apenas iniciado neste ramo de negócio.¹³¹

Além de esta sociabilidade ter sido fundamental na trajetória de Amado por ter proporcionado o seu ingresso no campo literário, ela também exerceu grande influência na sua produção de sua primeira obra. Isto porque os integrantes do grupo, assim como Augusto

¹²⁹ Utiliza-se aqui a noção de “campo intelectual” elaborada por Pierre Bourdieu, pela qual “a relação que um criador mantém com sua obra e, por isso mesmo, a própria obra são afetadas pelo sistema de relações sociais nas quais se realiza a criação como ato de comunicação ou, mais precisamente, pela posição do criador na estrutura do campo intelectual”. ¹²⁹ BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. In: POUILLON, Jean (Org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

¹³⁰ Cf. JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”, cit., p. 172 e 173.

¹³¹ Cf. TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 127.

Schmidt, eram simpatizantes do catolicismo militante do centro Dom Vital¹³² e frequentavam a Livraria Católica, onde eram realizadas discussões acerca da existência de Deus. Amado teria inclusive participado destas discussões, que influenciaram na forma e conteúdo das discussões que aparecem em seu primeiro romance, assim como aquelas do tempo da *Academia dos Rebeldes*.

Isto porque o livro trata da história de Paulo Rigger, seus conflitos existenciais e as discussões do grupo de intelectuais do qual o mesmo fará parte na Bahia, após a sua volta de Paris. Encabeçados pela figura de Pedro Ticiano, cujo modelo era Pinheiro Viegas, os membros do grupo desenvolviam as mais desencontradas teorias sobre a felicidade humana a partir de temas como o amor, o trabalho, a religião, a política, a pátria, etc.

É significativo o fato de que, ao final do livro, o autor evidencie, através do personagem principal, a espiritualidade enquanto solução para as dúvidas e angústias de sua geração. Ele destaca a figura do Cristo Redentor, diante do qual Paulo Rigger faz um apelo para “crer” e se tornar “bom” e “sereno”. Por este motivo *O País* foi comumente recebido pela crítica enquanto “um livro católico de uma mocidade inquieta, insatisfeita, para a qual Cristo se ilumina e se converte na suprema esperança.”¹³³

“Livro católico”, mas não “conservador” pois no momento de produção desta obra o novo catolicismo ainda não havia se aproximado – ao menos não expressamente – de doutrinas políticas radicalmente de direita. Mesmo que as concepções do Centro D. Vital, por exemplo, valorizassem a hierarquia e o individualismo enquanto caminhos necessários para um governo forte,¹³⁴ não o fazia em oposição ao comunismo, como ocorreria nos anos seguintes.

Apesar de a curta vinculação do autor com grupos intelectuais católicos ter contribuído para o sucesso de *O País do carnaval*, ela foi minimizada ou por vezes, silenciada nas biografias e entrevistas do autor.¹³⁵ Amado teria inclusive renegado ou ridicularizado o grupo do primo após se iniciar, logo depois, no gênero chamado “romance proletário”.¹³⁶

¹³² Segundo Maria das Graças Ataíde, o centro D. Vital era um ambiente de discussão para a nata dos intelectuais católicos brasileiros. Guiado pelos mentores Jackson Figueiredo e Tristão de Ataíde, o centro ficou conhecido por ter uma forte orientação conservadora de fundo tomista, anti-liberal e anti-comunista. Cf. ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. “Tradição e revolução: o discurso dos intelectuais brasileiros nos anos 20 e 30 do século XX no Brasil”. *Revista de História das idéias*, Coimbra: Edt. Univ Coimbra, vol 29, 2008.

¹³³ “O País do Carnaval”. *Revista Etc.* Bahia. 15.01.1932. n. 180, p. 9 e 24.

¹³⁴ Cf. BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*, cit., p 105.

¹³⁵ Na biografia de Amado escrita por Miécio Táti, por exemplo, não se fala desta vinculação do autor com o grupo católico. Cf. TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit.

¹³⁶ Cf. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Revolta e conciliação*, cit., p. 104 e 105.

No entanto, a forma como foi produzida esta obra, o seu conteúdo, e as redes de sociabilidade que envolveram Amado naquele momento, foram fundamentais para o reconhecimento do intelectual pelos seus pares e para o sucesso da obra entre os mesmos. Segundo Bourdieu, é através das relações estabelecidas e do posicionamento do autor dentro do campo intelectual em um determinado contexto que a intenção criadora se torna progressivamente objetivada de forma a constituir o *sensu público* da obra e do autor.¹³⁷ Assim, a origem deste senso público refere-se intrinsecamente a instâncias de consagração intelectuais, que selecionam e distinguem as obras dignas de serem admiradas e consagradas.

Neste sentido, o editor de vanguarda assume um papel singular e de destaque ao desempenhar uma missão de “descobrir, na obra e na pessoa dos que o procuram, os sinais imperceptíveis da graça e revelar a eles mesmos aqueles que, entre os que o reconheceram, foram reconhecidos”.¹³⁸

Nesse aspecto, Schmidt era um exemplo típico de editor de vanguarda. Um poeta católico da segunda geração modernista que se propôs a publicar a nova literatura surgida depois da Revolução de 1930. Segundo Jorge Amado, as edições de Schmidt representavam, naquele momento, o que havia de mais avançado no Brasil.¹³⁹

Iniciadas em 1931, elas contemplaram autores que se iniciavam na carreira, como o próprio Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, culminando com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933. O poeta-editor conferia-lhes, assim, valor e legitimidade dentro do campo intelectual de acordo com o “peso” simbólico da sua assinatura e recomendações, tal como se percebe no prefácio da primeira edição de *O País do Carnaval*:

Seu livro tem grande importância porque como você mesmo diz seus defeitos constituem seu maior motivo de orgulho. Não sei de outro romance nosso que trouxe à tona como o seu, na indecisão de suas linhas de composição, tal complexidade de problemas. Seus personagens estão. E procuram. Não procuram apenas o sentido da pátria, da terra, mas procuram o sentido de si próprios. O país é apenas um ponto de referência. A pátria é sentida porque está ausente. O seu livro é balbuciante ainda, mas é uma obra inicial. Os homens que se movem dentro dele são homens e não personagens de símbolos.¹⁴⁰

Com estas palavras de amizade e estímulo, a crítica recebeu a obra com louvores em uma ótima acolhida até por aqueles considerados mais críticos. Em matéria publicada à época

¹³⁷ Cf. BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”, cit., p.120.

¹³⁸ Ibid., p. 121.

¹³⁹ AMADO, Jorge, apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p.50.

¹⁴⁰ Cf. o prefácio de Augusto Frederico Schmidt em AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

do lançamento de *O país do Carnaval* isto pode ser verificado na fala do articulista, que parabeniza Amado por ter conseguido arrancar louvores até mesmo de Agripino Grieco, caracterizado como “o crítico terrível que todos respeitam e não deixa passar gato pro lebre”.¹⁴¹

Em entrevista à Alice Raillard, o romancista reconhece que, quando surgiu, *O País* foi muito bem recebido, e talvez, de todos os seus livros, tenha sido o que teve a melhor acolhida, se não a mais unânime, já que os que vieram depois teriam suscitado sempre polêmicas. Entretanto, o escritor diz que no romance há um pessimismo artificial e um ceticismo próprio da geração a qual pertencia que funcionava como uma “máscara”, ou como “uma capa”, escondendo o seu verdadeiro “eu”.¹⁴²

Estas alegorias aparecem em diversas de suas entrevistas, evidenciando o modo como Amado buscou narrar a sua trajetória. Durante muitos anos ele teria inclusive negado a tradução desta obra para outras línguas¹⁴³, ao que parece, por não se sentir, posteriormente, identificado com este primeiro trabalho. Isto é, *O País*, de certa forma, destoava da forma como o conjunto da produção literária de Amado foi compreendido a posteriori, como ficou marcado, e como o autor passou a se reconhecer cada vez mais, ao longo de sua trajetória.

Apesar disto, o próprio autor considerava este trabalho como uma espécie de documento histórico, como um retrato de uma geração e de um período histórico do Brasil, tal como o mesmo deixou expresso na “Explicação” do Autor que abre a primeira edição do romance:

Este livro é um grito. Quase um pedido de socorro. É toda uma geração insatisfeita, que procura a sua felicidade. – Nós já começamos a luta contra a dúvida. A geração que chega combate as atitudes cétricas. – Este livro é como o Brasil de hoje. Sem um princípio filosófico, sem se bater por um partido. Nem comunista, nem fascista. Nem materialista, nem espiritualista. – Não posso bater-me por uma causa. Eu ainda sou um que procura...¹⁴⁴

Deste modo, o autor evidencia a natureza e o sentido “transindividual” de sua produção literária, segundo concepção de Lucien Goldmann¹⁴⁵, pelo seu objetivo explícito em

¹⁴¹ SOUSA, Deraldo. “O Paiz do Carnaval”. *A Luz*. Jequié, Bahia, s/d mai. 1932. Especial para a Luz.

¹⁴² AMADO, Jorge apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 45-47.

¹⁴³ Amado explicitou isto em diversas entrevistas como, por exemplo, a seguinte, ao falar da tiragem dos seus livros e sobre a tradução destes para outras línguas: “O de menor tiragem foi *O País do Carnaval*, meu único livro não traduzido, pois jamais o permiti, e que tem 6 edições no Brasil”. In: “Como vivem e trabalham os nossos escritores”. *Folha da Manhã*. São Paulo. 08.04.1956. p. 65.

¹⁴⁴ Cf. AMADO, Jorge. “Explicação” do Autor. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

¹⁴⁵ Cf. GOLDMANN, Lucien. “Crítica e dogmatismo na criação literária”. *Dialética e Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença, 1972, vol. I, p. 39.

representar, nesta obra de ficção, as preocupações dos homens das letras de seu tempo. Talvez por este enfoque, tenha se preocupado menos em marcar o seu ponto de vista, a sua personalidade neste seu primeiro romance. Já neste primeiro momento, Amado, se assume, portanto, como escritor engajado, comprometido com os problemas do seu tempo, sejam eles sociais, políticos ou filosóficos.¹⁴⁶

Isto se expressa de maneira exemplar na obra através da figura do personagem principal, Paulo Rigger, que parece representar o intelectual Paulo Prado. Em seu artigo “Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos”, Ana Paula Palamartchuck faz uma interessante análise da proximidade entre as duas figuras, principalmente no que tange à questão nacional. Tal como Paulo Prado, Paulo Rigger expõe uma interpretação da história do Brasil como uma “história de obsessões”, “causada pelo clima, pela terra, pela mulher indígena ou escrava africana; obsessão pelo ouro e vício sexual, doenças que resultaram em uma ‘raça triste’”.¹⁴⁷

Palamartchuck aponta ainda influências das ideias de Gilberto Freyre na composição do personagem de Rigger, dizendo que, tanto em Freyre como em Paulo Prado, a “unidade nacional” se origina na questão racial, na miscigenação, no encontro de culturas. Segundo a autora, através dos personagens deste romance, Amado estabelecia um diálogo com as diversas correntes do modernismo, criticando-o e qualificando seus membros como falsos intelectuais, em certa medida. Para ela, o verdadeiro intelectual de Amado neste romance, o personagem no qual o autor teria projetado a sua “missão”, seria José Lopes, que, além de se engajar politicamente, opta pelo comunismo.¹⁴⁸

Neste aspecto a autora parece se equivocar ao sugerir que Amado já opta pelo caminho do comunismo quando produz e publica *O País*. Em seu livro sobre o romance de 30, Luís Bueno chama atenção para o fato de o único personagem escritor deste romance ter optado pelo comunismo, seguindo exatamente o caminho que o autor trilharia logo em seguida, pode gerar uma associação indevida para quem lê o livro hoje. Bueno destaca, na direção contrária a marca de dúvida e de indefinições no ambiente intelectual da época em que foi escrita esta obra.¹⁴⁹

¹⁴⁶ Deve-se destacar que esta disposição nasce ainda no fim do segundo reinado, tal como analisa Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão* e se torna representativa do pensamento intelectual da primeira república, sobretudo entre os anos 1920 e 1930. Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁴⁷ PALAMARTCHUCK, Paula. “Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos?”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998, p. 337 e 338.

¹⁴⁸ PALAMARTCHUCK, loc. cit.

¹⁴⁹ BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”, cit.

Na “Explicação” de *Capitães da Areia*, o próprio romancista revela que não havia nenhuma intenção de sátira aos intelectuais de sua época em *O País do carnaval*, e sim um esforço em retratar o momento vivido pela intelectualidade brasileira¹⁵⁰. Além disso, ele declarou em entrevista que o romance apareceu em setembro de 1931, e que ele só entrou para a Juventude Comunista em 1932, através, principalmente de Rachel de Queiroz, que após ler a obra, começou a se corresponder com o escritor.¹⁵¹

Esta precisão com que o autor busca datar a sua adesão ao comunismo em uma narrativa produzida muito a posteriori destes acontecimentos pode ser considerada, todavia, como um esforço do autor em oferecer um sentido lógico a sua trajetória. Entretanto, é importante destacar que entre os anos 1932 e 1933 vivenciava-se o “fim da dúvida” e o início da polarização “direita-esquerda” no campo político-ideológico no Brasil.¹⁵²

Neste período, o fracasso da Revolução Constitucionalista de 1932, e a crescente postura autoritária do governo tornou ainda mais evidente os diferentes interesses envolvidos mesmo entre aqueles que apoiaram a ascensão de Vargas ao poder. No plano literário, Luís Bueno verificou que apesar da dificuldade em se precisar tendências literárias em balizas temporais, é possível ver que:

[...] algo explode nos meses de julho e agosto de 1933, com a publicação praticamente simultânea de *Cacau*, de Jorge Amado, *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, pela Ariel, e [...] *Os Corumbas*, de Amando Fontes, pela Schmidt. Esses três livros provocariam um grande debate em torno do romance proletário.¹⁵³

Assim parece plausível que, as ideias ditas de esquerda, só tenham se tornado fortes para o autor a partir de então, e que ele as tenha externado mesmo no seu romance seguinte: *Cacau* (1932), primeira obra do autor enquadrada no gênero “romance proletário”, vertente esta surgida como fruto da polarização.

Deste modo, pode-se afirmar que a ideia de Brasil que marca *O País*, ainda é guiada por um sentimento de vazio, de ausência ou indeterminação de caminhos a seguir. Por isto o autor diz na Explicação da obra que “Este livro é como o Brasil de hoje. Sem um princípio filosófico, sem se bater por um partido. Nem comunista nem fascista. Nem materialista, nem

¹⁵⁰ AMADO, Jorge apud TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 36.

¹⁵¹ AMADO, Jorge apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 48 e 55.

¹⁵² BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. *Uma história do romance de 30*, cit.

¹⁵³ BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. *Ibid.*, p. 199.

espiritualista”.¹⁵⁴ A esta incerteza de caminhos, somar-se-ia uma compreensão da nacionalidade realmente muito próxima àquela vislumbrada por Paulo Prado.

Pode-se afirmar isto não só através do personagem de Paulo Rigger, mas principalmente pelas palavras do próprio autor – falando em 1ª pessoa – na “Explicação” que antecede a narrativa. Destaca-se o trecho:

Este livro tem um cenário triste: O Brasil. Natureza grandiosa que faz o homem de uma pequenez clássica. [...] No Norte, terra da promessa, há uma grande confusão de raças e de sentimentos. É a formação do povo. E dessa confusão está saindo uma raça doente e indolente.

Deste modo, Amado compartilhava do pessimismo de Paulo Prado diante do caráter mestiço da sociedade brasileira, que expôs em seu *Retratos do Brasil* as misérias do país advindas da trágica herança lusitana de luxúria e desleixo social que teria ocasionado a mistura das raças e a ruína do país, tendo como efeito a indolência e a passividade da população.¹⁵⁵ Para Ilana Goldstein, neste primeiro momento, Amado não ousou ir contra a corrente e acabou por reproduzir, ao menos parcialmente o prognóstico racial aterrorizante que ainda vigorava naquela época.¹⁵⁶ Assim, *O País do Carnaval* de certa forma “destoa” do conjunto das obras do romancista principalmente pela visão pessimista da sociedade.

Alguns elementos que irão marcar a obra e a memória sobre Amado, foram, portanto sendo desenvolvidos e explorados com base nas obras seguintes do autor, intrinsecamente relacionados a contextos de experiência e sociabilidades específicos. Não se pode perder de vista, todavia, que este primeiro romance marca uma determinada atitude do escritor frente aos debates intelectuais de sua época. Uma atitude de reflexão e crítica social, através da literatura, e que se relaciona a certo “desespero pela nacionalidade”.¹⁵⁷

Apesar da questão nacionalista não aparecer em primeiro plano na narrativa, e nem poder ser considerada como uma preocupação central do autor quando da produção da obra, ela aparece como elemento indireto e necessário à felicidade e realização do ser humano em sociedade. Não é à toa, portanto, que o título do romance seja *O País do Carnaval*, com um emprego negativo do vocábulo “carnaval”. E que ao fim do livro, Paulo Rigger tenha

¹⁵⁴ Cf. AMADO, Jorge. “Explicação” do Autor. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931. apud TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 35.

¹⁵⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre”. In: AXT, Gunter; SCHÜLER (Org.). *Intérpretes do Brasil*, cit., p. 178.

¹⁵⁶ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 130.

¹⁵⁷ Esta terminologia foi utilizada pelo editor Augusto Schmidt no seu prefácio da primeira edição de *O País do Carnaval*: “É preciso meu amigo, repetir sempre o nosso desespero pela nacionalidade, que o seu personagem, depois de tentar se integrar nela, abandona”. Apud TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 31 e 32.

preferido o exílio a continuar em sua pátria, onde não conseguira alcançar a felicidade. Isto se explica em grande parte pela visão pessimista do personagem em relação à realidade social brasileira, que a meu ver, era compartilhada por Amado naquele momento.

Em *O País* “a pátria é sentida por estar ausente”¹⁵⁸, e esta ausência de pertencimento, causada por uma não identificação, ou por uma visão pessimista da realidade nacional, parece ser o que leva à infelicidade a “geração” de Amado. Neste sentido a obra atuaria como um “grito” ou um “pedido de socorro” como forma de motivar a “luta contra a dúvida”, contra a indeterminação do futuro a partir da escolha de caminhos, que levassem ao progresso da nação e enfim à felicidade dos indivíduos que nela vivem.¹⁵⁹

Deste modo, percebe-se que Amado participava ativamente dos debates político-intelectuais de seu tempo em torno de diversas questões que perpassavam a vida nacional logo no início de sua carreira enquanto literato. Este diálogo e reflexão profunda com os seus pares era ainda mais intenso pelo fato do círculo literário naquela época ainda ser bastante reduzido, como se constata no depoimento do próprio autor:

[...] naquela época, no Brasil, as pessoas se correspondiam de norte a sul: o mundo da literatura era muito restrito, não passávamos de trezentos; todos se conheciam, lia-se tudo que era publicado, e nos correspondíamos. Eu recebia pelo menos uma carta por semana de Érico Veríssimo, outra de Graciliano Ramos, de Rachel de Queiroz, de todo mundo... [...] ¹⁶⁰

Além disto, muitos destes literatos e intelectuais como um todo, já haviam estabelecido residência na região Sudeste, principalmente no Distrito Federal, onde se concentravam inclusive os esforços do governo em termos de modernização, desenvolvimento e renovação cultural como um todo.

De acordo com Randal Johnson, os romancistas nordestinos, muitos dos quais também se fixaram no Rio como Jorge Amado, só conseguiram sucesso dentro do quadro institucional oferecido pela capital do país.¹⁶¹ Isto revela que, em suas regiões de origem, estes indivíduos corriam o risco de serem “esquecidos” ou não terem seus talentos reconhecidos, como demonstra – ou denuncia – Jorge Amado em texto publicado no *Boletim de Ariel* em 1932, ao falar de Pinheiro Viegas:

¹⁵⁸ Cf. o prefácio de Augusto Frederico Schmidt em AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. cit.

¹⁵⁹ Cf. AMADO, Jorge. “Explicação” do Autor. *O País do Carnaval*, cit.

¹⁶⁰ AMADO, Jorge apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 48.

¹⁶¹ Cf. JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”, cit., p. 174.

Pinheiro Viegas, atirado, há alguns anos, pelos azares da sorte, da sua roda Bohemia do Rio, para junto dos poetinhas “tradicionalistas dinâmicos” (sic) da Bahia, está hoje cego e pobre, soffrendo o castigo de ter talento numa terra onde é crime possuir cousas como esta. [...] este homem que nunca aprendeu a bajular está fadado a morrer como todos que possuem esses “vícios” na Bahia, terra de grandes doutores iletrados, esquecido na sua pobreza, gloria de uma vida desceute.¹⁶²

Segundo este relato, Pinheiro Viegas parece não ter alcançado a consagração pelo fato de ter saído do Rio e regressado a Bahia, onde os “críticos da terra da oratoria e do acarajé”¹⁶³ o teriam desqualificado dentro do campo literário e intelectual. Livrando-se deste destino, os romancistas nordestinos, no Rio de Janeiro, que continuaram a escrever sobre as suas regiões de origem, puderam emplacar o romance social do Nordeste.

É interessante observar, neste sentido os tipos de relação que tomam forma nestes primeiros anos do governo Vargas entre os intelectuais e o Estado. Vale destacar que o próprio governo chamou os escritores e intelectuais a participar do processo de modernização e renovação cultural do país. Assim, muitos destes participaram diretamente do aparelho de Estado e tantos outros fizeram uso das estruturas montadas pelo governo para dar a sua parcela de contribuição para a renovação cultural e para o encontro de caminhos rumo ao progresso e desenvolvimento do país, abraçando esta causa como uma verdadeira missão.

Este entendimento vocacional se fez perceber nos intelectuais deste contexto, mas também em outros momentos históricos de crise ou de grandes transformações. Na década de 1930, todavia, aparece com um significado específico como lembra Mônica Pimenta Velloso:

Seja através dos ideais da ciência ou da racionalidade (geração de 1870) da arte ou da intuição (geração de 1920), imbuídos de vocação messiânica, senso de missão ou dever social, os intelectuais se auto-elegeram sucessivamente consciência iluminada do nacional. É a partir da década de 1930 que eles passam sistematicamente a direcionar a sua atuação para o âmbito do Estado, tendendo a identificá-lo como a representação superior da idéia de nação.¹⁶⁴

De fato, a participação mais direta e intensa dos intelectuais dentro no aparato estatal se fez somente a partir do Estado Novo quando se deu a criação de instituições político-culturais, mas pode-se perceber o envolvimento dos intelectuais no projeto político do governo antes da ditadura varguista, dada a convergência de interesses.

¹⁶² AMADO, Jorge. “Brasil - prosa e verso”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, agosto de 1932, n. 11, p. 16.

¹⁶³ AMADO, loc. cit.

¹⁶⁴ VELLOSO, Monica Pimenta. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia Almeida (Org). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 48.

Assim, pode-se dizer que a renovação cultural e também política estava sendo pensada tanto pelos “ideólogos” e “expertos” do regime, como diria Norberto Bobbio¹⁶⁵, como também pelos artistas e intelectuais como um todo, em virtude da interpenetração dos campos da política e da cultura. Neste sentido, a reflexão dos literatos em relação a valores estéticos e formais, a temáticas, enfoques etc., relacionava-se intrinsecamente a discussões no campo da política, especialmente no que tange à questão da identidade nacional e à tentativa de conciliar o tradicional com o moderno, que fazia parte da missão cultural do regime.

Este debate foi tomando grandes proporções por volta de 1930 com a proliferação de publicações, favorecidas pelo incremento da indústria editorial e o desenvolvimento da crítica literária. Este quadro teria sido resultado, ao menos em parte, da conjuntura internacional de crise, que provocou um aumento substancial no custo dos livros importados, e criou condições para que o livro brasileiro se tornasse competitivo no mercado nacional.¹⁶⁶

Quanto a isto se pode dizer que foi aberto um amplo espaço de atuação para um grupo bastante heterogêneo de escritores no campo literário, principalmente a partir do surgimento da editora José Olympio, que conseguiu atrair novos escritores ao oferecer vantagens econômicas.

Mais do que uma simples editora, a José Olympio funcionava como um pólo de produção e irradiação de cultura. Nos fundos da livraria, na Rua do Ouvidor, se reuniam artistas, jornalistas, professores e literatos. Indivíduos que se tornaram expoentes da intelectualidade brasileira – em um processo de sacralização que ocorre sinergicamente dentro do campo intelectual – como Graciliano Ramos, Cândido Portinari, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Carlos Drummond de Andrade.¹⁶⁷

Na José Olympio, os intelectuais desenvolveram, segundo Ilana Goldstein, acaloradas “discussões artístico-histórico-filosóficas”¹⁶⁸, refletindo sobre a função social do intelectual e da arte. Estes debates podem ser percebidos inclusive nos diversos periódicos que surgiram neste momento, alguns dos quais Jorge Amado foi colaborador, como é o caso do *Boletim de Ariel* (1931-38) e posteriormente, do *A Manhã* (1934-1935), atuando muitas das vezes enquanto crítico literário.

¹⁶⁵ Por ideólogos, compreende-se os intelectuais que fornecem os “princípios”, os “valores”, ou as “concepções de mundo” que dão sustentação ideológica a regimes políticos. Já os expertos, são os intelectuais que fornecem os conhecimentos técnicos necessários para a funcionabilidade do aparato estatal. Cf. BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e poder”. *Os intelectuais e o poder*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1997.

¹⁶⁶ Cf. JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”, cit., p. 172 e 173.

¹⁶⁷ Cf. JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”, *Ibid.*, p. 172, 173 e 174 e PAIXÃO, Fernando (Org.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, p. 80-102.

¹⁶⁸ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 43.

Enquanto uma das principais forças responsáveis pela consolidação do campo literário, e pelo sucesso do romance social, A José Olympio se tornou um importante, se não o mais importante organismo de consagração neste meio, tendo em vista o que já foi mencionado. Segundo Randal Johnson:

A José Olympio publicou todo romancista hoje considerado canônico e, desse modo, acabou por se constituir numa concentração sem precedentes e numa centralização de autoridade, entendida esta autoridade como o poder de reconhecimento e, em última instância, de legitimação no campo editorial. Era como se a publicação sob o selo da José Olympio fosse condição *sine qua non* da consagração.¹⁶⁹

Foi inclusive esta editora que publicou pioneiramente os “novos” romancistas nordestinos como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Este último publicou pela editora romances como *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia*, e também ocupou o cargo de “chefe de publicidade”, antes mesmo de se incorporar ao rol dos autores publicados pela “Casa”, tal como era comumente chamada.

Assim, pode-se dizer que a participação na “Casa” foi uma experiência decisiva para os rumos que a literatura *amadiana* viria a tomar pelo contato com os regionalistas nordestinos e os intelectuais de esquerda como Rachel de Queiroz. A partir de então, se definiria substancialmente, o caminho seguido por Amado no que compete à escrita literária e modo de pensar a sociedade.

2. Comunismo, regionalismo e negritude: um posicionamento político-literário

Se em um primeiro momento do pós Revolução havia certa indeterminação de caminhos a seguir, que era refletida na ambiguidade do governo, e na diversidade de projetos políticos que surgiram naquele momento – revelando a diversidade de forças que haviam se aglutinado na Aliança Liberal – assistir-se-á, progressivamente ao aparecimento de tendências críticas explicitamente alinhadas a ideologias específicas, tanto no campo político como no intelectual. Orientações estas que irão desembocar em projetos políticos como o centralismo e o totalitarismo por um lado, e o comunismo de outro.¹⁷⁰

Quanto ao âmbito literário, Randal Johnson diz que o debate neste campo, que no início dos anos 30 se concentrava no estatuto do Modernismo perante o cânon literário

¹⁶⁹ JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”, cit., p. 173.

¹⁷⁰ Cf. PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 1930: as incertezas do regime”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia Almeida (Org), 2007.

nacional e na definição da prática literária legítima, se tornará mais politizado, dividindo-se entre extremos políticos, entendidos como tendências “de direita” (conservadoras) e “de esquerda” (renovadoras ou opositoras) pelos próprios intelectuais.

No caso de Jorge Amado, o caminho encontrado nos anos imediatamente seguintes à publicação de *O País do Carnaval* foi o “da esquerda”, e mais especificamente, o do comunismo. Esta nova orientação deixará fortes marcas em muitas de suas obras seguintes, que por este motivo, foram classificadas como literatura proletária. Foi o caso de *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *O Cavaleiro da Esperança* (1942), *Terras do Sem Fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Capitães da Areia* (1945), *Seara Vermelha* (1946) e *Os subterrâneos da Liberdade* (1954).¹⁷¹

Por este motivo, o público leitor de Amado que irá se formar inicialmente em torno de seus romances será predominantemente de intelectuais identificados com movimentos de esquerda. A hipótese da inserção de “populares” – mesmo aqueles representados nos romances – entre os leitores de Amado neste momento fica bastante reduzida inclusive pelo fato de que o índice de analfabetismo durante os anos 1930 atingia níveis elevados, beirando 65% da população em idade de ler e escrever, isto é, maior de cinco anos de idade.¹⁷² Além disto, o circuito de produção e distribuição de livros só começara a se estruturar neste período, beneficiando em grande parte apenas o eixo Rio-São Paulo.

Ainda assim, se pensarmos que os intelectuais tiveram – e têm – papel singular na elaboração, legitimação e deslegitimação de projetos político-culturais em torno do modelo de nação, pode-se dizer que Amado, e suas obras encontravam-se no centro destes debates, produzindo discursos, partilhando ideias, e sendo reconhecidos por seus pares. Isto tanto na sua atuação no campo político como no campo literário, pois uma vez que refletia sobre a sociedade em seus romances, o autor também “contaminava-os” com um sentido de nacionalidade.

É preciso destacar, todavia que este sentido de “nação” não é algo explícito no conjunto de suas obras, e talvez menos ainda em seus primeiros romances, nos quais o principal objetivo do autor parece ser contar dramas reais do “povo da Bahia”. Ou melhor, o drama de proletários reais e a sua participação em lutas de classe, como se pode constatar, por exemplo, na seguinte declaração a respeito de seu “segundo” romance: “Escrevi *Cacau* com

¹⁷¹ Os anos indicados referem-se à data de publicação da primeira edição destes romances tal como verificado em RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Mariel (Org.). “Bibliografia”. *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*. Subsídios para pesquisa. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1992.

¹⁷² Cf. gráfico em FERRARI, Alceu R. “Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes”. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, fev. 1985, p. 40.

evidentes intenções de propaganda partidária. Conservei-me, porém, rigorosamente honesto, citando apenas fatos que observei. É um livro onde a imaginação não trabalhou.”¹⁷³

Sendo assim, a reflexão que o romancista fazia sobre a sociedade e que perpassava a sua literatura, só pode ser entendida em um primeiro momento, pela forma como os intelectuais de esquerda no Brasil do início dos anos 1930, percebiam o social e como foram “alimentados” pela literatura soviética nos primeiros anos desta década. Isto porque os autores soviéticos dos primeiros anos da Revolução Soviética só começaram a ser traduzidos para o português, em larga escala, a partir deste momento,¹⁷⁴ influenciando substancialmente os literatos brasileiros, como se percebe na seguinte declaração de Jorge Amado:

Cacau e *Suor*, que se seguem de muito perto – 1933, 1934 –, significam meu encontro com a esquerda – é o momento em que me torno um militante de esquerda, e meu encontro com a literatura, com o romance proletário dos anos 20, com a literatura soviética da primeira fase e com os escritores americanos que surgiam [...]

De fato, no período em que Amado conhece Rachel de Queiroz e é conduzido por ela à Juventude comunista, muitos livros ditos proletários tiveram suas traduções largamente difundidas pela “Editorial Pax”, que publicou romances fundamentais da primeira fase da literatura soviética aqui no Brasil.¹⁷⁵ Dentre estes se pode destacar *Torrente de Ferro*, de Ostrovski, *Cavalaria Vermelha*, de Isaac Babel e *Júlio Jurenito*, de Ilya Ehrenburg.

Após os soviéticos, também foram traduzidas obras de autores comunistas americanos, como é o caso de John dos Passos, do neonaturalista Michael Gold (*Judeus sem dinheiro*) e também de autores alemães como Kurt Klüber (*Passageiro de Terceira*).¹⁷⁶ Relacionando-se diretamente ao contexto de polarização político-ideológica, isto contribuiu para o surgimento de uma tradição de literatura proletária no Brasil que teve Amado como um dos fundadores.

O caso é que *Cacau*, além de se enquadrar nesta categoria, teria inclusive inaugurado o próprio gênero “romance proletário”, em meados de 1933, acompanhado de *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade e *Os Corumbas*, de Amado Fontes. Estes romances teriam

¹⁷³ AMADO, Jorge apud TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 46.

¹⁷⁴ Neste sentido, vale lembrar que em 1932 o Partido Comunista da União Soviética aboliu a RAPP – A Associação Russa de Escritores proletários – e supostamente abriu-se um período de maior liberdade, com ação mais moderada do Partido. Neste clima, realizou-se em 1934 um congresso de escritores, no qual Babel proferiu um célebre discurso. Em 37, no entanto, os julgamentos e os expurgos reverteram essa tendência e Babel é preso justamente neste ano.

¹⁷⁵ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*. 1. ed., São Paulo: Abril Educação, 1981, p. 13. e TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p.40.

¹⁷⁶ Jorge Amado conheceu e se tornou amigo de muitos destes autores ainda na década de 30, como é o caso de Michael Gold e John Passos. Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 17.

suscitado um grande debate no campo intelectual e teriam sido alçados a categoria de *Best Sellers* do ano.¹⁷⁷

O estopim para isto seria mesmo *Cacau*, que abriria a discussão entre os críticos por conta da famosa nota com que Amado introduzia o volume: “Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?”¹⁷⁸

Para esta pergunta, não houve uma resposta consensual, mas pode-se identificar em um artigo de Amado os elementos fundamentais daquela discussão e que tenderam a contrapor o “romance proletário” ao “romance burguês”.

[...] acho que as fronteiras que separam o romance proletário do romance burguês não estão ainda perfeitamente delimitadas. Mas já se advinham algumas. A literatura proletária é uma literatura de luta e revolta. E de movimento de massa. Sem herói nem heróis de primeiro plano. Sem enredo e sem senso de imoralidade. Fixando vidas miseráveis sem piedade mas com revolta. É mais crônica e panfleto (ver *Judeus sem dinheiro*, *Passageiros de Terceira*, *O cimento*) do que romance no sentido burguês. [...] ¹⁷⁹

Através desta declaração é possível compreender muita coisa do estilo de Amado e do sentido social de sua arte neste momento. Se *o País do Carnaval* (1931), Amado já havia pincelado alguns elementos que se tornariam característicos da sua produção literária – como o cenário baiano, o pitoresco folclórico, a questão racial, e certo apelo, sem censura, à sexualidade – agora, estes aspectos passam a ser explorados segundo a lógica de uma literatura que se pretende revolucionária.

Logo, se o apelo à sexualidade, ao grotesco, a palavras de baixo calão, se torna mais intenso em seus romances a partir de *Cacau*, é porque o seu emprego vai além da pura “rebeldia” e “inquietação” de jovem “sem causa”. Aqui, apresenta como claro propósito o ataque à moralidade burguesa, na construção de um “romance proletário”.

O sentido de “proletário” neste movimento, deve-se enfatizar, é bastante amplo, abrangendo camponeses e até mesmo mendigos e vagabundos. Os “proletários” são, em suma, os marginalizados da sociedade, os pobres, os sem poder. Por isto que uma das funções do

¹⁷⁷ BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. *Uma história do romance de 30*, cit., p. 200.

¹⁷⁸ AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 2ª ed., 1932, p. 9.

¹⁷⁹ AMADO, Jorge. “P.S”. In: *Boletim de Ariel*, agosto, 1933 (II, 11), p. 292 apud BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. *Uma história do romance de 30*, cit., p. 216.

artista empenhado em fazer romance proletário é “mergulhar no mundo da pobreza e trazer de lá uma imagem fiel.”¹⁸⁰

“O coletivo”, “as massas”, “os miseráveis”, são portanto categorias empregadas dando sentido à noção de povo. Deste modo, os romancistas tenderam a identificar a figura do proletário ao trabalhador rural, ao negro e ao mestiço, tipos que simbolizavam as camadas pobres, os “excluídos” da sociedade brasileira, especialmente naquela época.

Vistos sob esta ótica não é difícil compreender porque Jorge Amado e outros romancistas de sua geração puderam estabelecer proximidades entre regionalismo, negritude e comunismo, já que se apoiavam em um substrato comum: o “povo”.

À frente do regionalismo nordestino, Gilberto Freyre divulgava, por exemplo, a ideia de que a essência do nacional estaria contida na autenticidade das manifestações populares que constituiriam as raízes da cultura e da arte regional. Este seria o caminho também para se chegar à universalidade, pois a atividade espontânea do povo seria a mais alta expressão dos valores humanos e o modelo de vida ao qual deveríamos regressar.¹⁸¹

De acordo com esta lógica, os trabalhadores rurais, a figura do sertanejo, e, de modo geral, o ambiente rural, ganhou o seu espaço na literatura brasileira. Marginalizada dos esforços de governo em termos de modernização e desenvolvimento – que se concentraram na região Sudeste – as zonas rurais, das diferentes regiões no Brasil, eram ocupadas por uma população que vivia abaixo da linha da pobreza.

Tratar do “sertão” era então trazer à tona, evidenciar e ajudar a solucionar um grande entrave à unidade nacional. Aquilo que Antonio Candido chamou de “oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior”.¹⁸² Para ele, a geração de 30 teria sido a primeira a colocar o problema e encaminhar-se a uma solução, inaugurando, por este motivo, o “romance social” brasileiro.

Ao fazer lembrar a existência do homem rural, explorando-o como motivo de arte, tomando-o em sua realidade rica e viva, a literatura cumpriria tanto a sua função social quanto o seu caráter estético e humanizador. Isto porque, segundo Antonio Candido, na medida em que o leitor adquire experiência da realidade através da leitura do texto literário esta pode ajudá-lo a romper com a automatizada percepção cotidiana.

Para tanto, o discurso regionalista se aproximou do neorrealismo e do neonaturalismo, em clara oposição às correntes artísticas europeias adotadas no movimento modernista “do

¹⁸⁰ BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. Ibid, p. 205.

¹⁸¹ Cf. CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 44.

¹⁸² CANDIDO, Antonio. “Poesia, Documento e História”. In: *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Martins, 1992, p. 45.

Sul” como o dadaísmo, o surrealismo e o impressionismo. Assim, os romances regionalistas, de um modo geral, foram movidos pela grande preocupação em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico.

Este caráter de estudo sociológico na literatura regionalista se expressa, por exemplo, na forma como conduzem o seu projeto criador, partindo da análise de dados empíricos. Assim, de maneira semelhante à figura do antropólogo em sua pesquisa de campo, Amado, por exemplo, empreendeu diversas viagens pelo sertão da Bahia e diferentes regiões do Nordeste com o objetivo de “coletar material”.¹⁸³

No caso dos romancistas do Nordeste, este apego ao “real” se apresentava de maneira ainda mais acentuada porque muitos intelectuais identificaram nesta região uma concentração dos principais problemas da sociedade brasileira. Para Jorge Amado, o “trágico do Nordeste”, era o drama mais visível do país naquele momento. Drama este assentado no latifúndio e na exploração feudal da terra.¹⁸⁴ Isto também fica claro na seguinte declaração de Carlos Nelson Coutinho:

A crise da sociedade colonial brasileira apresentava-se no Nordeste com cores mais vivas e intensas que no resto do Brasil. Os movimentos de renovação e de transformação, que começavam a esboçar-se (apenas esboçar-se) por todo o País, chocavam-se no Nordeste com barreiras mais firmes, com obstáculos quase intransponíveis. As esperanças de renovação democrática da sociedade eram violentamente cortadas; a ausência de uma classe social efetivamente (e não apenas potencialmente) revolucionária condenava os que pretendiam lutar por uma nova comunidade à solidão e à incompreensão. Deste modo, na medida em que aí as contradições eram mais “clássicas” (no sentido de Marx), o Nordeste era a região mais típica do Brasil, a sua crise expressando – em toda a sua crueza e evidência – a crise de todo o País. Não é assim um fato do acaso que tenha sido o romance nordestino da década de 30 o movimento literário mais profundamente realista da história de nossa literatura. E, no seu interior, Graciliano é a figura mais alta e representativa.¹⁸⁵

De acordo com estas características, o regionalismo literário, e especialmente o nordestino, ia diretamente ao encontro das demandas dos escritores inseridos no gênero

¹⁸³ No subtítulo “Indo a campo na aldeia imaginária de Jorge Amado”, Ilana Goldstein mostra que, ao adotar esta postura, o romancista mesclou de tal forma ficção e realidade, imprimindo em suas obras um sentido de veracidade, de espelho da realidade, que fez com que ela fosse utilizada como fonte etnográfica tanto por turistas quanto por sociólogos estrangeiros. Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 220.

¹⁸⁴ Cf. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 67 e 68.

¹⁸⁵ COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. *Literatura e Humanismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p.140 apud HESS, Bernard Herman. *Linhas tortas* e o problema da representação literária engajada no Brasil de 30. Texto apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, Interações, Convergências*, 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil. p. 4-5.

proletário. Entretanto, além de retratar os dramas coletivos, para se fazer literatura proletária seria necessário também, inserir o engajamento direto no próprio enredo, isto é, sugerir pela ação das massas a rebeldia, o “ar de revolta” necessário para a revolução.¹⁸⁶

Antes mesmo dos escritores brasileiros, este projeto revolucionário já teria sido promovida, de maneira semelhante, inclusive, por autores americanos como John Passos, Falkner, Caldwell, Steinbeck. Escritores estes que desenvolveram romances sobre a questão cidade-campo no que se refere aos Estados Unidos, imbuídos por um posicionamento de esquerda.

Além de ler estes como os demais autores comunistas já citados, no ano de 1932 Amado passa também a conhecer pessoalmente alguns dos escritores do movimento de 1930, tais como José Américo de Almeida, Amando Fontes, Gilberto Freyre e Rachel de Queiroz, entre os quais ele próprio iria se incluir.

O romancista se torna então ainda mais alinhado ao regionalismo nordestino que apenas começara a render seus primeiros frutos.¹⁸⁷ É neste momento, portanto, que os costumes, os dramas, os folclores e as crenças locais do “povo da Bahia” ganham centralidade nos romances de Amado. Temáticas estas que vão sendo desenvolvidas em suas obras na medida em que o autor adquiria experiência em relação à vida popular nordestina através de continuadas viagens ao nordeste, pelo interior da Bahia, de Sergipe e Alagoas.

Além do aspecto regional, havia também a questão racial que, neste momento, ganha mais destaque na produção literária de Amado com forte inspiração freyriana, tendo em vista especialmente, o lançamento de *Casa Grande e Senzala* (1933).

O final dos anos 20 e início dos anos 30 marcaram um contexto intelectual de crítica a modelos de análise que tendiam a explicar a questão racial segundo parâmetros do determinismo biológico e somático. Neste sentido, ao retomar a temática das “três raças”, Gilberto Freyre oferecia em seu livro uma espécie de nova racionalidade para a sociedade multirracial brasileira. Com base no culturalismo norte-americano e sem abandonar totalmente os pressupostos raciais dos mestres brasileiros, a obra de Freyre celebrava então a singularidade da mestiçagem, invertendo os termos da equação e positivando o modelo.

¹⁸⁶ BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. *Uma história do romance de 30*, cit., p. 203.

¹⁸⁷ Para Táci, é neste momento que floresce a “vocaçãõ” de Amado: “romancista-poeta do povo, épico de suas dores, anunciador de suas esperanças”. TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 40.

Deste modo, *Casa-grande & senzala* passava a representar e singularizar uma nova postura caracterizada pelo abandono da raça em nome da cultura, uma cultura homogênea apesar de resultante de raças tão diversas.¹⁸⁸

Amado sofreu forte influência deste paradigma, pois, assim como o sociólogo, o romancista destacava a contribuição positiva da mestiçagem étnico-racial brasileira, especialmente no que diz respeito à herança africana em suas obras.

Deve-se enfatizar, todavia, que para Amado a miscigenação não tinha o mesmo caráter harmônico que para Gilberto Freyre; pelo menos naquele momento esta tese foi descartada. Isto porque, enquanto intelectual comunista, o sentido socioeconômico parecia se sobrepor ao racial. Assim, para se resolver o problema do racismo seria necessário antes a transformação das estruturas arcaicas da sociedade do que a miscigenação.

Compartilhando de uma forte corrente da literatura popular brasileira dos anos 30, o romancista parecia conceber o elemento negro com o que havia de mais “popular” e mais “original” na sociedade brasileira por este ser identificado com as camadas mais pobres e marginalizadas da sociedade. Deste modo, era um forte representante de um passado de exploração e atraso. Passado este que deveria ser superado através da luta de classes e da revolução.¹⁸⁹ Esta característica se tornou mais evidente particularmente em *Jubiabá* (1935), como se percebe no seguinte texto de crítica literária publicado quando do lançamento deste romance:

Tudo na nossa literatura, agora, então, tomou um ar mais brasileiro com a chamada do elemento negro, que vem ocupando primeiro plano. O nosso romance hoje é brasileiro. E ninguém mais brasileiro do que Antonio Balduino, esse negro extraordinário fixado pelo Sr. Jorge Amado em seu último romance [...] Olho o Antonio Balduino do Sr. Jorge Amado como uma reabilitação do negro, ou por outra: uma definição do negro brasileiro [...] me fez lembrar José do Patrocínio, Luiz Gama, Cruz e Sousa, seus ancestrais de côr, em quem a procedência excitava à aproximação na luta com seus irmãos, não os afastando com a vaidade de assimilar o “branco” civilizado.¹⁹⁰

¹⁸⁸ Cf. SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. “Complexo de Zé Carioca: Notas sobre uma identidade mestiça e malandra”. Texto apresentado no Encontro anual da ANPOC. 1994. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03.htm> Acesso em: 26/12/2010.

¹⁸⁹ Neste sentido, deve-se destacar que apesar de os romances ditos proletários produzidos por Amado terem tido uma acolhida positiva junto a crítica literária, observa-se em algumas falas o tom de descontentamento frente os aspectos mais expressamente político-ideológicos de seus livros, como se observa na seguinte declaração: “[...] E foi isso que levou “Jubiabá”, a ser um grande livro, apesar de Jorge Amado, no fim, transformar o instintivo, formidável e aventureiro negro, Balduino, em orador, trabalhador, grevista e absolutamente outras coisas que não sentam com o temperamento, com o todo da figura que, desde o início e pelo desenrolar do livro, concebêramos do futuro heroe do A.B.C.”. VERGARA, Telmo. “Negrada”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 22.12.1935.

¹⁹⁰ BASTOS, Humberto. “Antônio Balduino – o negro na literatura”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 1935.

À semelhança dos abolicionistas José do Patrocínio, Luiz Gama e Cruz e Souza, em Antonio Balduino o engajamento na luta de classes teria sido estimulado pela sua cor negra e descendência escrava. O papel revolucionário do negro parece ser então evidente já que este se relaciona a um estrato social historicamente vitimado pela classe senhorial e sua estrutura escravista cujas reminiscências permitiriam a continuidade do racismo e a pauperização da maior parte da população afrodescendente.

Neste sentido, a região Nordeste, também se destacava como fonte de inspiração para os literatos que buscaram fazer literatura “popular” e também literatura “proletária” tendo em vista a questão racial. Era nesta região que se encontrava grande parte da população negra e mestiça do país e onde a cultura afro-brasileira se apresentava de maneira mais pulsante.

Assim, boa parte dos enredos dos romances desenvolvidos pelo escritor – não só os ditos “proletários” – se localizavam na região da zona cacauzeira, no Sul da Bahia, e na cidade de Salvador, nas proximidades do porto. Nestas localidades se concentravam as problemáticas sociais relacionadas tanto à questão da raça quanto à questão da terra.

Unindo a sua vivência nestas regiões com a vontade de fazer literatura popular, Amado “se alimentou” de uma farta “matéria-prima” para seus enredos. Deste modo, se tornaria inclusive o grande divulgador da “nação grapiúna”¹⁹¹ e ao mesmo tempo reconhecido entre seus pares intelectuais como “romancista-poeta do povo, épico de suas dores, anunciador de suas esperanças”.¹⁹²

Deve-se destacar, entretanto que se entre os anos 1930 e 1950 esta “literatura popular” feita por Amado esteve claramente a serviço do ideário comunista, e do objetivo maior de fazer literatura proletária, isto não foi uma constante entre os regionalistas nordestinos. José Lins do Rego, por exemplo, que não teve orientação comunista, nunca se engajou no gênero “romance proletário”, ainda que em *Moleque Ricardo* o autor pareça ter feito um mergulho na literatura “de esquerda”.

De modo contrário, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, ainda que tenham sido intelectuais comunistas, nunca fizeram literatura proletária de acordo com os moldes já citados, isto é, inserindo no enredo a rebeldia e a ação das massas necessárias à revolução,

¹⁹¹ “Grapiúna” é o termo utilizado pelos sertanejos baianos para se referir aos habitantes da cidade baiana de Itabuna. Com a expansão da cacauicultura na região e o crescimento de Itabuna, passou a designar não só os itabunenses mas todos os que chegavam à região e enriqueciam plantando o cacau. A história dos “grapiúnas” fez parte da trajetória pessoal de Amado, já que seu pai foi para Itabuna ainda jovem, se envolveu nas lutas pela terra e se tornou rico fazendeiro de cacau. Tendo o romancista nascido ainda na “época da conquista”, as suas memórias da infância foram fortemente marcadas por esta experiência, muitas vezes adquirida “de tanto ouvir sua mãe contar”, e ele as externou no seu livro de memórias *O menino grapiúna*, publicado pela Record, no ano de 1981.

¹⁹² TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 3.

louvando a figura do proletário, tal como fizera Amado.¹⁹³ Isto, porém não significava falta de engajamento político, já que tanto autores “de esquerda” como “de direita” não restringiram a sua atuação ao campo literário estrito senso.

Muitos deles exerceram atividade em periódicos que funcionaram como órgãos de movimentos políticos, como o jornal *A Manhã*, da Aliança Nacional Libertadora e *A Ofensiva*, da Ação Integralista brasileira.¹⁹⁴ O alinhamento de intelectuais a periódicos como estes muitas vezes se tornou suficientemente indicativo das suas preferências ideológicas e literárias. Como exemplo, pode-se citar a atuação de Tasso da Silveira em *A Ofensiva* e Jorge Amado em *A Manhã* e em *O Momento* (jornal pecebista).

Além disto, Luís Bueno irá destacar um declínio do gênero “romance proletário” – identificado com o “romance regionalista” e o “romance brasileiro” – desde pelo menos 1935, e visivelmente perceptível a partir de 1937. Dentre as razões para esta crise está a decadência das próprias editoras que mais haviam lançado novos autores na primeira década. A Editora Andersen, por exemplo, fecha a suas portas em 1935 e a Ariel e a Schimdt, que desde 1937 lançavam cada vez menos livros, tiveram fim no ano de 1939.¹⁹⁵

Mesmo que outras editoras tivessem assumido este papel, como a Pongeti, os novos romances lançados também não conseguiram se renovar, pois quase nenhum deles ultrapassava a crônica simples de algum lugar do Brasil, fórmula que então começara a se esgotar. Somado a isto, o conteúdo político de esquerda parecia cada vez mais raro.

Para Luís Bueno, isto tem a ver com o contexto de perseguições aos comunistas desde o movimento de 1935, sobretudo com a instauração do Estado Novo e o início do “tempo da nova dúvida (1937-1939)”. Deste modo, a influência dos acontecimentos políticos para a “decadência” do romance proletário não ocorreria exclusivamente pelos efeitos da repressão mas também, e principalmente, pela “nova dúvida”. Gerada a partir da participação de um grande número de intelectuais de oposição no corpo burocrático do governo, esta dúvida, segundo Bueno teria afetado a autonomia intelectual desses homens.¹⁹⁶

Entretanto, deve-se considerar que, para além da adesão ou não ao projeto político do governo, o envolvimento de intelectuais de oposição no aparato do governo pode ser compreendido a partir da ambiguidade própria do governo Vargas, que, com o Estado Novo, passa a permear e a tornar mais complexas as relações entre os intelectuais e o regime. Assim, mesmo em campos políticos opostos, seja dentro ou fora do aparato de Estado, os intelectuais

¹⁹³ BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*, cit., p. 309 -361.

¹⁹⁴ Cf. JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”, cit., p. 175.

¹⁹⁵ Cf. BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*, cit., p. 573 e 574.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 529.

de esquerda se aproximaram do discurso varguista em diferentes pontos e especialmente no que compete ao sentido de “nacional”, “popular” e “moderno”.

3. Os intelectuais e o Estado: da ditadura varguista à redemocratização

Ainda que a participação de intelectuais de esquerda em regimes políticos – especialmente aqueles autoritários como o Estado Novo – possa comprometer a sua autonomia intelectual, este envolvimento é algo mais complexo do que se pode supor pelas premissas de “manipulação” pelo Estado e de “alienação e traição” dos intelectuais.

Assim, descarta-se neste trabalho a chave simplista que interpreta a participação de intelectuais em políticas públicas como sinal de automática adesão às diretrizes ideológicas de um regime político. Parte-se, por sua vez do princípio, enunciado por Angela de Castro Gomes, de que o que há é na verdade uma “variada gama de aproximações, distanciamentos e negociações” que permitem os intelectuais “negociar margens de liberdade”, já que a aberta oposição é reprimida.¹⁹⁷

O Estado Novo, por exemplo, incorporou um grupo bastante diversificado de intelectuais ao aparato estatal, como se vê pela participação de figuras como Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Candido Portinari, Oscar Niemeyer, Sérgio Buarque de Holanda e Graciliano Ramos em instituições político-culturais.

Apesar disto não se pode dizer que houve uma automática adesão destes às diretrizes ideológicas do governo, pois houve diferentes graus de identificação com o regime. Graciliano Ramos é um exemplo disto, pois, preso em 1936, juntamente com Jorge Amado e outros intelectuais ao ser acusado de participar do levante comunista ocorrido em Natal em 1935, irá depois contribuir com o jornal *Cultura Política* do DIP.¹⁹⁸

Amado não irá participar diretamente de nenhum órgão do governo durante o Estado Novo, já que se engajará na luta contra o regime e continuará a produzir romance proletário. Decerto que desde *Cacau*, apreendida pela polícia do Rio, as obras de Amado eram bastante cerceadas pelo seu conteúdo político.

Depois de *Cacau*, *Capitães da Areia*, publicada inclusive pela José Olympio, chegou a ser apreendida e queimada em praça pública, no Rio e na Bahia no ano de 1937¹⁹⁹. Amado

¹⁹⁷ Cf. GOMES, Angela de Castro. “Cultura política e cultura histórica no Estado Novo”. In ABREU, Martha; SOIHET, Raquel e GONTIJO, Rebeca (Org). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 46 e 47.

¹⁹⁸ Cf. RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Mariel (Org.). *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*, cit., p. 35.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 36 e 37.

foi preso várias vezes, mas nunca torturado e nem detido por muito tempo, pois já era reconhecido no meio intelectual e participava de importantes redes de sociabilidade.

Mesmo assim, continuou como colaborador de diversos periódicos, atuando no Brasil e no exterior – por circunstâncias de trabalho, passeio e também exílio voluntário. Participou de Congressos literários e também partidários, seus romances começaram a ser traduzidos – principalmente para os países socialistas –, viajou o mundo conhecendo vários escritores e intelectuais, como Michael Gold e John Passos, Orozco e Rivera.²⁰⁰

Ao que parece, portanto, ainda que houvesse censura, havia uma intensa atividade literária durante o Estado Novo. Mesmo tendo seus livros censurados muitas vezes e tendo feito campanha contra a censura, Amado declarou diversas vezes que “a censura não impede que você escreva e faça seus livros. Esse negócio de dizer ‘eu não produzi isso porque tinha a censura’ é conversa”.²⁰¹

Pode-se dizer inclusive que o autor foi beneficiado, de forma indireta, pelas estruturas criadas pelo governo no campo cultural. Estruturas estas que garantiram o sucesso do romance social ao mesmo tempo em que contribuía para a legitimação das bases do Estado.

Na José Olympio, por exemplo, esta ambiguidade se refletia em publicações representativas dos dois extremos políticos, inclusive publicações das maiores figuras do aparato autoritário do Estado. Neste sentido, tanto romancistas sociais quanto expoentes do aparelho de propaganda do governo Vargas se valeram da mesma fonte de legitimidade.²⁰²

Como se percebe, apesar de Amado ter participado ativamente de diversos movimentos esquerdistas entre o início dos anos 1930 e os anos finais de 1950, a sua postura político-ideológica não impediu que estabelecesse relações com as instituições político-culturais do governo Vargas.

Inicialmente, e de um modo geral, a proximidade entre Amado, e tantos outros intelectuais de esquerda com o regime se fez em torno do projeto cultural do governo, da “missão” do mesmo em “construir um sentido de nacionalidade e uma unidade cultural através da redescoberta das raízes culturais nacionais”.²⁰³

Deste modo, a literatura de Amado ia ao encontro da política cultural do governo Vargas de recuperação e positivação do passado nacional, através do “resgate” de aspectos ligados ao “povo” – aqui tomado como sinônimo de camadas pobres da população. Isto porque, de maneira semelhante aos regionalistas, a política cultural do governo também

²⁰⁰ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 17-22.

²⁰¹ AMADO, Jorge. apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 32.

²⁰² Cf. JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”, cit., p. 174.

²⁰³ *Ibid.*, p. 177.

compartilhava do pressuposto de que a busca e criação do “espírito nacional” do país, poderia ser encontrado nos costumes, na tradição, na raça, língua e memória do passado do povo, tal como analisa Angela de Castro Gomes.²⁰⁴

Segundo esta lógica, o espectro da mestiçagem, negritude e regionalismo, envolvendo símbolos como o samba, a malandragem e a feijoada era valorizado tanto pelos intelectuais “do Norte”, como pelos órgãos do regime no que compete ao âmbito cultural. Nota-se, inclusive uma tentativa de “institucionalização” destes paradigmas com a instauração do Estado Novo. Isto fica evidente quando nos anos 40 o Itamaraty convida o sociólogo para formular uma política cultural, ainda que Gilberto Freyre não tenha visto seu ideário nacional ser plenamente contemplado pelo governo Vargas.

O caso é que o Estado Novo se sustentou em um jogo de forças opostas. Assim, da mesma forma em que buscou trazer para o governo representantes do Regionalismo Nordestino, por exemplo, também o fez trazendo representantes do Modernismo Paulista, como é o caso de Mário de Andrade. Deste modo, ainda que as diferentes vertentes artísticas, políticas e ideológicas não fossem plenamente contempladas pelo governo Vargas, elas certamente estariam representadas por alguns de seus principais expoentes. E neste ponto estaria o *gérmen* da “dúvida” aludida por Luís Bueno.

Dúvida esta, sobretudo quanto ao posicionamento dos intelectuais em relação ao governo, já que a polarização “direita” e “esquerda”, “governistas” e “oposicionistas”, se não foi dissolvida, foi pelo menos amainada devido à postura ambígua do regime.

Para além do projeto cultural do governo, a postura deste frente à ideia da modernização também era um ponto de polêmica entre os intelectuais de diferentes vertentes político-ideológicas e o regime. De um modo geral, eles concordavam no ponto de que existiam estruturas arcaicas na sociedade brasileira, especialmente no campo da produção, que deveriam ser superadas. Entretanto, divergiam quanto às interpretações de Brasil que apresentavam no que se refere ao passado histórico nacional e quanto ao modo de se obter estágios mais desenvolvidos de cultura, riqueza, instituições sociais, organização social, poder, etc.²⁰⁵

O Estado Novo, por sua vez, se baseou em leituras que concebiam um governo forte e centralizado como meio necessário de alavancar o desenvolvimento nacional. Ainda que

²⁰⁴ Cf. GOMES, Angela de Castro. “Cultura política e cultura histórica no Estado Novo”. In ABREU, Martha; SOIHET, Raquel e GONTIJO, Rebeca (Org). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*, cit., p.53.

²⁰⁵ Cf. PIVA, Luiz Guilherme. *Ladrilhadores e semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940)*. Ed. 34. São Paulo, 2000, p. 19.

muitas destas interpretações não falassem em autoritarismo, apontavam para a falência das estruturas liberais em nossa sociedade e assim, valorizavam o intervencionismo estatal.

É de acordo com esta lógica, portanto, que a política de modernização do Estado chegaria ao auge nos anos 40 com a criação de estatais do aço e, posteriormente, do petróleo. Dentre os autores que produziram interpretações neste sentido e que foram utilizados como ideólogos do Estado Novo, encontram-se, por exemplo, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Nestor Duarte.²⁰⁶

Entretanto, ainda que boa parte das interpretações atribua ao período entre 1937 e 1945 a marca quase exclusiva do pensamento autoritário – algumas vezes fazendo crer que o Estado Novo é a culminação quase natural do ambiente político e ideológico predecessor²⁰⁷ – houve intelectuais que concebiam a modernização pela via democrática, como é o caso de Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré.²⁰⁸

Cada um a seu modo, estes intelectuais apontaram também a via revolucionária, como possibilidade de se chegar à modernização, entretanto somente em Nelson Werneck Sodré o entendimento de “revolução” esteve bem próximo daquele compartilhado pela corrente marxista. Isto porque, juntamente com outros marxistas como Alberto Passos Guimarães e Ignácio Rangel, Nelson Sodré defendia “a tese da existência de relações feudais ou semif feudais (ou ainda de “restos feudais”) no campo brasileiro”.²⁰⁹

Para Caio Prado²¹⁰, muito mais alinhado à ideia de “revolução passiva” de Gramsci e de “modernização conservadora”, tal como a expressão de Barrington Moore Jr.²¹¹,

[...] essa tese tinha origem direta no Programa da Internacional Comunista, adotado no VI Congresso mundial, ocorrido em Moscou, em 1928, e reiterava a formulação esquemática e simplista das resoluções da Internacional Comunista para os países ditos dependentes. Mobilizar a sociedade em uma frente antifeudal foi para o PCB um objetivo permanente. Após a década de 1950, aliou a esse objetivo o antiimperialismo norte-americano. Os documentos do PCB deixam claro que somente a revolução socialista daria fim nesse binômio que emperrava o desenvolvimento do país. Isso se daria também com a colaboração daquilo que o

²⁰⁶ Ibid.

²⁰⁷ Ibid., p. 38.

²⁰⁸ Cf. AXT, Gunter e SCHÜLLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*, cit.

²⁰⁹ Cf. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. “Nelson Werneck Sodré”. Ibid., p. 326.

²¹⁰ Apesar de Caio Prado ter aderido ao PCB desde o início da década de 1930, a sua condição de intelectual, aliada à sua conhecida independência frente aos cânones do partido, marcou quase que de modo permanente sua longa relação, nem sempre pacífica, com o PCB, como ele mesmo assinalou anos mais tarde. Segundo depoimento do próprio Caio Prado: “nunca pertenci à direção do Partido, nem tive nele grande prestígio ou influência. Sempre fui um elemento secundário, e mal considerado, não em termos pessoais, mas por causa de minha maneira de interpretar o Brasil. PRADO JR, Caio apud MOTA “Entrevista”. In: Idem (Coord.). *A História Viva* vol. 1. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1981, p. 309-310.

²¹¹ Cf. DIEHL, Astor Antônio. “Caio Prado Júnior: As idéias de futuro que se tinha do passado e o pêndulo da razão”. In: AXT, Gunter e SCHÜLLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*, cit., p. 351.

PCB denomina de burguesia nacional, antiimperialista e defensora dos direitos autóctones.²¹²

Compartilhando deste pressuposto estavam os intelectuais vinculados ou simpatizantes do PCB, como o próprio Jorge Amado, que utilizou a sua literatura, dentre outras coisas, como meio de crítica a “estas estruturas feudais”, que para ele se faziam mais presentes no “trágico do Nordeste”. A aproximação com os Estados Unidos no contexto da Política da Boa Vizinhança ainda nos anos 1940, também era um aspecto da modernização empreendida por Vargas criticado por muitas vertentes intelectuais sejam elas de esquerda ou não.

Quanto a isto é importante destacar que a ameaça do “imperialismo norte-americano” só seria sentida de maneira mais contundente por boa parte da intelectualidade brasileira no pós-guerra, quando os Estados Unidos assumem a doutrina da contenção que supunha a divisão bipolar do mundo em áreas de influência norte-americana e soviética. (As Américas estariam claramente no campo americano, o que gerou dois tipos de atitude – negligência benigna e intervenção).

Entretanto, no que se refere à influência cultural externa, de um modo geral, o posicionamento de Jorge Amado se aproximava ao de Freyre ainda quando o primeiro participara da *Academia dos Rebeldes* e defendia o “regionalismo tradicionalista” em contraposição ao “tradicionalismo dinâmico”²¹³ apregoadado pelo grupo *Arco e flecha*.

Independente do posicionamento político de seus membros, o movimento “regionalista tradicionalista”, encabeçado por Gilberto Freyre, por exemplo, denunciava os malefícios do progresso e da importação de costumes e valores estrangeiros, entendidos como aqueles que diferiam das raízes brasileiras, marcadas pela contribuição lusitana, africana e indígena. Em relação à possibilidade de padronização decorrente da conquista industrial do mundo, Freyre defendia que:

O perigo da monotonia cultural ou da excessiva unificação de cultura no continente americano provém da influência do industrialismo capitalista norte-americano, largamente dominado pela idéia de que o que é bom para o norte-americano deve ser bom para todos os outros povos da América.²¹⁴

²¹² RECKZIEEGEL, Ana Luiza Setti. “Nelson Werneck Sodré”. Ibid., p.326.

²¹³ Carlos Chiaccio, líder do grupo *Arco e Flecha*, defendera esta tese dizendo que a tradição não deveria sufocar-se “sob as patas brutais das modernidades flamantes”. As “tradições dinâmicas” seriam portanto as tendências modernistas dignas de fé. Segundo ele, “o paradismo pode sofrer a transformação do movimentismo. [...] O que se não pode compreender é essa volta ao primitivismo integral, sem o respeito à tradição adquirida”. Assim, “o universalismo da cultura não prejudica o sentido imanente da tradição regional.” CHIACCIO, Carlos. *Arco & Flecha*, n. 1, pp.3-8 apud TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 13.

²¹⁴ FREYRE, Gilberto. “Universidade e diversidade, nação e região”, *Interpretação do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1947, pp. 140 e 141 apud OLIVEN, Ruben George. “Gilberto Freyre e a questão regional”, AXT, Gunter e SCHÜLER, Fernando (Org.), *Intérpretes do Brasil*, cit., p.196.

Essa denúncia vai ao encontro daquela feita ao “hábito que nossas elites têm de arremedar os costumes que julgam modernos”, tendência apontada por Maria Isaura de Queiroz e próxima à noção das “ideias fora do lugar” de Roberto Schwarcz, que se refere à “adoção de ideologias alienígenas, que eram então reelaboradas para se adequarem às necessidades locais”.²¹⁵ Críticas estas que persistiram por mais de quarenta anos e sua permanência talvez ainda possa ser verificada tanto no imaginário acadêmico como no popular.

Além disto, o forte apego às tradições, ao mundo rural e à sociedade patriarcal, envoltos em um sentimento nostálgico se tornou uma marca da produção literária de Amado, fazendo com que o progresso, sintetizado pelo avanço urbano-industrial fosse percebido pelo autor de forma ambígua.²¹⁶

A modernização empreendida por Vargas era, portanto, motivo de polêmica, particularmente entre os chamados intelectuais regionalistas. Isto porque o governo valorizava símbolos urbano-industriais em contraposição ao imaginário simbólico representado pelo modelo rural que era associado aos governos oligárquicos anteriores. Deste modo, o discurso de nação que se pautava na tradição agrária passa a ser desvalorizado em favor do industrialismo varguista, que era então relacionado ao potencial econômico do país à força do capital privado, e às grandiosas indústrias de base criadas no período.

Isto foi sendo posto em prática segundo um projeto industrial de cunho nacional-desenvolvimentista, em que se promoveu a passagem de uma economia agrária para uma economia industrial através do modelo de substituição de importações cujos incentivos governamentais se concentraram na região Sudeste.

Além disto, é válido lembrar que o ideal de “povo” a que Vargas aludia, era particularmente relacionado aos trabalhadores urbanos, dos quais buscou incessantemente se aproximar e angariar apoio. Os trabalhadores rurais foram deixados de lado, assim como as tradições agrárias que eles representavam.

Nestas condições, o projeto de modernização para o Brasil do Estado Novo era seletivo e excludente e assim não abrangia os grandes contingentes populacionais que historicamente haviam permanecido à margem de qualquer avanço. Por este motivo, não

²¹⁵ Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Do rural e do urbano no Brasil”. In: QUEDA, Oriowaldo e SZMERESÁNY, Tamás (Org.), *Vida rural e mudança social*, São Paulo, Editora Nacional, 1973 e SCHWARCZ, Roberto. “As idéias fora do lugar”. *Ao vencedor as batatas*, São Paulo, Duas Cidades, 1977 apud Ruben George Oliven, “Gilberto Freyre e a questão regional”. In: AXT, Gunter; SCHÜLER (Org.). *Intérpretes do Brasil*, cit., p. 197 e 198.

²¹⁶ Isto pode ser percebido particularmente no enredo de *Gabriela cravo e canela* (1958) e *Tieta do Agreste* (1977), que tratam deste conflito entre “campo” e “cidade”, “tradicional” e “moderno”.

atendia às demandas de uma intelectualidade de esquerda ansiosa por ver a superação das desigualdades sociais que o progresso poderia motivar. O que ela viu foi, pelo contrário, o aprofundamento das diferenças sociais, numa exacerbação das contradições entre aquilo que Antonio Candido chamou de litoral e interior.

Ainda assim é importante enfatizar que a ideia ampla de que o desenvolvimento nacional seria obtido através da modernização é um aspecto comum às visões de Brasil do Estado Novo e dos intelectuais esquerdistas. Além disto, os avanços no âmbito industrial e na legislação trabalhista eram conquistas inegáveis, apesar de todas as suas insuficiências. E mais, a modernização tal como empreendida por Vargas poderia ser capaz de desenvolver o capitalismo no Brasil de modo que as contradições sociais se evidenciassem e assim, como parte do processo de evolução do capitalismo, se criassem as condições necessárias à deflagração da revolução.²¹⁷

Deste modo, é plausível que setores de esquerda tenham apoiado Vargas em diferentes contextos da vida política brasileira não somente pelas demandas da conjuntura como também pelo aspecto extremamente ambíguo e complexo que marcou a relação entre estas partes ainda no Estado Novo. A forma como se desenrolou o posicionamento do PCB em relação ao governo até o seu apoio incondicional a Vargas por ocasião da Segunda Guerra é um bom caminho para se observar a singela fronteira entre “oposição” e “situação” naquele momento, independentemente do posicionamento autoritário do regime internamente.

Neste contexto, o PCB se reorganizara desarticulando o comitê central e permitindo a descentralização organizacional e a formação de comitês regionais com linhas de atuação independente. No ano de 1942 o partido encontrava-se dividido em três correntes principais. Uma delas, tendo a frente Caio Prado Júnior, defendia uma posição de luta tanto contra o fascismo externo como interno. Outra, encabeçada pelos irmãos Paulo e Pedro Mota Lima, defendia a união nacional com o apoio ao governo Vargas, chegando a admitir a extinção do PCB. A terceira, liderada por Amarílio Vasconcelos e Maurício Grabois e que mantinha ligações com Prestes, era a favor da união nacional como um esforço de guerra, apoiando neste sentido o presidente Vargas, mas sem concordar com a dissolução do PCB.

Na II Conferência Nacional do PCB, conhecida como Conferência da Mantiqueira, realizada entre 28 e 30 de agosto de 1943, em Resende (RJ), a corrente que predominou foi a inspirada nos modelos da união nacional em torno do governo, com o apoio incondicional a Vargas e o fortalecimento ideológico do partido contra as tendências de liquidação do PCB.

²¹⁷ Cf. BUENO, Luís. “O tempo da nova dúvida (1937-1939)”. *Uma história do romance de 30*, cit., p. 551.

Além disto, estabeleceu-se como prioridade a luta em favor da participação do Brasil na guerra contra os países do Eixo. Estas resoluções serviriam então de linha condutora das posições do PCB no período de 1945 a 1947.²¹⁸

Em seu discurso proferido ao povo da Bahia, no chamado “Comício de 28”, desdobramento da Conferência da Mantiqueira, Amado fez a seguinte declaração a este respeito:

Há um ano, senhores, ainda me encontrava eu em terras estrangeiras, longe da Pátria e em oposição ao governo. Mas exatamente há um ano, [...] a minha posição, como a de todos os verdadeiros anti-fascistas, em relação ao governo, se modificou completamente. Imediatamente a nossa palavra de inteiro apoio e de completa identidade de sentimentos, veio trazer ao presidente da República a certeza da absoluta solidariedade dos anti-fascistas ainda exilados. [...] creio que também este comício do povo baiano [...] traga contribuição para que, definitivamente, se concretize a unidade de todos os brasileiros, sem distinção e sem discussão de problemas políticos de um passado que a guerra rompeu, unidade em torno da figura do chefe do governo, unidade em torno de Getúlio Vargas.²¹⁹

O posicionamento do romancista, em pleno acordo com o que havia sido acordado pela direção do PCB, demonstra que todas as perseguições e crimes políticos cometidos pelo Estado Novo foram absolvidos pelo partido em favor da unidade nacional, da “liberdade sobre a escravidão”, “da cultura e da ciência sobre a barbárie” e enfim “do bem sobre o mal”.²²⁰

A tomada de posição do governo contra o Eixo e a entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados foram atitudes que reforçaram definitivamente os laços entre importantes setores da esquerda e o governo Vargas. Isto porque, esta postura do regime repercutiu como um passo significativo do governo em relação aos ideais democráticos.

Deste modo pode-se compreender porque, ao fim do Estado Novo, o PCB, ao invés de tomar a frente do movimento pela deposição de Vargas, optou em defender a eleição e a instalação de uma assembleia constituinte com o mesmo no poder. O próprio Luís Carlos Prestes, que além de ter passado anos exilado e ter perdido a esposa, enviada à Alemanha Nazista pelas ordens de Getúlio, defenderá esta postura da seguinte forma:

O governo vem há muito cedendo no sentido da democracia e marcha por isso em sentido inverso daquele por que levava o país nos anos anteriores à grande guerra pela independência e libertação dos povos. Se naquela época soubemos empunhar armas em defesa da democracia, agora também a defenderemos apoiando o governo em defesa da ordem e desmascarando sem vacilações os agentes da desordem, todos

²¹⁸ Ver “verbete” sobre Luís Carlos Prestes em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA>.

²¹⁹ AMADO, Jorge. “Discurso no Comício de 28”. Hora da Guerra. *O Imparcial*. Salvador, Bahia, 29.01.1943.

²²⁰ Ibid.

aqueles que pregam os golpes ‘salvadores’ ou a guerra civil falando em democracia, mas que não passam na verdade de instrumentos da provocação fascista.²²¹

Deduz-se, portanto, que o que incomodava os setores de esquerda não era tanto o governo Vargas em si. O seu projeto cultural, o desenvolvimento-nacional calcado na modernização, bem ou mal, teria alavancado o Brasil rumo ao progresso. O autoritarismo do regime, este sim deveria acabar e esta transição, nesta lógica, poderia ocorrer perfeitamente com Vargas no poder.

Mesmo derrubado pelos militares e por setores liberais que permaneceram contrários ao seu autoritarismo, Vargas conseguira indicar para presidente o general Dutra, candidato da coligação PSD/PTB, que se saiu vitorioso nas eleições presidenciais de 1945.

Entretanto, a redemocratização e a eleição de um candidato varguista não levaram à frente a aliança que vinha sendo construída entre o Estado e os intelectuais de esquerda. Fato este que se relacionava estreitamente à polarização mundial entre às forças capitalistas e comunistas e o reforço neste período das relações diplomáticas e econômicas entre Brasil e Estados Unidos.

No que se refere ao campo econômico, os resultados apresentados pela missão ABBINK (Comissão Técnica Mista Brasil/Estados Unidos) indicavam que para o Brasil aquecer a sua economia e elevar o nível de produção seria necessário formular uma política que objetivasse a contenção do nível de inflação e primasse pelo desenvolvimento da indústria petrolífera. Tais medidas passariam pela compressão salarial e o recurso ao capital estrangeiro para suprir a falta de recursos nacionais.

Deste modo, a política econômica brasileira foi se moldando cada vez mais à associação com o capital financeiro internacional, consoante com o plano do pós-guerra de imposição de uma nova ordem mundial. Entretanto, o capital que se dirigia não só ao Brasil como a diversos países subdesenvolvidos tinha origem predominantemente nos Estados Unidos, o que condizia com o ímpeto expansionista presente no Plano Marshall.²²²

Este cenário se refletiu no desenvolvimento de uma nova política de “caça às bruxas” aos comunistas na conjuntura do pós-guerra. Após se afirmar politicamente, exercendo papel importante na Assembleia Nacional Constituinte de 1946, o PCB é posto na ilegalidade entre 1947 e 1948 e seus membros perseguidos pelo Governo Dutra. Compelido à clandestinidade,

²²¹ Prestes, Luís Carlos apud “verbete” sobre Luís Carlos Prestes em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA>.

²²² CRUZ, Marta Vieira. “Brasil Nacional-desenvolvimentista (1946-1964)”. Publicação do Grupo de Estudos e Pesquisas, História, Sociedade e Educação no Brasil - Histedbr/Unicamp/UFS. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Marta_Vieira_Cruz_artigo.pdf> Acesso em: 30/12/2010.

o PCB reagiria com um discurso político radicalizado (expresso nos Manifestos de 1948 e 1950), o que conduziria os comunistas a um profundo isolamento, além de dar início à luta interna entre as facções partidárias.²²³

Neste contexto, Jorge Amado, que havia sido eleito debutado pelo PCB teve o seu mandato cassado em 1948 e em seguida se dirigiu em um exílio voluntário para a Europa, tendo permanecido por lá até 1952. Durante este período o romancista exerceu grande militância política como representante do partido e dirigente do movimento internacional pela paz, tendo se envolvido pessoalmente com os principais expoentes da intelectualidade socialista internacional.²²⁴

É nesta conjuntura que ele escreve *O Mundo da Paz* (1951) e, três anos mais tarde, *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954), obras que foram caracterizadas como produções típicas de um “homem de partido”, ao lado de *O Cavaleiro da Esperança* (1942). Concordando com esta terminologia, o próprio autor diria na década de 1980 que, mais do que isso, estas obras seriam “típicas de um stalinista”. Perguntado sobre o motivo pelo qual proibira a republicação de *O Mundo da Paz*, a resposta de Amado destacaria que a obra apresentaria uma visão “desatualizada e sectária daqueles países”.²²⁵

Entretanto, mesmo havendo certa predominância do aspecto panfletário no discurso literário e extraliterário de Amado, particularmente no pós-guerra, é importante destacar que ao lado de sua militância política, o autor desenvolveu certo tipo de militância nacionalista. Isto é, agindo em defesa dos interesses da “nação”, ou melhor, de certo modelo de nação.

Neste sentido Jorge Amado incluía-se em uma tendência forte da intelectualidade de esquerda, em seguir o discurso do partido quanto à nação, ao contrário, por exemplo, de Caio Prado Jr. Esta tendência pode ser verificada, por exemplo, em um artigo em defesa do posicionamento dos intelectuais em favor do Manifesto de 1.08.1950, em que Prestes teria incitado o “povo” à revolta, rumo à revolução:

Sob a bandeira do Manifesto de Agosto, nosso povo luta pela Paz e pela libertação nacional. O dever de nossos intelectuais é ajudar o nosso povo, travar a seu lado a grande batalha em que está empenhado. Expressão da consciência nacional, a

²²³ Cf. “Breve histórico do PCB (Partido Comunista Brasileiro)”, p. 3. Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>

²²⁴ Em entrevista, o autor assim se pronunciaria a respeito destas importantes redes de sociabilidades: “Fui muito feliz em Paris, morei dois anos lá... Viajava muito, corri a Europa com Neruda, com Ilya Ehrenburg, com Michael Gold, que morava num hotel perto do meu. Fui vice-presidente do Congresso de Escritores e Artistas pela Paz, em 48, conheci Julien Huxley, Quasímodo e Irene Juliot-Curie, Lúkács, Cholokov e Anna Seghers [...]”. AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 13. e TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 26.

²²⁵ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 28.

manifestação artística, contribui por sua vez, a desenvolver esta consciência, a fortalecê-la. Em oposição à pseudo-arte do imperialismo, que procura inculcar em dominá-lo e arrastá-lo para as suas aventuras guerreiras. Nossos intelectuais devem criar uma arte popular, inspirada no povo, que seja a expressão de seus anseios mais profundos. Inspirando-se em nosso povo, na vida de nossos homens simples, usando as belas formas de expressão de que nosso povo é rico, saberão nossos intelectuais criar uma arte que contribua decisivamente para a vitória da causa da Paz, da Independência Nacional e da Democracia Popular.²²⁶

Seria, portanto um dever patriótico dos intelectuais, lutar contra o “imperialismo norte-americano” para garantir não só a vitória das forças da paz e da “Democracia Popular”,²²⁷ como também a “independência nacional” frente à influência cultural dos Estados Unidos. Defende-se, assim, a ideia de autonomia cultural brasileira, que, de um modo geral, significa aqui a valorização das diferentes formas de expressão espontâneas do “povo”, isto é, das camadas pobres da sociedade.

Afinal de contas, com o fim do Estado Novo, o grande desenvolvimento na área cultural se deu no campo da iniciativa privada. Assim, era urgente a tomada de posição dos intelectuais como forma de frear, ou fazer frente à influência cultural externa. Esta se fazia presente, sobretudo, através da entrada maciça de capital estrangeiro, fruto das novas relações internacionais desenvolvidas pelo governo. O tal “risco da monotonia cultural” aludido por Freyre se refletiria assim, em uma mudança da noção política de povo para a noção mercadológica de massa.

Seguindo esta lógica, Osmundo Pinho destaca que a presença do aspecto "nacional-popular" no pensamento de esquerda, teve como inspiração a obra do pensador marxista Antonio Gramsci.²²⁸ Para este, o resgate do passado histórico cultural das classes populares (excluídas do poder dominante) significaria o resgate de um patrimônio da nação e base para a construção da nacionalidade.

Isto de certa forma encontra-se no discurso literário e extraliterário de Jorge Amado, o que pode ser explicado como uma associação a este ideal gramsciano, partindo da intensa vinculação entre o romancista e o discurso nacionalista do partido. Mas também pode ser

²²⁶ GUEDES, Fernando. “Os intelectuais e o manifesto de agosto”. Revista Horizontes, n. 8. Porto Alegre, 01.01.1951, p. 220-221.

²²⁷ Este conceito de “democracia popular” era comumente empregado pelos intelectuais socialistas para designar as nações socialistas em contraposição à “democracia yankee”, associada aos Estados Unidos. Esta oposição foi inclusive utilizada por Jorge Amado em seu discurso em Paris por ocasião do Congresso de Escritores da Tchecoslováquia no ano de 1949. AMADO, Jorge. “Por uma literatura a serviço do povo e da paz”. *O Momento*. Salvador, Bahia, março de 1949.

²²⁸ Cf. PINHO, Osmundo S. de Araujo. “A Bahia no fundamental: Notas para uma interpretação do discurso sociológico da baianidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, n. 36, São Paulo, fevereiro de 1998.

compreendido pela estreita relação destas ideias com o discurso do movimento regionalista, do qual participava Amado, que considera a cultura popular como base da cultura nacional.

Assim, valores e sensibilidades arraigados nas práticas da “gente comum” formariam um substrato da nação, alçados à nova dignidade pela militância cultural e intelectual de agentes saídos "organicamente" do povo ou a este ligados de alguma forma. Deste modo, o nacional e o popular seriam ainda signos de unificação cultural, política e ideológica e os intelectuais e artistas teriam papel singular na elaboração da consciência estético-moral da nação-povo.²²⁹

A identificação entre o nacional e o popular nestes termos, seria relacionada ainda ao de “populismo”. Esta noção, já questionada pela historiografia, quando utilizada entre 1945 e 1964 serviu para designar a política personalista, carismática, e representativa ao lado do “povo” dos governantes brasileiros deste período.²³⁰

Vargas, particularmente, utilizou fartamente esta simbologia de representante do povo ao longo dos dois períodos em que governou o Brasil, sendo mitificado como “pai dos pobres”. Seu carisma e prestígio junto à classe trabalhadora podem ser atribuídos principalmente à implantação da legislação trabalhista no Brasil divulgada amplamente pelo aparato propagandístico do Estado Novo e que ficou arraigada no imaginário popular, ainda que ela não tenha contemplado todos os trabalhadores de maneira igualitária.

Além desta, outra questão que também esteve no centro do debate político-intelectual durante o Estado Novo e que tornou a ser objeto de discussão no pós-guerra foi a questão racial. Dentro da política varguista, a apropriação de “símbolos mestiços” como o samba, a capoeira, a festa e a malandragem serviram de sustentação para um determinado modelo de identidade nacional, que se pretendia dominante.²³¹ Modelo este calcado nos postulados divulgados por Freyre quanto ao mito das três raças, a positivação do caráter mestiço da sociedade em um todo harmônico e hegemônico.

Entretanto, a despeito da valorização desta simbologia no plano cultural, ela não encontrava correspondência no campo político-econômico, já que grande parte da população

²²⁹ Cf. GRAMSCI, Antonio. (1978), *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira apud PINHO, Osmundo S. de Araujo. “A Bahia no fundamental: Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade”. Ibid., p. 4.

²³⁰ Diversos são os autores que criticam os termos “populismo” e “populista” especialmente porque estas noções carregam um entendimento da história deste período que tende a conceber os trabalhadores e sua história como “simples objeto de regulamentação estatal”, sendo manipulados sob a tutela do Estado. Cf. FERREIRA, Jorge. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”, Idem (org.), *O populismo e sua história. Debate e crítica*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2001, p. 97-110.

²³¹ Cf. SCWARCZ, Lília Katri Moritz. “Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra”. Ensaio apresentado em 1994, no encontro anual da ANPOCS. Disponível em: <www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03.htm> Acesso em: 26.12.2010.

mestiça, e negra, continuava marginalizada socialmente, não sendo abarcada pela modernização que então se engendrava.

No que se refere à religião, por exemplo, vigorava uma determinação – originária no início da República – que proibia a prática do espiritismo, especialmente no que se refere às religiões afro-brasileiras, que eram taxadas como “baixo espiritismo”. Em tal formulação estava implícito o preconceito social direcionado contra os membros destas religiões, que pertenciam aos setores mais desprivilegiados da sociedade brasileira.²³²

A discriminação que atingia os cultos afro-brasileiros se fazia presente também no que se refere a outras práticas culturais nas quais predominavam os negros e mestiços, como o samba, a festa, a malandragem, e a capoeira. Concebidas como temáticas entrelaçadas eram tratadas como “caso de polícia” pelo aparato repressor do Estado Novo.²³³ A perseguição e violência policial em relação aos membros dos candomblés podem ser inferidas do seguinte depoimento de Amado:

Em 43, quando a polícia do Rio me soltou e me forçou a viver em Salvador – e eu vivi aqui até 44, dois anos –, não fiz outra coisa se não ir à polícia buscar as armas de santo e as coisas todas dos candomblés que a polícia invadia, tomava os emblemas sagrados e os levava. Eu ia lutar para tirar meus amigos da cadeia... Fui amigo de Procópio, de Aninha, a mãe-de-santo Aninha [...].²³⁴

Assim, o próprio autor presenciara a violência decorrente da intolerância religiosa de setores dominantes da sociedade, tendo tratado disto, anos mais tarde, em *Tenda dos Milagres* (1969). Este envolvimento de Amado na luta contra a discriminação racial e a liberdade religiosa no país alcançaria um novo patamar diante dos novos tempos. Com o fim do Estado Novo no Brasil e da Segunda Guerra no mundo, emergia um amplo contexto de discussão sobre a tolerância racial e cultural. Naquele momento o fantasma do racismo e da discriminação racial rondava o mundo do pós-guerra, apresentando-se em sua feição mais violenta nos Estados Unidos e em países africanos que davam seus primeiros passos rumo à independência.

Internamente, o fim da ditadura varguista permitiu que algumas das organizações negras, que se mantiveram ativas durante o Estado Novo, como a Frente Negra Brasileira, se reorganizassem e várias outras fossem criadas. As reações imediatas da sociedade

²³² JENSEN, *Tina Gudrun*. “Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafrikanização para a reafricanização”. Trad. Maria Filomena Mecabô. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, 2001, p. 3.

²³³ Cf. SCWARCZ, Lília Katri Moritz. “Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra”, cit.

²³⁴ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 11.

conservadora, com suas frequentes demonstrações de racismo, incentivaram o discurso e a atuação das organizações negras. A partir de então, observa-se um renascimento ou uma renovação dos grupos de discussão e ação contra a discriminação racial e que lutavam também pelo “alevramento moral da gente negra”.²³⁵

Além disto, o ambiente cultural favorecido pela democratização, somado à insatisfação diante da discriminação em relação aos negros, principalmente no mercado de trabalho, deram oportunidade à realização de eventos que davam visibilidade às reivindicações do movimento negro. Assim, o ano de 1945, por exemplo, foi marcado pela realização da Convenção Nacional do Negro, em São Paulo, que tinha por objetivo preparar uma plataforma de ação para a constituinte que se avizinhava.

Dentre as iniciativas tomadas estava a proposição de um projeto de lei idealizado por Abdias Nascimento, organizador da Convenção, que previa a inclusão de um dispositivo constitucional definindo a discriminação racial como crime de lesa-pátria.²³⁶ Este projeto, entretanto, não foi aprovado quando da formação da constituinte. Isto porque, ao ser colocado em votação, o PCB teria se oposto ao projeto, alegando que a lei iria “restringir o conceito amplo de democracia”.²³⁷ Neste sentido, o Partido Comunista se distanciava do movimento negro e de suas reivindicações específicas, pois acreditava que elas dividiam a luta dos trabalhadores e, assim, represavam a marcha da revolução socialista no país.

Apesar disto, foi justamente através de Jorge Amado, então deputado pelo PCB, que o movimento negro teve uma importante vitória na Constituição de 1946 já que o romancista conseguiu aprovar a lei de liberdade religiosa que tanto favoreceria a realização dos cultos afro-brasileiros no país. Quanto a isto, deve-se destacar, além do que já foi dito, que a dificuldade de se aprovar tal emenda passava ainda pela crítica que a ideologia socialista fazia à prática religiosa.

O envolvimento de Amado com esta causa, entretanto, vinha desde cedo, ao frequentar casas-de-santo e terreiros de candomblé, e parece ter se intensificado naquele período, já que ele mesmo sofrera o risco de se identificar com membros do candomblé e com toda a “simbologia mestiça” taxada como profana. Isto fica claramente expresso no seguinte trecho:

²³⁵ SILVA, Joselina da. “A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50”. *Revista de Estudos afro-asiáticos*, vol. 25, n. 2, Rio de Janeiro, 2003, p. 3-4.

²³⁶ Cf. “Abdias Nascimento, uma biografia resumida”. Disponível em: <www.iara.org.br/site2/newsletter/03%20ABDIAS%20NASCIMENTO%20BIOGRAFIA%20RESUMIDA.pdf>. Acesso em: 26.12.2010.

²³⁷ NASCIMENTO, Abdias do. “Depoimento”, *Memórias do exílio*, Pedro Celso Uchoa e Ramos Jovelino (Org.), São Paulo, Livramento, 1978, p. 33. apud DOMINGUES, Petrônio. “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, vol. 12, n. 23, Niterói, 2007, p.7.

Em 1946 andei pelo interior do Ceará em campanha eleitoral, Zélia, à minha ilharga, vimos coisas de pôr o cabelo em pé: templos protestantes saqueados, incendiados por massa de fanáticos enfurecidos sob o comando de sacerdotes católicos, a cruz erguida em guerra aos gritos de Viva Cristo Rei. Os mesmos fanáticos capitaneados pelos mesmos padres que destruíram em poucos minutos o palanque de onde devíamos falar, Zélia e eu, em comício que não conseguimos realizar. Escapamos com vida por entre ameaças de beatas desvairadas e facas de sangrar porcos exibidas por jagunços, nunca vi a morte tão de perto. [...] Liberdade, nem religiosa nem política.²³⁸

Assim, se o fato de Amado, um pecebista disciplinado que seguia muito de perto as determinações do seu partido, ter proposto tal emenda, a despeito dos princípios que norteavam o PCB, isto é plenamente explicável, sobretudo quando examinamos a trajetória do romancista e o contexto específico em que estava inserido. A aprovação da emenda, entretanto, teria lhe custado “trabalho e astúcia”, segundo suas próprias palavras.²³⁹

A “astúcia” seria por conta de não ter levado o assunto à bancada ou à direção do partido e sim, diretamente a Prestes, “chefe incontestado”.²⁴⁰ Amado teria conseguido o seu aval para a emenda com a ajuda de uma importante liderança do partido, Giocondo Dias, que teria alertado o dirigente a respeito do apoio que o partido poderia obter junto ao povo se tomasse a si a defesa das religiões populares.

Além disto, o autor teria recusado as assinaturas dos componentes da bancada comunista, inclusive a de Prestes, pois seria “mais fácil fazê-la tramitar como projeto de intelectual conhecido, ligado às seitas afro-brasileiras, bem visto apesar de comuna”.²⁴¹ A trabalhosa tarefa de angariar mais de oitenta assinaturas entre as diferentes bancadas, levaria então o autor a conquistar a aprovação de sua emenda que contou, inclusive com “o valioso autógrafa” de Gilberto Freyre, deputado por Pernambuco.²⁴²

A lei da liberdade religiosa ia ao encontro do discurso de Freyre sobre a nação, pois garantia constitucionalmente a livre expressão de uma atividade “espontânea” do povo, que é a religião. Do mesmo modo, toda a simbologia que envolve as religiões populares, e particularmente as afro-brasileiras – representantes do “Brasil mestiço” – seriam respeitadas e valorizadas pelo Estado como deveriam ser, já que constituiriam símbolos do povo-nação.

Assim, seria dado um passo a frente no sentido de fazer valer, no âmbito político-jurídico, aquilo que já existiria no plano social, que é a existência de práticas religiosas plurais. Quanto a isto, pode-se dizer que ao lado da “astúcia” e “trabalho” que o romancista

²³⁸ AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 71.

²³⁹ *Ibid.*, p. 72.

²⁴⁰ AMADO, loc. cit.

²⁴¹ AMADO, loc. cit.

²⁴² Nesta ocasião, Freyre, teria curiosamente se perguntado – “em voz baixa” e “com um sorriso sedutor” - o porquê de não ter tido a ideia da emenda antes mesmo de Amado. AMADO, loc. cit.

teve para alcançar tal façanha, deve-se destacar também que a lei da liberdade religiosa ia ao encontro de uma leitura de Brasil que se queria estabelecer como dominante na sociedade, cujo maior representante era Gilberto Freyre. Leitura esta calcada na ideia de um “Brasil mestiço” e expoente de uma democracia étnico-social, que camuflava ou amenizava a existência de discriminação racial e preconceito de cor no país.

Segundo José Jorge Siqueira, a receptividade da noção de democracia racial na sociedade brasileira apresenta dois aspectos essenciais: “a vulgarização em sociedade de concepções tidas por senso comum, responsáveis pela criação de toda uma estereotipia de suposta inferioridade racial, cultural, estética, de negros e mulatos” e “a garantia sistemática da ‘inferioridade’ organizada a partir de uma base culta e acadêmica, a dar argumentos ‘lógicos’, ‘comprováveis’, a essa ‘fatalidade’”.²⁴³

Este embate se refletia inclusive no interior do movimento negro, expresso através de uma tensão constante entre a denúncia do racismo e a reiterada afirmação da especificidade racial do Brasil, no que tangia à miscigenação cultural e racial garantidoras de paz entre negros e brancos. Quanto a isto, observa-se um discurso das diversas lideranças que ressaltava o espírito “humano, democrático e universalista” das organizações negras. Este posicionamento constituía, ao mesmo tempo, uma estratégia destas organizações que procuravam evitar represálias diante de suas reivindicações em favor dos negros nacionais.²⁴⁴

Por produzirem então um discurso “oficial” que ressaltava a harmonia étnico-racial, as organizações negras foram sendo incorporados pelo governo, no sentido de funcionarem livremente, além de influenciarem a vida nacional em termos culturais, ideológicos e políticos.²⁴⁵ No âmbito do Estado, fazia-se cada vez mais interessante no contexto mundial, a valorização da imagem do Brasil como o lugar da paz racial possível. Além disto, o fato de o país apresentar índices crescentes de urbanização e industrialização de acordo com o avanço da modernização empreendida pelo Estado fez com que esta imagem da nação sobressaísse.

Nas fileiras intelectuais, o I Congresso de Escritores realizado em 1945, considerado um grande marco nas jornadas pela redemocratização e redefinidor do posicionamento intelectual naquele momento, teria relegado o assunto a um “eloqüente silêncio”²⁴⁶. Para José

²⁴³ SIQUEIRA, José Jorge. “A redemocratização de 1945 e a crise do mito democracia Racial”. Universidade Severino Sombra. Disponível em: <www.uss.br/web/arquivos/arquivos_professores/artigo_jose1.pdf> Acesso em 26. 12. 2010, p. 4 e 5.

²⁴⁴ SILVA, Joselina da. “A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50”. *Revista de Estudos afro-asiáticos*, cit., p. 7.

²⁴⁵ GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”. Paris, n. 49/50. Disponível em português em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>> Acesso em: 26.07.2010, p. 3-4.

²⁴⁶ SIQUEIRA, José Jorge. “A redemocratização de 1945 e a crise do mito democracia Racial”, cit., p. 1.

Serqueira, esta lacuna percebida no Congresso confirma o predominante entendimento e representação desse fenômeno cultural à época, como uma permanência de um imaginário que tem sua origem na República Velha. Neste sentido, ele destaca que uma das poucas referências que se pode encontrar quanto à questão racial no Congresso é a iniciativa de criação da Sociedade Luso-Afro-Brasileira, idealizada pelo historiador português Jaime Cortesão.

A justificava para a fundação da entidade, por sua vez, contava com um argumento de que “o Brasil contribuíra para a civilização continental ao constituir-se num exemplo paradigmático a ser seguido pelos outros povos, dada a solidariedade racial aqui existente; onde o espírito fraternal, neste aspecto, acabava com toda opressão do homem pelo homem, animando assim a proposta criadora”.²⁴⁷ Além disto, e aparentemente sem nenhuma mudança, a proposta teria recebido o aval de diversos intelectuais como Sérgio Milliet, Antonio Candido e Jorge Amado, então vice-presidente do Congresso.

Neste contexto, pode-se dizer que o romancista externou ainda as suas reflexões acerca das relações raciais no Brasil em seu *Bahia de todos os santos: guia de ruas e mistérios* publicado em 1945. Quanto a isto, Osmundo Pinho destaca que a obra faz parte de uma longa tradição de livros publicados desde pelo menos a década de 40, como uma espécie de guia de turismo em forma de literatura, ou vice-versa, dos quais talvez o mais famoso seja o de Amado. Para ele, tais “guias da baianidade” apresentam uma estrutura em si muito semelhante, colocando lado a lado personagens, festas folclóricas, um pouco de história, riquezas naturais e culturais e reflexões para-antropológicas sobre o caráter das relações raciais.²⁴⁸

No que se refere à *Bahia de todos os santos*, o autor convida o leitor a conhecer uma Bahia cuja cultura aparece destacadamente como popular e mestiça, constituindo-se célula-mãe da cultura brasileira. Indo ao encontro de uma corrente que tende a conceber o Pelourinho como *locus* da ideia de Bahia, Amado toma o bairro secular como monumento/documento do mito de fundação da Bahia, como cenário “dramático” onde a Bahia “profunda” mostra sua face noturna e sombria — o Pelourinho dos prostíbulos e bêbados, e como o Pelourinho “coração da vida popular baiana”.

Deste modo, o Pelourinho além de cenário, é uma metáfora a um só tempo das desigualdades sociais — evocativas da escravidão — e da originalidade do povo da Bahia, e

²⁴⁷ Ibid., p. 3 e 4.

²⁴⁸ PINHO, Osmundo S. de Araujo. “A Bahia no fundamental: Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, cit., p. 5.

por extensão, do Brasil. Neste ponto o autor se distanciava do discurso de Freyre sobre a Bahia segundo o qual em nenhuma outra região do Brasil poderia ser encontrado um clima mais doce, de democracia étnica, inseparável da democracia social.²⁴⁹ Diferentemente do modelo freyreano, o autor, além de promover uma exaltação da Bahia por intermédio do Pelourinho, também realiza uma denúncia da vida miserável levada por pretos-pobres-baianos nos casarões sombrios do bairro mais conhecido de Salvador.

Além disto, o estereótipo do baiano pode ser encontrado nesta obra tendo como representação a imagem que o próprio autor fazia de si, o que está sugerido na seguinte passagem:

Sempre que penso no mulato baiano vejo um homem gordo. Gordo não apenas fisicamente. Como caráter também: bom, amável, glutão, sensual, agudo de inteligência, bem falante, mas de fala mansa, sabendo tratar tão bem os inferiores como os superiores. Comendo comida cheia de azeite, mas apimentada também.²⁵⁰

Dentro desta lógica, se o baiano era visto pelo autor como maior representação do povo brasileiro, então Jorge Amado, configurava-se como destacado exemplar. Aqui, não se pode dizer, todavia, que o autor era visto como ícone de brasilidade, já que o alcance de sua obra ainda não atingira o grande público tal como viria a fazer a partir de *Gabriela* (1958).

Além disto, a identidade de classe para Amado parecia se sobrepôr naquele momento à identidade negra e mestiça, à qual ficaria identificado nos anos seguintes. Inclusive é a questão da classe e não da raça que aparece como elemento central do entendimento de democracia que o autor tinha até então, e era deste modo que Amado era entendido como uma referência no debate sobre esta temática.

Isto fica claro pelo interesse que o romancista despertou no estudo de Roger Bastide acerca da democracia no ano de 1944. Em seu “Itinerários da democracia”, o sociólogo se embasou em conversas com intelectuais como Georges Bernanos, Jorge Amado e Gilberto Freyre, no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, respectivamente, para desenvolver seu estudo acerca da democracia.

No artigo dedicado ao encontro com Jorge Amado em Salvador, ele trata sobre a constituição do povo e da cultura popular, os sujeitos e a forma estética da democracia brasileira. Para Bastide, Amado teria dado uma importante contribuição para este debate com *Jubiabá*, onde o autor mostraria que o negro, ao invés de procurar uma compensação para o

²⁴⁹ Cf. Freyre, Gilberto. 1944. *Na Bahia em 1943*. Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Artes Gráficas, p. 30 apud GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”, cit., 5.

²⁵⁰ AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos*. 8 ed. São Paulo: Martins, 1967, p. 31.

seu labor cotidiano na mística, que o separa do branco, fixando-o numa tradição africana, teria se voltado para o sindicalismo. A partir de então se estabelecería uma comunhão que ultrapassaria a raça, sustentando-se em outra mentalidade, que seria a de classe.

Além disto, o sociólogo afirmaria que o povo, para Amado, não se resumiria aos proletários, a uma categoria econômica, mas se expressaria na alegria da festa, como criador de valores estéticos e mantenedor de certa cultura. Jorge Amado teria lhe ensinado então a lição de que a democracia é também o nascimento de uma cultura.²⁵¹

Ao que tudo indica, porém, o autor afastou estas discussões de suas obras durante muitos anos ao viver intensamente como representante do Partido Comunista na Europa entre 1948 e 1957, e trazer o seu posicionamento político-ideológico para o centro do debate de suas duas únicas publicações deste período. Neste aspecto, o próprio autor diz que, ficou muito tempo sem escrever, já que o trabalho partidário era intenso. *O Mundo da Paz* e *Os Subterrâneos da Liberdade* foram escritos, ambos, no ano de 1950 e depois só voltaria a escrever literatura em 1958 com *Gabriela cravo e canela*. Esta última representaria, então, dentre outras coisas, um retorno de Amado à questão da mestiçagem étnico-social brasileira.

Durante quase os dez anos que separam *Os Subterrâneos da Liberdade* e *Gabriela*, houve, entretanto, um grande avanço da discussão sobre a modernização, a questão do negro e do “mito da democracia racial”, sobretudo a partir dos estudos realizados pela Unesco aqui no Brasil no início dos anos 1950.

Em um momento de profundo debate nas Ciências Sociais, estimulado pelas atrocidades cometidas durante a Guerra Segunda Mundial, a Unesco, instituição internacional, criada logo após o Holocausto havia identificado no Brasil uma espécie de anti-Alemanha nazista. Localizado na periferia do mundo capitalista e que, supostamente, apresentava reduzidas taxas de tensões étnico-raciais, o Brasil seria o centro de um experimento que objetivava tornar universal o que se acreditava ser particular.

Aos cientistas sociais brasileiros e estrangeiros era posto como desafio intelectual não apenas tornar inteligível o cenário racial brasileiro, mas também responder à recorrente questão da incorporação de determinados segmentos sociais à modernidade.

Teria sido por influência destes estudos que a terminologia “democracia racial” apareceria pela primeira vez na literatura acadêmica através de Charles Wagley que

²⁵¹ Cf. BASTIDE, Roger. “Itinerário da democracia II – Encontro com Jorge Amado”. *Diário de São Paulo*. cit.

escreveria, em 1952, na “Introdução” ao primeiro volume da série de estudos do Projeto Unesco, que “O Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial”.²⁵²

Em torno deste postulado observa-se, então a proliferação de discursos que tanto reiteram como criticam a democracia racial como algo que existiria concretamente. Dentre os intelectuais que criticaram este modelo e que apresentaram um verdadeiro avanço na discussão estão Florestan Fernandes e Roger Bastide.

Além disto, a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros na segunda metade dos anos 1950 representava igualmente um passo importante particularmente quanto ao debate sobre a modernidade tendo envolvido, direta ou indiretamente, autores como Antonio Candido, Raymundo Faoro, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes e Caio Prado Jr.

O modo como Jorge Amado desenvolveria então um diálogo com estas diferentes correntes e o seu afastamento com rela o   militância partidária, redefiniriam a partir de 1958 a forma como o autor conceberia o seu papel de intelectual. Somado a isto, observa-se também uma aproxima o ainda maior entre o intelectual e o Estado e uma participa o mais intensa deste em organismos político-culturais.

Talvez aqui ainda seja difícil falar em uma “memória nacional” sobre Amado, já que a leitura dos romances do autor parecia se restringir a uma elite letrada, mesmo que esta se localizasse dentro e fora do país. Entretanto   possível afirmar que, em grande medida, o sucesso nacional que Amado viria a conquistar nos anos seguintes, ancorou-se fortemente na forma como suas ideias iam ao encontro de demandas de um segmento considerável dos intelectuais e do Estado para o campo cultural, nestes primeiros anos de sua produ o literária.

Neste sentido, observa-se que Amado se envolveu cada vez mais em debates em torno de conceitos como “democracia racial”, “popular” e “povo”, acionados tanto pelos regimes autoritários como Estado Novo e Regime Militar, como por governos democráticos, perpassando diferentes culturas políticas. Por este motivo, percebe-se que desde então, a memória sobre Amado, relacionada a políticas culturais que valorizaram uma interpreta o do Brasil calcada nestes postulados, foi facilitada.

²⁵² WAGLEY, Charles (Org.). *Race and Class in Rural Brazil*. New York: Columbia University Press, 1952, p. 7 apud GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”, cit., p. 2.

Capítulo 3

Gabriela, Tenda e a mestiçagem como projeto

Se até meados da década de 1950 a memória coletiva sobre Amado se restringia a uma elite letrada e socialista, observa-se a partir de então a expansão desta memória em âmbito nacional e também internacional o que fez despontar o “fenômeno Jorge Amado”. Este processo ocorreu, por sua vez, em um momento de mudanças significativas na trajetória intelectual do romancista e assim os aspectos relacionados àquela “nova fase” foram valorizados no imaginário coletivo sobre o autor.

Dentre as obras deste período, *Gabriela cravo e canela* (1958) e *Tenda dos Milagres* (1969) apresentam-se como objetos de análise fundamentais para o estudo da construção deste imaginário, e particularmente do processo de sacralização de Amado e sua obra elevados a ícones da brasilidade, leia-se, de uma determinada leitura, percepção ou projeto de Brasil.

Tomando-se como ponto de partida os discursos biográficos sobre o autor, encontrados em biografias, depoimentos de críticos literários e intelectuais, se *Gabriela* representa “renovação” ou a “entrada no compasso” do estilo *amadiano*, também inaugura o discurso otimista do autor frente ao nacional, agregando as novas discussões em torno do modelo de “democracia racial”. Já *Tenda*, aparece como “obra-paradigmática”, fruto da maturidade intelectual de seu criador, e na qual o modelo otimista da mestiçagem étnico-social brasileira, na concepção de Amado, poderia ser encontrado da maneira mais acabada.

Somado a isto está o fato de *Gabriela* se destacar como uma das obras mais conhecidas do autor, tendo sido traduzida para várias outras línguas e apropriada de diferentes formas pela mídia, o que dá indícios da amplitude de sua repercussão no imaginário popular.

No que se refere à *Tenda dos milagres*, apesar de não ter alcançado expressivo sucesso de público, a preferência de boa parte da crítica, bem como de Amado, por este romance – particularmente em virtude do discurso nacional subjacente a ele – é bastante reveladora do modo como o ideal da mestiçagem era entendido pelo autor e em que termos ele foi concebido pelos seus pares como “artista da mestiçagem”.

Assim, além de ser utilizada para reforçar este discurso, a obra foi reificada nas narrativas biográficas, produzidas pelo autor e sobre ele, como sendo o exemplo mais acabado da postura *amadiana* acerca da mestiçagem. Como instâncias de sacralização de memória,

estas narrativas, por sua vez, influenciaram e ajudaram a definir a memória sobre Amado como ícone de uma brasilidade mestiça.

Gabriela e Tenda ainda se destacam pelos seus contextos de produção e publicação. Em ambos os casos, Amado produziu e publicou seus romances em ambiente de grande efervescência intelectual e política no que se refere, particularmente, à questão da modernização e da identidade nacional. Entender como o autor se posicionou em relação a estes debates, teceu suas redes de sociabilidade intelectuais e políticas, participou de significativas instituições político-culturais, ora se aproximando, ora se distanciando do Estado, ajuda a pensar, em outro nível, como a sacralização da memória aqui estudada pode ter sido facilitada.

1. *Gabriela cravo e canela e o surgimento de dois mitos*

Publicada no ano de 1958, *Gabriela* foi um verdadeiro sucesso de público e crítica, sendo muito bem recebida e considerada pela intelectualidade, de um modo geral, como “ponto alto da obra de Jorge Amado”²⁵³ pela sua qualidade literária. Com este romance, Amado neutralizaria muitas das controvérsias sobre a sua produção literária, sendo louvado inclusive por intelectuais considerados “antagonistas” de seus postulados, como Tristão de Athayde, representante da corrente católica, e Jean Paul Sartre, expoente do existencialismo.²⁵⁴

Além disto, a publicação surpreendeu pelo êxito de vendas que alcançou. Em artigo do Diário de Notícias, publicado cerca de um ano após o lançamento do livro, é possível constatar esta surpresa na forma de pergunta: “Num país em que pouco se lê, e em que livro está custando os olhos da cara, é impressionante a procura de Gabriela. Por que isso?”²⁵⁵ O espanto era justificável dado que nas duas primeiras semanas da publicação se esgotaram 20 mil exemplares do romance e em dezembro do mesmo ano já se havia atingido a marca de mais de 50 mil cópias vendidas, o que era um feito inusitado tratando-se de mercado editorial no Brasil naquela época.²⁵⁶

Deste modo *Gabriela* fez surgir para o grande público o “fenômeno literário” e o *best seller* Jorge Amado, alavancando sobremaneira a carreira do autor que então se popularizava

²⁵³ GRACIANO, Clóvis. “Gabriela cravo e canela”. *Última hora*. Caderno: Gordos e Magros. São Paulo. 26.08.1958.

²⁵⁴ Cf. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Revolta e conciliação*, cit., p. 246.

²⁵⁵ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 13.11.1959.

²⁵⁶ Cf. RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Mariéd (Org.). *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*, cit., p. 53 e 54.

entre as massas. Ao mesmo tempo, foi grande responsável pelo lançamento de dois “mitos brasileiros”, que se referem tanto ao criador quanto a sua criatura.

A personagem principal que dá título ao livro de Amado, Gabriela, já “nasce” consagrada pela crítica como “mito”,²⁵⁷ no sentido de lenda, alegoria, como se percebe pela definição de um artigo da época que tenta definir a personagem:

Ela é humana demais [...] Mas é justamente por ser “humana demais” que ela é um absurdo. Talvez, um mito. Uma figura de lenda [...] E se examinarmos bem, veremos que ela não é um absurdo puro e simples, um absurdo individual como a princípio se poderia pensar, mas um absurdo social, que Jorge Amado não inventou. Gabriela é um “retrato do Brasil” [...].²⁵⁸

“Retrato do Brasil” porque reunia características comportamentais que eram associadas por uma determinada corrente intelectual ao que havia de melhor no povo brasileiro. Aliás, no próprio romance, o autor caracteriza Gabriela, mais de uma vez como “filha do povo”.²⁵⁹ Neste sentido, destaca-se a sensualidade, a cordialidade, a inocência, a honestidade e a alegria, além de atributos físicos que conformariam o estereótipo da mulher mestiça, como pele morena, cabelos enrolados e corpo curvilíneo.²⁶⁰

Por sua vez, Jorge Amado é alçado ao posto de “maior romancista vivo do Brasil”,²⁶¹ porque, além de sua já sólida reputação como escritor do popular, nesta obra ele promoveria uma conexão singular “do autêntico na literatura com o povo”,²⁶² motivo este do sucesso de vendas de seu livro. O historiador Nelson Werneck Sodré, sintetizando diversas outras falas, diria ainda:

²⁵⁷ Esta ideia é sugerida em inúmeros artigos da época, mas aparece de maneira explícita em pelo menos dois artigos dentre os que foram analisados: BANDEIRA, Antonio Rangel. “Gabriela: um mito”. *Última Hora*. São Paulo. 09.10.1958 e RODRIGUES, Urbano Tavares. “Gabriela cravo e canela` um novo mito brasileiro”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, Portugal. 08.10.1958, p. 01 e 06. Definição de “mito” retirada de LUFT, Celso Pedro. *Mini dicionário luft*. 3. ed., São Paulo: Editora Scipicione, 1991.

²⁵⁸ BANDEIRA, Antonio Rangel. “Gabriela: um mito”. *Última Hora*, cit.

²⁵⁹ Cf. AMADO, Jorge. *Gabriela cravo e canela*. 85 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 147 e 305.

²⁶⁰ Isto pode ser encontrado de maneira mais ou menos explícita nos artigos da época que definem Gabriela como “símbolo do antipassionismo, dentro do sensualismo mais autenticamente brasileiro”; “síntese da graça, da inocência lasciva, da doçura tropicalmente apimentada, [...] filha do povo”; “nova figura do mato e flor do agreste, Gabriela, a cabrita dos sertões, que é também o *Povo*, na simbologia do autor”. Tais citações aparecem sequencialmente em ROCHA, Hildon. Gabriela, um novo caminho. Correio da Manhã. 1º caderno. Rio de Janeiro. 30.08.1958, p. 11 e TEIXEIRA, Maria de Lourdes. “Gabriela, cravo e canela”. *Folha da Manhã*. São Paulo, 21.09.1958; ATHAYDE, Tristão de. *Diário de Notícias*. Coluna: Letras e problemas universais. Salvador. 1958.

²⁶¹ Expressão retirada de SIQUEIRA, Nóbrega de. “Gabriela cravo e canela”. *O dia*. Rio de Janeiro, 07.12.1958. Entretanto, aparece de maneira similar em diversos outros artigos e notas, como por exemplo quando Clóvis Graciano elege Jorge Amado como “maior ficcionista brasileiro de nossos dias”. Cf. GRACIANO, Clóvis. “Gabriela cravo e canela”. *Última hora*, cit.

²⁶² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 13.11.1959.

Jorge Amado conquistou um lugar inequívoco em uma literatura que se emancipa inclusive pela sua obra, assume os seus traços nacionais com a sua contribuição, define a universalidade de que se reveste agora pela representação do que é peculiar à terra e à gente brasileira.²⁶³

Uma vez identificada esta qualidade de representar o Brasil na sua literatura, alcançando “uma etapa decisiva de sua carreira, o romance brasileiro”,²⁶⁴ Amado foi percebido também como um grande intérprete de Brasil. A partir daí, foi transformado paulatinamente, em “mito”, lenda ou alegoria de brasilidade. Isto porque aspectos de sua vida e obra foram sendo ressignificados de modo a permitir um “ajustamento” àquela “nova fase” de Jorge Amado, que já era considerada definitiva por muitos.

Neste sentido, observa-se um esforço de “enquadramento de memória”²⁶⁵ isto é, um trabalho de reinterpretação incessante do passado em função dos discursos valorizados no presente e que se projetam para o futuro. Assim, tendeu-se a valorizar certos traços da trajetória pessoal e da personalidade do autor que mais se sintonizavam com aquela forma de se compreender o Brasil que seu novo romance inaugurava ou redefinia.

Uma interpretação do Brasil marcada pela positividade da mestiçagem, pela valorização da cultura popular e por uma visão otimista da nação. Enfatizou-se, por exemplo, a sua infância e adolescência junto ao povo da Bahia, seu espírito cordial e tolerante, a sua malandragem e sensualidade e até mesmo a sua origem mestiça, construção que foi reificada de diferentes formas no decorrer dos anos.

No que se refere à sua trajetória intelectual, destacou-se o retorno de Jorge Amado à temática da Bahia e do cacau com *Gabriela*, desmerecendo-se, portanto, obras como *O Mundo da Paz* e *Os Subterrâneos da Liberdade*. Além de não fazerem parte do rol de publicações de Amado voltadas para o “ciclo da Bahia”, o autor teria comprometido o valor literário destas obras em virtude de seu engajamento político. Deste modo foram classificadas, dentre outras coisas, como “horrríveis literaturas de propaganda stalinista”²⁶⁶ e, no que se refere particularmente a *Os Subterrâneos da Liberdade*, livro anterior de Amado, chegou a

²⁶³ SODRÉ, Nelson Werneck. “Gabriela cravo e canela”. *Última hora*. Coluna: Notas de Crítica. Caderno: Reginalção. Rio de Janeiro. 16.08.1958.

²⁶⁴ PIGMALEÃO. “Gabriela cravo e canela”. Coluna: O livro da semana. *Última hora*. Rio de Janeiro, 23.08.1958.

²⁶⁵ Ver POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 9-10.

²⁶⁶ LIMA, Raul. “Gabriela, cravo e canela”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Coluna: Livros e fatos. 24.08.1958.

ser definido como “livro infeliz”²⁶⁷, “retrocesso” na carreira literária do autor, que havia se distanciado de sua “vocaçãõ”.²⁶⁸

Quanto a esta questão, Jacob Guinsburg, importante teórico do teatro brasileiro, afirmou que “Saindo do de uma longa permanência nos ‘subterrâneos’, Jorge Amado retornou, com *Gabriela cravo e canela* à ensolarada região literária em que se desenrola o melhor de sua obra.”²⁶⁹ Assim, *Gabriela* representaria a “retomada de um caminho, o reencontro do escritor com seu próprio destino”.²⁷⁰

É interessante observar aqui uma preocupação em dar sentido, em extrair uma lógica retrospectiva e ao mesmo tempo prospectiva da trajetória de Amado. Não parece ser por acaso que na primeira biografia completa do autor (incluindo vida e obra), datada de 1961, o biógrafo afirme ser com *Cacau* que Amado teria estreado no “gênero Jorge Amado”, quando este “se descobre e começa a falar à sua moda”.²⁷¹ O romance seria “a eleição de um caminho e a adequação da técnica do escritor ao sentido popular de sua imaginativa”.²⁷²

Percebe-se, neste ponto, que o discurso “panfletário” dos romances de Amado do “ciclo da Bahia”, foi amenizado. Isto é, apesar de muitos de seus livros se incluírem no gênero “romance proletário”, o que naquele momento parecia ser algo condenável, tinham a grande qualidade do “gênero Jorge Amado”, qual seja, tratarem do povo da Bahia.

Então, características como a “cruza”, a “violência” e o “sectarismo” que eram apontadas na sua literatura até então, seriam postas de lado, “esquecidas”. Prevaleceria a partir de *Gabriela* o otimismo e a cordialidade como marcas da percepção de sua obra no contexto do final de sua vida.

As mudanças que ocorreram na produção literária de Amado ao final dos anos 1950 – como a introdução do humor, a visão otimista da sociedade e uma maior preocupação em fazer romance de costumes – e a tentativa de redefinição da memória sobre o autor, da qual o próprio participara, inserem-se em um contexto muito particular da conjuntura nacional e internacional e do posicionamento de Amado diante dos debates político-intelectuais naquele momento.

²⁶⁷ “Gabriela cravo e canela”. *Varieté*. São Paulo. 23.08.1958, p. 4.

²⁶⁸ Esta idéia de vocação de Amado como um “romancista da Bahia” e “do povo”, aparece em diversas narrativas biográficas, autobiográficas, e também na crítica especializada. Eduardo Portella enfatiza esta ideia ao dizer que, com *Gabriela* Amado voltaria “ao seu gênero, à sua vocação específica”. PORTELLA, Eduardo. “Retorno de Jorge Amado”. Coluna: O livro e a perspectiva. 1958.

²⁶⁹ GUINSBURG, Jacob. “Com cravo e canela”. *Última hora*. São Paulo. 28.08.1958.

²⁷⁰ “Gabriela cravo e canela”. *Varieté*, cit., p. 4.

²⁷¹ TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 41.

²⁷² *Ibid.*, p. 42.

A descoberta dos crimes de Stálin e a crise do mundo socialista, por exemplo, afetaram de maneira significativa não só o fazer literário do escritor, mas também o modo como ele concebia o seu papel de intelectual e interpretava a realidade social. Estes acontecimentos parecem ter atingido em cheio as suas convicções político-ideológicas como ele mesmo relata no seu livro de memórias ao falar sobre o momento em que descobre, a partir de uma conversa, a prática de torturas pelo regime stalinista:

Tortura? Devo ter ouvido mal, não falou tortura, certamente, o que foi que ele disse? – pergunto em dúvida, em agonia. Minha honra e meu orgulho consistem em saber, de certeza absoluta, que num regime comunista, numa sociedade socialista, [...] jamais um preso poderá ser submetido à tortura: intelectual, moral, muito menos física. Meu espanto, meu pasmo provoca chalaça, deboçam de minha santa ingenuidade, devo ser o último dos idiotas, quem não sabe que a tortura come solta? Arrasado escuto da boca dos presentes [...] histórias de arrepiar, detalhes que me atingem no coração, me destroçam, sinto-me desonrado, conspurcado meu orgulho comunista [...]. Assim começou minha travessia no deserto.²⁷³

Ainda segundo o autor, esta conversa teria ocorrido em Budapeste, na Hungria, no ano de 1951, entretanto, em outra entrevista, ocorrida cerca de onze anos antes, ele afirma ter tido conhecimento dos “crimes de Stálin” só em 1954 em uma de suas viagens a União Soviética.²⁷⁴ Apesar da contradição, comum quando se trata de processos de memória, o relato não perde a sua importância simbólica ao evidenciar o impacto que aqueles acontecimentos tiveram no escritor, que ficou sem produzir literatura por quase uma década.

Amado só voltaria a escrever romances depois de se desligar da militância, do “trabalho partidário” pelo PC. E esse afastamento acontece por volta da mesma época que ocorre o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) de 1956, ocasião em que Nikita Khrushchov, em seu célebre discurso, expôs a público as violências, os expurgos e as limitações à liberdade impostas pelo regime stalinista.

Deste modo parece ser inegável que a decepção do autor com o stalinismo tenha influenciado o seu distanciamento em relação ao PCB, mesmo que o autor sempre tenha afirmado que deixara de militar tão somente para poder voltar a escrever – o que além de ser sua profissão, era financeiramente mais rentável.²⁷⁵

É evidente também que a mudança de atitude do escritor no campo político-partidário afetou o seu fazer literário proporcionando significativas alterações em termos de tema e

²⁷³ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*, cit., p. 30 e 31.

²⁷⁴ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 28.

²⁷⁵ Cf. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 263 e 264.

estilo. Isto fica sugerido, primeiramente, pelas seguidas reiteraões de Amado quando do lançamento de *Gabriela* de que “o escritor não pode estar preso a fórmulas, a estreitos limites de escolas, ainda mais perigosas quando se tornam oficiais ou oficiosas”.²⁷⁶

Deste modo, o autor aponta clara crítica ao dirigismo literário do partido comunista com base no realismo socialista, apesar de não atacá-lo frontalmente: “Creio que o realismo socialista é tão válido como qualquer outra corrente literária, apesar do seu grande futuro juntamente com a realidade que é o socialismo hoje em dia. Considero, entretanto que o escritor não deve se limitar a qualquer tendência”.²⁷⁷

É significativo que o romancista tenha ressaltado também em diversas de suas entrevistas da época que *Gabriela* era um livro de experiências como os outros, mas que neste teve “enorme liberdade de experiência”,²⁷⁸ o que pode ser lido como maior liberdade de criação em relação às orientações do partido. Mais tarde, o romancista diria, reforçando esta hipótese, que desde o seu afastamento do PCB, teria passado a pensar com a “própria cabeça”,²⁷⁹ ou seja, teria experimentado maior liberdade intelectual.

É importante ressaltar, todavia, que naquele momento o afastamento de Amado em relação ao PCB relacionava-se particularmente ao trabalho partidário. Ele não havia deixado o partido nem sido excluído. Ao que parece, inclusive, a sua decisão não foi objeto de discussão dentro das fileiras comunistas, tal como se observa em depoimento do próprio autor²⁸⁰ e também pelas publicações em jornais da época.

A princípio, não houve, portanto, uma crise ou uma polêmica por conta da atitude de Amado em relação ao partido, nem pelo seu abandono do gênero “romance proletário”. O escritor continuou a afirmar-se como intelectual socialista ainda que tenha se desligado do realismo socialista – tendência artístico-literária que era associada ao dirigismo político-partidário do socialismo soviético.

Além disto, ele buscou rejeitar qualquer tipo de ruptura ou descontinuidade em sua trajetória político-literária que o seu distanciamento em relação ao PCB e a publicação de *Gabriela* poderiam sugerir. Em relação a este ponto, é recorrente em entrevistas, afirmações como a de que a unidade de sua obra assentar-se-ia “na tentativa de caracterizar o homem em avanço sempre progressivo”, e que a temática de seus romances nunca fora baseada em ideologia política e sim na “realidade do povo brasileiro”. A memória individual de Amado

²⁷⁶ AMADO, Jorge apud *Última hora*. São Paulo, 26.06.1958.

²⁷⁷ AMADO, Jorge apud *Estado da Bahia*. Salvador, Bahia. 11.05.1961.

²⁷⁸ AMADO, Jorge apud *Última hora*. São Paulo, 26.06.1958. Citações semelhantes aparecem em: *Sete Dias*. Bahia. 11.08.1958; *O Imparcial*. São Luiz. 16.09.1958; *O Povo*. Fortaleza. 17.10.1958.

²⁷⁹ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 28.

²⁸⁰ Cf. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 264.

colide neste aspecto, com diversos relatos biográficos produzidos sobre ele por intelectuais e críticos literários.

Para ele: “as preocupações fundamentais de minha obra continuam a partir de *Gabriela* [...] e isto considero importante porque é a transposição para o plano literário da cultura popular. Desejo ser um intérprete do povo. A minha literatura é isso”.²⁸¹ Esta preocupação em ser “um intérprete do povo”, por sua vez era pauta de muitos intelectuais daquele período. Além disto, seus livros também teriam em comum, segundo o próprio, a postura do autor de “tolerância, de solidariedade diante de tudo que seja sofrimento e esperança” e também por serem todos, livros de “experiências”.²⁸²

Ainda assim, o autor não nega as inovações narrativas e estéticas veiculadas no livro, as mudanças na forma de interpretar a realidade que foram transpostas para a sua literatura a partir daquele momento. Aquele era um momento de redefinição do seu papel de intelectual e este novo posicionamento se refletiria na sua preferência, a partir de então, pelo romance pitoresco, pelas cenas cotidianas da vida como objeto de sua criação, e menos pelo romance político e épico.

Se antes o autor procurava evidenciar o líder, o herói, o dirigente político, ele passa a retratar cada vez mais o povo miserável, explorado, oprimido, buscando colocar em evidência os anti-heróis, as putas, os bêbados e os vagabundos. O autor diz que essa mudança se deve ao fato de acreditar cada vez menos em líderes, heróis, e dirigentes políticos e cada vez mais desejar estar próximo ao povo.²⁸³

O autor também concorda com boa parcela da crítica, afirmando que em *Gabriela* “a mensagem transmitida é de alegria de viver”, pois “viu as coisas com mais ternura”,²⁸⁴ de maneira “mais cordial para com os defeitos dos homens”,²⁸⁵ mais otimista.

De acordo com esta perspectiva, o romance parece marcar de fato uma nova etapa na trajetória literária de Amado, não no sentido do abandono do discurso político-partidário – pois este não estaria presente em outras obras suas anteriores a *Gabriela* – mas sobretudo pelo surgimento do humor como elemento fundamental de sua criação artística, tal como o próprio enfatizou.²⁸⁶

²⁸¹ AMADO, Jorge apud *Estado da Bahia*. Salvador, Bahia. 11.05.1961.

²⁸² Citações retiradas de AMADO, Jorge apud *O Imparcial*. São Luiz. 16.09.1958. Termos semelhantes aparecem em entrevistas dadas pelo autor ao jornal *Última hora*, de São Paulo, em 26.06.1958, e ao *Jornal do Comércio*. Recife, em 10.09.1958.

²⁸³ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 29.

²⁸⁴ AMADO, Jorge apud *Última hora*. São Paulo, 26.06.1958. e *Jornal do Comércio*. Recife. 10.09.1958.

²⁸⁵ AMADO, Jorge apud *O Poty*. Rio Grande do Norte. 04.09.1958. p. 06.

²⁸⁶ Cf. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 267.

Segundo Amado, a importância que o humor passa a ter em sua produção literária também estaria diretamente associada à sua idade mais avançada: “[...] aos 46 anos, tenho a tendência a substituir o panfleto pelo sorriso divertido de quem aprendeu a duras penas, a compreender melhor o ser humano.”²⁸⁷

Deste modo, associava o abandono do “panfleto” e a adoção do humor com uma melhor compreensão do ser humano, com um conhecimento mais profundo e complexo da realidade e com uma forma menos sectária e mais cordial de ver o mundo. Esta compreensão não implicava em conservadorismo em termos do pensamento social de Amado. Para ele, o humor poderia ser “mais destrutivo, mais terrível do que qualquer panfleto político”, pois, segundo ele, com o riso, as estruturas seriam abaladas mais facilmente.²⁸⁸

Relacionado a esta mudança de “tom”, Amado parecia operar uma inversão ao deixar de lado o romance político, pelo qual foi tantas vezes rotulado como negativista e sectário, e se lançar no gênero “crônica de costumes” com *Gabriela*, que é antes de mais nada definida como um romance de amor de grande valor humanista, e enfaticamente, um livro otimista. Se, por um lado esta transformação tinha ligação com a descrença que abateu Amado e boa parte da intelectualidade em relação ao socialismo soviético, por outro, se associava ao clima geral de euforia no Brasil.

O otimismo era uma notável faceta do tipo de nacionalismo brasileiro dos anos 1950 e 1960 que se relaciona com o advento do povo como sujeito político, com a sua mobilização a serviço da soberania nacional. Estava também ligado ao ideário do desenvolvimentismo, pelo qual “a cidadania política deveria ampliar-se à medida que a modernização econômica promovesse a independência nacional”.²⁸⁹

Com o retorno de Vargas ao poder, através das eleições ocorridas em 1950, a problemática nacional-desenvolvimentista manifestava-se com vigor, calcada em um processo de desenvolvimento econômico baseado, exclusivamente, nas exportações tradicionais e na substituição de importações de produtos industriais de menor valor agregado, bem como de alguns bens de consumo duráveis e de capital.²⁹⁰

Tal política fez com que o país tivesse grande capacidade para importar e fazer investimentos em setores estratégicos, como ocorreu com os grandes projetos da Petrobrás,

²⁸⁷ AMADO, Jorge apud “Entrevista com Jorge Amado”. *O Semanário*. Rio de Janeiro. 27.11.1958, p. 13.

²⁸⁸ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 31.

²⁸⁹ PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990, p. 99 e 101.

²⁹⁰ Cf. CRUZ, Marta Vieira. “Brasil Nacional-desenvolvimentista (1946-1964)”. Publicação do Grupo de Estudos e Pesquisas, História, Sociedade e Educação no Brasil - Histedbr/Unicamp/UFS. P. 2. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Marta_Vieira_Cruz_artigo.pdf> Acesso em: 30/12/2010.

Eletrobrás e de transporte rodoviário. Este desenvolvimento econômico somado aos avanços na legislação trabalhista, na urbanização – ainda que concentrada na região Sudeste – e do desenvolvimento cultural, estimulou o sentimento de otimismo frente à nação e de unidade em torno da figura de Vargas, cada vez mais identificado como “pai dos pobres”.

Ao que parece Jorge Amado compartilhava deste sentimento, sendo taxado inclusive de “comunista petróleo é nosso”²⁹¹ sem apresentar qualquer objeção a tal caracterização. Isto porque o lema “O petróleo é nosso” era o *slogan* da propaganda política lançada pelo governo quando da criação da Petrobrás, mobilizando enormemente o sentimento nacionalista.

Além disto, o apreço do escritor pelos feitos do presidente e sua contribuição para o fortalecimento da identidade nacional no nosso país podem ser percebidos quando da morte de Getúlio. O autor chegou a afirmar no ano seguinte a este acontecimento, que “a carta de Vargas é um documento de unificação”²⁹².

Depois de Getúlio, o governo Juscelino sustentou o clima de euforia em torno da modernização e do desenvolvimento nacional, agora firmemente embasado no capital estrangeiro. Neste aspecto, o governo contou com uma importante agência ideológica que ajudou a refletir, difundir e debater o nacionalismo no Brasil, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão que auxiliou o Estado a formular a política desenvolvimentista. Neste período, o nacionalismo também foi fomentado, além do ISEB, pela construção de Brasília, então valorizada como marco de um Brasil que se erguia para o futuro (e a modernidade), e que transparecia na arquitetura de Oscar Niemeyer.

O entusiasmo nacionalista de Amado associado à Brasília e ao governo do presidente Juscelino é evidente em muitas falas do autor que podem ser encontradas tanto no contexto de inauguração de Brasília, como também, anos depois. Às vésperas da inauguração, por exemplo, o autor se põe a favor da construção de Brasília, “a grande realização do governo Kubitschek”, argumentando que constitui obra de “suma importância para o nosso progresso”.²⁹³ Dias depois, em artigo publicado pela ocasião da vinda de Jean Paul Sartre e Simone Beavouir ao Brasil, Amado fez uma reflexão sobre o contexto nacional, sintetizando o seu olhar sobre questões como desenvolvimento e nacionalismo:

O Brasil vive um momento profundo e belo de sua vida: quando o povo toma consciência real dos problemas do país, consciência também de sua força e de suas imensas possibilidades. A construção de Brasília, no espantoso ritmo de trabalho por

²⁹¹ AUGUSTO, Jorge. *Diário de Minas*. Belo Horizonte, Minas Gerais. 22.08.1958.

²⁹² *Última hora*. Rio de Janeiro. 17.05.1955, p. 1.

²⁹³ AMADO, Jorge apud *Última Hora*. Rio de Janeiro. 05.04.1960.

alguns criticado, foi um impacto que abalou todo o povo e serviu como nova medida para o brasileiro medir-se a si próprio e às perspectivas abertas para o Brasil. Nos últimos cinco anos mudou em muito a fisionomia do país. Não apenas no que se refere ao crescimento da indústria, às estradas rasgadas na selva, à luta, em suma, contra o subdesenvolvimento, que, de caso de polícia, passou a assunto governamental, mas, também, mudou o homem brasileiro, mais maduro, de um patriotismo consciente, nacionalista.²⁹⁴

Segundo esta declaração, a modernização empreendida pelo governo estaria alavancando de fato o desenvolvimento socioeconômico do país, ao mesmo tempo em que fortalecia a identidade nacional. Mais do que isso, estaria servindo para a conscientização do brasileiro em relação ao seu potencial e aos problemas “reais” no Brasil que, para o autor, estavam concentrados no “drama da terra”, no interior.

Neste sentido, é significativo Amado dizer que “principalmente para o Norte e o Nordeste a Nova Capital é algo que chega às raias das coisas extraterrenas”. Ele acreditava que o “recentramento” levaria estas regiões a serem efetivamente congregadas ao Brasil em termos político-administrativos. Além disto, havia também o entusiasmo frente à criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) um ano antes da inauguração de Brasília, o que acendia a esperança de desenvolvimento socioeconômico da região.

Diante disto, é bem provável que tal percepção positiva que Amado tinha da realidade nacional tenha influenciado a produção de *Gabriela* no contexto de construção da nova capital. Isto fica sugerido em entrevista, na resposta desenvolvida por Amado a respeito de um paralelo feito entre Brasília e *Gabriela* por um crítico chamado Juarez Batista. A entrevistadora chama atenção para o contexto histórico e sociológico comum, no sentido de Brasília representar naquele momento um símbolo do recentramento do Brasil, favorecendo um sentimento de unidade nacional, de “brasilidade”. Em relação a isto, Jorge Amado diz o seguinte:

É um livro otimista, e naquele momento havia um certo sentimento de orgulho nacional no Brasil, apesar das críticas de que Brasília foi alvo e que persistem ainda hoje [...]. Uma grande efervescência em todos os setores. Foi neste clima que escrevi Gabriela, e, de uma certa maneira, é verdade, o livro corresponde à realidade deste clima. Houve uma confluência de coisas.²⁹⁵

Ainda que possa soar como uma necessidade de corresponder às expectativas da entrevistadora, esta declaração de Amado, feita muitos anos após a publicação do romance,

²⁹⁴ AMADO, Jorge. “Sartre e Simone Beauvoir no Brasil”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. 28.08.1960.

²⁹⁵ AMADO, Jorge. apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 273 e 274.

tem o seu valor acrescido quando comparada a depoimentos de época. A importância deste cenário nacionalista para a literatura de Amado pode ser encontrada, por exemplo, na afirmação de um crítico literário a respeito do romancista por ocasião da publicação de *Gabriela*:

Voltando ao tema do cacau, dá continuação ao melhor de sua obra e voltando ao das cidades baianas retoma um roteiro do qual nunca deveria ter se afastado. Se o nacionalismo político-econômico, atualmente em vigorosa ascensão, tem parte nisso, seja-lhe creditado o benefício prestado à literatura.²⁹⁶

Indo ao encontro do paralelo citado entre Brasília e *Gabriela*, o autor do artigo parece sugerir que o sentimento nacionalista teria afetado o romance de Amado por ele retomar a temática da Bahia e do cacau, isto é, voltando a tratar de aspectos do “povo-nação”, e deste modo, dando a sua parcela de contribuição no reforço do nacionalismo.

Intencionalmente ou não, conscientemente ou não, a forma como Amado vivenciava e interpretava aquele momento histórico transparecia em seu romance até mesmo porque toda obra literária é também “testemunho histórico” e, assim, é possível identificar no texto literário a lógica e redes de interlocução social nas quais a obra estava inserida.²⁹⁷

É possível dizer sobre este assunto, que o “clima” nacional-desenvolvimentista se faz presente na própria temática escolhida para *Gabriela* e pelo modo como Amado encaminha o enredo. Nesta obra o autor procurou captar um momento de metamorfose social de Ilhéus, lugar no qual passou boa parte de sua infância. Entre o ano de seu nascimento, 1925, e o contexto configurado no romance esta passara de “atrasado e pitoresco aglomerado rural a centro cacauero de máxima importância em todo o mundo”.²⁹⁸

A forma como o desenvolvimento afetaria a vida de Ilhéus pode ser encontrada no final da apresentação feita pelo autor para o romance:

Modificava-se a fisionomia da cidade, abriam-se ruas, importavam-se automóveis, construía-se palacetes, rasgavam-se estradas, publicavam-se jornais, fundavam-se clubes, transformava-se Ilhéus. Mais lentamente porém evoluía os costumes, os hábitos dos homens. Assim acontece sempre, em todas as sociedades.²⁹⁹

²⁹⁶ PONTES, Joel. *Diário de Pernambuco*. Recife, 12.10.58.

²⁹⁷ Cf. CHALHOUB, Sidney. “Apresentação”. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

²⁹⁸ *Jornal do comércio*. Coluna: Artes e artistas. Recife, Pernambuco, 14.09.1958.

²⁹⁹ AMADO, Jorge. *Gabriela cravo e canela*, cit.

O desenvolvimento econômico da cidade, facilitado pelo momento de prosperidade do cacau parece colocar em xeque os valores tradicionais locais, como o machismo e a submissão de mulheres, sobretudo com a chegada de Gabriela. No fim do romance, é sintomático o fato do marido traído, assassino de Sinhazinha, ser condenado à prisão – evento inédito na história de Ilhéus. Este desfecho faz com que se possa estabelecer uma associação positiva entre a modernização econômica e a ampliação da aplicação prática da lei na cidade.

Deve-se ressaltar, todavia, que, neste romance, “é o fato econômico que tudo dirige”,³⁰⁰ bem como observou Tristão de Athayde. Isto é, há uma “precedência das transformações econômicas sobre a evolução dos costumes”,³⁰¹ segundo palavras do próprio autor logo após publicar o livro. Neste aspecto observa-se a permanência da análise marxista. De modo semelhante, quando o autor afirma na apresentação de *Gabriela*, que “assim acontece sempre, em todas as sociedades”,³⁰² vai ao encontro do determinismo e da teleologia histórica muito utilizada para atestar que a bandeira da instauração do socialismo inscreve-se em seus propósitos de maneira irrevogável.

Embasado em pressupostos como estes, Amado irá defender a continuidade de seu engajamento literário e de sua orientação socialista, principalmente entre 1960 e 1961 quando parte da crítica marxista o acusará de ter perdido tais características. A situação parece ter se agravado quando o romancista abandona a discrição e passa a denunciar os crimes cometidos pelo PC, a começar por uma carta do escritor denunciando o Partido Comunista como um “mar de lama e sangue” publicada na segunda edição do livro *A Grande Muralha*, de Aylton Quintiliano.³⁰³

Meses mais tarde, a crise político-militar iniciada com a renúncia de Jânio Quadros afetaria ainda mais as desavenças entre Amado e uma parcela do PC. Isto porque o escritor teria enviado um telegrama ao então governador da Bahia Juracy Magalhães, seu amigo, insistindo para que este aceitasse, caso fosse convidado, o cargo de primeiro ministro. Acontece que Juracy, quando deputado federal, havia votado a favor da cassação de parlamentares do PCB e por isto era visto pelos comunistas como inimigo.

³⁰⁰ ATHAYDE, Tristão. “Gabriela ou o Crepúsculo dos Coronéis”. *Diário de Notícias*. Coluna: Letras e Problemas Universais. Salvador. 1958.

³⁰¹ AMADO, Jorge. “Gabriela cravo e canela. Romance de Remanso”. Entrevista de Amado a Sarah Marques. *Leitura*, n. 15, Rio de Janeiro, set. 1958.

³⁰² AMADO, Jorge. *Gabriela cravo e canela*, cit.

³⁰³ Cf. *O Jornal*. Rio de Janeiro. 31.05.1960.

Por conta disto, vários jornais noticiaram o ataque sofrido por Amado no semanário esquerdista *Novos Rumos*, bem como uma suposta expulsão do escritor pelo partido.³⁰⁴ Segundo estas fontes, o escritor era acusado, dentre outras coisas, de passar à “sombria louvação de um golpista espancador do povo”,³⁰⁵ além de ser ele mesmo acusado de apoiar um esquema golpista por conta do telegrama enviado.³⁰⁶ De acordo com o *Correio da Paraíba*,

O novo rumor dá conta de que Jorge Amado desviou-se da política ideológica do Partido. O crime de Jorge Amado foi ter desejado, segundo a imprensa vermelha, paz e concórdia à família brasileira, num momento em que o país estava sendo empurrado para um abismo da guerra civil que, se deflagrada, só poderia trazer proveito aos comunistas.³⁰⁷

Negando veementemente que tenha participado de qualquer esquema golpista, o romancista, no entanto, afirmou a sua posição ao lado da paz e da concórdia, preferindo a via da legalidade a da guerra.³⁰⁸ Neste momento observa-se que mesmo se pondo ao lado do socialismo, Amado passa a discordar da vertente tradicional do marxismo que considerava a revolução proletária como única via de se chegar à democracia e ao progresso.

Ele parecia então se por ao lado da perspectiva etapista que fora e ainda seria assumida posteriormente pelos PCs de diferentes países. De acordo com esta tendência, a revolução proletária se mantinha no horizonte, mas a primeira etapa, a revolução burguesa, deveria ser ultrapassada primeiro, daí a defesa de alianças e frentes amplas.

Isto fica claro em entrevista publicada no Diário de Minas. Dizendo quebrar o “silêncio de Jorge Amado”, o jornal revela o posicionamento declarado do autor a respeito da crise política e do desenvolvimento nacional. Nesta entrevista o romancista diz que “a crise não acabou: o que existe é uma luta contra o subdesenvolvimento”.³⁰⁹ Ainda que afirme a inevitabilidade da instauração do socialismo, Amado revela não acreditar que o Brasil pudesse encaminhar-se para o socialismo naquele momento, pois haveria uma identificação entre a burguesia progressista e os operários.

³⁰⁴ Dentre os jornais que dão por “praticamente consumada” esta expulsão estão: *Folha do Norte*. Belém. 15.10.1961 e *Correio da Paraíba*. João Pessoa. 14.10.1961. Estes e outros dizem que o autor caiu no “index” do PC, ou que “caiu em desgraça”, ou que “comunistas ‘queimam’ Jorge Amado”, expressões que podem ainda ser encontradas em: *Tribuna do Ceará*. Fortaleza. 05.09.1961; *O Jornal*. Coluna: Nomes e fatos. Rio de Janeiro. 28.07.1961.

³⁰⁵ “Comunistas ‘queimam’ Jorge Amado”. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza. 05.09.1961.

³⁰⁶ Cf. *Jornal Binômio da Semana*. Belo Horizonte. 09.10.1961. p. 08.

³⁰⁷ Cf. “Jorge Amado expulso do PC”. *Correio da Paraíba*. João Pessoa. 13.10.1961.

³⁰⁸ Cf. *Jornal Binômio da Semana*. Belo Horizonte. 09.10.1961. p. 08.

³⁰⁹ AMADO, Jorge apud *Diário de Minas*. Belo Horizonte. 30.09.1961.

Deste modo, inclina-se para a segunda opção que ele mesmo elenca que é a de um “desenvolvimento industrial, em bases capitalistas preconizado pela parte mais evoluída da burguesia”.³¹⁰ Isto porque, independentemente de ideologias, a luta contra o subdesenvolvimento envolveria de fato no Brasil duas forças: “os que querem o desenvolvimento representados pelos socialistas, burgueses esclarecidos e alguns industriais da média burguesia e os reacionários estratificados no poder.”³¹¹

Apesar de não fazer uma clara definição sobre como deveria ocorrer o desenvolvimento nacional e nem detalhar o papel das partes envolvidas, o pensamento de Amado naquele momento parecia se sintonizar com as discussões desenvolvidas no ISEB. Isto porque, à semelhança do entendimento do autor, os “isebianos” consideravam que a sociedade brasileira encontrava-se dividida em dois setores: os “dinâmicos e produtivos” e os “estáticos e parasitários”, que poderiam englobar camadas sociais diferenciadas de acordo com a relação que estas manteriam com a industrialização em curso no país: se a favorecia ou obstaculizava.³¹²

Assim como os intelectuais vinculados ao ISEB, Amado também era a favor da legalidade democrática ameaçada desde a renúncia de Jânio Quadros, e, diante do “racha” entre a esquerda radical e a esquerda moderada, representada por Nelson Werneck Sodré na institui o, observa-se a proximidade das ideias do autor com esta última vertente.³¹³

Neste sentido, Amado parecia ir ao encontro das ideias de Sodré a respeito da leitura que este fazia da realidade nacional. Tal como Amado, Sodré rejeitou o esquematismo paradigmático da “sucessividade ascencional dos regimes” que, como tal, foram apresentados pela cultura estalinista (escravismo, feudalismo, capitalismo). Ambos, portanto, acreditavam que a iniciativa das forças de transforma o deveriam levar em considera o as condi oes do momento, as características do período que estava sendo vivido no presente.³¹⁴

Quanto a isto, Amado diz, por exemplo, que “Cuba definiu-se pelo comunismo, unicamente pela incompreensão do Ocidente por seu problema”, e sugere que o Brasil não tinha necessariamente por seguir esta defini o. Ele diz inclusive não poder prever qual seria a defini o do Brasil, mas que “o caminho   o da autenticidade brasileira”. Isto  , o país deveria “construir um caminho próprio para seu desenvolvimento, aprendendo com os demais

³¹⁰ AMADO, loc. cit.

³¹¹ AMADO, loc. cit.

³¹² Cf. TOLEDO, Caio Navarro de. “Capítulo I: A ideologia nacional-desenvolvimentista”. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo:  tica, 1977. (Ensaio 28).

³¹³ Cf. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. “Nelson Werneck Sodré”. In: AXT, Gunter; SCHÜLER (Org.). *Intérpretes do Brasil*, cit., p. 322.

³¹⁴ Cf. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. “Nelson Werneck Sodré”. *Ibid.*, p. 323 e 324.

que possuem problemas idênticos, mas buscando [...] encontrar soluções realmente brasileiras”.³¹⁵ Assim, tanto o romancista quanto o historiador, compartilhavam de uma visão marxista heterodoxa do processo histórico brasileiro que não era aceito nem pelos marxistas ortodoxos nem pelos reacionários e conservadores.

Além de se opor à esquerda radical que almejava a revolução do operariado como evento único e inaugurador do socialismo (uma ruptura, não um processo gradual), Sodré foi preso pelas forças conservadoras após o golpe de 1964, acusado de “subversão contra a História do Brasil”. De maneira semelhante, Amado era visto, pejorativamente, por parte da esquerda, como “entreguista”, “golpista”, como foi dito antes, e por setores conservadores, como “comunista”.

Ao que tudo indica, por exemplo, o jornal *O Correio da Manhã* e *O Globo* se manifestaram contra a “esdrúxula indicação”³¹⁶ de Jorge Amado a uma vaga de embaixador brasileiro na África, uma vez que seria muito arriscado colocar um comunista em tal posição, com acesso a códigos e documentos secretos.³¹⁷ E, de fato, a sua nomeação como a de outras indicadas por Jânio Quadros, foram vetadas pela maioria na Câmara dos Deputados.³¹⁸ O romancista também foi acusado pelo artista Roberto Estopiñan de ser um dos responsáveis pela sovietação da vida intelectual de Cuba. Em conjunto com Pablo Neruda e Nicolás Guillén, tentariam fazer da América Latina uma “nova China”.³¹⁹

A forma antagônica como era julgado o posicionamento político-intelectual de Amado refletia igualmente sobre a sua literatura. Representando a chamada esquerda radical ou ortodoxa, Jacob Gorender, um dos ideólogos da nova direção do PC e editor da *Novos Rumos*, condenava o escritor diante de suas recentes publicações – *Gabriela cravo e canela* (1958) e *Os velhos marinheiros* (1961) – afirmando que, nestas obras, Jorge Amado “abandonou a inspiração revolucionária, que havia levado o romancista a criar uma obra de ressonância popular legítima e excepcional”.³²⁰

Por outro lado, havia uma parcela da crítica, talvez mais próxima da esquerda moderada, heterodoxa, ou revisionista – segundo termos da época – que via, por exemplo, em “Gabriela cravo e canela”, “o mais revolucionário, o mais dialético dos livros de Jorge Amado”.³²¹ Segundo Amado, um prefaciador cubano marxista de *Gabriela* teria respondido

³¹⁵ AMADO, Jorge. “Sartre e Simone Beauvoir no Brasil”. *Diário Carioca*, cit.

³¹⁶ Cf. “Descontentamento no Itamaraty”. *Correio brasiliense*. Brasília. 06.06.1961.

³¹⁷ *Ibid.*

³¹⁸ Cf. *Diário de Notícias*. Coluna: Notas políticas. Rio de Janeiro. 13.05.1961.

³¹⁹ Cf. BACIU, Stefan. “Estopinan acusa”. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro. 02.05.1961.

³²⁰ *O Jornal*. Coluna: Nomes e fato. Rio de Janeiro. 28.07.1961.

³²¹ BANDEIRA, Antonio Rangel. “Gabriela: um mito”. *Última Hora*. cit.

às críticas que o primeiro sofrera afirmando ser aquele um livro marxista que dentro da literatura, mostrava a transformação da sociedade com lucidez e rigor inatacáveis.³²²

Além disto, o autor deixou explícito diversas vezes que continuou amigo da União Soviética e dos países socialistas,³²³ o que se confirmaria pelo fato de que, em meio ao efervescer de acusações, o “Adido Cultural da Embaixada russa, Victor Sforlparov visitou o escritor na sua residência levando-lhe os cumprimentos do governo russo”³²⁴ por motivo da passagem do aniversário de Jorge Amado.

Outro indicativo da continuidade destes laços entre o autor e mundo socialista seriam as traduções. Segundo o escritor, uma nota oficial do serviço editorial soviético de 1967 confirmava que seus livros estavam traduzidos em doze línguas da União Soviética, e segundo o próprio, *Gabriela* era o livro estrangeiro mais solicitado pelos russos.³²⁵

No que diz respeito, particularmente a esta obra, é significativo o fato de ter traduções em pelo menos nove línguas de países que conformavam o bloco socialista,³²⁶ o que mostra a receptividade da literatura de Amado nestes países, a despeito das críticas sofridas por ele o que poderia explicar o fato dele não ter sido expulso do partido.

Deve-se destacar, todavia, que esta percepção positiva do autor em relação ao seu vínculo com o mundo socialista após o seu afastamento da militância política pode ser uma forma de afirmar que a sua posição política permanecia a mesma, o que seria corroborado, segundo ele, por parte da esquerda internacional e da esquerda moderada brasileira – ainda que significassem uma parcela minoritária.

O romancista entendia que mesmo deixando de exercer cargo político, não deixava de ser político. De acordo com as suas palavras: “Hoje sou político somente como escritor. Não abandonei a trincheira, faço política escrevendo, opinando, cada vez que isso me parece necessário e útil.”³²⁷ Esta afirmação se confirma em notícias de jornais que indicam uma participação constante de Amado nos debates políticos, seja apoiando ou criticando explicitamente políticos e políticas de governos, seja desenvolvendo reflexões acerca da conjuntura sócio-política brasileira.³²⁸

³²² Cf. Entrevista com Jorge Amado por Lena Frias. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 18.05.1978 e RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 266.

³²³ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 29.

³²⁴ “Russos não ligam para comunistinhas brasileiros”. *Correio do Ceará*. Fortaleza. 31.07.1962.

³²⁵ Cf. “Conversa com Jorge Amado”. Coluna: Os melhores livros. *Hoje*, n. 1, nov. 1977, pp. 5-20.

³²⁶ Estas línguas são: búlgaro, chinês, eslovaco, esloveno, estoniano, húngaro, lituano, russo e tcheco. Cf. RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Maried (Org.). *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*, cit., p. 174.

³²⁷ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 29.

³²⁸ Cf. o *Jornal da Bahia* de Salvador em 6.09.1961, que noticia o apoio de Jorge Amado a Juracy Magalhães como primeiro-ministro; o *Jornal Binômio da Semana* de Belo Horizonte em 9.10.1961, p. 08, que traz como manchete a afirmação de Amado de que o governo de Jânio foi o mais importante da história do país; o *Última*

Neste sentido, é importante destacar que literatos e artistas em geral ao utilizarem a sua posição de exterioridade em relação à esfera do político para proferir uma palavra autorizada e carismática,³²⁹ podem contribuir para a legitimação ou deslegitimação de certos discursos de governo, mesmo que este processo não se procedesse de forma direta e sempre consciente.

Podem também contribuir para a realização de demandas sociais a médio e curto prazo, tendo em vista que seu caráter público dá um amplo alcance às reivindicações que assumem ou transmitem frente à cena política oficial. No caso de Amado, por exemplo, o autor parece ter contribuído para solucionar questões político-administrativas, até mesmo involuntariamente, através da sua literatura.

Isto aconteceu com o romance *Gabriela*, já que há em pelo menos dois artigos a indicação de que a publicação do romance teria sido determinante para solucionar o caso do porto de Ilhéus, que é abordado com grande destaque na obra. Segundo entrevista de Vieira de Mello, secretário de Obras e Energia do governo Juracy Magalhães na Bahia,

Ao ler o romance famoso, *Gabriela*, de autoria de Jorge Amado, o presidente Juscelino, que já conhecia o problema em virtude de várias informações minhas, a certa altura disse:

- Será possível, que já em 1925 o porto de Ilhéus constituía um problema para a região cacauceira?...E prometeu que visitaria a cidade de Ilhéus e ali assinaria o decreto de encampação.³³⁰

Referência muito semelhante também aparece em entrevista de Amado em Lisboa, dizendo ter recebido um telefonema de Juscelino perguntando sobre o porto de Ilhéus e dizendo que iria tentar resolvê-lo.³³¹ Amado acrescenta que o problema foi resolvido. De acordo com Alfredo Wagner Berno de Almeida, o Ministro da Viação e Obras Públicas do governo JK, Ernani do Amaral Peixoto, que assinou o decreto de reequipamento e

Hora de São Paulo, em 26.08.1968, p. 7, que mostra a denúncia feita pelo intelectual à invasão pelos países do Pacto de Varsóvia à Tchecoslováquia; o *Correio Brasiliense* de Brasília, em 10.01.1978, p. 10, que veicula o pedido de Amado em favor da abertura política e cultural do país; o *Estado do Pará* de Belém, em 7.07.1977, p. 2, que demonstra o apoio do escritor à luta estudantil contra o regime militar e à anistia geral; o *Estado de São Paulo* de São Paulo, em 17.12.1976, que revela a participação de Amado em um abaixo assinado promovido por intelectuais exigindo de Falcão o fim da censura; entre muitas outras matérias.

³²⁹ Cf. FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*, cit., p. 32.

³³⁰ VIEIRA DE MELLO, Tarcísio. Entrevista. *O Estado da Bahia*. 6.02.1958 apud Alfredo Wagner Berno de. *Revolta e conciliação*, cit., p. 258.

³³⁰ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 13.11.1959.

³³¹ Encontro com Jorge Amado por José Fernandes Fafe. *Gazeta Musical e de todas as artes*. Lisboa. Março de 1961.

modernização do porto de Ilhéus e abriu a licitação para a obra, mandou publicamente recados para Amado, ao tomar estas atitudes, de que comunicasse tais progressos a Gabriela.³³²

Apesar da excepcionalidade deste caso, é inegável a relação entre Jorge Amado e o Estado não só no campo político estrito senso, mas também no campo cultural uma vez que o discurso literário e extraliterário do autor se aproximava da política-cultural do governo baseada no nacionalismo de tipo nacional-popular.

É interessante observar sobre isto, que o período entre 1945 e 1964 foi o momento de crescimento e da consolidação dos meios de comunicação de massa – o rádio e a televisão – no Brasil, o que representou um bom caminho para aqueles intelectuais que buscavam cada vez mais a aproximação com o “povo”, com as camadas populares de baixa renda, como é o caso de Jorge Amado.

No período democrático de 1945 a 1964, entretanto, o Estado brasileiro deixa de investir em políticas culturais. Ainda assim, desta inoperância do setor público de cultura e da falta de políticas culturais adveio a emergência de uma série de movimentos culturais que passam ao largo do Estado e oxigenam a produção cultural brasileira entre os anos 40 e 60, como é o caso do ISEB e dos Centros Populares de Cultura da UNE.

Nesta conjuntura, o projeto nacional-popular tendia a identificar a nação com a figura do povo. Os intelectuais nacionalistas inclinaram-se assim decididamente para o “povo”, em nome dos interesses que ele criava por si mesmo, que eram inerentes a sua vida e que reconhecia como seus próprios interesses.

Objetivava-se, portanto, “ir, por todos os meios, ao encontro do povo, ensiná-lo e deixar-se ensinar por ele, fundir-se com ele e, ao mesmo tempo, oferecer-lhe um espelho onde pudesse descobrir a imagem do que era, apesar de ainda não o saber: a própria nação”.³³³ É seguindo esta linha que os “pensadores” do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) pretendiam formular o “sentimento das massas”, e os artistas do CPC procuravam inventar diferentes modos de expressão que funcionassem como veículos para uma tomada de consciência popular a partir da troca recíproca de experiências.³³⁴

Amado compartilhava deste pressuposto, como fica claro no próximo depoimento. Quando perguntado se os romances perdem algo quando são adaptados, se vale a pena perder, o autor responde: “Vale a pena perder. [...] São pessoas que receberam certas ideias colocadas no romance; essas ideias atingiram uma massa muito maior, inclusive muitas pessoas

³³² ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Revolta e conciliação*, cit., p. 258 e 259.

³³³ PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*, cit., p.104.

³³⁴ PÉCAULT, loc. cit.

analfabetas, outras semiletradas, e também aquelas que não tinham dinheiro pra comprar o livro”.³³⁵

Compreensão semelhante pode ser atribuída a Dias Gomes, tal como se percebe pelo estudo de Denise Rolemberg intitulado “Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-amado de Dias Gomes”.³³⁶ De maneira muito parecida com Jorge Amado, este intelectual recorreu a adaptações de suas obras a telenovelas como forma de popularizá-las e disseminar a sua crítica social, tal como é o caso de *O Bem Amado*, que traz em seu bojo uma denúncia ao autoritarismo e a hipocrisia da “moral e dos bons costumes”, pilares do regime.

Quanto a isto, parte-se do princípio de que estes intelectuais tinham maior chance de exercer o seu poder de intelectual na sociedade ao atuar especificamente no campo da “política da cultura”, tal como designada por Bobbio, em que a concepção de política corresponderia a de:

[...] atividade dedicada à formação e à transformação da vida dos homens [...] lugar para os grandes debates de idéias, para o momento da utopia (aqui entendida no sentido mais lato de reflexão sobre os problemas de convivência não imediatamente práticos, embora praticáveis), que todavia contribui para mudar o mundo (e não só para compreendê-lo e interpretá-lo), ainda que em tempos mais longos, em prazos que escapam a quem vive no e para o cotidiano.³³⁷

E isto se fazia sentir sob a forma de uma intensa “militância cultural” na segunda metade dos anos 1950. Em 1956, por exemplo, o autor funda o jornal *Para Todos*, juntamente com Oscar Niemeyer, James Amado e Moacir Werneck de Castro. O periódico deveria ser não um simples jornal, e sim uma “publicação que funcionasse como a crista de um movimento nacional visando o desenvolvimento da cultura e a defesa do escritor e do artista em geral”.³³⁸ Esta preocupação com a cultura nacional se condensava especialmente no que se refere à questão racial. É interessante observar que ao final dos anos 1950 Amado vai se tornando uma espécie de expoente do ideal da democracia racial no Brasil.

Ao mesmo tempo em que a discussão sobre esta temática ganhava contornos mais claros com os estudos desenvolvidos pela Unesco no Brasil, Amado parecia incorporá-la ao seu discurso. Assim, é perceptível e significativa a mudança ocorrida no pensamento do autor em relação a sua concepção de democracia se comparada àquela exposta por Roger Bastide

³³⁵ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p.32

³³⁶ Cf. ROLLEMBERG, Denise. “Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-amado de Dias Gomes”. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha (Org). *Cultura Política, Memória e Historiografia*, cit., p. 377-397.

³³⁷ BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e poder”. *Os intelectuais e o poder*, cit., p. 105.

³³⁸ AMADO, Jorge apud *Correio do Povo*. Recife. 13.05.1956.

no *Itinerários da Democracia* de 1944.³³⁹ Por ocasião do IV Colóquio Luso-Brasileiro em terreiro de Mãe Senhora na Bahia, e de acordo com a sua posição de Obá,³⁴⁰ Amado explicitou a sua concordância com o ideal da democracia racial de acordo com os seguintes termos:

Sim, eu vos peço nesta casa, respeito e humildade. Respeito ao povo negro, a nós, mestiços baianos, nascidos da **democracia racial brasileira** – a meu ver a mais nobre e bela experiência de convivência racial do mundo porque resulta na fusão e na criação de uma raça e de uma vida nova e bela – que, vencendo todas as dificuldades e violências, conservamos essas fontes da nossa cultura, vivas e frescas. [...] Sim é necessário que se saiba e se proclame nosso orgulho bahiano e brasileiro das raízes africanas sobre as quais estamos plantados. Nossa comunidade [...] tem o seu umbigo na África, e hoje [...] estendendo-se pelos mais diversos países [...] pois de todos sangues somos misturas – dessas culturas todas somos os herdeiros e sobre ela trabalhamos.³⁴¹

Nota-se nesta declaração que o conceito de classe não aparece, diferentemente do que ocorria antes e a identidade negra e mestiça prevalece a despeito de qualquer outra forma de identidade socioeconômica. Além disto, ao dizer que a democracia racial brasileira era a “mais nobre e bela experiência de convivência racial do mundo”, Amado parece ir ao encontro da formulação de Charles Wagley de que, no Brasil, “em todo seu imenso território semi-continental a discriminação e o preconceito raciais estão sob controle, ao contrário do que acontece em muitos outros países”.³⁴²

É importante que se diga que ao mesmo tempo em que louva a convivência racial no Brasil, o autor também denuncia, neste mesmo discurso, a opressão exercida sobre o negro e a cultura negra pelo colonizador português, citando os tempos da escravidão e também da perseguição aos candomblés, renitente até tempos recentes. Para ele, a afirmação da cultura negra – bastante identificada com a cultura brasileira – vem sendo construída “com raiva e decisão”,³⁴³ mas naquele momento já representa uma vitória da “liberdade sobre a opressão”, “do fraco sobre o forte”.

³³⁹ Cf. BASTIDE, Roger. “Itinerário da democracia II – Encontro com Jorge Amado”. *Diário de São Paulo* sexta-feira, 24 de agosto de 1944.

³⁴⁰ Obá é um título dentro do candomblé oferecido àqueles considerados sábios do povo. Segundo Amado, a “trinca dos doutores do povo da Bahia, três obás de Xangô” é formada por ele, Dorival Caymmi e Carybé. Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 11 e AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*, cit., p. 81.

³⁴¹ AMADO, Jorge. “Discurso no Aché do Opô Afonjá”. *Diário de Notícias*. Salvador. Bahia. 30.08.1959. Grifo nosso.

³⁴² WAGLEY, Charles (Org.). *Race and Class in Rural Brazil*. New York: Columbia University Press, 1952, p. 7 apud GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”, cit., p.11.

³⁴³ AMADO, Jorge. “Discurso no Aché do Opô Afonjá”. *Diário de Notícias*, cit.

Segundo Amado, portanto, as lutas pela afirmação da memória e da cultura negra ficaram em um passado: “em tempos ainda próximos mas que jamais voltarão pois em sua volta não consentiremos”.³⁴⁴ Assim indica que a discriminação e o preconceito racial estariam sob controle, tal como acreditava Wagley. A democracia racial era então algo que existiria de fato e não como modelo ideal, distanciando-se neste aspecto, das interpretações feitas por Roger Bastide e Florestan Fernandes já no início da década de 1950.

É importante ressaltar, todavia, que para estes a expressão era concebida como um alargamento da terminologia “democracia social e étnica” desenvolvida por Freyre. Isto é, constituía um ideal de igualdades de direitos e não apenas de expressão cultural, artística e popular.³⁴⁵ Já em Amado, percebe-se um claro enfoque no sentido cultural, artístico e popular, relacionado a ritos, danças, cânticos e preservação da memória, de um modo geral. Isto pode ser claramente observado no seguinte depoimento:

[...] Para que da síntese resulte uma cultura rica, torna-se necessário conservar as tradições negras... impedir que uma ocidentalização << à força >> as extermine... Para conservar a sua cultura, o sangue que os negros verteram! Ainda não há muito (no tempo de Getúlio) – eu vi – eu vi – costas de negros listradas pelo azorrague ... Pretendia-se acabar com o candomblé. O que é hoje culto religioso, amanhã será folclore e como tal permanecerá.³⁴⁶

Neste depoimento, vê-se que o romancista concentra a sua preocupação na preservação das tradições negras como forma de defender a riqueza de nossa cultura perante a ameaça de “ocidentalização”. Ainda que cite o preconceito sofrido pelos negros, o faz em termos culturais e não em termos de igualdade de direitos. Até porque em discurso anterior no Centro Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá,³⁴⁷ Amado afirma que no Brasil já existia naquele momento liberdade de culto religioso – de acordo com emenda constitucional aprovada por ele – mas que ainda não era “compreendida” pela polícia.³⁴⁸ Ou seja, indica que a evolução do

³⁴⁴ Ibid.

³⁴⁵ GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”, cit., p.11.

³⁴⁶ AMADO, Jorge apud Encontro com Jorge Amado por José Fernandes Fafe. *Gazeta Musical e de todas as artes*. Lisboa. Março de 1961.

³⁴⁷ O Ilê do Axé do Opô Afonjá é uma das casas de candomblé mais tradicionais da Bahia e Brasil, ao lado do Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê, ou Sociedade São Jorge do Gantois. Esta casa apresenta terreiros no Rio de Janeiro e em Salvador, sendo o de Salvador conhecido como Centro Cruz Santa, o mais antigo. Ele foi fundado em 1910 por Mãe Aninha e teve como ialorixás (sacerdotisas ou mães-de-santo) figuras de renome no candomblé como Mãe Stela de Oxossi e Mãe Senhora. Neste centro, Amado foi intitulado Obá Otum Arolu, significando que pertencia ao seletto grupo de “ministros de Xangô” do terreiro. Cf. PRANDI, Reginaldo. “Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX”. *Tempo Social, Rev. Social, USP, São Paulo*, vol. 1(1); THEODORO, Helena. “Guerreiras do samba”. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, vol. 6, n.1.

³⁴⁸ AMADO, Jorge. “Discurso no Aché do Opô Afonjá”. *Diário de Notícias*, cit.

costume, no sentido do preconceito, era mais lenta do que a evolução das instituições jurídicas.

Neste aspecto, o autor parece não perceber, como faz, por exemplo, Roberto Da Matta, que no Brasil a fábula das três raças funciona porque ao mesmo tempo em que remete à igualdade pela complementaridade, repousa sobre a lógica hierarquizante, já que iniludivelmente a raça branca, do colonizador, não perde sua condição superior na prática. Por isso o direito formal acabava não se tornando efetivo.³⁴⁹

Ressalta-se, entretanto, que mesmo que o ideal de democracia racial elaborado pelo autor esteja próximo daquele veiculado pela fábula das três raças, ele apresenta pontos divergentes. Se, por um lado, a narrativa idealizada na fábula diz que o negro, o indígena e o branco contribuíram de maneira igualitária para a formação da identidade cultural brasileira, observa-se, por outro, que o autor alude para múltiplas origens da formação étnica da nossa nação, quando diz que “de todos os sangues somos mistura”.³⁵⁰

Apesar disto, é recorrente em sua fala uma preponderância do elemento negro e branco, e, entre estes dois, o do primeiro sobre o segundo. Assim é a partir da matriz africana que se assenta a “nossa originalidade de povo”. A nossa comunidade teria seu “umbigo na África”, pois, para ele, apesar de sermos “resultado da mistura de escravos e senhores [...] foi no seio dramático das escravas que sorvemos a seiva da vida” e “por isso somos fortes”.³⁵¹

Neste sentido, o autor ia ao encontro do discurso da negritude, bandeira evocada pelo movimento negro, como modo de afirmação e “desrecalque” do negro na sociedade.³⁵² Assim, apesar de a sua interpretação de democracia racial não ser a mesma que aquela utilizada pelo movimento negro – que estava mais próxima das formulações de Florestan e Bastide, no início dos anos 1950 –, Amado era, de modo geral, bem visto pela comunidade negra, como se vê, por exemplo, pelo respeito e admiração que despertava dentro do candomblé, tendo recebido o título de Obá no ano de 1959.³⁵³

Além disto, é importante destacar que a aceitação e disseminação política da expressão democracia racial – como um ideal de igualdade de direitos e de expressão artística, cultural e

³⁴⁹ Cf. DA MATTA, Roberto. “Digressão: A fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira”. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*, Petrópolis Vozes, 1981. p. 58-85.

³⁵⁰ AMADO, Jorge. “Discurso no Aché do Opô Afonjá”, cit.

³⁵¹ Ibid.

³⁵² Cf. GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”, cit. p.11.

³⁵³ Cf. RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Mariéd (Org.). *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*, cit., p. 55.

popular³⁵⁴ – foi ampla, inclusive no interior do movimento negro, permanecendo em pleno vigor até pelo menos o golpe de 1964 e o rompimento democrático.³⁵⁵

Neste cenário, em que o ideal da democracia racial se apresentava em pleno vigor na sociedade, o discurso de Amado aparecia como um expoente, seja ressaltando a negritude, seja ressaltando a harmonia inter-racial, especialmente em virtude do lançamento de *Gabriela*.

Isto porque a imagem que prevaleceu quando do surgimento deste romance era a de certa tolerância racial e cultural como característica da sociedade brasileira, já que o preconceito racial não é problematizado na obra. Além disto, a harmonia inter-racial aparece destacadamente através da personagem Gabriela, que reúne diversas qualidades do caráter mestiço do povo brasileiro.

Quanto a isto Amado teria dito: “a *Gabriela* procurei, o mais que pude, dar-lhe um carácter anti-sectário e nacional”.³⁵⁶ Em entrevista a João Dória Júnior, Amado afirmara também que ao elaborar Gabriela, procurou “criar uma mulher que fosse símbolo da mulher brasileira”³⁵⁷ e essa mulher foi então idealizada como mulata, alegre, simples, graciosa, cheia de gingado e musicalidade nos gestos, sensual, habilidosa na combinação de sabores, solidária e trabalhadora. Por outro lado, a personagem se caracterizava também por cozinhar muito bem, ser iletrada e não ter qualquer curiosidade intelectual, o que passava certa imagem ingênua e estereotipada do mestiço.

O personagem Nacib, igualmente, carrega uma mensagem positiva em relação a um suposto caráter democrático e antissegregacionista de nossa cultura. Isto porque, nascido árabe, Nacib passa por uma espécie de “abrasileiramento” resultado de uma combinação do “jeitinho brasileiro” – no caso, do tabelião, que cobra barato para produzir a certidão de nascimento que faz dos filhos de imigrantes, quando não os próprios imigrantes, cidadãos brasileiros na lei – com uma presumida tolerância nacional em relação a estrangeiros.

³⁵⁴ Este entendimento de democracia racial, muito próximo às formulações de Florestan Fernandes e Roger Bastide, podia ser encontrado, segundo Guimarães, na prática de intelectuais negros, como Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, que justificavam seus objetivos de desmascaramento da discriminação racial e de desrecale da “massa negra” em termos daquele ideal. A expressão teria sido inclusive de uso corrente no movimento negro nos anos 1940. O autor então demonstra que o jornal *Quilombo*, dirigido por Abdias do Nascimento, entre 1948 e 1950, tinha uma coluna intitulada “Democracia Racial”, em que assinavam artigos intelectuais brasileiros e estrangeiros, aliados à luta antirracista de então, como Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roger Bastide, Murilo Mendes, Estanislau Fischlowitz e Ralph Bunche. Cf. GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”. cit., p. 11 e 12.

³⁵⁵ Ibid., p. 11, 12 e 13.

³⁵⁶ AMADO, Jorge apud Encontro com Jorge Amado por José Fernandes Fafe. *Gazeta Musical e de todas as artes*. Lisboa. Março de 1961.

³⁵⁷ Entrevista concedida a João Dória Jr. na Rede Bandeirantes de TV, em São Paulo em 14.10.1990 apud GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 163.

Sendo assim, mais do que representar ou traduzir uma interpretação de Brasil corrente no contexto em que foi produzido, o romance *Gabriela* foi concebido como uma espécie de “encarnação do nacional”, especialmente no que se refere à personagem principal. Neste sentido, destaca-se o caráter simbólico da literatura tal como alude Nicolau Sevcenko no seu *Literatura como missão*. Isto é, a sua capacidade de recriar virtualmente os desejos, as emoções, os temores dos membros da comunidade subjacente a ela, ao mesmo tempo em que exerce um poder de influência sobre estes.³⁵⁸

E influencia, dentre outros motivos, porque a literatura trabalha no plano das sensibilidades e dos sentidos. Além de comunicar, acionar a memória e proporcionar prazer, os sentidos servem também como “construções simbólicas, capazes de demarcar fronteiras e categorias e reforçar identidades”.³⁵⁹ Como todo artista, é segundo o modo como trabalha a lógica dos sentidos, que o literato sensibiliza o público.

Com o sucesso de *Gabriela*, a interpretação que Amado fazia do Brasil e que permeava o livro, teve a possibilidade de se disseminar no imaginário coletivo de brasileiros e estrangeiros uma vez que o universo ficcional da obra obteve um grande alcance social. Alcance que pode ser verificado, além do que já foi dito, pelo grande número de traduções, – é a obra mais traduzida de Amado, podendo ser lida em vinte e nove idiomas – pelos prêmios recebidos, – entre eles o Jabuti – por ser este o livro que mais rendeu adaptações para televisão, cinema, dança, fotonovela e quadrinhos, – além de ter sido fonte de inspiração para outros meios de expressão artísticos – e que talvez seja o romance do autor mais sistematicamente estudado.

É notável que a compreensão otimista e cordial que Amado fazia do Brasil, articulando ideais distintos da democracia racial, do nacional-desenvolvimentismo, e do nacional-popular, e que projetava positivamente a imagem do país, interna e externamente chamasse a atenção de governantes e intelectuais. Assim o sucesso do romance, mesmo entre aqueles que tradicionalmente condenavam a literatura de Amado, foi fundamental para que o autor se tornasse conhecido, respeitado e admirado em rodas intelectuais antes fechadas a ele, como também foi deveras importante para que fosse convidado pelo governo para atuar no campo político cultural.

Isto fica evidente, por exemplo, no crédito dado pelo presidente Jânio Quadros ao escritor no que diz respeito às políticas culturais do governo. Nomeado pelo presidente para

³⁵⁸ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*, cit., p. 299.

³⁵⁹ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 241 e 242.

participar da comissão de literatura do Conselho Nacional de Cultura, Amado se encontrava entre a “elite” que tinha como missão fazer valer os interesses do povo dentro do Estado.

Juntamente com os demais conselheiros, deveria “coordenar, disciplinar e traçar a política superior dos esforços do poder Federal no campo da vitalização da cultura, da sua disseminação e da sua popularização, da sua democratização”.³⁶⁰ Tarefa que pode ser entendida como uma institucionalização da ideia do nacional-popular e que contaria com a “nata” dos intelectuais brasileiros – Jorge Amado entre eles – sintonizados com este propósito, e mobilizados para sua concretização.

Além disto, ainda no governo Jânio observa-se uma importante participação do escritor na criação do Instituto Afro-Asiático, órgão que seria “ponta-de-lança” da política externa do então presidente, sendo uma de suas principais preocupações. Segundo noticiou jornal da época: “pondo de lado os conhecedores do assunto”, dentre os quais havia alguns que se encontravam no próprio Itamaraty, Jânio “estaria resolvido a nomear para dirigir referido Instituto um recomendado do ex-futuro embaixador comunista Jorge Amado, de nome Eduardo Portela, crítico literário de uma de nossas folhas”.³⁶¹ E de fato Portella dirigiu o instituto entre 1961 e 1964,³⁶² o que demonstra o peso da indicação do romancista para além das críticas sofridas pelo presidente por acatar esta recomendação.

No campo intelectual, a entrada do romancista na Academia Brasileira de Letras em 1961 é bastante simbólica dos caminhos abertos a Amado com *Gabriela* e de sua redefinição do que é ser um escritor popular e engajado. Desde a sua adolescência na *Academia dos Rebeldes*, se opunha a toda forma de academicismo, cujo expoente máximo era a própria ABL. Mas, se, por um lado, a aceitação de Amado pela Academia aconteceu em um momento de claras mudanças na trajetória intelectual do escritor, em sintonia com os discursos intelectuais dominantes na época, por outro lado, a candidatura do romancista à instituição também foi condizente com a forma pela qual o romancista concebia o seu papel de intelectual naquele momento.

Se Amado considerava as suas obras como uma “transposição para o plano literário da cultura popular”, e considerava necessário divulgar a cultura popular por todos os meios possíveis, então a chegada do escritor à ABL era um marco significativo de consagração e aceitação da cultura popular entre os acadêmicos. Representava assim uma vitória do povo, e

³⁶⁰ QUADROS, Jânio apud FERRAZ, Geraldo. “Brasília e o Conselho Nacional de Cultura”. *A Tribuna*. Santos. 24.05.1961.

³⁶¹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 17.06.1961.

³⁶² Como todos os “imortais” da Academia Brasileira de Letras, a biografia de Eduardo Portella encontra-se no portal da ABL, de onde foi retirada esta informação de acordo com pesquisa sobre o intelectual. Cf. www.academia.org.br

especialmente dos baianos e da cultura baiana, que estariam representados na figura do escritor:

Penso na Bahia nesta hora de minha vida [...]. Chego coberto com a ternura de minha gente baiana. [...] E quando aqui chego, chegam a esta casa, a esta tribuna, vestindo este fardão, pessoas simples do povo, aqueles meus personagens, pois é por suas mãos que aqui ingresso. Gente simples do povo, não sou mais do que ele, e se os criei, eles me criaram também. São uma gente boa, senhores acadêmicos, gente bahiana de muita delicadeza e ao sentar-me com eles em vossa ilustre companhia, ao agradecer o homem que eles construíram e até aqui trouxeram. Porque eles são o meu povo e a vida que tenho vivido ardentemente.³⁶³

Neste relato é possível observar que Amado entendia a sua literatura, em um momento de singular de sua consagração como escritor, mais do que uma “transposição”, ou “representação” do povo. Era uma “encarnação” deste através dos personagens criados nos seus diferentes enredos. Além disto, o próprio autor se identifica como um membro do povo, como um de seus personagens, criador e criatura.

Deste modo, Amado foi ao poucos se transformando em criatura e misturando-se com seus personagens nos gostos e atitudes, transformando-se numa espécie de entidade folclórica, inseparável da Bahia. Ao mesmo tempo que criava esta imagem de si, também era percebido desta forma.³⁶⁴ E assim, se tornou também ícone de uma brasilidade calcada na baianidade. Um mito brasileiro, assim como a sua personagem Gabriela.

Quanto a isto é importante destacar que a construção e longevidade do mito em torno de Amado relaciona-se diretamente com o posicionamento deste nos debates político-intelectuais de sua época. Uma disposição de sempre se reatualizar em torno de problemáticas nacionais em diferentes contextos de recepção.

Deste modo, pode-se dizer que ele reuniu capital cultural e simbólico suficiente para produzir uma memória de si que reforçava ou ia ao encontro da memória que setores hegemônicos também queriam ver construída. Entretanto, é possível flagrar ruídos, resistências a esta memória, como se percebe, por exemplo, em discursos que denunciam o preconceito racial embutido na representação que Amado faz de negros e mestiços, e até mesmo em falas que o concebem como racista.³⁶⁵

³⁶³ AMADO, Jorge. “Discurso de Jorge Amado na Academia”. *Diário de Notícias*. Salvador. 06.08.1961 e 07.08.1961. p. 3.

³⁶⁴ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 257-269

³⁶⁵ Cf. BENNETT, Eliana Guerreiro Ramos. “Gabriela cravo e canela: Jorge Amado and the myth of the sexual mulata in brazilian culture”. In: OKPEWHO, Isidore; DAVIS, Carole Boyce; MAZRUI, Ali A. (Org.). *The African Diaspora: African Origins and New World Identities*. Bloomington: Indiana University Press, 1999 e a

2. *Tenda dos Milagres: uma definição da mestiçagem*

Escrito e publicado no ano de 1969, *Tenda dos milagres* despontou desde a sua aparição como romance de singular importância no conjunto de obras de Amado. Foi uma publicação amplamente divulgada internacionalmente e muito celebrada pela crítica.³⁶⁶

Como outros romances do autor produzidos em contextos favoráveis em termos de comunicação de massa, foi largamente apropriado por diferentes mídias e meios de expressão artísticos. Neste sentido, destaca-se a adaptação da obra feita para o cinema por Nelson Pereira dos Santos que ganhou o prêmio maior do X Festival de Cinema Brasileiro, no ano de 1977³⁶⁷ e também a adaptação para a TV, numa minissérie da Rede Globo em 1985.

Este romance também foi apontado pelo crítico Heitor Martins como o livro mais representativo da literatura brasileira entre fins da década de 1960 e início dos anos 1970. Isto tanto pela posição de destaque que Amado ocupava no quadro literário brasileiro naquele contexto, como pelo grande sucesso de público a que alcançou o romance. As tiragens das obras do romancista eram, segundo Heitor Martins, as mais altas em língua portuguesa naquele tempo e *Tenda* foi então, mais um *best seller* de Amado.³⁶⁸

Apesar disto, não se pode dizer que teve o mesmo sucesso de *Gabriela cravo e canela* – aliás, nenhum outro romance escrito pelo autor veio a alcançar êxito equiparável – e, portanto, não se popularizou da mesma forma. A notoriedade desta publicação se revela, em parte, através do meio intelectual onde teve notável acolhimento.

Em *Tenda*, diferentemente de *Gabriela*, o que chamou atenção não foi nenhuma ruptura ou mudança significativa na trajetória intelectual ou político-ideológica de Amado, mas sim um suposto amadurecimento literário de seu autor, levando a inovações na sua escrita. Além disto, haveria nesta obra uma definição muito clara de seu entendimento a respeito da mestiçagem étnico-racial brasileira.

Por estas características foi caracterizado como “um romance que se preocupa com a questão racial e onde o escritor realiza uma revolução de língua e de linguagem, renovando o âmago de sua técnica narrativa, atingindo um dos pontos altos da sua caminhada de

materia intitulada “Deputado volta a criticar Jorge Amado” no jornal *Estado de São Paulo* de Salvador em 23.11.1983.

³⁶⁶ Isto se comprova pelas traduções da obra para outras línguas, já que *Tenda dos milagres* pode ser encontrada em pelo menos onze idiomas, incluindo o Português, e também através das publicações em jornais internacionais tratando do lançamento da obra em diversos países como Portugal, Índia, Estados Unidos, França, etc. Cf. RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Maried (Org.). *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*, p. 175.

³⁶⁷ *Ibid.*, p. 75.

³⁶⁸ HEITOR, Martins. “Romance Brasileiro em 1970: Tenda dos Milagres”. *Suplemento Literário*. Caderno 1. São Paulo. 14.03.1970.

ficcionalista”.³⁶⁹ Indo mais além, o crítico brasileiro Antonio Olinto interpretou esta obra como “um romance de tese, num grande e alto sentido”,³⁷⁰ o que parece sintetizar um pensamento comum a respeito de *Tenda*, tanto no contexto de sua publicação quanto no decorrer dos anos.

Em muitos estudos acerca deste romance é possível encontrar a caracterização “romance de tese”³⁷¹ ou “romance paradigmático”³⁷² com uma conotação muito semelhante. Verifica-se que em ambos os casos a aplicação destes termos remete, principalmente ao fato de *Tenda* ser percebida como a obra por excelência em que Amado se preocupou em expressar a sua teoria a respeito da identidade mestiça do povo brasileiro. Através desta obra o autor ofereceria assim a sua interpretação de Brasil, ainda que ela permeasse de certa forma, todo o conjunto de sua produção literária.

Em uma visão retrospectiva, Amado parece ir ao encontro deste pressuposto em sua comparação de *Jubiabá* e *Tenda* de acordo com entrevista concedida à Alice Raillard:

[...] foi a *Jubiabá*, ao qual eu realmente voltei vinte e cinco anos mais tarde, com um romance que escrevi em 1969, *Tenda dos Milagres*, onde são colocados os mesmos problemas, com a perspectiva de uma distância de vinte e cinco anos de tempo, quando a minha experiência literária e humana, creio, era bem maior. *Tenda dos Milagres* é *Jubiabá* revisitado, mas a conotação é diferente. Trata da questão da formação da nacionalidade brasileira, da luta contra os preconceitos, principalmente o racial, contra a pseudo-ciência, a pseudo-erudição “europeizante” [...] ³⁷³

Para o autor, *Tenda* teria, portanto, um valor especial em relação à *Jubiabá* por tratar de temáticas centrais do seu pensamento a respeito da nação de maneira mais amadurecida. Acrescente-se que na obra mais recente, haveria de fato uma preocupação do romancista em desenvolver a sua concepção de Brasil. Pelo menos seria nesta publicação que Amado destacaria o seu projeto de nação, tal como entendido naquele momento, no qual a questão racial estaria fixada em primeiro plano.

Esta ênfase na questão identitária brasileira como ideia presente no processo criador do romance aparece em diversas entrevistas concedidas pelo escritor a jornais da época da publicação do livro, principalmente em virtude do lançamento de edições do mesmo em

³⁶⁹ “A obra de Jorge Amado e sua irradiação em Portugal”. *Jornal do Comércio*. Caderno Letras e Artes. Lisboa. 13.10.1973, p. 17.

³⁷⁰ OLINTO, Antonio apud “A obra de Jorge Amado e sua irradiação em Portugal”. *Jornal do Comércio*. Ibid., p. 17 e *Horizonte Literário*. Portugal. 29.09.1973.

³⁷¹ Conferir, por exemplo, OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. “Celebração da heterogeneidade: imagens do outro nas ficções literárias do Brasil, Quebec e Turquia”. In: OLIVEIRA, Humberto Luiz de e SOUZA, Lícia Soares de (Org.). *Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogo*. 2. ed., Feira de Santana, UEFS, 2003, p. 161.

³⁷² Este é o caso, por exemplo, de GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 173.

³⁷³ AMADO, Jorge apud RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 105.

outros países. Por ocasião do lançamento da edição nova-iorquina de *Tenda*, Amado teria dito:

Minha novela fala do novo homem surgido dessa mescla racial e cultural. Creio que o Brasil tem um exemplo a oferecer à sociedade humana com sua cultura mestiça, cuja base é uma força de cordialidade e amor. [...] em minha última novela testemunho a luta de meu povo pela afirmação de sua raça e de sua cultura mestiça.³⁷⁴

O romance ajudou então, a definir e divulgar o posicionamento de Amado em relação aos elementos que permeavam o seu entendimento da cultura nacional. Assim, é possível encontrar em diversas declarações do autor referências a essa obra quando solicitado a dar esclarecimentos sobre temáticas como racismo, tradição, modernidade, materialismo e mestiçagem, por exemplo.

Isto se verifica particularmente em entrevistas nas quais o romancista era indagado sobre a forma como conseguia conciliar seu materialismo com a atividade que exercia no candomblé. Em pelo menos um caso ele teria dito como resposta: “Leia um livro meu chamado *Tenda dos Milagres*, entenderá”.³⁷⁵ Entretanto, era comum citar nestas ocasiões a fala de Pedro Archanjo, personagem principal de *Tenda*, em que este dizia “meu materialismo não me limita”, como tentativa de explicar a aparente contradição.³⁷⁶

Este fato pode ser entendido pela intensa identificação que Amado tinha com Pedro Archanjo, apontando-o, inclusive como um de seus personagens mais completos – ou o mais completo³⁷⁷ – e o que lhe deu mais satisfação.³⁷⁸ O fato é que Archanjo fala pelo seu criador em *Tenda*. É através dele que questões importantes para o escritor são tratadas, bem como o próprio chegou a afirmar certa vez.³⁷⁹

Para escrever o romance, Amado aliou ao seu saber acerca da questão racial, uma notável pesquisa sobre racismo e miscigenação na Bahia. Isto lhe deu sustentação na composição da narrativa como também em suas referências à produção intelectual de Archanjo, sábio popular e antropólogo, que desenvolve estudos acerca da vida popular baiana.

Em suas publicações, Archanjo revela a influência africana na cultura local, bem como aspectos da mestiçagem étnico racial nas famílias tradicionais da Bahia, chocando uma elite

³⁷⁴ AMADO, Jorge apud *Tribuna da Bahia*. Salvador. 10.09.1971.

³⁷⁵ AMADO, Jorge apud *Diário Popular*. Bahia. 03.06.1971.

³⁷⁶ Este tipo de explicação aparece, por exemplo, no *Diário de São Paulo*. São Paulo. 30.01.1972 p. 1 e em GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 11.

³⁷⁷ Cf. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 216.

³⁷⁸ Cf. IELO, Maurício. “Uma vida junto ao povo”. *Revista do Livro*. São Paulo, n. 58, 1985, p. 64 e 65.

³⁷⁹ Cf. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 216.

racista orgulhosa de uma herança branco-europeia. Quanto a isto, pode-se dizer que Amado transpôs para a figura de Pedro Archanjo um espectro de sua própria imagem e através dele expôs toda a sua crença no valor positivo da mestiçagem.

Neste sentido a “teoria” *amadiana* acerca da mestiçagem se revela nesta obra tanto nos estudos de Archanjo, como na sua trajetória de vida, nas lutas contra o preconceito racial em que se envolveu. Também pode ser encontrada nos embates em torno da memória sobre este personagem que ocorrem no seu post mortem, em um momento de consagração de sua vida e obra.

Assim, *Tenda* tornou-se uma espécie de referência autorizada do pensamento de Amado acerca da nação. Isto também se justifica pelo valor creditado a ela pelo próprio autor que afirmou em diversas entrevistas ser esta a sua obra favorita, dentre outras coisas, pela sua temática, que mexeria muito consigo.³⁸⁰

Além disto, a publicação do romance reforçou uma concepção da trajetória do autor e de sua produção literária, formulada pelo menos desde *Gabriela*, que tendia a exaltar os aspectos da vida e obra do autor que destacavam a imagem de Amado como intérprete e ícone de uma brasilidade mestiça e positiva.

Neste sentido, é possível flagrar um entendimento de Gilberto Freyre como pai da ideia de positividade do Brasil mestiço, e Amado como seu grande divulgador, como “artista da mestiçagem”³⁸¹ em virtude, particularmente das inovações introduzidas na literatura *amadiana* a partir deste romance. Deste modo, a publicação de *Gabriela* contribuiu sobremaneira para caracterizá-lo como artista ou romancista da nação mulata.³⁸²

Somado a isto, pode-se dizer que não houve significativa mudança no discurso de Amado sobre o povo e a cultura brasileira até o fim de sua trajetória o que permitiu que o *statuos quo* da obra permanecesse inabalado no post mortem do autor.

Deste modo, *Tenda* continua a apresentar valor destacado quando se trata de analisar a concepção de mestiçagem e de cultura brasileira desenvolvida por Amado e que marcou a memória sobre si. A obra se revela como importante “testemunho histórico”³⁸³ na tarefa de investigar a forma como o escritor buscou se fixar no campo intelectual, e particularmente no

³⁸⁰ Cf. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*, cit., p. 216; GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., 1981, p. 34; RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Mariel (Org.). *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*, cit., p.67.

³⁸¹ Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. “O artista da mestiçagem”. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *O universo de Jorge Amado*, cit., e GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 9.

³⁸² “Um romancista da nação mulata”. *Jornal de Letras*. Portugal. 12.06.1990.

³⁸³ Cf. CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). “Apresentação”. In: *A História contada*, cit.

debate acerca da identidade nacional, se definindo ora por oposição, ora por afinidade com os diferentes discursos político-culturais existentes no contexto de produção da obra.

No que diz respeito ao seu poder alegórico, por outro lado, proporcionou a virtualização daquela que seria a interpretação de Brasil para Amado, transmitindo um ou mais sentidos que o da simples compreensão literal.³⁸⁴ Deste modo, foi apropriada de maneira diversa por diferentes agentes históricos, muitos dos quais buscaram enquadrar o significado da obra de acordo com os seus anseios, ou ao menos situá-la em relação aos seus projetos de nação, o que garantiu que autor e obra fossem alçados ao centro deste debate.

É importante observar que o romance foi escrito em um momento de grande efervescência política e intelectual em torno do modelo de identidade nacional que se pretendia hegemônico, acirrado pela crise política que deu origem à ditadura militar.

Compreendendo a cultura como elemento fundamental de coesão nacional, o governo militar brasileiro, por meio do controle do aparelho de Estado, incentivou e difundiu um novo *ethos* para a nação que pensava ser condizente com o processo de modernização em curso. A identidade nacional a ser formada deveria estar de acordo com o *ethos* capitalista, como forma de afastar a “ameaça comunista” e promover o desenvolvimento do país a curto prazo.

Como forma de construir um campo de aceitação das transformações econômicas, sociais e culturais que estavam sendo e que seriam empreendidas segundo o modelo da modernização capitalista, mentalidades consideradas cosmopolitas e que ao mesmo tempo não deixavam de se apoiar em traços distintivos da identidade nacional foram valorizadas e incorporadas pelo projeto nacional “oficial”.³⁸⁵

Desta forma, o Estado procurava neutralizar as diferenças e eliminar as divergências, objetivando certa produção de um consenso social que reforçasse uma imagem da nação com a qual todos se identificassem. Neste sentido, o “mito” da democracia racial “café” muito bem, pois se pautando numa identidade mestiça e plástica, os conflitos e as diferenças internas poderiam ser abafados. Essa característica cosmopolita da constituição nacional, tal como sugeriram muitos autores, ainda poderia ser relacionada ao caráter antropofágico da cultura brasileira, segundo o qual a “deglutição” e “digestão” seletiva de ideias e práticas estrangeiras fariam parte do próprio processo de formação cultural brasileiro.³⁸⁶

³⁸⁴ Aqui utilizo como referência SEVCENKO, Nicolau. “Conclusão: História e Literatura”. *Literatura como missão*, cit.

³⁸⁵ Cf. OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. “Celebração da heterogeneidade: imagens do outro nas ficções literárias do Brasil, Quebec e Turquia”. In: OLIVEIRA, Humberto Luiz de e SOUZA, Lícia Soares de (Org.). *Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogos*, cit., p.130, 131 e 134.

³⁸⁶ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 275.

Assim, a democracia racial chegou a ser utilizada inclusive como discurso oficial do regime militar, bem como havia ocorrido no governo Vargas, ao servir de cimento simbólico da integração nacional promovida pela ideologia da Segurança Nacional. Isto porque a ideia do Brasil “cadinho de raças”, promovida pelo Conselho Federal de Cultura (CFC), criado por Castelo Branco em 1966, tinha como objetivo valorizar a harmonia racial e social da nação brasileira.³⁸⁷ Tatyana de Amaral Maya, em seu estudo dedicado ao CFC, ao mesmo tempo em que mostra a importância da participação de Gilberto Freyre neste órgão, enfatiza que um discurso “otimista” e “regionalista” da identidade nacional associado à mestiçagem,

[...] foi habilmente incorporado como política de Estado e pode ser observado nas propagandas políticas, nas políticas culturais e nas obras destinadas à educação, buscando reforçar no imaginário social uma idéia do Brasil como um país unido, pacífico, em desenvolvimento.³⁸⁸

Em contraposição a este ideal havia um considerável setor da intelectualidade brasileira abrangendo estudiosos como Florestan Fernandes, Roger Bastide e representantes do movimento negro, que na década de 1960, e sobretudo após o golpe, condenava a democracia racial como um mito que tendia a minimização da luta pela igualdade social entre brancos e negros.

Por representarem uma oposição ao ideal democrático divulgado pelo governo, esta corrente foi reprimida e as lideranças negras lançadas numa espécie de semiclandestinidad. Neste sentido, o golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros, uma vez que desarticulou uma coalizão de forças que organizava o enfrentamento do “preconceito de cor” no país.

Como consequência, o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil, e desta forma, a discussão pública da questão racial foi sendo suprimida.³⁸⁹

Outra questão que também se encontrava no cerne do debate político-intelectual sobre a identidade nacional era a da modernização. O desenvolvimento nacional sustentado pelo regime militar se baseava em um modelo de modernização muito próximo daquele

³⁸⁷ Ibid., p. 274.

³⁸⁸ MAIA, Tatyana de Amaral. “‘Otimismo’ e ‘Regionalismo’: as faces da ação estatal no setor cultural (1966-1975)”. *Diálogos*. Rio de Janeiro, vol 2 (junho 2008), n. 2, UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008, pp. 140 e 141.

³⁸⁹ Cf. DOMINGUES, Petrônio. “Movimento negro no Brasil: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, cit.

desenvolvido pelos EUA, calcado em valores como o racionalismo, o cientificismo, o capitalismo, o industrialismo e o ocidentalismo e que tinham no país norte-americano seu maior exemplar.

Estes valores, por sua vez, eram criticados por diversas correntes artístico-intelectuais, sobretudo de esquerda, como aquelas representadas pelo teatro engajado dos CPCs da UNE, do Teatro de Arena, Teatro Opinião e Teatro Paulista do Estudante. Elas se punham em defesa dos valores do povo, da tradição, das raízes rurais, supostamente não contaminadas pelo artificialismo da modernidade urbana capitalista.

Deste modo, preconizavam uma alternativa de modernização que não implicasse na desumanização, no consumismo, no império do fetichismo da mercadoria e do dinheiro. Buscavam, em suma, uma cultura popular qualificada como autêntica base para a construção de uma nova nação ao mesmo tempo moderna e desalienada, no limite, socialista.³⁹⁰ Foi mergulhado neste “estar de coisas” que Amado desenvolveu a sua contribuição para o debate político-intelectual que se engendrava no país através do seu ofício de romancista.

Partindo da questão racial como temática central da narrativa, e disposto a dar o seu testemunho em relação à luta contra o preconceito racial no Brasil e sua análise acerca da miscigenação, Amado situou a ação do herói de seu romance em um contexto histórico de grande avanço das teorias racistas e de condenação da mestiçagem étnico-racial. Momento em que uma parcela da intelectualidade brasileira, engajada no debate acerca da nacionalidade, sofreu grande influência de concepções racistas vigentes na Europa do final do século XVIII e início do século XIX.³⁹¹

Adotadas no Brasil na virada do XIX para o XX, essas teorias declaravam a supremacia da civilização branca, europeia, cristã e ocidental a partir de uma escala de valores segundo a qual o futuro do Brasil estaria condenado a uma espécie de fatalidade inexorável por ser esta uma terra de negros e mestiços.³⁹² A mistura racial apresentava-se desta forma como um inegável fator de degeneração e declínio da sociedade brasileira que dificultava a elaboração de uma identidade nacional positiva, bem como a expectativa em um futuro próspero para a nação.

³⁹⁰ Cf. RIDENTI, Marcelo. “Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. Ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (O Brasil republicano; v. 4).

³⁹¹ Cf. BAGGIO, Kátia. *A “Outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, pp. 26, 27, 28 e 29.

³⁹² Cf. PESAVENTO, Sandra Jatthy. “Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre”. In: AXT, Gunter e SCHÜLER (Org.). *Intérpretes do Brasil*, cit., p. 177.

Entre os autores que tinham por certo a desvantagem proveniente da miscigenação, podem ser citados Sílvio Romero, Oliveira Vianna e Nina Rodrigues. O caso de Nina Rodrigues, um dos principais nomes da Faculdade de Medicina da Bahia neste período, é bastante exemplar desta tendência compartilhada por boa parcela da elite brasileira.

Autor de *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, Nina desenvolveu a tese de que a “teoria do livre-arbítrio” no Direito não poderia servir de suporte para a Constituição de um país mestiço como o Brasil. Com base em critérios científicos, evolutivos e racistas, negros e mestiços não poderiam ser tratados da mesma forma que os brancos por apresentarem uma tendência ao crime.

Para tanto, medidas drásticas deveriam ser tomadas como confinamentos em manicômios, exames médicos minuciosos em busca de atavismos, leis diferenciadas para as quatro “sub-regiões” do país de acordo com a respectiva composição racial e outras medidas “médicas” como a esterilização.³⁹³

Em contraposição a estas formulações e valores, Jorge Amado desenvolveu em *Tenda dos milagres* a história do mestiço Pedro Archanjo cuja trajetória – que em muitos aspectos se sintoniza com a de seu criador – é marcada pela defesa do conhecimento e das tradições populares, pelo misticismo do candomblé e o sincretismo religioso, pelo humanismo característico das “gentes do povo” e, destacadamente, pela valorização do elemento negro na composição étnico-racial da sociedade brasileira.

O personagem se envolve então diretamente nesta polêmica acerca da questão racial no Brasil das primeiras décadas do século XX, primeiramente ao frequentar o ambiente intelectual em que um discurso acadêmico intensamente alinhado com as teorias racistas da época era desenvolvido. Archanjo era bedel – uma espécie de empregado de estabelecimento de ensino – da Faculdade de Medicina da Bahia na qual o personagem Nilo Argolo, claramente identificado com a figura de Nina Rodrigues, era catedrático de Medicina Legal.

Tocado pela forte repressão empreendida pela polícia aos candomblés e indignado com a difusão de ideias racistas que ganhavam continuamente espaço nas manchetes dos jornais, Archanjo decide escrever o primeiro de seus livros em defesa da mestiçagem e da positividade da herança africana na formação do povo brasileiro.

A intenção só é levada a cabo, entretanto, com a intervenção da mãe-de-santo Majé Bassã que lembra a ele não ser à toa que desfrutava do título de “Ojuobá”, “os olhos de

³⁹³ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 176.

Xangô”, olhos que tudo viam. Aliás, segundo uma versão popular, teria sido o próprio orixá quem ordenara a Archanjo tudo ver, tudo saber, tudo escrever e para isso o fizera “Ojuobá”.³⁹⁴

Ao abraçar este encargo ou missão, Archanjo produz *A vida popular da Bahia*, como resultado de uma observação intensa e cuidadosa do “viver baiano”. O autor destaca nesta obra as qualidades de um povo que mesmo sofrendo misérias, castigos e perseguições, não sendo objeto de mínimo interesse do Estado ou das autoridades, conseguia tudo superar e sobreviver, milagrosamente.

Em seu cotidiano de “pobreza e confiança”, essa gente produziria e perpetuaria bens imateriais como a dança e o canto, além de saberes relacionados à manipulação da madeira, do ferro e do metal. Donos de uma sensualidade e de uma alegria de viver sem igual, guardiães das tradições e crenças dos cultos afro-brasileiros, os mestiços que compunham o povo baiano e o povo brasileiro como um todo, teriam recebido como herança das senzalas e dos quilombos essa força e vitalidade, esses bens “da cultura e da liberdade”.³⁹⁵ Só a miscigenação explicaria e possibilitaria o surgimento de uma “raça” capaz de “superar a miséria e o desespero na criação quotidiana da beleza e da vida”.³⁹⁶

Tomando a Bahia como uma espécie de matriz da formação do povo e da cultura brasileira, a análise apresentada neste livro de Archanjo em muito se assemelha ao de *Bahia de Todos os Santos*, produzido por Amado. Em ambos os casos a mestiçagem é positivada tendo em vista, particularmente, o elemento negro na formação do povo e da cultura baiana e brasileira. Além disto, há em um e outro a denúncia das misérias sofridas por pretos, mestiços e pobres apontando a existência de práticas racistas na sociedade brasileira, o que os diferencia do discurso da harmonia étnico-social.

Estas ideias colocadas então na primeira publicação de Archanjo fizeram com que o personagem e seu livro, na narrativa, se tornassem objeto de uma grande polêmica que mobilizou o corpo docente e os estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia e a polícia, mas não chegou a comover a opinião pública, que só se manifestou quando a polícia foi chamada a intervir e de fato interveio. Entretanto a figura de “Ojuobá” foi decisiva para o “esquecimento” a que foi relegada tal polêmica, pois, segundo o narrador, ele:

[...] enterrou o racismo na vergonha da anticiência, sinônimo vil de charlatanice, de reacionarismo, arma de classes e castas agonizantes contra a indomável marcha. Se não terminou com os racistas — sempre haverá imbecis e salafrários em qualquer

³⁹⁴ Cf. AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. 36. ed., Rio: Record, 1987, p.104.

³⁹⁵ Ibid., pp. 146 e 147.

³⁹⁶ Ibid., p. 263.

tempo e sociedade —, Pedro Archanjo os marcou a ferro e fogo, apontando-os na rua, “eis meus bons, os antibrasileiros” e proclamou a grandeza do mestiço. Oh que ousada opinião!³⁹⁷

Deste modo, Archanjo se tornou uma espécie de herói que restaurou a honra da gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia afastando-a da “ciência falsa” e da “teoria suspeita” e reintegrando-a no “interesse científico, na especulação honrada e original, no trato da matéria”.³⁹⁸ Entretanto, houve grande resistência à obra no campo acadêmico, já que era baseada exclusivamente no conhecimento adquirido a partir da observação, da vivência e do saber popular.

Sem dispor de bases científicas, o estudo foi desacreditado, sobretudo porque na Faculdade de Medicina o discurso do professor Nilo Argolo parecia ser incontestável, e em diálogo travado com o bedel a respeito da legitimidade de seu primeiro trabalho o primeiro apontara-lhe a ausência de caráter científico de seu livro:

— Faz-me rir. Seu alfarrábio não contém uma única citação de tese, memória ou livro; não se apóia na opinião de nenhuma sumidade nacional ou estrangeira, como ousa dar-lhe categoria científica? [...] O que significam os fatos, de que valem, se não os examinamos à luz da filosofia, à luz da ciência?³⁹⁹

A partir deste enfrentamento com o temível catedrático, Archanjo percebe a fragilidade de suas argumentações então carentes de embasamento teórico. Deste modo, parece “reconhecer” a sua “ignorância” e a necessidade de aprender “o porquê das coisas”, pois até então, segundo o próprio, ele “não sabia saber”.⁴⁰⁰

O que pode soar como contradição constitui um reconhecimento da importância da ciência na sociedade juntamente com o saber popular. Ao singrar também pelos caminhos acadêmicos, Pedro Archanjo parece formar uma ponte entre dois mundos e ter uma apreensão mais complexa da realidade.

Durante os onze anos que distanciaram a publicação de *A vida popular na Bahia* de sua segunda obra, Pedro Archanjo estudou obstinadamente publicações acadêmicas e midiáticas a respeito dos “problemas” das raças, aliando ao seu estudo de campo sobre o cotidiano da cidade e do povo, argumentação teórica, acadêmica. Somente assim conseguiria algum espaço de “voz” dentro do campo intelectual.

³⁹⁷ Ibid., p. 153.

³⁹⁸ Ibid., p. 152.

³⁹⁹ Ibid., p. 158.

⁴⁰⁰ Ibid., p. 201.

Mesmo tendo perdido a crença nos orixás ao se tornar materialista, Ojuobá não deixou de frequentar o Terreiro e cumprir as obrigações que tal título lhe exigia. Para ele, os orixás continuavam a ser um bem do povo, assim como o samba-de-roda, os afoxés, os atabaques, os berimbaus e a luta da capoeira.

O valor da tradição, do saber e da crença popular não era diminuído frente ao seu conhecimento científico, pois, assim como afirmou o próprio em certo momento, seu materialismo não o limitava.⁴⁰¹ Ademais, não convinha, muito menos, negar a crença popular, a existência do sobrenatural num momento de luta pela afirmação da contribuição positiva da matriz africana à identidade nacional.

Este pensamento de Archanjo pode ser sintetizado pela declaração de Amado em que ele diz: “O que é hoje culto religioso, amanhã será folclore. E como tal permanecerá”,⁴⁰² indicando que, para além da crença, do mistério que envolve as religiões afro-brasileiras, os bens culturais relacionados a elas deverão ser perpetuados no futuro mesmo sob o signo de folclore, pois fazem parte da cultura popular brasileira.

Acreditando na ideia de que “o homem anda para frente”, Archanjo enxergava um futuro positivo e essa positividade adviria, sobretudo, com a miscigenação e a preservação da tradição e da cultura popular. Em suas palavras:

Nesse dia tudo já terá se misturado por completo e o que hoje é mistério e luta de gente pobre; roda de negros mestiços, música proibida, dança ilegal, candomblé, samba, capoeira, tudo isso será festa do povo brasileiro, música, balé, nossa cor, nosso riso, compreende?⁴⁰³

Amado destaca, através desta fala de Pedro Archanjo, que o avanço da mestiçagem produziria um efeito positivo especialmente no que diz respeito à formação de uma cultura original na síntese das diferentes culturas. Assim, o preconceito relativo à herança cultural africana teria seu fim próximo, pois, quando a miscigenação se completasse, aquilo que era visto como prática mestiça em associação à negritude se tornaria um bem de todos.

A luta de Archanjo com os discursos racistas de sua época e em defesa da miscigenação continuaram nos estudos que vieram após *A vida popular na Bahia*, que revelavam crescente embasamento teórico. A segunda obra de sua safra, *Influências africanas nos costumes da Bahia*, foi motivo de intensa repercussão e debate no âmbito da

⁴⁰¹ Ibid., p. 285.

⁴⁰² AMADO, Jorge apud Encontro com Jorge Amado por José Fernandes Fafe. *Gazeta Musical e de todas as artes*. Lisboa. Março de 1961.

⁴⁰³ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 285.

Universidade, provocando a revolta de Nilo Argolo e a adesão de muitos estudantes, mas não foi mais impactante do que *Apontamentos sobre a mestiçagem*.

Este livro surge em resposta às pretensões do catedrático que levava ao parlamento suas elocubrações a respeito da degenerescência dos negros e mestiços, sugerindo, inclusive a segregação desses tipos em locais como a Amazônia ou a própria África e a proibição do casamento entre portadores de “sangue afro” e brancos.

O conteúdo desta obra, fruto de intensa pesquisa, revelaria a inexistência de um sangue “puro” nas famílias da Bahia, com destaque para a linhagem de Nilo Argolo, o que, obviamente foi um escândalo e provocou a ira do mesmo, mas também sua humilhação, já que sempre se gabava de seu “sangue azul”.

No último livro da série, intitulado *A culinária baiana: origens e preceitos*, Archanjo tratou de fazer uma espécie de estudo antropológico da culinária baiana, revelando suas raízes africanas. Este volume, segundo a narrativa de Tenda, teria recebido muitos elogios em um artigo de Sérgio Milliet para o Estado de São Paulo em 1929, onde este teria expressado que a obra do baiano seria um “exemplo perfeito do verdadeiro ensaio antropofágico”,⁴⁰⁴ tendo o autor possivelmente se adiantado aos antropófagos paulistas por não ter, certamente, ouvido falar nos mesmos.

Ilana Seltzer Goldstein fez um paralelo entre a trajetória do personagem Archanjo e a biografia de certo Manuel Querino, que realmente existiu. Segundo a autora, Manuel Querino seria uma voz destoante entre os cientistas do início do século XX por criar uma imagem do negro entre a vítima e o herói: vítima em virtude do “modo desdenhoso e injusto por que se procura deprimir o africano” e herói porque “foi o verdadeiro elemento criador econômico, criador do país e quase o único”.⁴⁰⁵

Haveria também diversas semelhanças entre a trajetória de vida de ambos, como infância atribulada, perda precoce dos pais, origem humilde, cor negra, autodidatismo e passagem pelo Liceu de Artes e Ofícios. Além disso, no acervo doado por Amado à Fundação Casa de Jorge Amado, consta um livro de Querino, dados biográficos e lista de publicação deste autor, o que pode ter servido de “matéria-prima” ou subsídio para a criação do protagonista de *Tenda dos Milagres*.

Dentre as muitas evidências que sugerem que Querino tenha sido a principal fonte de inspiração para a idealização deste personagem, além da própria persona de Jorge Amado, pode-se destacar a similaridade das trajetórias intelectuais a partir dos títulos e conteúdos de

⁴⁰⁴ Ibid., p. 32 e 33.

⁴⁰⁵ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 180.

suas obras produzidas, como se pode perceber pelos nomes dos livros *A raça africana e seus costumes na Bahia*, *Homens de cor preta na História*, e *A arte culinária na Bahia*, de Querino.⁴⁰⁶

Muitas outras figuras, ilustres ou não, sobretudo da Bahia, foram fontes de inspiração para a criação do elenco de personagens de *Tenda dos Milagres*, assim como ocorreu em praticamente todas as obras do escritor baiano, o que ajudou a criar um vínculo ainda maior entre ficção e realidade, história e mito.

Para além dos estudos de Archanjo, a positividade do cruzamento de raças também se revela de forma exemplar na própria trajetória do personagem. Isto porque ele se envolve em um idílio amoroso com a finlandesa Kirsi, caracterizada como mulher frágil e inocente, de cabelos “lisos e loiros, loiríssimos, a pele de rosa, os olhos de infinito azul”.⁴⁰⁷ Deste enlace, a criança gerada talvez seja, no livro, a imagem mais simbólica da beleza e das benesses que eram atribuídas à miscigenação.

Mesmo antes de nascer, Pedro já visualizava a beleza, as qualidades e o futuro promissor que a criança teria por ser fruto da união de “raças” bastante distintas, como pode-se constatar pelo trecho:

Gringa — respondeu ele ao pé da letra — o mulato que faremos juntos, se for homem, será o homem mais inteligente e forte, Rei da Escandinávia ou Presidente do Brasil. Mas, ah! Se nascer mulher, nenhuma outra vai com ela poder se comparar em formosura e porte [...].⁴⁰⁸

Tempos mais tarde, após ter voltado para a Europa com o rebento ainda em seu ventre, Kirsi envia uma foto da criança a seu progenitor na Bahia. O menino é então caracterizado como uma criança delicada e terna, de cabelos crespos e olhos claros. Pelas palavras de Sabina, uma das muitas mulheres de Archanjo, o menino seria uma “sedução de criatura”, dono de uma “esplêndida e perturbadora beleza”.⁴⁰⁹

Ao que parece, mesmo positivando a mestiçagem, especialmente no que se refere à contribuição do elemento negro, Jorge Amado muitas vezes, não escapa da explicação biologizante, reducionista e essencializada. Segundo Ordep Trindade-Serra, “seu sentimentalismo volta e meia lhe empana a lucidez; sua idealização dos negros acaba às vezes

⁴⁰⁶ Ibid., pp. 180, 181 e 182.

⁴⁰⁷ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 50.

⁴⁰⁸ Ibid., p. 87.

⁴⁰⁹ Ibid., p. 163.

em diminuição, viciada por traços estereotípicos redutores, como a puerilidade e a instintividade que lhes atribui”⁴¹⁰.

Além de Archanjo e Kirsi, outro casal bastante revelador da análise que Amado faz das relações inter-raciais é Tadeu Canhoto e Lu. A referência a este par parece ser em certa medida a retomada da história de amor de Antônio Balduino por Lindinalva, retratada em *Jubiabá*. Diferentemente do que ocorre com o negro Baldo, que vive um amor platônico pela mulher branca de família tradicional, o mestiço Tadeu Canhoto une-se de fato a Lu, de cor branca e de alta classe social, em matrimônio.

Se em *Jubiabá* a não concretização do romance entre pessoas de raças e posições socioeconômicas distintas se coaduna com o desejo maior do autor em afirmar o ideal da luta de classes, a história de Tadeu Canhoto e Lu em *Tenda* vai ao encontro do princípio da positividade da mestiçagem étnico racial. A luta de classes deixa de ser vista como o principal caminho de transformação para uma sociedade mais igualitária e a miscigenação passa a ser compreendida como fator fundamental para as mudanças sociais necessárias.

Além da valorização da herança cultural africana, o ideal da mistura de raças também tem um significado mais amplo no que diz respeito ao fim do preconceito contra pessoas negras. Neste sentido, almeja-se o fim da desigualdade socioeconômica motivada por parâmetros de raça ou cor. Todos teriam, portanto, as mesmas oportunidades de ascensão econômica e social, pois estes paradigmas não poderiam mais ser adotados como critérios de discriminação após a mistura completa.

Assim, a união inter-racial, condição necessária para miscigenação, é analisada de maneira positiva na história de Tadeu e Lu. Entretanto, este enlace não se concretiza sem sofrer o preconceito racial presente na elite brasileira entre o final do século XIX e início do século XX. Verifica-se, inicialmente, um temor da família de Lu de um possível “escurecimento” da família, mas em virtude da tendência de Tadeu em ascender econômica e socialmente, vislumbra-se a possibilidade de seu “clareamento”, deixando de ser chamado de “negro” para ser tratado como “moreno não tão queimado”⁴¹¹ pela mãe de Lu.

É, portanto, a expectativa de uma trajetória excepcional de sucesso profissional que torna possível o seu casamento com Lu. A trajetória deste personagem é também repleta de significados reveladores do ponto de vista do autor em relação ao advento da “modernidade”,

⁴¹⁰ TRINDADE-SERRA, Ordep. “Jorge Amado, sincretismo e candomblé: duas travessias”. *Revista de Antropologia*. São Paulo, vol 1, n. 38, FFLCH-USP, 1995, p. 163.

⁴¹¹ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 184.

especialmente quando analisada comparativamente à trajetória de Damião de Souza e a de Pedro Archanjo.

Tadeu Canhoto fora criado por seu “padrinho”, Pedro Archanjo, desde que sua mãe detectara a sua falta de aptidão para trabalhos pesados como o de carpinteiro e o de pedreiro, não sendo, desta forma “útil” a ela, já que só lhe dava despesa. Desde pequeno, mostrara obstinação em estudar, se formar e ter uma profissão. A sua dedicação aos estudos, aliada ao estímulo e a ajuda de Archanjo e Lídio Corró, levou à sua ascensão social tendo chegado ao cargo de Secretário de Obras Públicas do Distrito Federal por suas qualidades de “notável urbanista”.

Além disso, teria trabalhado na equipe de Paulo de Frontin, outro personagem que existiu efetivamente, de quem conseguira uma carta que o cobria de prestígio para ser entregue ao Coronel Gomes, que seria seu futuro sogro. Nesta carta, Paulo de Frontin dizia ser Tadeu um dos mais habilitados e competentes engenheiros que trabalhavam com ele na transformação da “velha cidade do Rio de Janeiro em grande e moderna capital”.⁴¹²

O menino criado no Pelourinho, de origem pobre, passa a pertencer ao “Corredor da Vitória”, onde “o dinheiro embranquece”.⁴¹³ Ao que parece, ele se desliga das suas raízes, deixando de ser o Tadeu de outrora. De fato, a sua trajetória de sucesso é positivada dentro da narrativa no sentido de superação do estigma da cor negra, comumente relacionada à inferioridade e à incapacidade pelas teorias racistas.

Entretanto, o seu “desenraizamento”, a sua racionalidade, o controle sobre suas emoções, o abandono das tradições e a recusa do passado parecem ser vistos de forma pessimista e melancólica pelo autor. A passagem do “mito (mistério primitivo)” ao “logos (racionalidade/ ciência)” constituiria em um “rito de passagem necessário e cabível para a ascensão social”.⁴¹⁴

Com base neste pressuposto, Humberto Luiz L. de Oliveira identifica um paralelo entre as figuras de Pedro Archanjo e Damião de Souza que se contrapõem a de Tadeu Canhoto. Para Humberto, o autor Jorge Amado sintetizaria na figura de Pedro a reafirmação da identidade nacional calcada na mestiçagem e no sincretismo e por este possuir a “chave da advinha”, ao fundir o mito e o logos e ser capaz de “passar da oralidade à escrita”.⁴¹⁵

⁴¹² Ibid., p. 252.

⁴¹³ Ibid., p. 310.

⁴¹⁴ OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. “Celebração da heterogeneidade: imagens do outro nas ficções literárias do Brasil, Quebec e Turquia”. In: OLIVEIRA, Humberto Luiz de e SOUZA, Lícia Soares de (Org.). *Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogo*, cit., p. 164.

⁴¹⁵ OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. “Celebração da heterogeneidade: imagens do outro nas ficções literárias do Brasil, Quebec e Turquia”. Ibid., p. 166.

De maneira semelhante, Damião de Souza, jovem que cresceu orientado por Pedro Archanjo, juntamente com Tadeu Canhoto, se apropria do patrimônio cultural da sociedade branca, mas mantém-se fiel a sua comunidade de origem, à tradição afro-brasileira, se ligando a estas por laços de pertencimento e solidariedade.

Damião é nomeado “Major” pelo povo ao se tornar representante da gente pobre da Bahia por exercer o ofício de rábula⁴¹⁶, sendo uma espécie de porta-voz dos excluídos. Conhecedor dos mecanismos de controle social do Estado que se encerram no corpo de leis, o Major Damião, tal como Archanjo, prefere, no entanto, não ascender. Já que

[...] também conhece os mundos por dentro e por fora, sabendo devassar os segredos, não vê como relevante subir, pois lhe importa apenas seguir o movimento da história o qual se confunde com o próprio fluir e refluir da própria vida, que ele sorve em grandes goles em seu cotidiano, gozando as delícias da carne.⁴¹⁷

A fusão, o equilíbrio entre o mito e o logos parece ser assim, a melhor forma apontada por Amado de conciliar passado e futuro, misticismo e racionalismo, continuidade e transformação, possibilitando o progresso sem quebrar os vínculos com a tradição. Assim, não se pode afirmar que, por valorizar a tradição, Jorge Amado não idealizava a transformação, a mudança, tal como poder-se-ia depreender de uma análise feita à luz das teorias da modernização que atribuíam ao conceito de tradição características como imutabilidade, estagnação e incapacidade histórica.⁴¹⁸ Portanto, não se deveria confundir sua defesa do progresso e do desenvolvimento com a lógica hierarquizante e teleológica das teorias da modernização.

Quanto a isto o autor declarou em uma entrevista à TV Educativa de Salvador em 1991 que em sua vida de escritor teria lutado “contra a opressão e pela liberdade, contra a miséria, o subdesenvolvimento, pelo progresso e pela fartura, contra a tristeza e o pessimismo, pela alegria e confiança no futuro”.⁴¹⁹

Em *Tenda dos Milagres*, o personagem norte-americano James D. Levenson, estudioso da obra de Archanjo nos anos 1960, pode ser considerado uma voz dissonante do

⁴¹⁶ Sobre o significado da palavra rábula: advogado não diplomado ou de pouca cultura. In: LUFT, Celso Pedro, *Mini dicionário luft*, 3ª ed., São Paulo, Editora Scipicione, 1991.

⁴¹⁷ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 168.

⁴¹⁸ Cf. FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 100.

⁴¹⁹ AMADO, Jorge. Entrevista à TV educativa de Salvador, 20-04-1991, apud GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p. 291.

discurso da modernização que assolava as ciências sociais norte-americanas na mesma época em que Levenson teria vindo ao Brasil.⁴²⁰

Isto porque, mesmo estando diretamente ligado às ciências sociais, sendo antropólogo, sociólogo, etnólogo, dentre muitas outras coisas, não estaria em sintonia com o discurso oficial e sua obra seria marcada pela polêmica, audácia e, segundo os conservadores, pela heresia. Em seus estudos, teria revolucionado a ciência contemporânea com suas teorias que explicavam de ângulos imprevistos o desenvolvimento da humanidade, chegando a novas e audazes conclusões e promovendo a reformulação de teses e conceitos.⁴²¹

Mesmo sendo uma exceção à regra, o ilustre norte-americano também estava inserido no contexto de intensa pesquisa no âmbito acadêmico a respeito dos povos ditos subdesenvolvidos. Sua obra seria, inclusive, um panorama da vida desses povos, mesmo sob um ponto de vista incomum.

A independência política de Levenson, sua ligação a movimentos progressistas e contrários à guerra, e seu posicionamento bem pouco ortodoxo, tornavam-no suspeito em certos meios oficiais.⁴²² No Brasil, as conferências das quais participou, deram por vezes lugar a violentas manifestações estudantis de apreço ao sábio e repúdio à ditadura.

Algumas de suas frases se popularizaram de Norte a Sul do país tais como: “as prisões e os policiais são idênticos e sórdidos em todos os regimes, sem exceção de nenhum” e “o mundo só será realmente civilizado quando as fardas forem objetos de museu”.⁴²³

Apesar disto, e de ser caracterizado como um homem “simples, risonho e cordial”, “negação dos sábios das caricaturas, velhos, bolorentos, enfadonhos”⁴²⁴ o professor da Universidade de Columbia não parecia deixar de lado em nenhum instante o seu status de acadêmico bem sucedido, como “um dos cinco gênios do nosso século”.⁴²⁵ Era segundo esta condição que se portava e se relacionava com os outros, fazendo uso inclusive daquela “grosseria que vai tão bem aos artistas e sábios”⁴²⁶ em sua primeira entrevista coletiva no Brasil.

Ao publicar boa parte da obra de Archanjo, traduzida para o inglês, em um dos volumes de sua enciclopédia sobre os povos da África, da Ásia e da América Latina,

⁴²⁰ A criação deste personagem por Amado parece ter tido como base a figura genérica do brasilianista, isto é, estudioso estrangeiro de Brasil. Dentre os mais conhecidos, destaca-se Richard Morse, Charles Wagley, Charles Boxer, Carl Degler, Thomas Skidmore e Stuart Schwartz.

⁴²¹ Cf. AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 29.

⁴²² *Ibid.*, p. 21.

⁴²³ *Ibid.*, p. 29.

⁴²⁴ *Ibid.*, p. 21.

⁴²⁵ *Ibid.*, p. 29.

⁴²⁶ *Ibid.*, p. 27.

Levenson teria pouco se preocupado com a análise dos livros do baiano, se referindo minimamente a sua trajetória de vida. Além disso, em seu prefácio promovera Pedro Archanjo a “professor, a membro eminente da Congregação da Faculdade de Medicina”.⁴²⁷ Teria sido por conta deste encargo que o baiano teria realizado suas pesquisas e publicado seus livros.

Tamanho erro não pode ser atribuído a um simples descuido ou ausência de fontes pois, Levenson contratara os serviços de Fausto Pena para a realização de uma pesquisa sobre a vida e obra de Archanjo. Esta pesquisa foi executada e o material produzido, enviado ao “sábio”. Mas na enciclopédia somente uma foto de Archanjo em que este se apresenta “bem apessoado” foi utilizada e nenhuma referência foi feita ao trabalho do pesquisador brasileiro.

Assim, mesmo com um discurso inovador, o professor da Universidade de Columbia reitera o preconceito acadêmico ao saber popular, fonte da pesquisa de Fausto Pena. O interesse do “sábio” na obra de Archanjo, na verdade, “reduzia-se aos métodos de pesquisa e estudo e às condições de trabalho capazes de gerar e permitir a criação de obra tão viva e original”,⁴²⁸ tal como afirma Fausto Pena.

Da mesma forma no Brasil, os “fazedores de opinião” ajudaram a produzir uma imagem de Pedro Archanjo intensamente idealizada e distorcida, assim como se pode verificar desde a elaboração até a execução dos eventos de celebração do centenário de seu nascimento.

Isto porque a vida e a obra do “pardo, pobre e paisano”⁴²⁹ Pedro Archanjo, que nasceu e morreu na Bahia sem ter recebido a glória que adquiriu no seu *postmortem*, se torna objeto de estudo e de curiosidade quando o ilustre acadêmico James Levenson – ganhador do prêmio Nobel – por sua contribuição às ciências sociais e humanas, vem para o Brasil conhecer o lugar que era a fonte de pesquisa e a razão dos estudos deste “mestre baiano”, “homem notável”, “criador de humanismo”⁴³⁰: a Bahia.

Assim, bastou que o intelectual estrangeiro apontasse a qualidade dos estudos de Archanjo para que se despertasse um interesse sobre a sua vida e obra no lugar onde viveu e produziu, e mais ainda, que fossem iniciados processos de sacralização sobre a sua memória. Amado destaca então a artificialidade com que foi conduzida a incorporação da memória de Archanjo como um bem da cultura brasileira.

⁴²⁷ Ibid., p. 23.

⁴²⁸ Ibid., p. 20.

⁴²⁹ Ibid., p. 11.

⁴³⁰ Ibid., p. 27.

Aquele que se convencionou chamar de “o ano de Pedro Archanjo”⁴³¹ (1968) na narrativa, foi marcado por uma ânsia pelo resgate da memória de Archanjo pelos seus compatriotas que desconheciam-no completamente, salvo raras exceções, e que passaram a glorificá-lo a partir da consagração que a autoridade de Levenson lhe conferia. Somando-se a isso, quando a informação de que o baiano completaria seu centenário de nascimento naquele ano se espalhou, uma série de comemorações passaram a ser pensadas pela “sociedade de consumo” como forma de capitalizar lhe a glória e lhe dar sentido e consequência.⁴³²

Neste sentido, observa-se uma crítica do autor em relação ao avanço das relações capitalistas no Brasil. Ele denuncia especialmente uma preponderância de valores calcados na lógica do capital, do racional-cientificismo, do moralismo de acordo com a matriz branca-ocidental cuja maior influência seria a norte-americana. Além disso, faz uma crítica maior ainda aos processos de consagração, monumentalização – temendo e antecipando o que poderia ser feito com ele próprio.

Organizados em torno de uma “Grande Comissão de Honra” (GCH), membros do governo, do clero, da Universidade da Bahia, de centros industriais e comerciais, dos jornais diários e mais o Major Damião concentraram o programa das comemorações em três itens fundamentais, sem prejuízo de quaisquer outras iniciativas: a) a produção de quatro edições especiais do *Jornal do Comércio*, publicadas nos quatro domingos precedentes ao 18 de dezembro, data do centenário, exclusivamente sobre Archanjo e sua obra; b) um seminário de estudos, referente a Pedro Archanjo, que seria realizado na Faculdade de Filosofia, tendo como tema: “A democracia Racial Brasileira e o Apartheid — Afirmção e Negação do Humanismo”; e c) sessão solene de encerramento das comemorações, na noite de 18 de dezembro, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico.⁴³³

A imagem do baiano que então seria construída distanciava-o do que poderia ser condenável pela moral e os bons costumes da elite, o que fica bem claro pelo fato de Doutor Zezinho, chefe do *Jornal da Cidade* repudiar o material oferecido por Fausto Pena. Além de caracterizar tal levantamento como uma “falta de respeito com um grande homem, com um espírito superior”, a fala do Dr. Zezinho é bastante sintomática, como podemos perceber em seu diálogo com Fausto:

[...] Polígamo, que infâmia! Não era sequer casado! Meu caro poeta, aprenda esta lição: um grande homem tem de possuir integridade moral e se, por acaso, transigiu

⁴³¹ Ibid., p. 28.

⁴³² Ibid., p. 117.

⁴³³ Ibid., pp. 119 e 120.

e prevaricou, cabe-nos repô-lo em sua perfeição. Os grandes homens são patrimônios da Pátria, exemplos para as novas gerações: devemos mantê-los no altar do gênio e da virtude.⁴³⁴

Além da crítica do processo de “mitificação” da imagem de Archanjo, destaca-se também no romance a forma como “salafras e vigários” se aproveitaram da ocasião e do tema para se promover, visando o sucesso e o lucro,⁴³⁵ O melhor exemplo disto pode ser encontrado numa visão pessimista, mas bem humorada das agências publicitárias, representadas na obra pela Doping S.A., que teria vinculado a figura do baiano ao nome de certas empresas patrocinadoras dos eventos relativos ao centenário. Alguns slogans produzidos pela equipe de funcionários da Doping revelam tal empreendimento:

“Brinde o centenário de Archanjo com chope Polar.”

“No ano do centenário de Archanjo, o Centro industrial constrói a nova Bahia”

“Se fosse vivo Pedro Archanjo escreveria seus livros com máquinas elétricas Zolimpicus.”⁴³⁶

Além disso, a agência de publicidade articulada e divulgara o “Prêmio Arguadente Crocodilo”, que sob a aparente intenção filantrópica do projeto, promovia o nome da empresa de cachaça Crocodilo, através do uso da imagem de Archanjo. O prêmio previa a doação de cinco bolsas de estudo a serem oferecidas pela Crocodilo para alunos das escolas primárias do ensino público que melhor desenvolvessem uma redação sobre Pedro Archanjo.

É interessante observar as apropriações que vão ocorrendo a respeito da imagem do homenageado desde os dados recolhidos pelo historiador Calazans, apresentado como profissional sério e competente, figura de renome, até o modo como as informações foram apreendidas pelos alunos primários.

Além do texto para divulgação ser apresentado em termos altamente idealizados pelos funcionários da Doping, a partir do material fornecido pelo historiador, a história de Archanjo e sua “virtual” vinculação com a marca Crocodilo sofreu deformações absurdas na apreensão individual de professores e alunos. Ao final, um aluno de nove anos teria composto uma redação dizendo que Pedro Archanjo teria ido para os Estados Unidos com uma “gringa” porque lá tinha muito dinheiro, só lecionava para médicos e professores e que quando morreu “ganhou prêmio do jornal que era uma bolsa cheia de garrafas de cachaça”.⁴³⁷

⁴³⁴ Ibid., p. 115.

⁴³⁵ Ibid., p. 33.

⁴³⁶ Ibid., p. 124.

⁴³⁷ Ibid., pp. 193 e 194.

Quanto à ideia do seminário sobre a democracia Racial Brasileira, decidiu-se substituí-la por um tal “Prêmio Pedro Archanjo” que incluiria passagem de avião e estadia de uma semana em Portugal para o vencedor e um acompanhante. Procurado por autoridades governamentais, como tudo leva a crer, o doutor Zezinho, presidente da GCH, teria sido alertado do “perigo” que um simpósio com temáticas tão “explosivas” como a mestiçagem e o *apartheid* poderia representar na conjuntura em que se encontravam.

Essa referência de Amado deve ter relação com o fato de que escrevia o livro no final dos anos dos anos 1960, o movimento negro no âmbito mundial assumia um discurso radicalizado contra a discriminação racial. Nos Estados Unidos se projetavam lideranças como Martin Luther King, Malcon X e organizações negras marxistas, como os Panteras Negras acirrando a luta em favor dos direitos civis dos negros estadunidenses que, naquele momento apresentava-se a feição semelhante a de uma guerra civil.

Somado a isto, efervesciam os movimentos de libertação dos países africanos, sobretudo de língua portuguesa, como Guiné Bissau, Moçambique e Angola. Na África do Sul, o regime de segregação racial conhecido como *apartheid* encontrava grande resistência entre os negros sul-africanos sob a liderança de Nelson Mandela.

Apesar de internamente, a luta dos negros se encontrar desarticulada como decorrência do Golpe Militar, pode-se dizer que sofreu grande influência destes processos em sua reorganização como movimento unificado ao final da década de 1970. Somado a isto, houve uma grande aproximação das organizações negras no Brasil com organizações marxistas, como a Convergência Socialista, que orientou a formação política e ideológica de várias lideranças importantes dessa nova fase do movimento negro.⁴³⁸

A luta contra o racismo estava então cada vez mais associada à luta contra o capitalismo e abraçada por diferentes setores de esquerda que almejavam uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, o simpósio sobre a democracia e o *apartheid* poderia contribuir na insurgência de grupos com propostas sócio-políticas contrárias ao regime.

Além disto, a política externa do governo brasileiro, que se baseava nos laços de amizade com Portugal e também de dependência com os Estados Unidos, era caracterizada pela sua ambiguidade quanto ao apoio à luta pelos direitos civis dos negros e à libertação dos países africanos que eram colônias de Portugal. A mesma postura era adotada em relação aos

⁴³⁸ Cf. DOMINGUES, Petrônio. “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, cit.

protestos negros contrários ao *apartheid* na África do Sul, já que o regime militar tinha como objetivo uma aproximação diplomática com o governo deste país.⁴³⁹

Seria perigoso, portanto, alimentar internamente a difusão de ideias indubitavelmente favoráveis a movimentos que os governos dos Estados Unidos, Portugal e África do Sul esforçavam-se por suplantar. Por este motivo, o seminário sobre democracia racial e *apartheid* foi censurado na história contada em *Tenda* sob o pretexto de que a sua realização serviria para os propósitos de “agitadores infiltrados no meio estudantil, para os profissionais da desordem e da baderna”.⁴⁴⁰

Ao contrário do que se passava no romance no que se refere às atitudes de Dr Zezinho, o apoio de Jorge Amado ao movimento negro internacional era divulgado na imprensa, especialmente no que se refere à independência dos países africanos. Por ocasião do movimento de 25 de abril, que restabelecia condições democráticas em Portugal ao mesmo tempo em que trazia em seu bojo a independência das colônias, Amado teria dito:

O único futuro digno [...] para as colônias portuguesas é a independência completa sem nenhuma espécie de restrições ou compromissos. Independência sob a direção dos movimentos revolucionários negros que já há tantos anos matam nas guerrilhas para libertar suas pátrias.⁴⁴¹

Em uma Angola recém liberta, Amado teria declarado também, segundo o *Jornal de Angola*, que embora fosse seu desejo visitar aquele país há muito mais tempo, sempre se recusou devido à vigência do hediondo regime fascista português. Neste mesmo artigo, o intelectual conclama os países africanos e o Brasil a se solidarizarem com a construção de uma nova sociedade em Angola.⁴⁴²

Deste modo, não se pode dizer que Jorge Amado manteve uma posição ambígua frente aos processos desencadeados pela luta negra no mundo tanto pelos seus discursos extraliterários como pela forma como condenou a prática do racismo na sua *Tenda dos Milagres*, abordando inclusive a questão da segregação racial como projeto absurdo do catedrático Nilo Argolo.

Quanto aos embates em torno da memória de Archanjo, observa-se que ela foi objeto de disputa no interior do próprio movimento de esquerda, tal como é exemplificado pelo

⁴³⁹ Cf. RIBEIRO, Claudio Oliveira. “Brasil-África: notas sobre política-externa e comércio exterior (1985-2005)”. *Afro-Ásia*, n. 35. Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2007. pp. 288-294.

⁴⁴⁰ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 128.

⁴⁴¹ AMADO, Jorge apud “Os intelectuais e os problemas de Portugal e África”. *O Planalto*. Lisboa, Portugal. 23.07.1974, p. 1 e 2.

⁴⁴² AMADO, Jorge apud *Jornal de Angola*. Angola. 09.11.1980.

grupo de teatro do qual participou o personagem Fausto Pena, uma representação dos teatros engajados da época.

A falta de consenso a respeito de como representariam a trajetória de Pedro Archanjo nos palcos foi gerada em virtude basicamente de duas tendências opostas: a que defendia a imagem de Archanjo como partidário brasileiro do Poder Negro norte-americano, advogando o ódio e a separação de raças; e a que via em sua figura um líder operário e por isso defendia a temática da luta de classes como centro do espetáculo.⁴⁴³

Além da óbvia constatação de que ambas as tendências reproduziriam versões deturpadas da história de Archanjo, pode-se dizer também que representavam soluções para a transformação da sociedade das quais Archanjo, e de outro modo, Amado, se distanciavam. Ao invés da polarização da sociedade em classes ou raças e o embate entre estes grupos, tanto para um como para outro, a solução estaria na solidariedade, na união, na mistura. A mensagem é de paz, de cordialidade e não de ódio e guerra.

No romance, a passagem referente à sessão solene no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, da qual participavam ilustres personalidades é bastante significativa. A maioria dos oradores enfatizava a figura de um Archanjo idealizada, um homem das ciências, da academia, salvo raríssimas exceções, como o discurso do professor Batista que assumira a Associação de Defesa da Tradição, da Família e da Propriedade e a defesa do paradigma da segurança nacional. Dentre outras pesadas críticas, ele chegou a afirmar que o homenageado da noite não deveria “ter ultrapassado os limites das pesquisas folclóricas”.⁴⁴⁴

Toda a áurea divina que revestiu tamanhos festejos, só foi simbolicamente quebrada com a intervenção do Major Damião na sessão solene. Levando uma mulata mal vestida e notoriamente prenhe, o rábula lembrou e enfatizou que toda aquela pompa contrastava com a verdadeira realidade de miséria e de fome a que estavam condicionados os “parentes”, a “família” de Archanjo. A mulher prenhe seria uma parenta do finado que estaria passando necessidades e, em virtude disto, Damião pediu e recolheu no salão doações em dinheiro para aquela pobre mulher.

Após verificar que a grávida nunca tinha ouvido falar do finado, o professor Fraga Neto faz a significativa constatação que dá o desfecho desta narrativa:

⁴⁴³ Cf. AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., pp. 174 e 175.

⁴⁴⁴ *Ibid.*, p. 330.

[...] nessas comemorações tudo fora farsa e embuste, um colar de absurdos. Talvez a única verdade tenha sido a invencionice do Major, a mulata prenhe e sem comida, precisada e sestrosa, falsa parenta, parenta verdadeira, gente de Archanjo, universo de Archanjo. Repetiu de memória: “a invenção do povo é a única verdade, nenhum poder conseguirá jamais negá-la ou corrompê-la.”⁴⁴⁵

A partir da figura de Archanjo, pode-se dizer que mesmo fazendo uma releitura do “mito” da democracia racial, Jorge Amado não ignora a existência da discriminação nem da desigualdade dos padrões de vida entre negros e brancos de uma forma geral. Ele também não coloca a questão racial acima da social. É categórico ao afirmar:

[...] eu nunca tive dúvidas: o problema racial é conseqüência do problema social. Não existe um problema racial isolado do contexto social. Se você isolar, vai errar na apreciação do problema e na busca das soluções.⁴⁴⁶

Para além da crítica que se possa fazer ao idealismo presente na afirmação que comumente defendeu que “não há outra solução para o problema de raça no mundo senão a mistura”,⁴⁴⁷ o que Jorge Amado fez foi dar ênfase a uma parcela da realidade. Ele pôs em evidência a permeabilidade da fronteira entre brancos e negros e apontou a necessidade de romper fronteiras raciais, sociais e culturais.

Entretanto é válido ressaltar que para além do seu otimismo em relação ao futuro do país, Amado diagnostica de maneira melancólica a falência do mito frente ao racionalismo do progresso, do humanismo frente ao avanço do poder do capital. Isso pode ser identificado mesmo simbolicamente na circunstância em que Archanjo vem a falecer.

Ao vagar solitário nas ruas do Pelourinho, o já idoso Archanjo sente uma fulminante dor no coração e morre na sarjeta, na escuridão da noite. Suas ideias, seu exemplo de vida parecem, se não morrer, ao menos perecer junto com ele. Em seu cortejo fúnebre um coro entoou uma cantiga na língua *iorubá* e na dança panteísta o caixão foi conduzido ao jazigo. No cemitério, é sintomática a afirmação do poeta Simões: “Somos os últimos a ver essas coisas”.⁴⁴⁸ Além disso, o autor demonstra que para além do chamado progresso tão proclamado pelos sucessivos governos – de Vargas aos militares –, continuava havendo uma massa de excluídos, que através de laços de solidariedade encontravam formas criativas de sobreviver e de se expressar.

⁴⁴⁵ Ibid., p. 333.

⁴⁴⁶ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 10.

⁴⁴⁷ Cf. GOMES, loc. cit.

⁴⁴⁸ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 52.

A mestiçagem defendida por Amado, portanto, se assenta mais do que num caráter biológico, étnico ou racial; ela corresponde sobretudo a um modo de viver notadamente baiano: alegre na convivência, cordial, criativo e belo. Ser mestiço e ser baiano é quase “um estado de espírito, uma filosofia, uma forma de humanismo”.⁴⁴⁹

Deste modo, Amado identificou a “baianização” de artistas e intelectuais como Jenner Augusto, Carybé, Pierre Verger e Antonio Celestino, tal como revela Ilana Goldstein.⁴⁵⁰ No caso de Carybé, isto fica bem claro em um artigo publicado no *Diário de notícias* de Salvador sob o título “O Bahiano Carybé”. Em certo trecho, Amado diz o seguinte:

Carybé, meu irmão, não sei onde nasceste, se em minha cidade de Salvador ou, se por um erro de cálculo, em terras argentinas. Isso não importa, porque nasceste baiano e poucos baianos tanto deram ao seu povo quanto lhe deste com tua arte [...]. E tu sabes, desse saber definitivo do povo, que mais importante é o lugar onde se vive e se deseja morrer do que aquele onde se nasceu.⁴⁵¹

Neste mesmo sentido também se pode dizer que Kirsi, a finlandesa de *Tenda dos Milagres*, se “bainizou” já que “acolhida sem perguntas, fora um deles”.⁴⁵² Assim, é segundo este paradigma de mestiçagem que Pedro Archanjo, *persona* de Amado, afirmou em sua obra *Influências africanas* o que considera ser a identidade nacional:

Formar-se-á uma cultura mestiça de tal maneira poderosa e inerente a cada brasileiro que será a própria consciência nacional, e mesmo os filhos de pais e mães imigrantes, brasileiros de primeira geração, crescerão culturalmente mestiços.⁴⁵³

Apesar desta clara tentativa em expressar a sua concepção de Brasil e da mestiçagem poeticamente através de *Tenda dos Milagres*, observa-se que o posicionamento do autor foi percebido de maneira plural tanto por setores da esquerda, quanto da direita, o que em parte se justifica pela própria ambiguidade residente no pensamento do autor.

Essa percepção pode ser explicada também pela forma dicotômica como o papel do intelectual era concebido na sociedade daquela época, particularmente pelos setores ditos de esquerda. Assim, certos discursos eram condenados como conservadores, “de elite”, vinculados a forças capitalistas e ao regime autoritário e outros eram louvados como

⁴⁴⁹ AMADO, Jorge. “Cidadania”. Manuscrito 236, pasta 8 do acervo da FCJA, 1980, p. 1 apud GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., p.83.

⁴⁵⁰ Ibid., pp. 82 e 83.

⁴⁵¹ AMADO, Jorge. “O Bahiano Carybé”. *Diário de Notícias*. Salvador. 05.11.1961.

⁴⁵² AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 105.

⁴⁵³ Ibid., p. 233.

engajados, revolucionários, representantes dos interesses do povo rumo a uma sociedade mais igualitária.

Quanto a isto, a ideia de democracia racial tal como estava sendo debatida na sociedade e como se apresentava na obra *Tenda dos Milagres* gerou grande polêmica. Por um lado houve aqueles que identificaram a obra de Amado como um verdadeiro “libelo contra o racismo”,⁴⁵⁴ contra aqueles empenhados em manter a pureza da raça.

De acordo com esta interpretação, o que predominava em *Tenda* não era a questão da harmonia racial e sim da denúncia do preconceito racial. Em um texto publicado pelo *New York Times* isto fica ainda mais evidente de acordo com as palavras do articulista: “O ritmo selvagem, brincalhão que agora nós esperamos de Amado é usado aqui, entretanto para desinflar um dos mais alardeados mitos do Brasil, aquele da harmonia racial”.⁴⁵⁵

Por outro lado o autor chegou a ser taxado de racista pela forma como tratava o negro em suas obras por um dos grandes líderes do movimento negro no Brasil, Abdias do Nascimento.⁴⁵⁶ Neste sentido, tudo indica que a concepção de democracia racial expressa em *Tenda* tenha sido percebida por segmentos do movimento negro e da intelectualidade de esquerda pelo seu viés de defesa da harmonia, da resolução dos antagonismos, próxima, portanto, do ideal propalado pelo regime militar, e de acordo com esta lógica, como obra acrítica, alienante e desencorajadora da luta contra o preconceito racial.

Tal como Gilberto Freyre, Amado insistia numa caracterização identitária brasileira positiva que era incômoda em um momento de grandes tensões sociais, quando se esperava que os intelectuais, particularmente os de esquerda, realçassem os conflitos sociais em suas produções e estimulassem a luta de classes.

Ao que parece, inclusive, o próprio regime pode ter compreendido que a publicação se enquadrava no ideal democrático divulgado pelo governo. É possível que esta associação tenha sido um motivo para que nem *Tenda dos Milagres* nem nenhum dos livros de Jorge Amado fosse apreendido ou censurado pelos órgãos militares apesar de apresentarem um discurso que na época claramente poderia ser enquadrado como “subversivo”.⁴⁵⁷

Na adaptação para o cinema feita por Nelson Pereira dos Santos, *A Tenda* teria sido inclusive elogiada pelos aparelhos repressores, que a classificaram como “de boa qualidade” e “livre para a exportação”. Além disso, o filme honraria a indústria cinematográfica nacional

⁴⁵⁴ Goa. Índia. Coluna: Crítica de Livros. 15.08.1975. p. 5.

⁴⁵⁵ RABASSA, Gregory. “Tent of Miracles”. *New York Times*. Nova Iorque. 10.1971. Tradução nossa.

⁴⁵⁶ Cf. “Deputado volta a criticar Jorge Amado”. *Estado de São Paulo*, cit.

⁴⁵⁷ Em entrevista, o escritor disse só ter tido problemas com os censores em jornais e revistas, onde partes de suas obras chegaram a ser censuradas. Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 33.

pelo seu enredo e pela atuação técnica dos atores. A crítica que é feita se restringe às cenas eróticas e à cena de assassinato de um policial, “sem motivo”, o que explica sua classificação como apropriada apenas para jovens maiores de dezesseis anos. A liberação da película se deu, portanto, pela percepção da censura de que nela predominavam “mensagens positivas”.⁴⁵⁸

Em entrevista, o escritor afirmou só ter tido problemas com os censores em jornais e revistas, onde partes de suas obras chegaram a ser censuradas.⁴⁵⁹ Este fato não pode ser considerado uma evidência de identificação de Jorge Amado com o regime. Essa possibilidade deve ser descartada não apenas pela sua trajetória político-partidária de esquerda, como também pelo seu inequívoco posicionamento de crítica e rejeição à ditadura, veiculado tanto em entrevistas da época como em seus livros.

Além de *Tenda dos Milagres*, onde o contexto ditatorial aparece como pano de fundo de uma das narrativas, *Farda Fardão e Camisola* parece ser a obra em que o romancista tratou dos militares de uma forma mais específica, tal como ele mesmo enfatizou em entrevista, lembrando um trecho satírico do livro:

— ...Quem pode votar em tamanho monstro? Pobre General... Por que virou ruim assim, tão de repente?
— Não é ruim, é General.”⁴⁶⁰

Para além da identificação com a ideia da democracia racial, outro possível motivo para que Jorge Amado não ter sido “incomodado” pelos militares, pode ser o fato de ele já ser, naquele momento, um escritor internacionalmente reconhecido e também, especialmente, pela forma como construiu a sua teia de relações pessoais, tal como é possível constatar em sua fala:

[...] nunca fui inimigo de ninguém simplesmente por ser seu adversário político. Também nunca fui amigo de ninguém simplesmente por ser seu correligionário político. Tenho amigos que pensam ou pensavam como eu e tenho amigos... pessoas queridíssimas ...que pensam de maneira inteiramente diversa. E acho que isso é bom.⁴⁶¹

⁴⁵⁸ ASSIS, Denise. “Filmes que o Brasil não viu”. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0602200293.htm> Acesso em: 13.06.2008.

⁴⁵⁹ Cf. GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 33.

⁴⁶⁰ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 30.

⁴⁶¹ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 15.

De todo modo, somente uma leitura superficial da *Tenda dos Milagres* pode ter feito com que os militares identificassem nela o projeto de nação ao qual se propunham a reificar. Jorge Amado deixou expresso nesta obra que, mesmo com tudo o que o progresso poderia estar oferecendo de positivo, como a atenuação de desigualdades e distâncias culturais entre regiões,⁴⁶² havia uma massa de excluídos que não participava dos benefícios do tão propalado desenvolvimento.

Neste sentido, o momento do romance que talvez melhor ilustre esta percepção do autor seja quando o Major Damião discursa na sessão solene do centenário de Archanjo lembrando os “excluídos da festa”, aqueles com os quais o finado mais se preocupava.

Mesmo que aluda constantemente a uma harmonização racial por meio da miscigenação, já que considera que assim a desigualdade de oportunidades entre brasileiros deixaria de ser um problema de cor, Amado enfatiza que a questão socioeconômica tende a prevalecer então sobre a racial nos “tempos modernos”, tal como sugere a seguinte passagem:

Cada um com sua sina, meu bom. Os moleques dessa rua, camarado, vão se dividir, cada um o seu destino. Alguns calçarão sapatos, usarão gravata, doutores de Faculdade. Outros prosseguirão aqui, com a bigorna e o malho. A divisão de branco e negro, meu bom, se acaba na mistura, em nossa mão já acabou, compadre. A divisão agora é outra e quem vier atrás feche as cancelas.⁴⁶³

Jorge Amado parece prever que com o processo de modernização e a incorporação de valores como o individualismo, a elevada crença no cientificismo e no racionalismo, segundo a matriz norte-americana, determinados laços de identidade com o passado estariam fadados ao esquecimento ou ao desaparecimento. Por isso a exaltação do passado como “fonte de sabedoria”, pois lá se encontraria inspiração para a construção simbólica de uma identidade nacional pautada em valores verdadeiramente válidos, fundamentais para a construção identitária da sociedade brasileira.⁴⁶⁴

Além de sua interpretação de Brasil, Amado contribui também através de seu herói nacional Pedro Archanjo, na composição do próprio mito que o define como ícone de brasilidade. Entretanto, de maneira semelhante ao que ocorreu com Archanjo, a memória sobre Amado sofreu disputas e continua a sofrer, sendo objeto de apropriações múltiplas que escapam ao controle que ele buscou ter na produção de uma memória coletiva sobre si.

⁴⁶² Cf. AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, cit., p. 61.

⁴⁶³ *Ibid*, p. 310.

⁴⁶⁴ Cf. OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. “Celebração da heterogeneidade: imagens do outro nas ficções literárias do Brasil, Quebec e Turquia”. In: OLIVEIRA, Humberto Luiz de e SOUZA, Lícia Soares de (Org.). *Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogo*, cit., p.140.

Isto porque não se pode evitar, como o próprio exemplo de Archanjo demonstra, apropriações diferenciadas e até mesmo inusitadas de uma memória. E talvez, por saber disto, Amado tenha buscado se fazer enunciar, mesmo após a sua morte, através da Fundação que leva o seu nome.

Conclusão

Muitas foram e são as formas de se conceber o sentido da vida e obra de Jorge Amado. Esta pluralidade de percepções, que deu origem a memórias diversas sobre o romancista, pode ser identificada tanto em um mesmo momento histórico como em momentos distintos. E apesar dos processos de sacralização levarem à sublimação de certas memórias fazendo se crer que seriam imutáveis, o fato é que elas não estão imunes aos contextos, pelo contrário, estão a serviço do presente.

Assim, é possível flagrar memórias conflitantes, antagônicas, processos de sacralização e dessacralização, nos quais o autor interferiu conscientemente. A partir destes embates de memória, observa-se que ao longo da trajetória do romancista certos discursos tenderam a ser silenciados ou esquecidos, enquanto outros surgiram ou se modificaram, ganhando espaço no imaginário social.

No que se refere particularmente à memória sobre Amado que o identifica como intérprete e ícone de uma brasilidade popular e mestiça, é possível reconhecer o momento em que ela se desenvolveu e se vulgarizou trazendo um novo entendimento sobre o sentido da vida e obra de Amado e se contrapondo a outras memórias sobre o autor já existentes ou que então se projetavam.

Mais do que isto, os discursos que envolvem esta memória surgem com pretensões de hegemonia dentro do embate de memórias sobre o autor ao trazerem em seu cerne a ideia de missão ou de predestinação do intelectual. Eles valorizam o encontro do autor com aquele que seria o seu destino, especialmente no momento de publicação de *Gabriela cravo e canela*.

Isto porque alguns aspectos daquela missão, então revelada através de sua mais recente publicação, estariam supostamente presentes ao longo de toda sua trajetória como sementes a germinar. Esta argumentação, por sua vez, se sustentou em leituras da trajetória do autor e do seu universo ficcional que valorizaram os aspectos mais condizentes com a imagem de um “artista da mestiçagem” e seu modo de pensar o Brasil como cordial, alegre e otimista.

Neste sentido, observa-se que tal imagem do Brasil e do autor se retroalimentaram, isto é foram resultado de uma dupla projeção. Assim, a disseminação desta nova forma de compreender o autor e sua obra ganhou espaço na sociedade, dentre outros fatores, pelo seu maior grau de atualidade em relação ao posicionamento político-intelectual de Amado que ao final dos anos 1950 sofre significativas mudanças, como também pela sua atualidade frente os

novos tempos, uma vez que a sua visão positiva da mestiçagem se coadunava com a ideologia da democracia racial então em ascensão na sociedade brasileira.

A interferência do autor também foi fator significativo no processo de afirmação de tal memória uma vez que reiterou ou se aproximou de muitos dos discursos que ela envolve no diálogo com outras narrativas de si. Analisando a trajetória política e intelectual do autor, as suas redes de sociabilidade, o modo como se colocou frente aos embates de seu tempo foi possível compreender o estrato sobre o qual se desenvolveu este imaginário sobre o autor e sua obra. Uma memória que, em parte, foi sacralizada a partir do sentido que o próprio romancista passou a atribuir à sua trajetória.

Decerto que Amado impregnou suas obras com a sua concepção de Brasil, assim como muitos outros intelectuais que sempre estiveram preocupados em refletir sobre a sociedade em seu fazer literário. Entretanto, externar um modelo de nação através da literatura nem sempre foi uma preocupação que esteve claramente presente na elaboração de suas narrativas. Além disto, o modo como ele compreendia a realidade de seu país variou substancialmente ao longo dos anos de acordo com os novos tempos.

Não se pode negar também que vários aspectos que envolvem a visão de Brasil do romancista aparecem no conjunto de sua produção literária, como é o caso do regionalismo, da questão racial, da valorização da religião e da cultura popular, do uso de linguagem informal, etc. Entretanto, o enfoque e apreciação destes elementos e temáticas sofreram mutações nos romances de Amado com o passar do tempo.

Mesmo concordando com o escritor que a unidade de sua obra encontra-se na sua posição “ao lado do povo, contra os inimigos do povo”⁴⁶⁵, ao menos devemos levar em consideração que a compreensão de “povo” para o ele não foi unívoca ao longo de sua trajetória, implicando formulações diferenciadas a respeito da realidade nacional que nem sempre se sintonizavam com os projetos hegemônicos assumidos e propalados por quem detinha o poder. .

Em *O País do Carnaval*, a formação do povo brasileiro através da miscigenação étnico-racial, por exemplo, é vista de maneira negativa pelo autor uma vez que ela estaria gerando uma raça “doente e indolente”.⁴⁶⁶ Já nos ditos “romances proletários” observa-se que o povo ao qual alude Amado é sobretudo o operariado e os marginalizados da sociedade.

⁴⁶⁵ AMADO, Jorge apud GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*, cit., p. 29.

⁴⁶⁶ AMADO, Jorge. “Explicação` do Autor”. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931 apud TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*, cit., p. 35.

Neste último caso, observa-se certa valorização do negro em consonância com a lógica socialista, pois, identificado com a classe pobre, este grupo comporia então uma das principais forças revolucionárias na sociedade. A questão racial encontra-se então intensamente vinculada à socioeconômica nesta compreensão, já que, segundo seu raciocínio daquele período, a condição marginalizada do negro no Brasil e no mundo seria tributária do movimento de consolidação do capitalismo a partir do modelo colonial escravista.

O Brasil e especialmente a região Nordeste, onde as consequências do escravismo teriam se mostrado mais latentes, receberiam então uma apreciação pessimista no que diz respeito ao passado colonial e ao presente de subdesenvolvimento. A solução deste entrave para o progresso seria então a revolução socialista, a luta de classes.

Apesar disto, não foi nem a versão negativa da composição racial, nem a que compreendia o negro como força motriz da revolução que tendeu a prevalecer como compreensão de povo associado a Amado. Ao que tudo indica o autor só passou a ser concebido de fato como intérprete de brasilidade a partir do momento em que distanciou de sua escrita literária o viés político-partidário e se concentrou nos aspectos culturais, da sociedade brasileira, pensados numa articulação distinta com o todo social, o que permitiria o enaltecimento a mestiçagem étnico-racial.

Até então o que predominava era uma concepção de Amado como um intelectual comunista, o que acabava causando certo reducionismo na apreciação de suas obras de acordo com o prisma político-ideológico. Dentre os diversos fatores que tornaram possível a ascensão de Amado a intérprete e ícone de brasilidade, destaca-se o contexto favorável em termos de recepção da forma de compreender o Brasil que ele inaugurava com o seu *Gabriela cravo e canela*.

Uma percepção positiva da miscigenação que proporcionaria uma visão otimista, cordial e original do brasileiro em seu modo de ser e em sua produção cultural. Neste sentido, o povo ao qual se refere o escritor é, de um modo geral, a “nação mulata”, isto é, os indivíduos resultantes da mistura racial que teriam como principal característica os bens herdados da matriz étnico-cultural africana.

Foi segundo esta nova faceta de Amado que a sua vida e obra passou a ser compreendida por muitos, sacralizando-se assim uma memória sobre o autor em concordância com o discurso da democracia racial que então se projetava na sociedade de modo a caracterizar a identidade nacional brasileira. Observa-se, todavia, que mesmo após a crise deste discurso, a memória que associa o intelectual a este ideal nacional permaneceu arraigada no imaginário popular.

Isto se deve em parte ao fato de Amado continuar afirmando em seus discursos literários e extraliterários que no Brasil se misturaram diversas raças “acima e mais além dos preconceitos, numa realidade única e decisiva”⁴⁶⁷ até o fim de sua vida, o que fez de *Tenda dos Milagres* seu livro preferido e referência principal do seu ideal de nação.

Este seu posicionamento continuou fazendo sentido ao longo do tempo, porque, mesmo distante da realidade concreta, a ideia de democracia racial continuou viva enquanto mito. Seja no sentido de falsa ideologia, que mascara a existência de preconceito racial na sociedade, seja no sentido de ideal que orienta a ação concreta dos atores sociais, como uma utopia a ser alcançada, seja como chave interpretativa da cultura, seja como fato histórico, estas múltiplas compreensões da democracia racial alimentaram ao longo do tempo o imaginário social.

De maneira semelhante, a imagem de Amado, associada então à positividade de um Brasil mestiço, se perpetuou na memória coletiva tendo em vista a pluralidade de concepções do que acaba formando o mito da democracia racial e também o mito sobre o intelectual.

Por fazer uso de uma linguagem acessível e envolvente, similar à linguagem dos folhetins, tratando de temas populares e exaltando a cultura popular, e pelo fato de seu universo ficcional ter alcançado visibilidade através de outros meios de comunicação que não a literatura, o discurso de Amado foi sendo adotado pelo povo brasileiro, ainda que boa parcela da população nunca o tenha lido.

A partir desta análise, pode-se entender a popularização desta sua imagem e a expansão de sua aldeia imaginária para além do campo literário, por exemplo, ao servir de enredo de escola de samba, temática da coleção de verão de grife de roupa, e também como inspiração para a criação de um megaprojeto turístico que prevê a construção de um parque ecológico que recriaria ambientes e personagens de Jorge Amado, de modo similar ao do famoso parque Disneylândia de Walt Disney.⁴⁶⁸

É interessante observar que ao mesmo tempo em que o universo *amadiano* foi criado com base em uma realidade específica, também ajudou a criá-la, a ponto de dar origem ao ditado que questiona se Jorge Amado criou a Bahia ou a Bahia criou Jorge Amado.

Para além da imagem que o próprio autor ajudou a construir de si mesmo, ressaltando os aspectos mais antenados com a cultura popular em sua trajetória, a verdade é que ele se nutriu tanto do conhecimento popular quanto do acadêmico e viveu boa parte de sua vida viajando pelo Brasil e o mundo.

⁴⁶⁷ AMADO, Jorge. “Um romancista da nação mulata”. *Jornal de Letras*, cit.

⁴⁶⁸ Cf. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., pp. 227- 233.

Conheceu e fez amizades com personalidades de renome internacional e, também, localmente famosas, como Mestre Didi, Mãe Menininha de Gantois e o pai-de-santo Procópio. Assim, sua rede de relações pessoais englobava indivíduos de nacionalidades, origens sociais e posições político-partidárias diversas.

A influência do romancista e de suas ideias alcançava, por estes motivos, um campo ainda maior do que o cultural. Jorge Amado conseguia, desta forma, transitar entre mundos distintos, tal como a divindade iorubá denominada Exu, que se tornara seu logotipo, aparecendo no papel timbrado de sua correspondência e na contracapa de seus livros.

Ao exercer o papel de “agente mediador”, que permite a comunicação de extratos sociais heterogêneos e acaba catalisando criações culturais, “é como se Amado tivesse sido um divulgador, um vulgarizador científico, que transitava entre duas esferas, a do saber erudito e a do saber popular”.⁴⁶⁹

Neste sentido, o autor se tornou um dos grandes divulgadores do mito da democracia racial ao mesmo tempo que denunciou em suas obras o preconceito racial no Brasil e contribuiu singularmente para a divulgação da cultura afro-brasileira no mundo e para a elevação moral da gente negra.

Ao que parece, entretanto, mesmo positivando a mestiçagem, Jorge Amado muitas vezes, não escapa da explicação biologizante, reducionista e essencializada. Assim, mesmo havendo uma memória consagrada sobre o autor que o identifica a uma identidade nacional mestiça positiva, há certos aspectos que tangenciam a questão da miscigenação étnico-racial em Jorge Amado que foram apropriados de maneira diversa, gerando inclusive abordagens antagônicas do Brasil presente em seus textos. Se por um lado, o aspecto otimista do “Brasil mestiço de Jorge Amado” foi compreendido como uma legítima representação do real, de outro, foi apontado como uma deturpação da realidade.

Na literatura acadêmica, este antagonismo, que reflete em grande medida os embates de memória sobre o autor, pode ser observado, por exemplo, nos estudos *O Brasil Best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*,⁴⁷⁰ de Ilana Seltzer Goldstein e “Gabriela cravo e canela: Jorge Amado and the myth of the sexual mulata in brazilian culture”⁴⁷¹, de Eliana Guerreiro Ramos.

⁴⁶⁹ Ibid., pp. 55-58.

⁴⁷⁰ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*, cit., 2003.

⁴⁷¹ BENNETT, Eliana Guerreiro Ramos. “Gabriela cravo e canela: Jorge Amado and the myth of the sexual mulata in brazilian culture”. In: OKPEWHO, Isidore; DAVIS, Carole Boyce; MAZRUI, Ali A. (Org.). *The African Diaspora*, cit.

Enquanto que no primeiro caso o escritor é considerado como um intérprete legítimo e fiel da realidade brasileira, que teria na Bahia e no povo baiano, a sua representação do Brasil, no segundo ocorre o inverso. Isto porque a ideia de “paraíso racial” relacionada à identidade nacional brasileira e que seria divulgada nos romances de Amado não corresponderia à realidade, contribuindo, portanto, para seu falseamento.

Sem pretender diminuir a riqueza e o valor dos trabalhos de Amado, a autora – filha do sociólogo Guerreiros Ramos, um dos intelectuais que denunciou a utilização do termo “democracia racial” – diz que é preciso estar atento ao preconceito racial embutido na visão do escritor baiano sobre a mestiçagem.

Para ela, ninguém teria contribuído mais para a “invisibilidade” de negros e mulatos como seres humanos reais na sociedade brasileira do que o nosso grande escritor Jorge Amado e seus romances, principalmente no que se refere à obra *Gabriela cravo e canela* e sua contribuição para o mito da “mulata sexual”.

Como se vê, há elementos na produção literária de Jorge Amado que são interpretados de diferentes maneiras, gerando discursos concorrentes entre si. É interessante considerar a pluralidade destas abordagens para que se evite atribuir um sentido definitivo ou monolítico ao conjunto da obra, a um romance particular ou à trajetória do autor.

Analisar estas diferentes interpretações sobre a vida e obra do autor, ponderando as trajetórias do intelectual e sua participação no debate em torno da identidade nacional brasileira ajuda a evidenciar certos abusos da memória que o identificam como intérprete e ícone de uma brasilidade popular e mestiça.

Desta forma, ficamos prevenidos em relação a certas armadilhas de uma cultura da memória que, ao ganhar contornos de um culto ao passado, pode nos paralisar diante dos desafios presentes e torna-la estéril ao ser aprisionada no passado.⁴⁷²

⁴⁷²Cf. NEVES, Margarida de Souza. “Nos compassos do tempo. A história e a cultura da memória”. In: SOIEHT, Rachel... [et al.] (Org.). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009, p. 31.

Referências Bibliográficas

Catálogos e Guias

FRAGA, Myriam (Org.). *Fundação Casa de Jorge Amado: catálogo do acervo de documentos*. vol. 1. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2009.

RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Mariéd (Org.). “Bibliografia”. *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra*. Subsídios para pesquisa. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1992.

Romances de Jorge Amado

AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos*. 8 ed. São Paulo: Martins, 1967.

AMADO, Jorge. *Gabriela cravo e canela*. 85 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: anotações para um livro de memória que jamais escreverei*. Ilustrações de Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1992.

AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1ª ed., 1931.

AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 2ª ed., 1932.

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. 36. ed., Rio: Record, 1987.

Matérias de jornais

“A obra de Jorge Amado e sua irradiação em Portugal”. *Jornal do Comércio*. Caderno Letras e Artes. Lisboa. 13.10.1973.

“Como vivem e trabalham os nossos escritores”. *Folha da Manhã*. São Paulo. 08.04.1956.

“Comunistas ‘queimam’ Jorge Amado”. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza. 05.09.1961.

“Conversa com Jorge Amado”. Coluna: Os melhores livros. *Hoje*, n. 1, nov. 1977, pp. 5-20.

“Deputado volta a criticar Jorge Amado”. *Estado de São Paulo*. Salvador. 23.11.1983.

“Descontentamento no Itamaraty”. *Correio brasiliense*. Brasília. 06.06.1961.

“Entrevista com Jorge Amado”. *O Semanário*. Rio de Janeiro. 27.11.1958.

“Gabriela cravo e canela”. *Varieté*. São Paulo. 23.08.1958.

“Jorge Amado expulso do PC”. *Correio da Paraíba*. João Pessoa. 13.10.1961.

“Jorge Amado por ele próprio”. *Eva*. Lisboa. Setembro de 1973. n. 1202.

“O adeus a Jorge Amado”. *Jornal da tarde*, São Paulo, 12 ago. 2001. A semana.

“O Paiz do Carnaval”. *Revista Etc*. Bahia. 15.01.1932. n. 180.

“Os intelectuais e os problemas de Portugal e África”. *O Planalto*. Lisboa, Portugal. 23.07.1974.

“Russos não ligam para comunistinhas brasileiros”. *Correio do Ceará*. Fortaleza. 31.07.1962.

“Um legado polêmico”. *Gazeta Mercantil*, Salvador, 10 ago. 2001. Sessão Memória.

“Um romancista da nação mulata”. *Jornal de Letras*. Portugal. 12.06.1990.

ALVES, Márcio Moreira. “Dois mortos”. *A Tarde*, Salvador, Bahia, 11 ago. 2001. Coluna: Márcio Moreira Alves.

AMADO, Jorge. “Brasil - prosa e verso”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, agosto de 1932, n. 11.

AMADO, Jorge. “Discurso de Jorge Amado na Academia”. *Diário de Notícias*. Caderno 3. Salvador, 06.08.1961 e 07.08.1961. p. 1.

AMADO, Jorge. “Discurso de Jorge Amado na Academia”. *Diário de Notícias*. Salvador. 06.08.1961 e 07.08.1961.

AMADO, Jorge. “Discurso no Aché do Opô Afonjá”. *Diário de Notícias*. Salvador. Bahia. 30.08.1959.

AMADO, Jorge. “Discurso no Comício de 28”. Hora da Guerra. *O Imparcial*. Salvador, Bahia, 29.01.1943.

AMADO, Jorge. “Gabriela cravo e canela. Romance de Remanso”. Entrevista de Amado a Sarah Marques. *Leitura*, n. 15, Rio de Janeiro, set. 1958.

AMADO, Jorge. “O Bahiano Carybé”. *Diário de Notícias*. Salvador. 05.11.1961.

AMADO, Jorge. “Por uma literatura a serviço do povo e da paz”. *O momento*. Salvador, Bahia. Março de 1949.

AMADO, Jorge. “Por uma literatura a serviço do povo e da paz”. *O Momento*. Salvador, Bahia, março de 1949.

AMADO, Jorge. “Sartre e Simone Beauvoir no Brasil”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. 28.08.1960.

AMADO, Jorge. “Um romancista da nação mulata”. *Jornal de Letras*. Portugal. 12.06.1990.

ATHAYDE, Tristão de. *Diário de Notícias*. Coluna: Letras e problemas universais. Salvador. 1958.

ATHAYDE, Tristão. “Gabriela ou o Crepúsculo dos Coronéis”. *Diário de Notícias*. Coluna: Letras e Problemas Universais. Salvador. 1958.

AUGUSTO, Jorge. *Diário de Minas*. Belo Horizonte, Minas Gerais. 22.08.1958.

BACIU, Stefan. “Estopinan acusa”. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro. 02.05.1961.

BANDEIRA, Antonio Rangel. “Gabriela: um mito”. *Última Hora*. São Paulo. 09.10.1958

BASTIDE, Roger. “Itinerário da democracia II – Encontro com Jorge Amado”. *Diário de São Paulo*, 24. 08. 1944.

BASTOS, Humberto. “Antônio Balduino – o negro na literatura”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 1935.

BERMEJO, Ernesto Gonzalez. “Pasquim - Quarenta e cinco anos escrevendo, vinte novelas publicadas. Para quê? Para quem, Jorge Amado?”. *Pasquim*, Rio de Janeiro, [1976?]

FERRAZ, Geraldo. “Brasília e o Conselho Nacional de Cultura”. *A Tribuna*. Santos. 24.05.1961.

GERMINIANI, Clotilde de Lourdes Branco. “Jorge Amado e a Academia de Lyon”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, Paraná, 10 ago. 2001.

GIRON, Luís Antônio. Jorge Amado, o vermelho. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 10.08. 2001. Fim de Semana.

GRACIANO, Clóvis. “Gabriela cravo e canela”. *Última hora*. Caderno: Gordos e Magros. São Paulo. 26.08.1958.

GUEDES, Fernando. “Os intelectuais e o manifesto de agosto”. *Revista Horizontes*, n. 8. Porto Alegre, 01.01.1951.

GUINSBURG, Jacob. “Com cravo e canela”. *Última hora*. São Paulo. 28.08.1958.

HEITOR, Martins. “Romance Brasileiro em 1970: Tenda dos Milagres”. *Suplemento Literário*. Caderno 1. São Paulo. 14.03.1970.

IELO, Maurício. “Uma vida junto ao povo”. *Revista do Livro*. São Paulo, n. 58, 1985.

LIMA, Raul. “Gabriela, cravo e canela”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Coluna: Livros e fatos. 24.08.1958.

MATTOS, Florisvaldo. Amado, inventor de almas. *A Tarde*, Salvador, Bahia, 11 ago. 2001. Caderno Cultural.

MENEZES, Bernardo de. Atabaques na missa de 7º dia de Jorge Amado. *A Tarde*, Salvador, Bahia, 14 ago. 2001. Caderno Local.

MOTTA, Sérgio Barreto. “Despedida baiana ao escritor”. *Diário de Notícias*, Portugal, 9 ago. 2001. Literatura: Morte de Jorge Amado.

PIGMALEÃO. “Gabriela cravo e canela”. Coluna: O livro da semana. *Última hora*. Rio de Janeiro, 23.08.1958.

PONTES, Joel. *Diário de Pernambuco*. Recife, 12.10.58.

PORTELLA, Eduardo. “Retôrno de Jorge Amado”. Coluna: O livro e a perspectiva. 1958.

RABASSA, Gregory. “Tent of Miracles”. *New York Times*. Nova Iorque. 10.1971.

ROCHA, Hildon. “Gabriela, um novo caminho”. *Correio da Manhã*. 1º caderno. Rio de Janeiro. 30.08.1958.

RODRIGUES, Urbano Tavares. “Gabriela cravo e canela` um novo mito brasileiro”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, Portugal. 08.10.1958.

SIQUEIRA, Nóbrega de. “Gabriela cravo e canela”. *O dia*. Rio de Janeiro, 07.12.1958.

SODRÉ, Nelson Werneck. “Gabriela cravo e canela”. *Última hora*. Coluna: Notas de Crítica. Caderno: Reginaleão. Rio de Janeiro. 16.08.1958.

SOUSA, Deraldo. “O Paiz do Carnaval”. *A Luz*. Jequié, Bahia, s/d mai. 1932. Especial para a Luz.

TALENTO, Biaggio. “Jorge Amado é velado em clima de sincretismo”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 ago. 2001. Coluna Memória.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. “Gabriela, cravo e canela”. *Folha da Manhã*. São Paulo, 21.09.1958.

VERGARA, Telmo. “Negrada”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 22.12.1935.

VITA, Marcos. “Celebração Ecumênica”. *Correio da Bahia*, Salvador, Bahia, 14 ago. 2001. Caderno Aqui Salvador

A tarde, Salvador, Bahia, 7.08.2001.

Correio Brasiliense. Brasília. 10.01.1978.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro. 17.06.1961.

Correio da Paraíba. João Pessoa. 14.10.1961.

Correio do Povo. Recife. 13.05.1956.

Diário de Lisboa. Lisboa, Portugal, 08.10.1958.

Diário de Minas. Belo Horizonte. 30.09.1961.

Diário de Notícias. Coluna: Notas políticas. Rio de Janeiro. 13.05.1961.

- Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 13.11.1959.
- Diário de São Paulo*. São Paulo. 30.01.1972.
- Diário Popular*. Bahia. 03.06.1971.
- Estado da Bahia*. Salvador, Bahia. 11.05.1961.
- Estado de São Paulo*. São Paulo. 17.12.1976
- Estado do Pará*. Belém. 7.07.1977.
- Folha do Norte*. Belém. 15.10.1961.
- Gazeta Musical e de todas as artes*. Lisboa. Março de 1961.
- Goa*. Índia. Coluna: Crítica de Livros. 15.08.1975.
- Horizonte Literário*. Portugal. 29.09.1973.
- Jornal Binômio da Semana*. Belo Horizonte. 9.10.1961.
- Jornal da Bahia*. Salvador. 6.09.1961.
- Jornal de Angola*. Angola. 09.11.1980.
- Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 7.08. 2001.
- Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 18.05.1978.
- Jornal do Comércio*. Recife, em 10.09.1958.
- Jornal do Comércio*. Recife, Pernambuco. Coluna Artes e Artistas. 14.09.1958.
- O Imparcial*. São Luiz. 16.09.1958.
- O Jornal*. Coluna: Nomes e fatos. Rio de Janeiro. 28.07.1961.
- O Jornal*. Rio de Janeiro. 31.05.1960.
- O Poty*. Rio Grande do Norte. 04.09.1958.
- O Povo*. Fortaleza. 17.10.1958.
- Sete Dias*. Bahia. 11.08.1958.
- Tribuna da Bahia*. Salvador. 10.09.1971.
- Última Hora*. Rio de Janeiro. 05.04.1960
- Última Hora*. Rio de Janeiro. 17.05.1955.
- Última Hora*. São Paulo, 26.06.1958.

Bibliografia diversa

“Abdias Nascimento, uma biografia resumida”. Disponível em: <www.iara.org.br/site2/newsletter/03%20ABDIAS%20NASCIMENTO%20BIOGRAFIA%20RESUMIDA.pdf> Acesso em: 26.12.2010.

“Breve histórico do PCB (Partido Comunista Brasileiro)”, p.3. Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Revolta e conciliação*. Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1978.

ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. “Tradição e revolução: o discurso dos intelectuais brasileiros nos anos 20 e 30 do século XX no Brasil”. *Revista de História das idéias*, Coimbra: Edt. Univ Coimbra, vol 29, 2008.

AMARAL, Erenilda Custodio dos Santos; FERREIRA, Suzana Ramos. “A preservação da memória de Jorge Amado: a experiência da Fundação Casa de Jorge Amado”. Disponível em: < http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/erenilda.html >. Acesso em: 10/10/2008.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. *Bahia, cidade - síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado...* Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

ASSIS, Denise. “Filmes que o Brasil não viu”. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0602200293.htm> Acesso em: 13.06.2008.

AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil: cultura e identidade*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

AZEVEDO, Cecília. “Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão”. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BAGGIO, Kátia. *A “Outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BENNETT, Eliana Guerreiro Ramos. “Gabriela cravo e canela: Jorge Amado and the myth of the sexual mulata in brazilian culture”. In: OKPEWHO, Isidore; DAVIS, Carole Boyce; MAZRUI, Ali A. (Org.). *The African Diaspora: African Origins and New World Identities*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.

BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e poder”. *Os intelectuais e o poder*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. In: POUILLON, Jean (Org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BUENO, Luís. “A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932)”. *Uma história do romance de 30*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CALABRE, Lia. Política Cultural no Brasil: um histórico. In: CALABRE, Lia (Org.). *Políticas Culturais: diálogo indispensável*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANDIDO, Antonio. “Poesia, Documento e História”. In: *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Martins, 1992.

CHALHOUB, Sidney. “Apresentação”. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

CRUZ, Marta vieira. “Brasil Nacional-desenvolvimentista (1946-1964)”. Publicação do Grupo de Estudos e Pesquisas, História, Sociedade e Educação no Brasil - Histedbr/Unicamp/UFS. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Marta_Vieira_Cruz_artigo.pdf> Acesso em: 30/12/2010.

CRUZ, Marta vieira. “Brasil Nacional-desenvolvimentista (1946-1964)”. Publicação do Grupo de Estudos e Pesquisas, História, Sociedade e Educação no Brasil - Histedbr/Unicamp/UFS, p. 2. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Marta_Vieira_Cruz_artigo.pdf> Acesso em: 30/12/2010.

DA MATTA, Roberto. “Digressão: A fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira”. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*, Petrópolis Vozes, 1981, p. 58-85.

DA SILVA, Márcia Rios. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos: EDUFBA, 2006.

DOMINGUES, Petrônio. “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, vol. 12, n. 23, Niterói, 2007.

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. São Paulo: EDUSC, 2005.

FERRARI, Alceu R. “Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes”. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, fev. 1985.

FRAGA, Myriam (Org.). *Fundação Casa de Jorge Amado: catálogo do acervo de documentos*. vol. 1. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2009.

FRAGA, Myriam. *Uma Casa de Palavras*. Salvador: FCJA, 1997.

GOLDMANN, Lucien. “Crítica e dogmatismo na criação literária”. *Dialética e Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença, 1972, vol. I, p. 39.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 2009. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). *A literatura de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado: literatura comentada*. 1. ed., São Paulo: Abril Educação, 1981.

GOMES, Angela de Castro. “Cultura política e cultura histórica no Estado Novo”. In: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel e GONTIJO, Rebeca (Org). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUIMARÃES, A. S. A. “Démocratie raciale. Cahiers du Brésil Contemporain”. Paris, n. 49/50. Disponível em português em: <
<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>> Acesso em: 26.07.2010.

HESS, Bernard Herman. “Linhas tortas e o problema da representação literária engajada no Brasil de 30”. Texto apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, Interações, Convergências*, 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil. p. 4-5.

HEYMANN, Luciana. “De ‘arquivo pessoal’ a ‘patrimônio nacional’: reflexões acerca da produção de legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Trabalho apresentado no I Seminário PRONEX Direitos e Cidadania apresentado no CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, 2-4 de ago de 2005.

JENSEN, Tina Gudrun. “Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização”. Trad. Maria Filomena Mecabô. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, 2001, p. 3.

JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”. *Revista USP*, São Paulo (26): 164-181, junho/agosto, 1995.

FERREIRA, Jorge. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”, Idem (Org.), *O populismo e sua história*. Debate e crítica. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2001, p. 97-110.

MAIA, Tatyana de Amaral. “‘Otimismo’ e ‘Regionalismo’: as faces da ação estatal no setor cultural (1966-1975)”. *Diálogos*. Rio de Janeiro, vol 2 (junho 2008), n. 2, UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

MATOS, Olgária Chain Féres. “Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional”. *Tempo Social - Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 6 (1-2), 1994.

MOTA “Entrevista”. In: Idem (Coord.). *A História Vivida* vol. 1. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1981, p. 309-310.

MOUTINHO, Laura. “Entre o realismo e o ficcional: representações sobre ‘raça’, sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado”. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva* Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, n. 2, vol. 14, 2004, p. 307-327.

NEVES, Margarida de Souza. “Nos compassos do tempo. A história e a cultura da memória”. In: SOIEHT, Rachel... [et al.] (Org.). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

NORA, Pierre. “Entre Memoria e Historia: La problemática de los lugares”. Disponível em: <<http://comisionporlamemoria.chaco.gov.ar/jovenesymemoria/documentos/pdf/21.pdf>>. Acesso em: 26.07.2010.

OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. “Celebração da heterogeneidade: imagens do outro nas ficções literárias do Brasil, Quebec e Turquia”. In: OLIVEIRA, Humberto Luiz de e SOUZA, Lícia Soares de (Org.). *Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogo*. 2. ed., Feira de Santana, UEFS, 2003.

PAIXÃO, Fernando (Org.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, p. 80-102.

PALAMARTCHUCK, Paula. “Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos?”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998, p. 337 e 338.

PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 1930: as incertezas do regime”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia Almeida (Org.). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional – estadismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.

PINHO, Osmundo S. de Araujo. “A Bahia no fundamental: Notas para uma interpretação do discurso sociológico da baianidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, n. 36, São Paulo, fevereiro de 1998.

PIVA, Luiz Guilherme. *Ladrilheiros e semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940)*. Ed. 34. São Paulo, 2000.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 9-10.

PRANDI, Reginaldo. “Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX”. *Tempo Social, Rev. Social, USP*, São Paulo, vol. 1(1).

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

RIBEIRO, Claudio Oliveira. “Brasil-África: notas sobre política-externa e comércio exterior (1985-2005)”. *Afro-Ásia*, n. 35. Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2007. pp. 288-294.

RIDENTI, Marcelo. “Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. Ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (O Brasil republicano; v. 4).

ROLLEMBERG, Denise. “Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-amado de Dias Gomes”. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha (Org.). *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2009, p. 377-397.

SCWARCZ, Lilia Katri Moritz. “Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra”. Ensaio apresentado em 1994, no encontro anual da ANPOCS.

Disponível em: <www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03.htm> Acesso em: 26.12.2010.

SEIXAS, Cid. “Jorge Amado e o jeito de ser mestiço”. *Seara*, v. 1, n. 2, 2004. ISSN: 1806-7638.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Joselina da. “A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50”. *Revista de Estudos afro-asiáticos*, vol. 25, n. 2, Rio de Janeiro, 2003.

SIQUEIRA, José Jorge. “A redemocratização de 1945 e a crise do mito democracia Racial”. Universidade Severino Sombra. Disponível em: <www.uss.br/web/arquivos/arquivos_professores/artigo_jose1.pdf> Acesso em 26. 12. 2010

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961, p. 22.

THEODORO, Helena. “Guerreiras do samba”. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, vol. 6, n.1.

TOLEDO, Caio Navarro de. “Capítulo I: A ideologia nacional-desenvolvimentista”. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977. (Ensaio 28).

TRINDADE-SERRA, Ordep. Jorge Amado, sincretismo e candomblé: duas travessias. *Revista de Antropologia*. São Paulo, vol 1, n. 38, FFLCH-USP, 1995.

VATTIMO, Gianni. *La sociedad transparente*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996, p. 80.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Almeida (Org). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional – estadismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

YAO, Komoe Gaston. *Brasil e África em textos de Jorge Amado*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ZANIRATO, Silvia Helena. “A restauração do Largo do Pelourinho”. *Dimensões*, vol. 16, Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de História, 2004.